



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Nº 19

Salvador, Bahia
9/9/2016

ISSN Nº 1982-3444

Editoração e Impressão:

Colégio Apoio

Capa:

Manoelito Damasceno

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Largo do Campo Grande, n.º 8

Revista da Academia Baiana de Educação, v.1, n. 19, 2016 – Salvador-BA. 9/9/2016. Referência:2016: ABED.

372 p.

O 1.º volume foi publicado em 1991.

Anual

ISSN – 1982-3444

1. Educação – Bahia – Periódicos. I. Academia Baiana de Educação

CDD:370.5

CDU: 37(05) (813.8)

Os textos desta Revista são da inteira
responsabilidade dos autores, tanto na
concepção quanto na forma e conteúdo.

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Fundada em 9 de setembro de 1982, é uma sociedade civil, com personalidade jurídica própria, de duração ilimitada.

VOLUME 19 (Referência: 2016)
Salvador-BA, 9/9/2016



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

DIRETORIA

Presidente de Honra:	Leda Jesuíno dos Santos
Presidente:	Astor de Castro Pessoa
Vice-presidente:	Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon
Primeiro Secretário:	João Eurico Matta
Segunda Secretária:	Rosa Pereira Levita
Tesoureiro:	Marcelo Augusto Carvalho Rocha
Diretor de Publicações:	José Nilton Carvalho Pereira
Diretora de Biblioteca e Memória:	Vanda Angélica da Cunha

S U M Á R I O

Síntese das atividades realizadas por este sodalício (2013-2016) <i>Astor de Castro Pessoa</i>	15
O aniversário da Academia Baiana de Educação em 2015: Fundação João Fernandes da Cunha, Consuelo Pondé de Sena e Jorge Calmon <i>Edivaldo M. Boaventura</i>	22
Saudação ao professor Eduardo Lessa Guimarães <i>Edivaldo M. Boaventura</i>	29
Saudação ao professor Antônio Amorim <i>Edivaldo M. Boaventura</i>	35
Saudação a Raymundo Medrado Primo <i>Edivaldo M. Boaventura</i>	44
Edivaldo Boaventura – Um cidadão prestante <i>Zilma Parente de Barros</i>	51
A memória não-oficial da UNEB – Universidade do Estado da Bahia <i>Alírio Fernando Barbosa de Souza</i>	59
Mindfulness ou Plena Atenção: fundamentos neurocientíficos e prática <i>Jair de Oliveira Santos</i>	68
O que faltou na comemoração dos 70 anos da UFBA <i>Germano Machado</i>	112
Credo de Rui Barbosa: uma lição para os políticos de hoje <i>Germano Machado</i>	114
Humana condição <i>Germano Machado</i>	116

Em busca de sentido Germano Machado	119
Sonata existencial Germano Machado	121
Origens gregas da língua portuguesa Germano Machado	123
Sobre uma declaração Germano Machado	127
Orlando - homofobia e tragédia americana Germano Machado	130
... e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas... (Gênese, 1) Luiz Erlon Rodrigues	135
Homenagem póstuma ao acadêmico emérito, professor educador Rômulo Galvão de Carvalho Maria Anália Costa Moura	138
A força da palavra e o poder do silêncio Leda Jesuino	147
Apresentação de Paulo André Jesuino na Academia Baiana de Educação Leda Jesuino	152
Divaldo Franco em reflexões criativas Leda Jesuino	154
Homenagem ao prof. Edivaldo Boaventura, realizada no Mosteiro de São Bento, por ocasião do seu 80º aniversário Leda Jesuino	157
Posse na Academia de Educação de Feira de Santana, membro correspondente Leda Jesuino	160

A creche como alternativa	
Leda Jesuino	175
Passagem	
Leda Jesuino	180
Associação dos Amigos de Claudelino Miranda: homenagem ao Professor Edivaldo Boavetura	
Leda Jesuino	182
Prêmio Luiz Viana Filho, 2013	
Geraldo Leite	185
Abertura do simpósio sobre diagnóstico da tuberculose e doenças correlatas	
Geraldo Leite	189
Painel sobre o novo Plano Nacional de Educação, promovido pela Academia Baiana de Educação, em 6 de agosto de 2014	
Geraldo Leite	193
Oração da saudade (em memória de Antônio Jesuíno dos Santos Netto)	
Geraldo Leite	196
Saudação aos professores Astor de Castro Pessoa e Zilma Parente de Barros, sócios correspondentes da Academia de Educação de Feira de Santana	
Geraldo Leite	214
Antônio Jesuino dos Santos Netto	
Geraldo Leite	218
Centenário do Prof. Bernardo Galvão Castro	
Geraldo Leite	223
Maria Theresa de Medeiros Pacheco, luzeira da Medicina e da Educação	
Geraldo Leite	235

Discurso pronunciado por ocasião da posse da professora Anaci Bispo Paim, na Academia Baiana de Educação, em 29 de maio de 2013.	
Geraldo Leite	238
A luta contra a tuberculose	
Geraldo Leite	249
Lipe Goldenstein, médico e professor	
Geraldo Leite	253
A morte de Consuelo Pondé de Sena deixa uma lacuna na cultura da Bahia	
Fernando Alcoforado	264
Os fatores de sucesso das políticas de educação na Finlândia e na Coreia do Sul	
Fernando Alcoforado	265
As fragilidades do Sistema de Educação no Brasil e como eliminá-las	
Fernando Alcoforado	269
A ciência e os avanços no conhecimento sobre a evolução das espécies	
Fernando Alcoforado	274
A ciência e os avanços em química	
Fernando Alcoforado	279
A ciência e os avanços no conhecimento da física clássica à física quântica	
Fernando Alcoforado	291
Rumo ao lixo da história	
Fernando Alcoforado	302
Mudanças estruturais e de gestão exigidas para a Bahia	
Fernando Alcoforado	307

O imperativo da revolução no pensamento humano Fernando Alcoforado	309
Para Consuelo Pondé de Sena José Nilton Carvalho Pereira	314
Discurso de saudação ao prof. Hélio Rocha, recipiendário na Academia Baiana de Educação (1/6/2011) José Nilton Carvalho Pereira	320
Por uma nova Assembleia Nacional Constituinte José Nilton Carvalho Pereira	332
Estatuto da Academia Baiana de Educação.....	338
Regimento da Academia Baiana de Educação.....	348
Patronos da Academia Baiana de Educação e acadêmicos titulares.....	359
Endereço dos acadêmicos titulares.....	367

Síntese das atividades realizadas por este sodalício (2013-2016)

Presidente Astor de Castro Pessoa

Apresentamos às Distintas Confreiras e aos Prezados Confrades da Academia Baiana de Educação, bem como à Comunidade Educacional e Cultural, uma Síntese das atividades realizadas por este Sodalício, cumprindo o Estatuto e o Regimento da nossa Egrégia Instituição, estudando, pesquisando e interpretando fatos, fenômenos e problemas da Educação e do Ensino no Brasil, no Nordeste e na Bahia em particular.

Acadêmicas e Acadêmicos vêm contribuindo para a permanente construção da nossa Entidade, na perspectiva de que possam colocar a Academia Baiana de Educação à frente com o seu futuro prestigioso e promissor, realizando atividades que atendam os anseios da nossa Comunidade.

Iniciamos com a concorrida Sessão Pública que comemorou o trigésimo aniversário desta Academia e Posse da nossa Diretoria que, a partir daquele momento, cumpriu um amplo programa de atividades: participação em quatro Encontros Estaduais de Educação, promovidos pelo Ministério Público da Bahia; duas Conferências Estaduais de Educação, organizadas pela Secretaria de Estado; uma Conferência Municipal, preparada pela Secretaria de Educação de Salvador; apresentação do novo Calendário de Reuniões Ordinárias cumprido integralmente; indicação da Acadêmica Zilma Parente de Barros para

representar o Sodalício na entrega do “Prêmio Jesuino Netto”; Demonstrativos das Receitas e Despesas da Instituição, apresentados pelo Acadêmico Marcelo Rocha, dentro do prazo regimental; minuta do Convênio de Cooperação Técnica, Científica e Cultural com a Universidade Federal da Bahia, preparada pela Acadêmica Vanda Cunha; Assinatura do Convênio de Cooperação Técnica e Científica com o Ministério Público do Estado da Bahia; concretização da ideia do Acadêmico José Rogério da Costa Vargens de construir um Livro que falasse dos 30 anos da Instituição, coordenado pela Acadêmica Adelaide Rezende; publicação da Revista da Academia, organizada e patrocinada pelo Acadêmico Benemérito José Nilton Pereira; Sessões Públicas comemorativas da sua data aniversária, com grande destaque; Confraternizações Natalinas, com grande participação de Acadêmicas e Acadêmicos, com seus parentes e amigos, organizadas pela Confrade Rosa Levita; intensificação das suas ações com a nossa congênere de Feira de Santana, coordenada pela Acadêmica Anaci Paim; estímulo à criação de Academias Municipais de Educação em Alagoinhas, Cachoeira, Ilhéus, Pojuca e Santo Antonio de Jesus; realização de uma grande e qualitativa agenda de Palestras, Seminários, Painéis e Debates, com renomados Conferencistas, sobre os mais diversos e atuais temas da Educação, do Ensino e da Cultura no País, citados por ordem cronológica, a seguir:

1. Trigésimo Aniversário da Academia Baiana de Educação e Transmissão de Cargo Para a Nova Diretoria Eleita – Acadêmico José Rogério da Costa Vargens;
2. Memória Histórica da Academia Baiana de Educação e Posse da Nova Diretoria Eleita – Acadêmico Presidente Astor de Castro Pessoa;

3. Erros da Alimentação Gordurosa – Acadêmico Luiz Erlon Araújo Rodrigues;
4. Estrutura e Funcionamento do Conselho Municipal de Educação de Salvador – Presidente Joelice Ramos Braga;
5. Objetivos do Milênio: Educação e Saúde de Qualidade Para Todos - Promotora de Justiça Maria Pilar Cerqueira Maquieira Menezes;
6. Educação Básica na Capital da Bahia – Secretário João Carlos Bacelar;
7. Educação e Direitos Humanos – Conselheira Doutora Alda Muniz Pepe;
8. Desenvolvimento Sustentável como Instrumento para a Paz – Acadêmico Fernando Antonio Gonçalves Alcoforado;
9. Reggio Emilia: Uma Cidade, Um Compromisso, Muitas Crianças – Acadêmica Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza;
10. Projeto Político Pedagógico da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – Professora Doutora Maria Luisa Carvalho Soliani;
11. Educação Profissional no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC - Professora Diretora Marina Almeida;
12. Saudação ao Acadêmico Emérito Edivaldo Machado Boaventura, pela passagem dos seus 80 anos – Acadêmica Presidente de Honra Leda Jesuino dos Santos;
13. Projeto de Criação da Editora Virtual da Academia Baiana de Educação – Acadêmico Alfredo Eurico Rodrigues Matta;
14. Os Jesuítas e a Educação na Áustria no tempo da Contrarreforma – Acadêmico Elsiore Moreira Alves;

15. Projeto Político Pedagógico do Curso de Medicina da Universidade Salvador – UNIFACS – Professor Doutor Paulo André Jesuino dos Santos;
16. A Educação na Santa Casa de Misericórdia da Bahia – Professora Doutora Angela Santana;
17. Evolução da Educação Superior – Acadêmico Alírio Fernando Barbosa de Souza;
18. Erros da Alimentação Gordurosa - II Parte – Acadêmico Luiz Erlon Araújo Rodrigues;
19. O Novo Plano Nacional de Educação – Acadêmica Anaci Bispo Paim e Acadêmico Fernando Antonio Gonçalves Alcoforado;
20. No Fluir da Vida – Lançamento do Livro do Acadêmico Emérito José Newton Alves de Souza;
21. Educação das Emoções: Fundamentos e Experiências – Relançamento do Livro do Acadêmico Emérito Jair de Oliveira Santos;
22. A Nova Secretaria Municipal da Reparação do Município de Salvador – Professora Ivete Alves do Sacramento;
23. Estrutura e Funcionamento da União dos Conselhos Municipais de Educação do Brasil – Conselheira Presidente Nacional Gilvânia Nascimento;
24. O Papel do Fórum Estadual de Educação da Bahia – Presidente Estadual Professor Nildon Pitombo;
25. Avaliação dos Trabalhos Para a Criação da Editora Virtual da Academia Baiana de Educação - Acadêmico Alfredo Eurico Rodrigues Matta.

26. Fundamentos Neurocientíficos e Prática – Acadêmico Emérito Jair de Oliveira Santos;

27. A Educação Superior – Acadêmico Alirio Fernando Barbosa de Souza

28. 70 Anos da Universidade Federal da Bahia – Magnífico Reitor João Carlos Salles Pires da Silva;

29. Índia e Brasil: o que podemos aprender um com o outro – Acadêmica Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza;

30. A Educação no Serviço Social da Indústria – SESI – Departamento Regional da Bahia – Conselheira de Educação do Estado, Professora Mestre Solange Novís Ribeiro;

31. Carta Encíclica do Papa Francisco – “Laudato Si” – Sobre a Casa Comum – Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Salvador da Bahia, Dom Estevam dos Santos Silva Filho;

32. Coaching Integral Sistêmico e Suas Aplicações em Instituições de Ensino – Professora Aylana Alves dos Santos Gazar Barbalho, Presidente do Conselho Estadual de Educação no Biênio 2010/2012;

33. Quarenta Anos da Universidade Estadual de Feira de Santana – Acadêmico Fundador e Emérito Edivaldo Machado Boaventura.

Além das Sessões Ordinárias acima citadas realizamos Sessões Públicas correspondentes à data aniversária da Academia, onde foram homenageados o Acadêmico Emérito Roberto Figueira Santos, com o pronunciamento da Acadêmica Leda Jesuino dos Santos e os Acadêmicos Eméritos “in memoriam” Antonio Jesuino dos Santos Netto, João Fernandes da Cunha, Rômulo Galvão de Carvalho, Consuelo Pondé de Sena e José Corgosinho de Carvalho Filho e Remy Pompílio Fernandes de Souza, com os pronunciamentos dos Acadêmicos Geraldo

Leite, Astor de Castro Pessoa, Maria Anália Costa Moura, Edivaldo Machado Boaventura e Leda Jesuino dos Santos; Títulos de Benfeitor ao Colégio Apoio de Villas do Atlântico, à Fundação João Fernandes da Cunha e à Fundação José Carvalho, com pronunciamentos do Acadêmico Presidente Astor de Castro Pessoa. Homenageamos também os Centenários dos Acadêmicos Eméritos Jorge Calmon Moniz de Bittencourt e Olga Pereira Mettig, com pronunciamentos dos Acadêmicos Edivaldo Machado Boaventura e Astor de Castro Pessoa, além do Centenário do Professor Bernardo Galvão de Castro, em parceria com a Academia de Educação de Feira de Santana, com saudação dos Acadêmicos Geraldo Leite e Anaci Paim; promovemos as Solenidades de Posse do Acadêmico Fernando Alcoforado, com saudação da Acadêmica Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, da Acadêmica Anaci Bispo Paim, com saudação dos Acadêmicos Geraldo Leite e Leda Jesuino dos Santos, do Acadêmico Antonio Amorim, com saudação do Acadêmico Emérito Edivaldo Machado Boaventura e do Acadêmico Raymundo Medrado Primo, com saudação do Acadêmico Fundador e Emérito Edivaldo Machado Boaventura. Estamos agendando a Posse da Acadêmica eleita Célia Maria Ferreira Cordeiro, que será saudada pela Acadêmica Presidente de Honra, Leda Jesuino dos Santos; Realizamos as Ceias de Natal, todas exitosas, organizadas pela Acadêmica Rosa Pereira Levita.

A Academia Baiana de Educação participa do Programa Objetivos do Milênio: Saúde e Educação de Qualidade Para Todos e do Programa Melhor Escola Pública do Ano, ambos coordenados pelo Ministério Público do Estado da Bahia, sob a Coordenação da Promotora de Justiça Maria Pilar Cerqueira Maquieira Menezes, resultado da assinatura do Convênio de Cooperação Técnica, durante a realização do Quarto Encontro

Estadual de Educação do Ministério Público e do Ministério da Educação. Além disso a nossa Instituição é Membro Titular do Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos, coordenado pela Secretaria da Justiça da Bahia. O nosso Sodalício é membro efetivo do Fórum Estadual de Educação, Órgão Colegiado da Sociedade Civil Organizada, promotor da Conferência Estadual de Educação, com o apoio da Secretaria de Educação da Bahia. De igual modo a nossa Entidade Educacional e Cultural mantém parceria com a Fundação José Carvalho, participando dos seus cinco Encontros Estaduais de Educadores, realizados no Município de Pojuca.

Astor de Castro Pessoa – Presidente da Academia Baiana de Educação

O aniversário da Academia Baiana de Educação em 2015: Fundação João Fernandes da Cunha, Consuelo Pondé de Sena e Jorge Calmon

**Edivaldo M. Boaventura,
Acadêmico Emérito**

Ao completar 33 anos, em 9 de setembro de 2015, a Academia Baiana de Educação distingue a Fundação João Fernandes da Cunha com o Título de Benfeitor. Marca a memória de Consuelo Pondé de Sena com a emergência e comemora o centenário de Jorge Calmon Moniz de Bittencourt, acadêmico emérito.

Assim, estamos reunidos para comemorar o nosso aniversário. É um dia de festas e de ofertas. É alegria que se converte em agradecimento, é saudade transfigurada em mérito, que recorda centenário.

A Fundação João Fernandes da Cunha

As nossas relações com a Fundação, criada pelo professor João Fernandes da Cunha, são próximas. Auguramos que sejam cada vez mais duradouras. A Fundação nos alberga, possibilitando o pleno funcionamento institucional, pelo que somos profundamente agradecidos.

Nestes louvados 33 anos, a nossa peregrinação pela cidade do Salvador foi uma constante. Nascida na intimidade do

Conselho Estadual de Educação, na Graça, a Academia foi, por muito tempo, acolhida pela generosidade da confreira Olga Metting, na Faculdade de Educação da Bahia no bairro de Nazaré.

Anos depois, nos instalamos juntamente com a Fundação Anísio Teixeira, no Palacete Bernardo Martins Catarino, então, sede do Conselho de Educação da Bahia. Parecia ter encontrado o nosso domicílio permanente, mas o projeto do Museu Rodin nos desalojou.

Na necessidade desalojamento, o presidente Alírio de Souza aceitou oferta do prestimoso confrade José Nilton Carvalho Pereira e nos instalamos no Colégio Apoio, no Corredor da Vitória.

Na procura de pouso, em bom momento, fomos carinhosamenterecepcionados pela Fundação João Fernandes da Cunha. Confirmamos a benevolência do fundador e dos seus continuadores. A outorga do Título de Benfeitor à Fundação João Fernandes da Cunha sai de dentro, expressa gratidão e reconhecimentodo gesto hospitaleiro.

Neste aniversário, depois de intermitentes mudanças, temos sede, temos casa, temos paz, temos palavra de bem-querer. A Fundação nos confirmaa intenção estatutária, marcadamente altruísta: “A finalidade da Fundação é a de realizar projetos que visem o autodesenvolvimento do ser humano, mediante a educação, ampliação e aperfeiçoamento dos seus conhecimentos e elevação do nível cultural para que possa alcançar asua própria integração na sociedade”.

Bem haja a Fundação João Fernandes da Cunha!

A emergência para Consuelo Pondé de Sena

Agradecidos à Fundação, vamos ao encontro de Consuelo Pondé de Sena e Jorge Calmon. Este é o encontro de dois amigos, dois confrades da Academia de Educação, dois colegas da Universidade Federal da Bahia, dois associados do Instituto Geográfico e Histórico que, reunidos pela mesma expressão de afeto, merecem a distinção da nossa homenagem.

Pois bem, Jorge Calmon sempre apoiou Consuelo, quer na presidência da Casa da Bahia, quer para suceder a José Calasans na Academia de Letras. Por sua vez, Consuelo seguiu a seu modo a liderança de Jorge. Ambos defenderam o patrimônio histórico e artístico, a tradição e os interesses maiores da Bahia.

Parabéns, presidente Astor de Casto Pessoa, por festejar o aniversário da Academia com o merecido Título de Acadêmico Emérito para Consuelo, na comemoração do centenário de Jorge Calmon. O eficiente e querido presidente uniu os dois companheiros, mais uma vez, na mesma festa.

Consuelo Pondé de Sena, na cadeira de número 10, patrocinada por Castro Alves, nos trouxe mais força e mais luz para ensinar a Língua Tupi com lotação no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da nossa muito amada Universidade Federal da Bahia. Ministrou também História da Arte e Cultura Artística e Literária, no Curso de Jornalismo. Dirigiu o Centro de Estudos Baianos com a requintada biblioteca de Frederico Edelweiss, seu mestre, adquirida por essa Universidade.

Com o Mestrado em Ciências Sociais, voltou-se para a História Social. É oportuno observar que optou por estudar a

região do agreste de Itapicuru e Inhambupe, dessa maneira escolheu o interior, o sertão, a caatinga e não o Recôncavo. E durante muito tempo a história da Bahia foi tão somente da cidade do Salvador e do seu Recôncavo.

Nesta entrada pelos sertões, Consuelo seguiu os caminhos de Theodoro Sampaio e de Euclides da Cunha e com Angelina Garcez revelaram a *Trajatória histórica de Juazeiro*.

Em uma visão de conjunto, podemos divisar as vertentes de sua produção intelectual em conformidade com o magistério. Começou pelos estudos antropológicos da Língua Tupi, dedicou-se aos temas da hinterlândia baiana e chegou à problemática da História Social e Local.

Na trajetória docente, a Universidade Federal da Bahia, mãe nutridora, revelou Consuelo à comunidade. A sua condição de professora é emblemática, expandiu-se pela Bahia. Apareceu a professora de História, de enérgica liderança feminina, culta e destemida. Consuelo, mulher bíblica, do talhe da juíza Débora, da estirpe de Ruth e de Judite.

Em tudo era a mesma Consuelo, operosa, gregária, agitada e vulcânica, tanto na Ufba como na Academia de Letras, que em 20 de agosto ahomenageou. Foi presença na Associação Baiana de Imprensa e na Casa de Ruy Barbosa, dirigiu o Arquivo Público do Estado da Bahia, participou do Conselho da Mulher Executiva da Associação Comercial da Bahia. Mas Consuelo identificou-se com o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Consuelo e o Instituto formam um par de variáveis, mutuamente dependentes, inseparáveis. Epifânico!

Pois bem, é esta extraordinária Consuelo Pondé de Sena, projetada como professorana comunidade pelas suas qualidades, pelas suas idiossincrasias, pelas suas firmezas, que a Academia

Baiana de Educação acolheu e que hoje a assinala com o Título de Acadêmico Emérito.

Vindo Consuelo para a nossa agremiação, reencontrou-se com as antigas colegas da *Alma Mater* - Leda Jesuino, Zilma Barros, Maria Anália Costa Moura, Maria Augusta Abdon, Adelaide Rogério de Resende, Nadja Viana. A Academia repete a Universidade? Não. Sucede no imponderável dos reencontros.

Assim, na festa de aniversário, celebremos o centenário de Jorge Calmon.

O reconhecimento ao confrade Jorge Calmon

A Academia Baiana de Educação participa, festivamente, dos 100 anos de nascimento do confrade Jorge Calmon Moniz de Bittencourt. Neste momento, há duas vertentes da personalidade de Jorge a destacar: o jornalista e o promotor cultural.

Jorge Calmon ocupou importantes cargos edistinguiu-se como líder da comunidade, mas foi na imprensa que se realizou plenamente. A associação do seu nome com o jornal *A Tarde* é uma ligação consensual. Do mesmo modo, Consuelo Pondé com o Instituto.

O Jornalista Jorge Calmon envolveu-se em numerosas campanhas e em reportagens que causaram sensação, do mesmo modo, pelas promoções bem sucedidas no marketing, no esporte e na cultura. Mobilizou os sentimentos populares em torno de causas de interesse da Bahia, posicionando-se contra o projeto de dividir o território baiano, por exemplo.

Jorge Calmon, herdeiro de longa e nobre tradição familiar, era um homem deveras polido, cavalheiro, educado e

educador. Em todas as circunstâncias e atitudes, comportava-se com discreta elegância britânica. A propósito, Leda Jesuino, que o conheceu no início da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, traçou-lhe o perfil: “Jorge Calmon era para nós o príncipe inglês. Aquele que, ao subir e descer aquela escadaria de tapete vermelho, parecia entrar e sair de palácio, cuja realeza estava na sua própria figura de um homem sereno, discreto, amável e firme, disposto a apoiar as causas culturais que promovíamos.”

Como um dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, com Isaías Alves, Thales de Azevedo, Alexandre Leal Costa e outros expoentes da cultura baiana, Jorge Calmon ajudou a erguer um dos pilares para existência da Universidade. Sem a Faculdade de Filosofia não haveria Universidade.

O professor catedrático de História das Américas fortaleceu com sua competência e prestígio a Faculdade nascente. Dirigiu a Biblioteca Pública e a Secretaria de Interior e Justiça, foi deputado estadual, compôs o Tribunal de Contas do Estado da Bahia. Jorge, no jornal, na política e na vida universitária, foi uma presença prestante e marcante, assinalou Afonso Maciel Neto em memorável artigo.

É como professor fundador da Faculdade de Filosofia e criador pioneiro do curso de jornalismo, que integrou a nossa Academia. Titular da cadeira de número 33, patrocinada por sua progenitora, Maria Romana Calmon de Bittencourt, professora da Escola Normal.

Mas Jorge Calmon, com o prestígio que acumulou, foi o grande apoio das instituições culturais da Bahia. Tanto quanto docente, como homem de invulgar projeção, chamou a si a

proteção dessas entidades, nomeadamente, Academia de Letras, Instituto Histórico, Associação Baiana de Imprensa, Associação Cultural Brasil-Estados Unidos e a nossa Academia Baiana de Educação.

Frequentador assíduo do nosso Grêmio, expressava pleno contentamento na convivência com os confrades. Tivemos sempre em Jorge Calmon um decidido apoio. Recordo bem que sugeriu eleger o reitor Roberto Santos para presidente da nossa Academia, o que se efetivou em sucesso extraordinário.

Ao concluir esta palavra de congratulação, desejamos vivamente abraçar os filhos, descendentes e amigos de Consuelo Ponde de Sena e Jorge Calmon. Sejam todos bem vindos.

Animados pelos festejos dos 33 anos, sentimos a trajetória de realizações da Academia. Promovemos, na casa de João Fernandes da Cunha, o encontro de dois confrades amigos, Consuelo Pondé de Sena e Jorge Calmon, pelo muito que construíram pelo desenvolvimento da educação e da cultura baiana.

Sejam todos bem felizes.

Grato pela presença e mais ainda pela atenção.

Salvador, 9 de setembro de 2015.

BOAVENTURA, Edivaldo M. (Org.). **Jorge Calmon, o jornalista**. Salvador: Quarteto/ Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2009.

Saudação ao professor Eduardo Lessa Guimarães

Edivaldo M. Boaventura

Com a tomada de posse do professor Eduardo Lessa Guimarães, hoje, 25 de novembro de 2015, a Academia Baiana de Educação confirma o seu desempenho na comunidade educativa e o eleva pelo reconhecimento do seu trabalho ao ingressar na agremiação.

Preenchemos com a suachegadaa vacância da cadeira de número 7, patrocinada pela sempre lembrada professora Anfrísia Santiago e fundada pelo saudoso confrade Remy de Souza, um dos onze criadores deste Sodalício. Em momento oportuno, prestaremos as homenagens devidas ao confrade Remy de Souza, educador, escritor e promotor da cultura.

As nossas atenções se verticalizam inteiramente para o professor Eduardo Lessa. Hoje é o seu dia. Seja bem-vindo ao grêmio da educação. Confessadamente, é natural de Livramento de Nossa Senhora, comunidade sertaneja, localizada às margens do rio Brumado. Situada a pouca distância da Chapada Diamantina e muito próxima se encontra da encantadora cidade de Rio de Contas. Basta galgar a serra e encontraremos o pico das Almas, a maior elevação no território baiano.

O novo acadêmico pagou a certidão de nascimento com uma afirmativa obra, que escreveu conjuntamente com Raimundo Marinho: *Livramento é de Nossa Senhora*. Certíssimo. Não é de Brumado. Às vezes a chamam de Livramento de Brumado.

Compreenda-se a expressão afirmativa do título de sua monografia.

Pois bem, em uma das minhas visitas canônicas à terra do professor Eduardo Lessa, indaguei de Dom Hélio Pascoal, culto bispo diocesano, por que se chamava Livramento? Livrar-se de quem? A explanação do bom bispo recorreu ao vocábulo francês *Délivrance*, que quer dizer libertação, soltura, livramento, redenção, entrega em mão própria, parto. O vocábulo se aproxima, portanto, de nascimento. Assim, muito marianamente, Livramento de Nossa Senhora evoca o nascimento do seu amadofilho, Jesus.

As minhas idas ao município de Livramento de Nossa Senhora resultaram na outorga da cidadania livramentense. Assim, sou cidadão de Livramento de Nossa Senhora desde 1985, enterrâneo do novo acadêmico. Além de cidadão, sou também escola. Conservam até hoje a Escola Edivaldo Machado Boaventura. Vem bem a propósito a lembrança daminha prezada assistente, no jornal *A Tarde*, Zélia Timbó Bensento, que sendo de Livramento, me falava constantemente da escola e do seu funcionamento. Não digo que sou louco porque sou roxo por Livramento. A generosidade de sua gente não tem limites. A cidadania honorífica é mais um liame de aproximação com o professor Eduardo Lessa.

O acadêmico chega à Academia acompanhado de sua esposa Zita Maria, eficiente servidora da Uneb, de sua filha e nossa colega, a procuradora Celi Conceição e de outros familiares e amigos. Ninguém chega à Academia sozinho. Saudando a todos, faço com muito gosto. Conhecendo a sua trajetória profissional e docente, desejei trazê-lo para a nossa convivência e contei com a compreensão, dentre outros, do dedicado presidente Astor de Castro Pessoa e dos confrades Maria Anália Costa

Moura e Antônio Amorim. Sou grato aos confrades que atenderam a minha indicação e elegeram o professor e mestre Eduardo Lessa para ser um dos nossos. Hosana!

O recipiendário foi meu companheiro na Procuradoria Jurídica da Universidade do Estado da Bahia. Juntos labutamos com os direitos dos alunos, dos professores e dos técnico-administrativos, bem assim, com a defesa da Universidade e com as muitas questões do direito administrativo. Naquele ilustrado coleguismo profissional, desenvolvemos uma laboriosa e fértil discussão sobre o direito educacional, uma das minhas preferências temáticas, tonificada pelo *Common Law* norte-americano. Naquele país, existe uma forte participação do Poder Judiciário na arena educacional. Não me conformo da ausência deste poder no reconhecimento do direito à educação, no caso brasileiro. Destaque-se, portanto, a sua predileção pelo direito educacional, quando integrou e chefiou a Procuradoria Jurídica da vitoriosa Uneb, levando essa rica experiência para o Conselho Estadual de Educação da Bahia. Tivemos um longo e proveitoso diálogo construtivo do direito à educação que se prolongará com mais razões na convivência acadêmica neste Sodalício que ajudei a fundar e depois a estruturar com Leda Jesuíno e Jair Santos.

Com a sua amizade conservo uma boa lembrança da minha passagem pela Procuradoria Jurídica da Uneb, ao tempo em que colaborava com o Mestrado em Educação mantido pela Universidade do Quebec. Foi fundamental a contribuição do jurista Eduardo Lessa na estruturação institucional nos começos da Uneb. É um dos construtores da Universidade do Estado da Bahia, presente, hoje, em 24 campi e em 47 polos de educação a distância, em um território com 560 mil quilômetros quadrados habitados por 15 milhões de baianos a educar. A sua cultura

jurídica se expressa no bomvernáculo que me impressiona. Escreve bem e redige ainda melhor os seus abalizados pareceres.

Nessa progressão laboriosa de muito trabalho jurídico e educativo, o novo confrade foi chamado na Uneb. Eduardo Lessa ingressou antes da configuração definidora e qualificadora de Universidade, no antigo Centro de Educação Técnica da Bahia (CETEBA). Entidade que eu salvei quando Secretário da Educação e Cultura da Bahia, no governo Luiz Viana Filho. Uma vez instituída a Uneb, incorporou-se à sua Procuradoria Jurídica, onde prestou edificantes serviços. É oportuno que se diga que a Uneb nasceu da vontade de cobrir de educação superior todo o território baiano. Adotei *oslogan* publicitário: “Uma Universidade para toda a Bahia”.

Dois dos nossos ilustres confrades, em especial, trabalharam nesta construção: o confrade Alírio de Souza, no projeto, e Antônio Amorim, na implantação. Tenho incomensurável contentamento de ter contribuído para os respectivos ingressos neste Sodalício. Os sonhos são maiores do que a própria existência e é por isso que parabeno o companheiro Eduardo Lessa, parceiro de muitas lutas na educação, pelo seu idealismo e capacidade tanto como educador como empreendedor na construção de uma educação pública, democrática e de qualidade.

É com muita honra e orgulho que esta Academia agrega valor humano e intelectual com a sua chegada. O confrade Eduardo Lessa traz para nós o conhecimento vivido na Educação, confirmado na sobriedade do seu talento jurídico e pedagógico. É um autêntico componente do que hoje chamamos, com muito acerto, da comunidade de aprendizagem. Trazendo assim para este sodalício a experiência do conhecimento adquirido em diversos espaços educacionais onde teve trânsitos e trabalhos

reconhecidos como membro do Conselho Estadual de Educação, componente do Conselho Municipal de Educação de Salvador. Foi fundamental a sua experiência no colegiado da educação baiana, quando teve a oportunidade de trabalhar com vários dos atuais confrades desta Companhia. Uma oportunidade excepcional para o jurista e educador. Quem serve bem à educação baiana tem um acento reservado nesta Academia, meu caro professor e procurador Eduardo Lessa Guimarães.

Além de integrar a UNEB, isto é, a experiência com a educação estadual baiana, o novo acadêmico serviu ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBAHIA), agregando o conhecimento empírico da educação superior federal. Trabalhou no extinto Centro de Educação Tecnológica da Bahia, uma entidade que nasceu para servir à industrialização que se implantava nos anos setenta por iniciativa do governador Roberto Santos, um dos nossos.

A sua experiência no magistério começou na Faculdade de Formação de Professores de Petrolina, em Pernambuco, onde ensinou Estudo de Problemas Brasileiros e Organização Social e Política do Brasil, passando depois para o Centro de Educação Tecnológica da Bahia, onde lecionou Fundamentos de Direito, Legislação Hoteleira e Direito, Cidadania e Legislação Social. Trabalhou na Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Dirigiu ainda a Escola de Menores Edson Tenório, da Fundação de Assistência aos Menores da Bahia, em Paripé. Em suma, chega à nossa Companhia com conhecimento e experiência a serviço da educação baiana.

Uma palavra acerca de sua formação voltada para as humanidades. Possui a graduação em Teologia pela Universidade Católica do Salvador, é graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco, além de Bacharel em Direito pela

Universidade Federal da Bahia. Nesta progressão, concluiu o Mestrado em Pedagogia Profissional pelo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (IFBA) em convênio com o Ministério de Educação de Cuba.

Compreenda-se a consagração da sua eleição pelo reconhecimento dos confrades de sua personalidade convivial, do seu rico currículo e de sua notável contribuição com pareceres e estudos.

Prezadas congreiras e confrades, é motivo de honra e orgulho acolhermos um profissional da educação perfeitamente inserido na comunidade de ensino, tendo composto os colegiados de educação e integrado a Universidade do Estado da Bahia e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, dentre outros organismos congêneres.

O professor Eduardo Lessa Guimarães é um dos distinguidos companheiros que passa a integrar a nossa Academia. Se toda eleição consagra, a escolha expressiva pelos nossos confrades legitima um membro da comunidade de ensino que passa, a partir de hoje, a compor esta agremiação, sucedendo ao nosso Remy de Souza.

Prezado confrade professor Eduardo Lessa Guimarães, seja bem vindo à Academia Baiana de Educação.

Salvador, 25 de novembro de 2015.

Saudação ao professor Antônio Amorim

Edivaldo M. Boaventura

Por que indiquei o professor Antônio Amorim para a nossa Academia Baiana de Educação?

Ao escolhê-lo para suceder ao saudoso confrade Elsior Moreira Alves, na cadeira número 13, patrocinada pelo professor e poeta Artur de Sales e fundada pelo inesquecível mestre do vernáculo, Raul de Souza da Costa e Sá, a Academia distinguiu um membro da comunidade educativa para compor, legitimamente, o seu quadro societário.

O professor Amorim integra-se nesta comunidade pelo serviço à educação, por sua participação na educação superior como destacado professor e fundador da Universidade do Estado da Bahia, a nossa vitoriosa Uneb, pela contribuição à educação municipal, pelo contributo de sua investigação científica e pela participação no Conselho Estadual de Educação. A sua eleição privilegia um percurso acadêmico bem sucedido com relevantes esforços pelo ensino.

Ainda há outra preliminar de mérito que gostaria de destacar. É a circunstância do lugar desta sua *inceptio*. Andou certo em ter escolhido a sede da Uneb para a tomada de posse. O professor Amorim ingressou no Centro de Educação Técnica da Bahia, o Ceteba, que passou a pertencer à Fundação Centro de Educação Técnica da Bahia (FCETEB), que por sua vez nidificou a Superintendência de Ensino Superior do Estado da Bahia (SESEB). A SESEB e outras unidades acadêmicas foram

resolvidas, enfim, em 1983, em uma universidade multicampi - a Universidade do Estado da Bahia.

E esta Universidade multicampi se ajusta, harmoniosamente, ao estado federado da Bahia. Assim é na verde Pennsylvania, assim é em Quebec, assim é em São Paulo, assim é nas novas Universidades Federais do Sul e do Oeste da Bahia. Pois bem, o percurso profissional e acadêmico do docente Antônio Amorim acompanhou a desenvoltura da Uneb, hoje, presente em 24 comunidades municipais com mais de 40 polos online de educação à distância.

Ponderemos que o recipiendário pertence a geração dos jovens professores que a exigência da pós-graduação encontrou no exercício do magistério. Desta forma, começou pela especialização, seguiram-se o mestrado e odoutorado. Entrementes, concomitantemente, continuou ensinando. Vem bem a propósito, assinalar que o parecer definidor da pós-graduação de Newton Sucupira completa meio século neste ano de 2015.

Percebemos o seu esforço de qualificação na alternância da manutenção do posto universitário com a saída para fazer o mestrado. Como mestre em educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP), retorna ao exercício do magistério. Passado algum tempo, novamentese retira, dessa vez para o doutorado. Volta, então, ao seu Departamento de Educação, na condição de doutor pela Universidade de Barcelona, e alcança o patamar de professor pleno.

Meus caros confrades, vejamos as alternativas do vocacionado esforço de aprendizagem e aplicação no ensino. O professor Antônio Amorim nasceu nas Alagoas, em Batalha, em 1952. Aos quatorze anos já era instrutor de datilografia.

Completado o ensino médio, preparava jovens para o acesso ao ginásio.

Transfere-se, então, de Alagoas para São Paulo. Licenciado em Mecânica pela Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), trabalha em empresas e em escolas. Em seguida, faz Pedagogia, na Faculdade Nove de Julho e se especializa em Administração Educacional. Administração Educacional que me leva sempre a indagar: sea escola é uma burocracia ou um sistema social?

Acerca da sua graduação, assinala ao candidatar-se a professor pleno: “O Curso de Pedagogia foi de fato uma ponte para o nosso crescimento pessoal e profissional, pois com as competências e habilidades promovidas pelo curso tivemos a possibilidade de ampliar os meus conhecimentos a respeito da criança, da escola, da sociedade e das questões do fracasso escolar”. Fixemos a sua experiência pedagógica em São Paulo. Voltará outras vezes à Pauliceia que será deveras importante para a sua formação.

Com capacitação profissional vem trabalhar em Salvador. É admitido no Centro de Educação Técnica da Bahia, na profícua gestão do professor Fernando Brandão. À época o CETEBA era encarregado da formação das chamadas disciplinas específicas: Técnicas Agrícolas, Técnicas Comerciais, Artes Industriais e Educação para o Lar, tão enfatizadas pela reforma do ensino de primeiro e segundo graus que estava em pleno curso.

Começa o seu interesse pela avaliação. É a fase da especialização. Realiza o Curso de Especialização em Currículo e Avaliação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Faced/UFBA) com Terezinha Fróes Burhnam, Ana Luz e

Roberto Albergaria. Reflete sobre a temática da estrutura, do funcionamento e do produto do currículo, aspectos sociais, econômicos e culturais no contexto do currículo e sua avaliação. Escreve a monografia conclusiva sobre *Avaliação do curso de administração de sistemas educacionais* (ASE) do CETEBA. As perspectivas da avaliação emancipatória, currículo oculto e reprodução do conhecimento conforme Michel Apple e Henry Giroux, como veremos, o conduzem ao mestrado com a temática da avaliação escolar.

Como docente ensina Organização Escolar, Gestão Escolar, Gestão de Projetos Educacionais e Projeto de Pesquisa. Na investigação científica, dedica-se às políticas públicas, tecnologia e gestão do ensino fundamental, fracasso escolar. Na função extensão, segue-se uma série de ações na comunidade com atenção à educação municipal.

Um fato decisivo, todavia, aconteceu. Em 1983, deu-se o nosso encontro com o professor Antônio Amorim. Como reitor da Uneb, o escolhi para ser o primeiro Pró-Reitor de Ensino de Graduação. Professor Amorim compôs a equipe que constituí com José Edelsuito Soares, Joaquim Mendes, Edson Tranzzilo, Luiz Jorge Silva Teles, esses quatro pertenciam a nova Universidade. A professora Hetty Loreti Rossi também integrava a equipe, mas vinda da Ufba. Tínhamos a desafiante função de implantação do novo Estudo Geral do Estado da Bahia.

Naquele momento, o Pró-Reitor Amorim providenciou com competência, experiência e habilidade o reconhecimento de novos cursos para as unidades acadêmicas em Juazeiro, Jacobina, Alagoinhas, Teixeira de Freitas, Santo Antônio de Jesus, Caetitê, Barreiras, Paulo Afonso. Aliás, o problema maior era a autorização da própria Universidade. Complexa autorização de

funcionamento, pois contávamos com cursos já credenciados, outros autorizados e novos cursos criados.

Com os propósitos educacionais da Uneb, o Pró-Reitor de Graduação teve um enorme trabalho com as inúmeras licenciaturas. Some-se a implantação das novas Faculdades de Educação de Salvador, Serrinha, Senhor do Bonfim, e Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Juazeiro, onde se implantou um dos primeiros cursos de Pedagogia em Educação de Jovens e Adultos do Nordeste. Não só a Uneb como as outras universidades estaduais foram criadas em resposta às necessidades de formação de professores.

Eram muitas as funções previstas para o Pró-Reitor de Graduação: assessorar e orientar os colegiados de curso e coordenações acadêmicas, acompanhamento e registro do percurso acadêmico do discente, coordenação da atividade de estágio curricular etc.

Isto posto, além de preparar o processo de autorização, no vai e vem burocrático, entre o gabinete do ministro da Educação e o Conselho Federal de Educação, até conseguirmos a difícil autorização de funcionamento da Uneb, pelo ministro Jorge Bornhausen em 1986. Consideramos um grande tento deixar a Uneb autorizada. Santo Antônio, padroeiro da Uneb, nos fez essa graça.

Findo o mandato de primeiro Pró-Reitor, Antônio Amorim retornou a São Paulo para a obtenção do Mestrado em Educação e Currículo. Alternava, assim, período intensivo de trabalho acadêmico com período de dedicação ao estudo e à pesquisa. Concretizou-se uma fase significativa de sua carreira acadêmica convivendo com educadores do nível de um Paulo Freire, Moacir Gadotti, Ana Maria Saul, Antônio Joaquim

Severino, Antônio Chizzoti, Joel Martins, Ivanir Fazenda, Mirtes Alonso, Marcos Maseto, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Com Ana Maria Saul, Coordenadora do Programa, conselheira da Capes, desenvolve a sua dissertação de mestrado: *Avaliação institucional da universidade*, publicada depois pela Cortês, em 1992. Livro que trata da questão da avaliação da universidade brasileira, historiando a avaliação no Brasil, colocando os desafios as perspectivas da avaliação institucional.

Uma vez mestre pela PUC de São Paulo retorna à Uneb. Participa intensamente da Comissão de Implantação dos Cursos Superiores de Educação de Itaberaba e Guanambi e acompanha a efetivação desses cursos.

Com a expansão da Uneb, no território baiano, vem a mudança da estrutura das universidades estaduais obrigadas, que foram, a adotarem a organização departamental como unidade de base. A lei estadual aboliu a Faculdade de Educação, uma construção pedagógica internacional que substituiu a superada Escola Normal e a Escola de Professores, cuja mais notória é a famosa *Teachers School*, da Universidade de Colúmbia, onde estudaram Anísio Teixeira e Isaías Alves.

Ponderemos, entretanto, que para um docente em plena ascensão acadêmica faltava o doutoramento. Seguindo a alternância de fase de trabalho com etapa de estudo, o professor Amorim submete-se à seleção e foi aprovado para o Doutorado em Psicologia Social da Universidade de Barcelona, na Espanha. Dedicou-se à gestão da mudança e do papel das organizações, no mundo atual, com avanços epistemológicos do estudo das influências sociais, paradigma da complexidade. Acresceu a

reflexão em torno da investigação psicossocial e sua construção e a investigação social crítica.

Orientado pelo professor Ricardo Blasco, com quem estabeleceu uma relação de parceria de ampla discussão sobre a gestão do conhecimento. Por tais motivos, a sua tese versou sobre missão e crença na escola na visão de alunos, professores e dirigentes escolares de Salvador, sendo publicada com o título: *Escola-uma organização social complexa e plural*, em 2007 pela Editora Viena de São Paulo.

Concluído o doutoramento, na Espanha, em 2003, retornou à UNEB. Dirigiu por dois mandatos consecutivo Departamento de Educação do Campus I da Uneb, isto é, a Faculdade de Educação, que criei como núcleo pedagógico da Uneb, seguindo a tradição internacional que Anísio Teixeira trouxe para o Brasil com a Universidade do Distrito Federal, a UDF, destruída pela ditadura Vargas.

A gestão do professor Amorim foi fértil com a implantação do Doutorado em Educação e Contemporaneidade, o Mestrado Profissional de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, e preparação do novo Programa de Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos. Além dos cursos de graduação em Psicologia e Ciências Sociais. Com um Departamento contando com mais de 60 doutores, a Uneb começava a crescer verticalmente com mestrados e doutorados. Como suporte, fez crescer a infraestrutura administrativa.

Obtida a formação pós-graduada ao longo da carreira, Antônio Amorim tem atuado profissionalmente como docente no ensino, na pesquisa, na extensão e na gestão, tanto na graduação, como na pós-graduação, participando de bancas de mestrado e doutorado, entre outras tarefas.

Destaca-se como eficiente dirigente universitário nas múltiplas atribuições desempenhadas. Uma experiência que desenvolveu foi a de consultor educacional junto de inúmeros municípios, na montagem dos respectivos sistemas municipais de ensino, no planejamento educacional e pedagógico, na capacitação de professores, na avaliação de alunos.

Ao começar a concluir, merece referência a sua produção científica em revistas especializadas, como a da FAEEBA e a Revista de Estudos em Avaliação Educacional da Fundação Carlos Chagas. Em livros e coletâneas, além dos dois trabalhos já citados, deu à estampa: *Políticas públicas em educação, tecnologias e gestão do trabalho docente* (Salvador: EDUNEB, 2012); *A nova LDB* (Salvador: Potifólio/Uneb, 1997); *Diálogos contemporâneos: gestão escolar, formação docente e identidade cultural* (Salvador: EDUNEB, 2012); *Democratização, gestão escolar e trabalho docente na educação básica* (Salvador: EDUNEB, 2012); *Educação e contemporaneidade: processos e metamorfose* (Rio de Janeiro: Quartet, 2009); *eBatalha, um tempo, uma história* (Imprensa Gráfica de Alagoas), homenagem à sua terra natal.

Como destacado membro da comunidade acadêmica, tem tido intensa participação em eventos científicos, seminários, congressos e colóquios. Compôs o egrégio Conselho Estadual de Educação da Bahia (CEE/BA), tendo sido companheiro de alguns dos nossos confrades, inclusive do nosso estimado presidente Astor de Castro Pessoa. Por várias vezes, participou dos Conselhos Universitário e de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNEB.

O professor e doutor Antônio Amorim preenche as três condições indispensáveis para o exercício da convivência acadêmica: personalidade convivial, currículo e obras realizadas e publicadas.

Meu caro Presidente Astor Pessoa de Castro, mui queridas congreiras e estimados confrades,

Ao concluir esta saudação desejo pontuar que em 1982, juntei-me a mais oito companheiros para a criação deste Grêmio. Um pouco mais tarde, assumi a presidência desta Companhia para estruturá-la, dando-lhe existência jurídica e legal, enfim, institucionalizando-a, para tanto, pude contar com a cooperação de Leda Jesuíno e Jair de Oliveira Santos. Sou mais uma vez agradecido a tantos quantos aceitaram a minha sugestão e elegeram o professor Antônio Amorim.

Expresso a palavra amiga de contentamento e alegria pela sua chegada. Incorporamos um companheiro colaborador, perfeitamente, integrado em nossa comunidade educativa.

Meu prezado colaborador, colega e amigo, Antônio Amorim,

Depois de uma trajetória de esforços e de serviços à causa da educação na Bahia, no Conselho Estadual de Educação, na Secretaria Estadual de Educação, nos Municípios e, principalmente, na Universidade do Estado da Bahia, você alcança a Academia Baiana de Educação. Percebo na sua progressão docente em uma Universidade que se implanta. Parabéns!

A sua eleição é uma consagração.

O seu ingresso traz a imagem da UNEB para bem mais próximo de nós.

Seja bem vindo professor doutor Antônio Amorim! E venha com a sua Ana Maria Helena, com Bruno, Ricardo e Jamile.

Gratos a todos pela presença e mais ainda pela atenção.
Salvador, 8 de junho de 2015.

Saudação a Raymundo Medrado Primo

Edivaldo M. Boaventura,

Acadêmico fundador e emérito da Academia Baiana de
Educação.

É manifesta a nossa satisfação em recepcionar o professor Raymundo Medrado Primo. Tanto a Educação como o Direito marcam sua trajetória docente. Seja, pois, bem vindo, meu caro colega, à Companhia. Como acadêmico fundador da agremiação, tenho redobradas razões em acolhê-lo, rejubilando-me pela sua entrada.

A Academia Baiana de Educação o integra com esperança e júbilo. Neste consagrado 11 de agosto de 2016, comemora-se a criação dos cursos jurídicos, em 1827, por isso é o dia do advogado e do estudante.

Como companheiro de turma, realizamos juntos, o curso jurídico de 1955 a 1959, na Faculdade de Direito da Bahia, livre e ainda bastante positivista no nosso tempo. Quando aluno representou o corpo discente no Diretório Central dos Estudantes (DCE) e participou do Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Bauru, São Paulo, em 1958. A sua participação política começou na Universidade.

Uma decisão importante foi tomada quando éramos alunos, em 1956. A Faculdade de Direito foi, definitivamente, integrada à Universidade, na gestão do professor Orlando Gomes. O autonomismo tão expressivamente presente no corpo docente só permitiu que a Faculdade entrasse para compor a Universidade como unidade agregada, em 1946.

Pois bem, somos a turma Clovis Beviláqua. Em homenagem ao seu centenário, nos diplomamos em 10 de outubro de 1959. Ano bem movimentado. O clima cultural da

Universidade era intenso e o melhor possível com música, teatro, orquestra, edição de livros com distribuição gratuita aos alunos pelo professor Afonso Rui de Souza. Ano da realização do inesquecível IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. E, na frequência ao Restaurante Universitário, nos fraternizávamos com colegas de todas as faculdades.

Em decorrência do tempo, Deus louvado, o nosso conhecimento se prolonga por mais de seis décadas. O dia de hoje é de reencontro. A amizade se fortalece em momentos significativos como nesta *inceptio*.

Configura-se em afetivo contentamento a convivência acadêmica que hoje iniciamos, ou reiniciamos na companhia da prezada confrreira Maria José Pacheco Costa Medrado, a quem desejo apresentar a minha elevada estima e alta admiração. O colega não chega sozinho, vem na companhia inteligente e simpática desta acadêmica professora da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Neste Sodalício, contamos com a clarividência da presidente de honra, Leda Jesuíno, a eficiência dopresidente Astor de Castro Pessoa, a presença privilegiada do professor, reitor e governador Roberto Santos e das prezadasconfreiras e confrades. Todos nós estamos prontos a abraça-lo.

Partindo da formação jurídica de base, o acadêmico Medrado percorreu os caminhos do ensino, reconhecidos e consagrados na eleição para este Sodalício. Destaca-se um longo e dedicado percurso pedagógico, acompanhado de serviços à comunidade de Juazeiro da Bahia como professore vereador em quatro legislaturas. Nesta trajetória, agregam-se os anos de magistratura. Dessa maneira, destaca-se, primeiramente, o percurso pedagógico, seguido dos anos de magistratura.

O contributo para o ensino

Saudando um profissional do Direito com experiência pedagógica, ponderemos que a formação jurídica foi por muito tempo a fundição central do conhecimento para outros desempenhos profissionais e acadêmicos. Na ausência da

Universidade e mesmo com a sua presença, a formação jurídica possibilitou o exercício prático da educação, o ensino da literatura, o cultivo da história e da geografia, enfim, das humanidades.

O bacharel Raymundo Medrado, nascido na piemontesa cidade de Jacobina, em 29 de agosto de 1932, serviu a Juazeiro uma vez diplomado em Direito. Reconhecidamente, recebeu a cidadania juazeirense, pela Câmara de Vereadores.

A história de vida do professor nos interessa bastante pela progressão do ensino. Aliás, as histórias de vida dos professores são importantes para o conhecimento da educação. O professor Antônio Nóvoa, ex-reitor da Universidade de Lisboa, lidera uma linha de pesquisa acerca da análise das carreiras docentes com a investigação sobre a história de vida (*life-history*), que evoca “as razões explicativas do interesse que as abordagens (auto)biográficas têm suscitado nos últimos anos nos círculos educacionais.”

Referencia Jennifer Nias, quando considera que a atenção sobre as práticas de ensino tem sido complementada pelo estudo sobre a vida e a pessoa do professor. Não há originalidade, mas deve ser dito que: “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa, é o professor.” Portanto, nos encontramos no cerne do processo de identificação do docente Raymundo Medrado Primo.

Em Juazeiro, o professor Medrado exerceu relevantes atividades educacionais. No ensino médio, dirigiu o Colégio Estadual Ruy Barbosa, aumentando em sua gestão o número de alunos matriculados e implantando o funcionamento nos três turnos. Ensinou Língua Portuguesa com o registro de professor do ensino médio e de diretor de estabelecimento de ensino secundário.

Uma vez em Salvador, dirigiu a Divisão de Organização Escolar do Ensino de Segundo Grau da Secretaria de Educação e Cultura. Por aquele tempo, muito nos ajudou no Conselho Estadual de Educação com o conhecimento seguro da legislação

de ensino. Possui, assim, uma significativa experiência no ensino médio como professor e gestor por mais de vinte anos.

É de se ressaltar o seu trabalho pioneiro no ensino superior. A Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (Famesf) foi fundada em 1960 por um grupo de líderes de Juazeiro, tendo à frente Edson Ribeiro. Denominou-se Escola de Agronomia de Juazeiro, sendo o primeiro diretor o engenheiro agrônomo João Marcelino da Silva Neto. No governo Lomanto Júnior (1963-1967), passou a ser mantida pela administração estadual. Pois bem, o nosso Medrado foi curador desta faculdade até 1962, quando foi estadualizada e somente depois recebeu a autorização de funcionamento no governo Luiz Viana Filho.

Nesta profícua administração, acompanhei o governador em visita oficial a Juazeiro, quando nos hospedamos com o prezado colega e senti o seu apelo pela educação. Conhecedor da situação desta Faculdade, a incorporei para a constituir a Universidade do Estado da Bahia, a vitoriosa Uneb, em 1983.

Além da contribuição à Escola de Agronomia, o acadêmico Medrado participou da fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Juazeiro. Uma iniciativa pioneira do arquiteto José Raimundo Rego, de Jorge Duarte e outros. Tínhamos conhecimento da precariedade de funcionamento desta Faculdade, pelos processos que transitavam no Conselho de Educação. Ora funcionava como entidade particular, ora era operada pela administração municipal.

A sua situação no Conselho Estadual de Educação, quando o presidi, era irregular. Pois bem, ao criar a Uneb, de modo próprio, sem que ninguém me solicitasse, estadualizei-a, incorporando à Universidade do Estado da Bahia. Essas duas faculdades formam hoje um centro acadêmico de ensino, pesquisa e extensão com programas de mestrado. Estimulado pelo prefeito Jorge Khouri ainda criei a Escola Normal de Juazeiro.

Juazeiro, hodiernamente, é um centro urbano da maior importância econômica que desenvolveu a sua comunidade acadêmica com o pioneirismo dessas duas faculdades integradas

à Uneb. Anos depois, com a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), com sede em Petrolina, Juazeiro tornou-se o campus das engenharias. Compreenda-se, a Univasf é uma universidade federal com três *campi*: Pernambuco, Bahia e Piauí.

Portanto, meus caros confrades, estamos, hoje, integrando um pioneiro da educação superior baiana.

Além da formação jurídica de base, o acadêmico Medrado realizou a pós-graduação em Conteúdos e Métodos de Ensino Superior, ministrado pelo Programa de Mestrado em Educação da Ufba, coordenação donosso confrade Hermes Teixeira de Melo e da saudosa professora Giselda Santana Moraes, com a participação dos Institutos básicos da Ufba.E mais. O parecer que autorizou o funcionamento da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) credenciou o acadêmico Medrado para lecionar a disciplina: Mudanças Sociais no Brasil.

São, assim, inúmeras as atividades pedagógicas, acadêmicas, gestoras e de práticas de ensino do acadêmico Medrado. Atividades que demonstram a aprendizagem em áreas específicas por mais de duas dezenas de anos. Os certificados atestam a realização de vários cursos sobre a implantação e expansão do ensino de 1º e 2º graus, reforma do ensino pela Lei 5692/1971, avaliação da aprendizagem, elaboração de objetivos educacionais. Em suma, em reconhecimento pelo seu trabalho docente, o seu nome designa, existencialmente, a Escola Municipal Raymundo Medrado Primo, no bairro do Quidezinho, em Juazeiro.

O professor Medrado teve ainda participação em encontros regionais como aqueles promovidos pelo Conselho Estadual de Educação, na minha presidência, em Feira de Santana e Itabuna.Era a estratégia de promover a interiorização e a regionalização da educação. Em todos eles contamos com a sua competente cooperação. O ingresso nesta Companhia reconhece o seu contributo docente e apela pela continuidade do serviço à causa da educação.

Depois da pedagógica experiência, o bacharel Raymundo Medrado Primotornou-se magistrado no Tribunal de Justiça do Estado Federado da Bahia.

A experiência de magistrado

O bacharel Raymundo Medrado Primoexerceu as funções de juiz de direito. A primeira comarca foi a do Município de Santa Luz, alcançando as promoções sempre por merecimento. Ainda serviu como Assessor Técnico Jurídico e depois como Consultor Jurídico da Presidência do Tribunal de Justiça da Bahia até 2006. É membro da Ordem dos Advogados da Bahia que lhe concedeu o Certificado de Honra ao Mérito pelos 50 anos de contribuição. Muitas outras homenagens assinalam os serviços prestados ao Judiciário, à Justiça Militar Estadual, à Ordem e à Associação dos Magistrados da Bahia (Amab).

Enfim, o professor Raymundo Medrado Primo traz para esta agremiação a sua experiência docente, reforçada pelos anos de magistratura.

A educação, instituição social

Enfim, para concluir, em se tratando de um educador com formação jurídica, consideremos a educação como uma instituição social, como faz a filosofia da educação de Gaston Mialaret:

evocar uma *instituição social*, compreende um sistema educativo. A educação como instituição possui suas estruturas, suas regras de funcionamento, mesmo aquelas que são pouco precisas ou pouco explicitadas como podemos observar ainda em certos grupos ou tribos.

Como instituição social, a educação baiana tem à sua frente o secretário, estabelecimentos, corpo professoral, alunos e um conjunto de legislação que rege o seu desempenho. Entendendo a educação como instituição social, percebo o trabalho do colega Medrado, dominando o conjunto de normas, de doutrina, especialmente dos pareceres e resoluções dos Conselhos de Educação. A sua cultura jurídica concorreu para o desempenho do sistema estadual de educação da Bahia.

O prezado colega Raymundo Medrado Primo traz para este Sodalício o conhecimento empírico da educação aliado à experiência demagistrado.

Vem acompanhado da bela família que soube formar, com os seus nove filhos, dezoito netos e bisnetos, na companhia da nossa muito querida, a competente e charmosa confreira Maria José.

Seja bem feliz prezado acadêmico Raymundo Medrado Primo.

Gratos a todos pela atenção.

Salvador, Academia Baiana de Educação, 11 de agosto de 2016.

Edivaldo Boaventura – um cidadão prestante Autor: Sérgio Mattos

PREFÁCIO

Zilma Parente de Barros

Edivaldo Boaventura, grande amigo de longa data e não somente meu, como de toda a nossa família, encarregou-me de prefaciар tão significativo livro, dando mostra de uma confiança que muito me honra e comove.

Biografias quase sempre estão a cargo de jornalistas ou escritores que, dependendo da perspectiva, podem hiperbolizar, de forma positiva ou negativa, a personalidade do biografado, observou Marcelo Bolshaw Gomes e acrescentou: “o foco da pesquisa biográfica não pode nem minimizar nem supervalorizar a subjetividade individual em relação à dimensão coletiva, nem vice-versa”. Na minha opinião, o autor do livro – Sérgio Mattos – professor, jornalista e escritor, encontrou a medida exata, usando a técnica de entrevista biográfica, em que não apenas um ator ocupa a cena, mas são dois os parceiros que se completam. E assim, temos aqui uma obra em que a figura do biografado se sobressai, de forma admirável, ao mesmo tempo em que as observações que contextualizam os diferentes capítulos dessa trajetória de vida evidenciam o apuro, a acuidade, a sensibilidade do coadjuvante. Numa relação dialógica, a subjetividade do “objeto” transparece nas respostas, respaldando a objetividade do entrevistador. (Cf. Marcelo Bolshaw Gomes, Entrevista Biográfica. www.bocc.ubi.pt/bocc-gomes-entrevista.pdf).

O que poderia acrescentar de especial, de diferente, sobre alguém de trajetória tão múltipla, com tantos títulos, com tanto merecimento, de saber tão notório e já tantas vezes celebrado?

Partindo da sugestão embutida na Introdução deste livro, intitulada "A Trajetória de um Semeador de Ideias", memória em forma de entrevista, vou, também, revistar e revisitar minhas lembranças, alinhavando algumas passagens que reputo de interesse para ocupar algum espaço, talvez ainda lacunoso, na história de tão especial caminhada.

Como nos ensina Bergson, a existência humana tem, como uma de suas bases, a memória individual. A aprendizagem é sustentada pela memória, tanto para a reprodução dos gestos e movimentos aprendidos, como para a aquisição da linguagem e a retenção dos múltiplos e inumeráveis conhecimentos, indispensáveis para o desenvolvimento da pessoa. Acrescentem-se, ainda segundo Bergson, o fenômeno consciente das reminiscências, que é a capacidade de reter e relembrar fatos passados, assim como o fenômeno da lembrança, resultado da inconsciente evocação afetiva de acontecimentos, ambos despertando imagens mentais e emocionais. Nossas lembranças vão muito além das experiências que envolvem revivências ou que, simplesmente, se repetem. O passado incorpora-se nas experiências do presente, matizando e influenciando as percepções imediatas (cf. Bergson, 1990, pp.57-70).

Meu conhecimento com Edivaldo Boaventura vem desde os fins da década de cinquenta, quando ele, já formado em Direito, resolveu fazer o curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia da UFBA, o que não era nenhum exotismo, uma vez que, numa época em que não se falava de pósgraduação nem de cursos de extensão, não era raro (sem ser propriamente frequente) que jovens e adultos, em plena maturidade e empenhados em

aperfeiçoarem-se o mais possível dentro das possibilidades que a vida acadêmica proporcionava, procurassem a complementação que lhes parecia mais apropriada, a partir de uma segunda graduação.

Não foi o meu caso; ingressei muito cedo no magistério universitário, pois tive a oportunidade de ser a continuadora da querida e sempre lembrada mestra, Gabriela Leal de Sá Pereira, na cadeira de Alemão, do curso de Anglo-Germânicas. Naquele tempo, nós, estudantes e professores, éramos pouco numerosos e isso facilitava nossa integração, gerando amistosa convivência e a possibilidade de quase todos se conhecerem, fossemos professores, funcionários ou estudantes.

Lembro-me muito bem do Edivaldo rapaz, tímido sem ser necessariamente retraído e, já preanunciando o intelectual em que viria a tornar-se, muito envolvido em leituras e interessadamente presente nas palestras e debates que os diversos cursos da antiga Faculdade de Filosofia oferecia ao longo do ano letivo.

Está ainda presente em minha memória que o seu comportamento mais reservado não o impediu de aproximar-se, com sucesso, diga-se a bem da verdade, da estudante do Curso de Neo-latinas - Solange Rego - unanimemente considerada como a mais bonita da Faculdade e com quem viria a casar-se em 1961. Devo complementar, informando que eles continuam casados e felizes, e que Solange, sua solidária companheira e coparticipe de sua bem sucedida caminhada, permanece uma bela mulher!

Esse casamento foi celebrado, como não podia deixar de ser, na Igreja do Mosteiro de São Bento, um importante foco de irradiação litúrgica e de renovação da fé. Os monges beneditinos exerceram enorme influência na juventude da época (e certamente não só junto aos jovens), pois era um tempo de

efervescência do engajamento social, na esteira dos ensinamentos do Papa João XXIII e dos impulsos vindos das suas encíclicas.

Edivaldo não só era católico praticante, como engajado membro da Ação Católica, tendo integrado a Juventude Universitária Católica, a famosa JUC, participando ali, inclusive, da Equipe de Direção e exercendo militância no campo social.

Durante alguns anos, nós nos perdemos de certo modo de vista. Enquanto eu continuava a circular na área do ensino, como professora de Alemão no curso de Anglo-Germânicas, e mais tarde, como Diretora do Colégio de Aplicação, ligado à já criada Faculdade de Educação da UFBA, Edivaldo atuava em áreas várias, como que experimentando e afinando os seus diversos talentos na advocacia, na economia, entre outras áreas, dando, inclusive, seus primeiros passos no magistério superior. Além da experiência de um ano na Faculdade de Direito, Edivaldo começou, em 1962, a ensinar na Escola de Administração da UFBA, onde entrou em contato com as inovações trazidas pelos colegas que cursaram as universidades norte-americanas.

Voltamos a nos aproximar durante a vigência do reitorado do Professor Dr. Roberto Santos (1967-1971). Essa gestão ficou como um decisivo marco na história da nossa UFBA, pois levou a efeito uma necessária e mais que oportuna reforma de todos os setores da Universidade.

Na época, eu era diretora do Colégio de Aplicação, e fui convidada pelo Reitor Roberto Santos a integrar o grupo de colegas que contribuiu para implantar essa importante e decisiva reforma. Como Chefe da Assessoria de Planejamento da Reitoria, Edivaldo teve papel destacado naquela equipe, levando nossa Universidade a ser a primeira, dentre suas congêneres, a ter seu Estatuto aprovado pelo então Conselho Federal de Educação, de

acordo com as novas normas que passaram a reger o seu funcionamento.

Juntamente com os Professores Luiz Rogério de Souza, José Tobias Neto, Felipe Serpa, Marta Dantas, Alda Pepe, dentre outros, transferidos pelo Reitor Roberto Santos para colaborarem com a Professora Leda Jesuino, encarregada da implantação da Faculdade de Educação, nova unidade criada pela Reforma de 1968, Edivaldo teve atuação destacada, como declarou a Professora Leda Jesuino: "A Faculdade de Educação, sem dúvida, deve ao Professor Edivaldo Boaventura o mérito da coragem de inovar para alcançar um novo modelo estrutural, capaz de formar pedagogos e professores licenciados, dentro de um esquema compartilhado com os Institutos Básicos, modelo de certa forma inusitado e bem mais complexo que o convencional. Tem sido assim nas várias instituições em que tem atuado na sua longa trajetória existencial, na qual a sensibilidade que o caracteriza leva-o a sintonizar com a problemática educacional do seu país, para a qual tem colaborado como professor, pesquisador, gestor, orador, conselheiro, oferecendo, sempre, o melhor de si mesmo, com incansável capacidade de trabalho".

Edivaldo foi o primeiro docente da Faculdade de Educação a submeter-se a concurso para Professor Titular, no qual obteve distinção em todas as provas. Foi grande incentivador da criação do Programa de Pós-graduação em Educação e muito colaborou para seu credenciamento, junto à CAPES, como Mestrado e posteriormente como Doutorado, constituindo-se no primeiro curso em todo o Nordeste a atingir esse patamar. Ao longo das últimas décadas, Edivaldo vem-se destacando como Professor Orientador de Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, sempre muito requisitado pelos alunos, graças à sua dedicação e competência. Sou testemunha de quanto ele tem

incentivado e apoiado o pós-graduando nas diferentes fases da elaboração do trabalho final, pois tive o privilégio de tê-lo como orientador da minha dissertação de Mestrado - Redefinição conceitual dos Colégios de Aplicação - tendo sido a sua primeira orientanda.

Embora por um período muito mais extenso que o meu, fomos colegas no Conselho Estadual de Educação da Bahia, quando pude observar como ele se preocupou com a interiorização do ensino superior no nosso estado, o que o levou mais tarde, nas duas ocasiões em que foi Secretário Estadual de Educação a implantar Faculdades de Formação de Professores em diversas cidades, como Feira de Santana, Alagoinhas, Vitória da Conquista, Jequié, dentre outras.

Edivaldo foi o grande batalhador pela criação da Universidade Estadual de Feira de Santana e eu tive o privilégio de ter sido a relatora do processo de seu credenciamento junto ao Conselho Federal de Educação, em 1986. Quando ocupou a Secretaria Estadual de Educação pela segunda vez, criou a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e a TV Educativa, com a ajuda da Universidade de Quebec e, mais uma vez, estimulou a interiorização da educação superior no Estado.

Desde a década de oitenta, somos colegas na Academia Baiana de Educação, da qual Edivaldo foi fundador (1982) e seu presidente de 1990 a 1996. Durante seu mandato, que exerceu com muita competência, dentre outras realizações, instituiu o Prêmio de Educador do Ano, para o qual foi indicado em 1998 e muito colaborou para a institucionalização da Academia, especialmente na parte de legislação, dotando-a de Estatuto e Regimento Geral, uma vez que trazia a experiência e conhecimento, adquiridos ao longo do período em que atuou na implantação da Reforma Universitária de 1968.

Não se pode deixar de mencionar, ao se falar sobre a sua caminhada existencial, que Edivaldo consegue ser membro, atuante e participativo, de várias instituições, ao mesmo tempo, sempre colaborando para seu melhor desempenho e conseguindo – não me perguntem como – estar em mais de um lugar, ao mesmo tempo!

Edivaldo é, ainda, pela sua própria natureza e também pela grande cultura que acumulou ao longo de sua existência, uma pessoa muito culta, um verdadeiro “schollar” e, conseqüentemente, um grande “causeur”. Em qualquer ambiente em que esteja, a sua presença é sempre destacada pela oportunidade de seus pronunciamentos. Não é de admirar, portanto, que Edivaldo seja o festejado Orador Oficial do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, integrando a sua diretoria desde 1992. A Professora Consuelo Pondé de Sena, sua dinâmica e competente Presidente, assim o definiu como orador:

“Ao propor-me discorrer sobre uma faceta da atividade cultural de Edivaldo Machado Boaventura, distingo sua condição de orador culto, fluente, oportuno, a cujos qualificativos se alia o desembaraço com que articula as ideias, sempre lúcidas e conseqüentes. Clareza é uma das suas virtudes (...) Conheço, sim, e bem, o orador que burila seu texto, esmerilhando-o ciosamente, a fim de que se apresente escoimado de imprecisões, selecionando as palavras como quem colhe orquídeas resguardadas em protegidas estufas. Por isso mesmo, sua palavra persuasiva e convincente, lógica e bem encadeada, atrai o público que o aplaude pela precisa enunciação, bem assim pela mímica correspondente que acompanha a frase conclusiva”.

Ao aposentar-se da UFBA em 1992, Edivaldo intensificou a sua atuação nas atividades de pós-graduação junto à UNIFACS e à Fundação Visconde de Cairu, dedicando-se à Metodologia da

Pesquisa. A UFBA concedeu-lhe a Emergência e a UNEB o título de Doutor Honoris Causa.

O competente jornalista Sérgio Mattos, que articula com maestria o desenrolar deste livro composto a quatro mãos, ao usar a técnica da entrevista biográfica, não nos apresenta apenas a extensa caminhada de mais de meio século de produção cultural *lato sensu* de seu biografado, o Professor Edivaldo Machado Boaventura, dando destaque a sua atuação no campo educacional, mas também focaliza a sua atuação no campo da “história das ideias”.

Ao lançar mão do gênero biográfico, o autor possibilita mais do que a recuperação de uma história de vida, mas de importantes momentos da história da educação na Bahia e quiçá do Brasil.

A memória não-oficial da UNEB - Universidade Estadual da Bahia

Alírio Fernando Barbosa de Souza,

Doutor em Educação Superior

Ainda que em geral o historiador oficial tenha pleno acesso aos registros e aos indivíduos implicados nos acontecimentos que refere, em certas ocasiões não se aprecia o seu trabalho nos círculos dedicados à história, pelo motivo de que sua proximidade aos acontecimentos lhe impede de ser imparcial ou ter perspectiva e que, ainda no caso de que deseje ser objetivo, a necessidade de respeitar a reputação dos vivos e de render homenagens à política do passado impor-lhe-ão certas limitações (MADGE, 1969, p.67).

A memória oficial da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, inicia-se no Diário Oficial do Estado da Bahia, em 13 de junho de 1983, com a publicação do ato de sua criação pelo Secretário de Estado da Educação e Cultura e Decreto do Governador João Durval Carneiro, respaldado pela Lei Delegada 66/1983. Surgiu a UNEB a partir de escolas já existentes e que compunham a SESEB - Superintendência das Escolas Superiores do Estado da Bahia, acrescidas de uma Faculdade de Educação. A memória do encadeamento de fatos diversos que resultaram na criação de uma grande Universidade no Estado da Bahia é o que se pretende neste esforço.

Tradicionalmente intelectuais baianos e brasileiros em geral dirigiam-se para a Europa, incluindo-se aí professores universitários. Como a universidade brasileira tem sua matriz na universidade francesa, ou no modelo genérico europeu oriundo da idade média, não traziam muita novidade em seu retorno, salvo o crescimento pessoal motivado pela vivência num centro

avанçado, e o testemunho de como a universidade pode ser feita com seriedade, diferentemente do improviso e do faz de conta brasileiros.

A criação do Plano Intensivo de Capacitação Docente – PICD, em 1976, via CAPES, ampliando o número de bolsas de estudo, permitiu que outros países como os Estados Unidos e o Canadá passassem a fazer parte do roteiro de aperfeiçoamento de professores universitários brasileiros.

Na qualidade de estudante oriundo do interior, sofri desde a infância o exílio educacional. Em Itapitanga havia apenas professoras primárias leigas que ensinavam com dedicação o que sabiam. Mas meu percurso para a Universidade foi feito estudando em casas de parentes ou em internatos em Coaraci, Ilhéus, Jaguaquara e por fim, no Colégio Central da Bahia, em Salvador.

Sou testemunha de que a maioria dos estudantes interioranos não retorna às suas origens. A sedução da cidade grande e as suas possibilidades são maiores do que compromissos econômicos, sociais, políticos e até mesmo familiares. Em resumo, só haverá permanência suficiente de recursos humanos de nível universitário no interior quando tal mão-de-obra lá for preparada.

Antes de 1976, quando embarquei para os Estados Unidos para o doutoramento em Educação Superior na The Pennsylvania State University, havia no Brasil certo modelo de Universidade como a USP e a UNESP, a Universidade Estadual do Ceará, dentre outras que vim a conhecer com o nome de “Universidade Multicampi”, ou seja, aquela universidade com vários *campi*, sendo um deles o principal, onde está situada a administração central.

Conheci o modelo “multicampi” nos Estados Unidos, especificamente em Penn State e acreditei que aquele modelo adaptado à realidade brasileira seria o ideal para as necessidades regionalizadas do Estado da Bahia.

Por essa época outros brasileiros (vários baianos) estudavam em Penn State, inclusive os professores Edivaldo Machado Boaventura, Hermes Teixeira de Melo, Ana Maria Pita de Melo, Haidê Correia da Silva, Katia Siqueira de Freitas, Maria da Graça Machado Santos e Graça Ramos.

Embora o relacionamento cordial prevalecesse, entre todos, as minhas preocupações em torno de uma política de educação superior para o Estado da Bahia sempre encontraram em Edivaldo Boaventura o melhor interlocutor.

Àquela época (1976), a Bahia contava com a Universidade Federal (UFBA), a Universidade Católica do Salvador (UCSAL), a jovem Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), a Federação de Escolas Superiores Ilhéus-Itabuna (FESPI), algumas outras escolas superiores isoladas na Cidade do Salvador, Faculdades de Formação de Professores em alguns municípios do interior do Estado, a Escola de Agronomia do Médio São Francisco e a Faculdade de Filosofia, as duas últimas em Juazeiro.

Não fosse o território do Estado da Bahia maior que o da França, poderíamos até pensar que estávamos bem servidos em educação superior. Entretanto, para uma população de mais de dez milhões de habitantes, oferecíamos proporcionalmente poucas vagas anualmente em nossas escolas superiores, e a maioria absoluta delas na cidade do Salvador.

As universidades são instituições bastante dispendiosas, sendo praticamente impossível a criação de uma para cada das cidades maiores, ou mesmo, uma para cada região administrativa. Assim, o modelo “multicampi” de universidade pareceu-me mais apropriado à dimensão do Estado da Bahia. Em conversas com Edivaldo Boaventura discutíamos a ideia de uma grande universidade estadual para a Bahia, a qual poderia englobar outras escolas menores já existentes. Várias outras ideias eram objeto de nossa conversa, dentre elas a educação de adultos e a televisão educativa.

Regressando ao Brasil em julho de 1981 e reassumindo as minhas funções de professora UFBA, tomei conhecimento da criação de mais uma universidade na Bahia, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, cujo “campus” principal situa-se em Vitória da Conquista, tendo outras unidades em Itapetinga e em Jequié.

Em 1983 fatos independentes da minha vontade colocaram-me como coordenadora III Conferência da Organização Universitária Interamericana - OUI. Originariamente o coordenador era o prof. Luis Augusto Fraga Navarro de Brito, o qual ao ser designado pró-reitor de planejamento da UFBA entregou a coordenação ao prof. Edivaldo Boaventura, que me indicou ao reitor Macedo Costa quando foi escolhido como Secretário da Educação e Cultura do Estado da Bahia. O Magnífico Reitor não me conhecendo designou o prof. Sylvio Bandeira de Melo como coordenador e a mim vice-coordenador. O coordenador nomeado era pró-reitor de pós-graduação e pesquisa e jamais assumiu a coordenação, transferindo-me a totalidade do trabalho.

O congresso da OUI realizado em Salvador entre 3 e 7 de abril de 1983, capitaneado pela Université du Québec teve como tema central “A Universidade em Tempo de Crise: Perspectivas para o Ano 2.000”. Já empossado Secretário da Educação e Cultura, Edivaldo Boaventura iniciou gestões junto à Universidade de Quebec, através da OUI, para a assinatura de um acordo de cooperação objetivando o apoio à criação de uma universidade estadual dentro dos moldes “multicampi”. O modelo se apropriava à nossa realidade. Todavia, a experiência da UNESP ajustou-se muito bem ao propósito.

Fiz parte de um grupo informal de estudos para o planejamento da nova universidade encabeçado pelo Secretário Edivaldo Boaventura, do qual também participaram Antonio Fabio Dantas, José Edelzuito Soares, Joselita Castro Lima, Jovina Araujo, Jean Pozadski, François Lorient e Pierre Casalis, os três últimos através da OUI e da Universidade de Quebec.

Viajei para São Paulo e trouxe a Salvador o reitor da UNESP, Dr. Armando Otávio Ramos, para uma conversa com o grupo. Criada a Universidade cuja sigla sugeri – UNEB – Universidade do Estado da Bahia, viajei para o Canadá a convite da Universidade de Quebec. Nessa visita definimos que a colaboração melhor daquela Universidade para a sua mais nova congênere seria na preparação de recursos humanos. Sob a minha coordenação criou-se um centro de excelência em educação superior na UNEB, com o objetivo de divulgar-se teoria sobre universidade e administração universitária.

Através de um convênio entre a UNEB, a OUI e a Universidade de Quebec criou-se a seção local do IGLU – Instituto de Gestão e Liderança Universitária, órgão da OUI, com o objetivo de facilitar ações em administração universitária. Através desse convênio sediou-se na UNEB o Seminário Internacional sobre Universidade Multicampi, realizado a partir de 1985.

Abrindo um parêntese, é conveniente o registro de nossas impressões quando de nosso regresso ao País, em 1980. Ao deixamos a Bahia em 1976, o governo Geisel começava a falar em democratização lenta e gradual. Isso não impediu que o Congresso Nacional fosse fechado em 1977 e mais um pacote de medidas políticas fosse implementado através de decreto-lei, em 1980, João Batista Figueredo presidente, outra era a realidade política. Parecia que o autoritarismo caía aos pedaços e em seu lugar instaurava-se o desmando. Era como se não houvesse leis ou como se ninguém estivesse obrigado a cumpri-las. Tivemos a primeira greve dos professores das universidades federais autárquicas, justa reivindicação por melhores salários. Várias outras greves da categoria sucederam-se, inclusive pela paridade salarial com os professores das universidades federais fundacionais.

Mas os movimentos não ficaram apenas em reivindicações salariais. Os partidos políticos invadiram as universidades e o populismo procurou instaurar-se, obtendo

sucesso em certas tentativas. E algumas autoridades universitárias tornaram-se coniventes, talvez buscando facilitar sua administração. A “eleição direta” para reitor pode ser contabilizada como uma vitória desse movimento.

Entretanto o movimento universitário que até o meado da década de 1970 tinha pensadores progressistas refletindo sobre a sociedade na qual a universidade estava inserida, tornou-se palco de ativismo político, imediatismo político, oportunismo e de jogo de interesses.

A criação da UNEB ocorrida em 1983 não fugiria a esse ambiente. Até mesmo no grupo inicial de estudos havia quem fizesse o duplo jogo de ajudar a planejar a nova Universidade e ao mesmo tempo de criar certa expectativa política entre alunos e professores, objetivando sua eleição para cargos na novel instituição.

Era governador Dr. João Durval Carneiro. Apesar da minha amizade com Dr. Edivaldo Boaventura, não esperava qualquer convite para participar da equipe do seu Secretário de Educação e Cultura. Eu havia assinado o manifesto dos intelectuais apoiando a candidatura de Dr. Roberto Santos para governador, e de Dr. Waldir Pires para senador. Até porque, antes das eleições se processarem, alguns signatários sofreram certo tipo de pressão política. Realizadas as eleições houve quem lastimasse que eu tivesse assinado tal manifesto.

Dessa forma, surpreendeu-me o convite do Secretário Edivaldo Boaventura para que eu ocupasse o cargo de assessor da ASPLAN, com a tarefa de continuar a colaborar com a implantação da UNEB e especificamente, administrar o convênio com a Universidade de Quebec.

Estive em Quebec mais duas vezes planejando o Seminário Internacional sobre Universidade Multicampi. Na minha penúltima viagem preparei a visita do reitor da UNEB, prof. José Edelzuito Soares, àquela Universidade. Apesar da oposição política (dentro e fora da UNE) o convênio continuou.

Em 1984 a UNEB sediou, sob minha coordenação, um curso de especialização em administração universitária, promovido pelo IGLU e executado pela Universidade Federal de Santa Catarina, com a colaboração e professores canadenses da Universidade de Quebec e da Mc Gill University.

Os participantes deste curso de especialização foram selecionados em todo o Brasil com a colaboração do CRUB – Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. A ideia principal era fazer com que os pro-reitores da UNEB, em sua maioria jovens professores, participassem desse curso. O ativismo político afastou dois deles, mas dois outros inscreveram-se e cumpriram todas as atividades, inclusive o estágio nos Estados Unidos e Canadá.

Quando o reitor da UNEB visitou o Canadá, a Universidade de Quebec propôs-lhe preparar vinte professores da UNEB, em nível de mestrado, em Salvador, isto é, na própria UNEB. Firmado o convênio, Dr. Marcel Lavalée, professor da Universidade de Quebec em Montreal foi convidado a coordenar essa atividade acadêmica, a qual envolveu muitos professores brasileiros desde que atendessem às exigências da Universidade de Quebec.

Se o ativismo político contra o relacionamento com a Universidade de Quebec era forte, aumentou muito mais com essa novavistória do convênio. Incitados por alguns dirigentes discordantes e por professores oposicionistas, alunos da UNEB invadiram gabinete do Secretário da Educação e Cultura, para protestar contra a “entrega da UNEB ao Canadá”. Simplesmente o Secretário perguntou-lhes “para que o Canadá quer a UNEB”?

Todavia o fogo do ativismo é comparável ao fogo do maçarico. Ele é ligado e desligado de acordo com o jogo de interesses. Mas é sempre eruptivo, violento e inconsequente. Se obtiver a desmoralização do adversário, atingiu-se o objetivo. Nada se propõe em termos construtivos. Daí a perfeita adaptação do ativismo à oposição sistemática, absoluta e empedernida.

Tentou-se caracterizar o Mestrado em Educação da Universidade de Quebec na UNEB, como Mestrado da UNEB. Até a coordenação da pós-graduação da UFBA prestou-se a esse trabalho. Aliás, a pós-graduação em educação da UFBA colaborou ativamente contra atividades do convênio com a Universidade de Quebec. Ao encerrar-se a administração de Edivaldo Boaventura na Secretaria de Educação e Cultura, o Mestrado em Educação da Universidade de Quebec na UNEB estava em andamento. Alunos foram selecionados, as aulas foram iniciadas. Professores brasileiros e canadenses estavam trabalhando.

Fui exonerado “a pedido” do cargo de Assessor da Asplan assim que Dr. Waldir Pires assumiu o governo do Estado da Bahia e nomeou as novas autoridades educacionais. Todavia concluí as atividades do Seminário sobre Universidade Multicampi, em abril de 1987 devido ao compromisso moral com a Universidade de Quebec e com a UNEB. Na qualidade de professor do ensino de 1º e 2º graus, retornei ao Departamento de Educação Continuada.

Alguns meses depois fui informado de que extenso relatório circulava por departamentos do CETEBA, na UNEB, com o objetivo incansável de encerrar as atividades do Mestrado em Educação da Universidade de Quebec na UNEB. Nada teria a ver com o problema se meu nome não fosse citado nesse relatório. Diante de tão agigantados esforços para objetivos tão medíocres, resolvi pronunciar-me fi-lo através de violento artigo publicado em “A TARDE”, em outubro de 1987, intitulado “O Mestrado na UNEB”. O artigo surtiu o efeito desejado com o desmascaramento das intenções destruidoras dos responsáveis pelo relatório e um esfriamento dessas tendências, propiciando a professores e alunos do Mestrado o ambiente para um trabalho profícuo. Entretanto gerou uma resposta virulenta que também contou com a participação política de membros da pós-graduação em educação da UFBA. Um artigo escrito a muitas mãos e assinado por um aluno do mestrado em educação da UFBA, e professor da UNEB, o qual depois foi para Quebec para cursar o

doutorado. Nesse artigo cometeu-se novamente a falha de caracterizar a atividade como “O Mestrado da UNEB”.

Mas o leitor pode ficar intrigado quanto à colaboração espontânea da Universidade de Quebec, que financiou seus professores e técnicos nesse convênio. Por que razão esse investimento?

Alguns países e aqui citaríamos Estados Unidos, Rússia, França, Canadá, Inglaterra, Brasil, etc..., dispõem de recursos alocados anualmente para a ajuda internacional a países menos desenvolvidos. Esse tipo de ajuda funciona como se fosse uma propaganda indireta. Dessa forma ajuda-se determinado país na criação de uma universidade, por exemplo, e divulga-se a imagem do país que está ajudando. O Brasil faz isso. Certa época a UFBA recebeu dezenas de estudantes africanos, preparou-os e mandou-os de volta para suas origens. O Canadá tem um órgão, a AICD – Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional que coordena essa ajuda. Através da AICD os projetos são avaliados e financiados e depois executados. Projetos como o da cooperação com a criação da UNEB são financiados pela AICD. Se o projeto resultar em algo útil, fica a imagem positiva do Canadá. E o Mestrado em Educação foi altamente positivo, preparando mais de vinte professores da UNEB. Atualmente, sem xenofobia, há na UNEB um Centro de Estudos Canadenses. “*E la nave va...*”

MADGE, John – *Lasherramientas de La Ciencia Social*, E, Paidós, Buenos Aires, 1969

Mindfulness ou plena atenção:

Fundamentos neurocientíficos e prática

Jair de Oliveira Santos

“Você pode usar muitas estratégias para praticar mindfulness em sua vida diária. Em pé, caminhando, ouvindo, falando, comendo e trabalhando. Pode se ligar a seus pensamentos, estados de humor e emoções, a suas motivações para fazer as coisas e para se sentir de certa forma, e, naturalmente, se ligar nas sensações em seu corpo. Pode se ligar a outras pessoas, a suas linguagens corporais, seus sentimentos, conversas e ações. Pode sentir o ar em sua pele, os sons da natureza, luzes, cores, formas e movimentos”.

Jon Kabat-Zinn

Full Catastrophe Living, Using the Wisdom of our Body and Mind to Face Stress, Pain and Illness, New York: Delta, 1990.

“A *Mindfulness* é útil para enfrentar pensamentos negativos obsessivos e para a saúde mental, principalmente na ansiedade e depressão, evitando sua recaída. Além de trazer melhoria da qualidade de vida dos praticantes regulares, produz bons resultados no tratamento do estresse, dor crônica, sintomas psicológicos de pacientes com câncer e na recuperação da memória autobiográfica”.

Guum J.

How do mindfulness-based cognitive therapy and mindfulness-based stress reduction improve mental health and wellbeing?
Clinical Psychology Review Volume 37, April 2015, Pages 1–12.

Sobre o Autor

Jair de Oliveira Santos é médico, professor da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, graduado em

Pedagogia, especialista em Administração Escolar, fundou instituições educacionais de nível superior, médio e fundamental. Pioneiro da Educação das Emoções na Bahia, implantou-a na Faculdade Castro Alves, com excelentes resultados. Publicou os livros “Educação das Emoções - fundamentos e experiências”, “Educação Emocional na sala de aula”, duas edições, “Manuais de Educação Emocional”, e diversas monografias e artigos sobre tema. Elabora no momento o livro “O Poder da atenção”.

Dedicou-se à Educação Médica e foi coordenador do Colegiado de Curso da Faculdade de Medicina na Universidade Federal da Bahia, além de presidente da sua Comissão de Currículo. Publicou livros de educação médica: “Educação Médica e Humanismo” e “Educação Médica - filosofia, valores e ensino”, além de diversos artigos e monografias.

Membro Emérito da Academia Baiana de Educação, foi seu presidente e recebeu o título de “*Educador do Ano*” (2002) e as medalhas de “*Honra ao Mérito*” da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia(1991) e “*Thomé de Souza*”, da Câmara de Vereadores de Salvador(1993).

INTRODUÇÃO

Na metade da segunda década do século XXI, um observador atento verifica que o ser humano vive permanentemente em busca de um sentido para sua vida e procura encontrar a si mesmo. Isso porque muitos dos conhecimentos pré-existentes, tidos como certos, passaram a ser questionados ou abandonados. Há uma busca incessante de novos paradigmas que orientem o ser humano em sua jornada em busca de si mesmo e da felicidade.

Há um movimento coletivo da humanidade em busca do auto-conhecimento, pois o ser humano está percebendo que a

felicidade está nele mesmo. Daí a necessidade de nos voltarmos para a dimensão humanística da problemática humana.

A Plena Atenção ou *MIndfulness* é um caminho que a civilização oriental segue há milênios em busca do auto-conhecimento e da felicidade, sendo hoje reconhecida nos meios médicos e psicológicos mais desenvolvidos do mundo ocidental como útil para tratar doenças do corpo e da mente.

O objetivo desta monografia é estabelecer bases científicas para compreender os efeitos da Plena Atenção no corpo e na mente do ser humano e os fundamentos de sua aplicação em medicina, psicologia e outros ramos do conhecimento.

Ela se baseia em dados de pesquisas sobre Plena Atenção realizadas pelas neurociências, psicologia, neurologia, biologia, psicoterapia e medicina, desenvolvidas em centros de pesquisas internacionalmente reconhecidos e realizadas da última década do século XX até a metade da segunda década do século XXI ¹.

O governo dos Estados Unidos criou no *National Institutes of Health* (Instituto Nacional da Saúde), órgão similar ao Ministério da Saúde do Brasil, o *Office of Alternative Medicine* (Instituto de Medicina Alternativa), para pesquisar formas alternativas e complementares da Medicina, que mudou o nome para *National Center for Complementary and Alternative Medicine*. Ele publicou estudo em 1994, classificando a Plena Atenção como procedimento de saúde, depois de avaliar pesquisas publicadas em todo o mundo.

PARTE 1

QUE É PLENA ATENÇÃO E COMO ELA AGE?

A mente humana é assaltada por milhares de pensamentos diários, que a deixa perturbada, por lembranças de fatos ocorridos num passado que não podemos mudar, por preocupações sobre

incertezas do futuro, que muitas vezes nem ocorrerão. Daí a necessidade de praticar a Plena Atenção e desenvolver a habilidade de viver no tempo presente.

A Plena Atenção é um estado de consciência caracterizado por prestar atenção à experiência do momento presente, intencionalmente e sem julgar; por identificar os objetos que surgem na mente sem se fixar a nenhum deles, numa atitude de curiosidade, abertura e aceitação, e acompanhar o desdobramento da experiência vivida ^{1,2,3}.

Da mesma forma que você tem um estado de consciência em que está alegre, ou triste, com raiva ou com medo, pode ter um estado de consciência em que preste atenção a tudo que ocorre naquele momento, em sua mente e em torno de você, atento a tudo que se passa. Basta você querer e saber cultivar este estado de plena consciência e praticá-lo constantemente, desenvolvendo o hábito de prestar atenção.

A Plena Atenção foi proposta em 1990 por Kabat-Zinn, sob a denominação de *mindfulness*, como uma técnica médica e psicológica, na Universidade de Massachussetts. Nela, o praticante observa o mundo exterior e seus pensamentos, emoções e sensações corporais quando está sentado, andando ou praticando movimentos conscientes, sem se perturbar com fatos passados ou preocupações com o futuro. Na sua mente ocupada com o momento presente não entrarão pensamentos desagradáveis, nem emoções negativas que geram mal estar.

Durante a Plena Atenção, o praticante deve se expor a estímulos vindos do meio externo, do corpo ou da mente, e os aceitar sem reagir, inclusive suas emoções e desejos, mesmo os desagradáveis. Ele deve aceitar as respostas corporais a suas

emoções, à raiva, medo, tristeza e preocupação e quando tiver uma emoção desagradável praticar o relaxamento.

A pessoa deve tratar igualmente todas as emoções e com o passar do tempo vai ver que as emoções desagradáveis passam e depois vem bem estar, calma e tranquilidade.

Baer, em 2006, fez um estudo das facetas que compõem a Plena Atenção, em questionários desenvolvidos para avaliar o grau de Plena Atenção de uma pessoa e encontrou cinco fatores essenciais: observar, descrever, agir com consciência, não julgar a experiência interior e não reagir à experiência interior. Seguem suas descrições ⁸:

1. *Observar*: prestar atenção às sensações das experiências corporais, pensamentos, emoções, visões, sons e cheiros. Prestar atenção a algo não significa “*pensar sobre algo*”, significa simplesmente perceber o que ocorre no momento.
2. *Descrever*: descrever silenciosamente com palavras as experiências internas. Se estiver subindo uma escada, dizer a si mesmo: “*estou subindo uma escada*” ¹.
3. *Agir com consciência*: prestar atenção às atividades do momento e perceber o todo, o contexto e o conteúdo de cada momento. É ver diretamente, ouvir diretamente e sentir diretamente, sem deixar o pensamento interferir ¹.
4. *Não julgar a experiência interna*: não julgar seus pensamentos e sentimentos.
5. *Não reagir à experiência interna*: permitir que pensamentos e sentimentos cheguem e saiam da mente livremente, sem se deixar afetar por eles.

Baer elaborou um questionário para avaliar a Plena Atenção, denominado “*Questionário das Cinco Facetas da Atenção*”, que é largamente utilizado pelos pesquisadores e será apresentado na avaliação da Plena Atenção ⁷.

Pesquisa recente feita por Killingsworth⁴, em 2010, na Universidade de Harvard, com 2.250 participantes, mostrou a importância da prática da Plena Atenção por pessoas saudáveis, para trazer felicidade e bem estar. Ele constatou que durante cerca da metade do tempo em que eles estavam acordados (em torno de 4 horas por dia), suas mentes divagavam, passavam de um pensamento para outro, fora do “momento presente”. Eles declararam ser menos felizes quando faziam divagações, quer estivessem descansando, no trabalho ou no computador em casa. Os pesquisadores concluíram que a divagação mental é uma das causas de infelicidade.

Pesquisas mostram que durante a prática da Plena Atenção o coração bate mais devagar, a respiração é mais lenta, relaxam os músculos, diminui a pressão arterial e as ondas elétricas cerebrais são mais lentas ⁵. São liberadas substâncias que dão bem estar (dopamina, serotonina e endorfina) e diminui o cortisol. Há estimulação do nervo vago, que tem papel importante para manter a calma no estresse ⁹.

Hölzel, em 2011, da Universidade de Liebig, na Alemanha, propôs quatro mecanismos de ação para a Plena Atenção: regulação da atenção, regulação das emoções, consciência do corpo e mudança na perspectiva do *self*².

Como age a Plena Atenção na regulação da Atenção?

A regulação da atenção é um mecanismo de ação fundamental da Plena Atenção e é estudado através de achados relatados em questionários pelos praticantes, detectados em pesquisas experimentais comportamentais ou obtidos com a ressonância magnética cerebral.

Ela engloba as três funções da atenção, de alerta, orientação e atenção executiva. A *função de alerta* mantém a mente pronta para receber qualquer estímulo a qualquer hora, e atender qualquer evento que ocorra. Para haver alerta a pessoa tem de estar consciente e o estímulo ter intensidade suficiente.

A *função de orientação* permite à atenção selecionar os estímulos que devemos focar, separando os que serão percebidos dos que serão rejeitados. A orientação pode ser automática ou controlada, e é automática quando o estímulo invade a mente e é percebido sem a pessoa querer, como quando se ouve um trovão ou uma explosão. Na atenção controlada o objeto é percebido intencionalmente, como quando dirigimos a atenção para um pássaro voando ou um carro passando ⁶.

Pesquisas com testes para avaliar a atenção mostram que depois de treinamento os praticantes de Plena Atenção tiveram melhor desempenho na função de orientação e que melhorou a função de alerta em meditadores experientes. Foram detectados aumentos da atividade do sistema de atenção dorsal, envolvido na orientação, e do sistema de atenção ventral, envolvido na função de alerta ².

A *atenção executiva* acompanha nossos pensamentos e sentimentos e permite o controle deles, inclusive para mudar de comportamentos, como deixar de beber ou de fumar. É também chamada de *Controle de Conflitos ou Controle Executivo* e funciona integrada com as funções de alerta e orientação. Se

durante a prática da Plena Atenção pensamentos e preocupações invadem a mente do praticante, há um conflito que é resolvido com o afastamento dos pensamentos e preocupações, e é a atenção executiva quem os afasta.

Ela é um instrumento regulador, que libera a mente para dirigir-se a qualquer novo evento que surja e pode ser medida pelo “*Teste de Tarefa de Atenção Executiva*”, mostrando as pesquisas melhor desempenho no teste dos praticantes ².

Pesquisas recentes de Holze com ressonância magnética cerebral, mostram que o córtex cingulado anterior entra em atividade quando a atenção executiva é acionada. Ele detecta a presença de conflitos e manda sinais para os sistemas reguladores solucionarem. Foi encontrado aumento da espessura do córtex cingulado anterior, em praticantes experientes².



Fig. 1. Córtex Cingulado, entre o corpo caloso e o córtex cerebral.

Como age a Plena Atenção na Regulação das Emoções?

A regulação das emoções da Plena Atenção é um mecanismo de ação através do qual são modificadas as respostas mentais e corporais às emoções, no momento em que ocorrem.

As pesquisas realizadas com praticantes da Plena Atenção através de experiências, auto-relato, achados fisiológicos e ressonância magnética mostram melhor regulação de suas emoções. Depois de treinamento os participantes tiveram diminuição das reações fisiológicas corporais produzidas pelas emoções. Outra pesquisa com auto-relatos constatou que os estados de humor dos participantes ficaram melhores, com diminuição dos estados de humor negativos e redução de distrações e pensamentos negativos ².

Pesquisas sobre efeitos fisiológicos mostraram que o treinamento em Plena Atenção diminuiu a intensidade das reações emocionais dos participantes e facilitou o retorno à calma. Praticantes experientes submetidos a estímulos aversivos (que causam desprazer, dor física ou constrangimento) diminuem a condutância da pele e o eletroencefalograma mostrou aumento da ativação cerebral anterior esquerda ².

Pesquisa com ressonância magnética em praticantes de Plena Atenção mostrou aumento da ativação do córtex pré-frontal e que melhorou seu controle sobre a amígdala; mostrou também ativação do córtex pré-frontal dorso-medial e do córtex cingulado anterior (fig. 2). Foram ativadas regiões que regulam as emoções daí a conclusão que praticar Plena Atenção ativa as áreas responsáveis pela regulação das emoções ².

Goldin constatou em praticantes de Plena Atenção aumento da atividade do córtex pré-frontal ventrolateral e interpretou o achado como aumento do controle inibitório por ele exercido sobre a amígdala. Em outra pesquisa houve diminuição da ativação da amígdala dos participantes ².

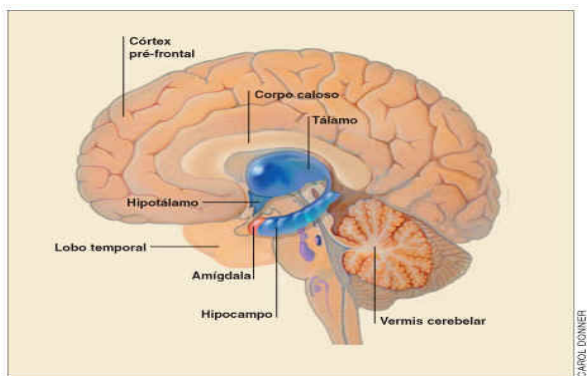


Fig 2. Córtex pré-frontal, corpo caloso, tálamo, hipocampo, amígdala, hipotálamo e lobo temporal.

Como é feita a Regulação das Emoções?

Ochsner considera dois tipos de regulação: a comportamental e a cognitiva. Na *regulação comportamental* a pessoa suprime o comportamento que teria ao responder a um estímulo emocional, como quando você se controla para não agredir alguém que lhe enraiveceu ². Na *regulação cognitiva* o controle é feito tirando a atenção do objeto ou por uma mudança cognitiva. No *controle com a atenção* retira-se a atenção de emoções desagradáveis e leva-se para coisas agradáveis, como quando você encontra na rua alguém que detesta, faz de conta que não viu e olha para um carro que passa ou uma vitrine.

A *mudança cognitiva* pode ser feita de dois modos, usando a extinção ou a reavaliação. Na *extinção* se extingue a resposta a um estímulo emocional, como no caso do medo condicionado que um soldado que volta da guerra tem. Ele entra em pânico ao ouvir um foguete ou uma bomba caseira, pois seus barulhos o lembram das bombas da guerra.

A amígdala, estrutura cerebral que detecta os estímulos ameaçadores e estressantes que geram o medo, fica ativada durante a detecção destes estímulos. Uma rede de estruturas cerebrais interligadas, constituída pelo córtex pré-frontal ventral medial, hipocampo e amígdala, é importante no processo de extinção. Pesquisas mostram que a regulação da amígdala é feita pelo hipocampo e pelo córtex pré-frontal medial ventral (fig. 2), que podem inibir a atividade amigdaliana ².

A prática da *Mindfulness* ativa esta rede e inibe a amígdala e o medo, por isso um de seus efeitos benéficos é a extinção do medo. Durante a extinção há um trabalho conjunto do hipocampo e do córtex pré-frontal ventral medial para inibir a amígdala. Foi constatado por pesquisa de 2011 o aumento da substância cinzenta do citado córtex ².

Outra pesquisa mostrou que depois de treinamento em Plena Atenção, diminui a substância cinzenta na amígdala direita, melhora o estresse percebido e aumenta a ativação do hipocampo e do córtex pré-frontal ventral medial ². Para Holzel a *Mindfulness* influencia a capacidade de extinguir o medo e é eficaz também na raiva, tristeza e aversão.

O tratamento do paciente com medo através da Plena Atenção melhora sua capacidade de promover a extinção, daí os bons resultados na ansiedade, síndrome de pânico, redução do estresse e abuso de substâncias ².

Reavaliação – é uma estratégia de regulação das emoções através de mudança cognitiva em que se faz uma nova interpretação do significado de um estímulo emocional, para mudar a resposta dada a ele. Por exemplo, você pensar que vai aprender algo novo quando viver uma situação difícil e procurar ver o lado bom dela.

A Psicologia Cognitiva Comportamental orienta o paciente para, quando estiver com medo de algo, fazer uma reavaliação perguntando-se a si mesmo: “*Quais as evidências de que a situação temida é real?*”. A reavaliação realizada durante a prática da Plena Atenção permite controlar a emoção, pois a regulação emocional consciente é um processo de adaptação em que eventos estressantes são reconstruídos de forma benéfica. Pesquisa recente baseada em auto-relatos de participantes mostrou que a prática da atenção plena aumenta as reavaliações positivas e melhora a tensão emocional ².

Pesquisas constataram durante a reavaliação de estímulos aversivos, uma maior atividade dos córtices pré-frontal dorso-lateral, orbitofrontal e cíngulo anterior, além de aumento da atividade do córtex frontal posterior dorsal, quando a reavaliação era bem sucedida ².

Como age a Plena Atenção na Consciência Corporal?

A consciência do corpo é a capacidade de perceber sensações corporais sutis. É um mecanismo de ação da Plena Atenção em que se presta atenção à respiração e aos efeitos corporais das emoções, como relaxamento ou tensão muscular, sensações de calor, dormência e formigamento nos membros, além de outras sensações.

Segundo auto-relato de praticantes no *Questionário das Cinco Facetas da Plena Atenção*, prestar atenção às sensações corporais melhora a consciência corporal, havendo percepção mais nítida do que ocorre. Pesquisas com ressonância magnética mostram alterações na ínsula, que é ativada durante a prática da consciência corporal, e há aumento de sua massa cinzenta. Há

também ativação da área somatossensorial, capaz de processar eventos sensoriais ².

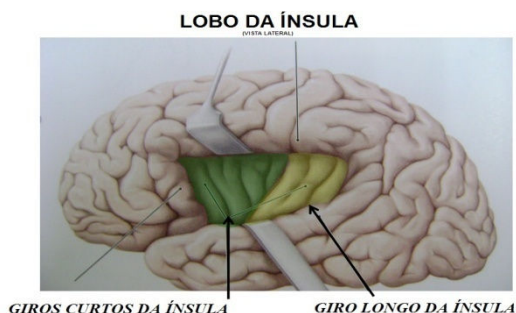


Fig 3. Hemisfério cerebral direito: são afastados os lobos cerebrais para mostrar a ínsula, situada internamente.

Em outra pesquisa os participantes mostraram maior ativação da ínsula direita depois de verem filmes tristes, sendo encontradas também ativação do tálamo, maior espessura na matéria cinzenta da ínsula direita e da junção temporo-parietal.

A consciência do corpo é importante na regulação das emoções: sentir a reação corporal a elas aumenta a consciência de suas presenças, que é importante para seus controles. A consciência das experiências emocionais é importante também para as respostas empáticas, pois quem observa melhor seu *self* compreende melhor o dos outros. Pesquisa mostra que os que têm nível maior de observação corporal, têm mais empatia, e que a ínsula e a junção temporo-parietal são ativadas durante as respostas empáticas. Depois de treinamento em Plena Atenção haverá resposta empática melhor e mais compaixão ².

Pesquisa constatou em monges tibetanos com mais de 10.000 horas de prática, maior ativação das citadas regiões durante

meditação da compaixão, que cultiva empatia com o sofrimento de outros e o desejo de aliviá-lo.

Aumentar a consciência corporal é importante no tratamento de distúrbios psicológicos, pois a falta de consciência das experiências internas, somada a problemas no controle das emoções é um problema para pessoas com desordem de personalidade, e o aumento da consciência corporal pode ser a chave para o sucesso do tratamento.

A Plena Atenção muda a perspectiva do *Self*?

O *self* é constituído por nossas experiências ao longo da vida, nossas recordações e pelas metas planejadas para o futuro. Ele surge quando a atenção descobre que pode se dirigir para seus desejos, pensamentos, sentimentos e recordações ⁷.

Durante a prática da Plena Atenção a pessoa percebe o que se passa na sua mente como observador, como sujeito dela, na qual pode agir. A mente deixa de ser um simples local para atuarem seus pensamentos, raivas, medos e preocupações, graças à *mudança da perspectiva do self*. A pessoa, além de observá-la conscientemente pode controlar o que tem acesso a ela ou retirar aquilo que não é de seu agrado.

Esta mudança de perspectiva, chamada “*reperceiving*”, permite ao praticante controlar o conteúdo da consciência e determinar o que permanece nela e afastar o que for desagradável. Praticando a Plena Atenção o indivíduo passa a ser dono de si mesmo, observa suas experiências com mais clareza e objetividade e não é mais um objeto para a ação de suas emoções e pensamentos.

O *reperceiving* é estudado por relatos em questionários e pela ressonância magnética cerebral, que constatou alterações na

estrutura e funcionamento do córtex pré-frontal medial, do córtex cingulado posterior, ínsula e da junção temporo-parietal, durante a prática *Mindfulness*.

Saphiro, da Universidade de Santa Clara, em 2006, propôs três mecanismos básicos da Plena Atenção, intenção, atenção e atitude, atuando juntos e levando à mudança da perspectiva do *self*, além de outras alterações mentais.

O primeiro mecanismo, a intenção, refere-se ao propósito da pessoa, por que e para que ela vai praticar a Plena Atenção. Expressa sua visão, seu cenário de motivações. É o caso de um homem de negócios estressado e hipertenso que pratica Plena Atenção para melhorar sua saúde.

Outro mecanismo é a atenção, considerada fundamental para a Plena Atenção, que age através da vigilância ou da mudança de foco ou pela inibição. A vigilância é a capacidade de observar um objeto durante o tempo necessário; a mudança de foco é a capacidade de transferir a atenção de um objeto para outro; a inibição é a capacidade de inibir o processamento de pensamentos, emoções e sensações.

O terceiro mecanismo da Plena Atenção é a atitude e se refere à maneira pela qual a pessoa presta atenção aos objetos. Deve ser de não julgamento, não crítica, de interesse e de aceitação (não reatividade). Além destes mecanismos básicos, Saphiro propõe a auto-regulação, a auto-gestão, a flexibilidade (emocional, cognitiva e comportamental), a clarificação de valores (para identificar os verdadeiros valores) e a capacidade de exposição (aos seus pensamentos, emoções e sensações) ³.

PARTE DOIS

QUAIS OS BENEFÍCIOS E EFEITOS DA *MINDFULNESS*?

Quais os benefícios da Plena Atenção?

A Plena Atenção traz benefícios para a saúde da mente e do corpo; para a educação, melhorando a atenção, memória, emoções e controle dos impulsos em crianças, adolescentes e adultos, inclusive na terceira idade; para a pesquisa, trazendo informações sobre a estrutura e funcionamento do cérebro no que se refere à atenção, memória, pensamento, emoções e impulsos, com extensa aplicação em medicina e psicologia, no diagnóstico e tratamento de doenças.

Benefícios para a saúde – a Plena Atenção, utilizada em milhares de pacientes na Clínica de Redução do Estresse, da Universidade de Massachussets, traz benefícios na ansiedade, raiva, hostilidade, dor, falta de ar, diarréia e estresse^{1, 12}.

Segundo Kabatt-Zinn, além dos efeitos diretos sobre as doenças, existem efeitos indiretos, pois os pacientes desenvolvem o hábito de prestar atenção a seus estados internos e a avaliar o que devem mudar em suas vidas. Muitos deles, por conta própria, param de fumar ou fazem dieta para perder peso, sem serem induzidos a isso. Na Faculdade de Medicina da Universidade de Harvard a *mindfulness* é utilizada pelos alunos para administrar a ansiedade e lidar com o estresse.

Benefícios no estresse –

O estresse de cognição, relacionado com a atenção, memória e pensamento, surge quando um objetivo é importante para uma

pessoa mas, para alcançá-lo, a situação exige mais recursos do que ela dispõe. Ela quer alcançar a meta mas não dispõe as condições necessárias, como quando quer ajudar financeiramente a uma pessoa e não tem o dinheiro necessário. Ele envolve a avaliação do estressor, para saber seu grau de ameaça para as metas estabelecidas e para as estratégias a utilizar ⁹.

Quando uma pessoa avalia um estressor é freqüente que ela amplie seus efeitos ameaçadores, surgindo o estresse de cognição. Mas se ela avaliá-lo melhor e se sentir em condições de enfrentar o estressor, o perceberá como desafio. Por isso toda avaliação deve ser cuidadosa, para não trazer incerteza, imprevisibilidade e insegurança, e considerar o estressor, indevidamente, como ameaça e desencadear o estresse.

O estresse de cognição surge tanto diante de uma ameaça, quanto diante de um desafio que ele não for resolvido favoravelmente. Quando o desafio é resolvido satisfatoriamente, a meta é alcançada, surge a satisfação, junto a sentimentos de bem estar e realização. Se o desafio não é vencido, poderão surgir sentimentos de raiva, culpa e ansiedade ⁹.

Um fator que gera estresse é tentar controlar muitas coisa que não podemos controlar. Se tentarmos e não conseguirmos controlá-las, ficaremos frustrados e com raiva.

O estresse de excitação se segue ao estresse de cognição com respostas do organismo ligadas à excitação fisiológica, que são necessárias à operacionalização da fuga ou do enfrentamento. A ruminação é um processo em que são repetidas as avaliações negativas sob a forma de pensamentos repetitivos que prolongam os efeitos do estresse.

No estresse de excitação produzido pela raiva e outras emoções, são estimulados o hipotálamo, hipófise, glândula supra renal e o

sistema nervoso simpático, que preparam o organismo para a fuga utilizando a excitação metabólica. O fígado libera glicose no sangue, para a contração muscular, a supra renal secreta adrenalina, nor-adrenalina e cortisol (hormônios do estresse), que geram excitação fisiológica manifesta no corpo com sintomas tipo contração muscular, músculos doloridos, respiração ofegante, palpitações, etc.

A *Mindfulness* produz bons resultados no tratamento do estresse de cognição e de excitação, seja ele emocional, familiar, financeiro ou social. Ela utiliza como mecanismos de ação a regulação da atenção, regulação das emoções, consciência corporal e mudança de perspectiva do self.

Na regulação da atenção usa as funções de alerta, orientação e controle executivo. A função de alerta permite identificar o agente estressor, sua natureza e características. Por exemplo, se uma pessoa tem insônia, prestando atenção ela pode identificar a causa, que ela não dorme preocupada com a cirurgia de um ente querido, preocupação que se torna repetitiva, prolongando o estresse e a insônia. Aí entra em cena a função de orientação, que leva a atenção para algo agradável ou para ela contar suas respirações. Compete ao controle executivo a execução deste processo.

Durante o estresse os hormônios liberados produzem efeitos corporais e a *Mindfulness*, além de diminuir a produção destes hormônios, diminui a excitação do sistema nervoso simpático e aumenta a atividade do parassimpático, reduzindo o cortisol e aumentando a atividade do nervo vago, que tem efeitos contrários aos do simpático.

Outro mecanismo de ação utilizado pela *Mindfulness* no estresse é a regulação das emoções. A amígdala é a estrutura capaz de

detectar ameaças, sendo regulada pelo hipocampo e pelo córtex pré-frontal ventral, que são capazes de inibir a atividade amigdaliana, e uma consequência desta inibição é a extinção do medo. Por outro lado, a *Mindfulness* aumenta a ativação de regiões reguladoras das emoções, como o córtex pré-frontal dorso-medial e o do cíngulo anterior ². Tudo isso concorre para o efeito da *Mindfulness* no controle das emoções.

Outro mecanismo de ação da Plena Atenção no estresse é através da consciência corporal, pois se a pessoa estressada identificar as áreas de corpo onde há contração muscular, pode praticar o relaxamento muscular e diminuir seu desconforto.

Para lidar com o estresse a *Mindfulness* utiliza a mudança de perspectiva do *self*. Na nova perspectiva, a pessoa, na condição de sujeito de sua mente, pode escolher o conteúdo mental e identificar os agentes estressores representados por seus pensamentos e emoções e afastá-los. Como a prática da *Mindfulness* acalma a mente, a avaliação dos estressores se faz com equilíbrio e mais próximo do significado real deles.

Benefícios na Educação – Pesquisas recentes mostram que a Plena Atenção praticada por crianças é útil para desenvolver bons relacionamentos sociais, na interação com colegas e amigos, e também no tocante à inteligência emocional e competências intelectuais. O desenvolvimento dessas qualidades pode ser comprometido se houver dificuldades na capacidade de concentrar a atenção.

Pesquisa publicada em 2012 por Meiklejohn, analisa os resultados de 14 programas de Plena Atenção na escola, destinados a alunos do ensino elementar e médio. Relata benefícios na memória de trabalho, atenção, aprendizagem,

relacionamentos, controle emocional, auto-estima e humor, além da diminuição da ansiedade, estresse e fadiga¹.

A escola Tonebridge, em Londres, implantou com sucesso, em 2008, um programa de Plena Atenção com os objetivos de desenvolver nos alunos calma e bem estar; treinar a concentração da atenção; identificar e afastar pensamentos negativos repetitivos (ruminação); desenvolver a consciência do momento presente no cotidiano; aprender a saborear as atividades que praticava e identificar emoções negativas². Outras pesquisas trazem estudos sobre Mindfulness na escola^{3,4}.

Acreditamos que o treinamento em *Mindfulness* é importante para a criança se tornar apta a desenvolver com competência e responsabilidade suas atividades sociais e para adolescentes e adultos se conhecerem mais e viverem melhor.

Benefícios na pesquisa– A origem da plena atenção é budista, mas as pesquisas feitas no ocidente não são fundamentadas nas crenças e objetivos budistas.

O objetivo da Plena Atenção para a ciência ocidental é conhecer melhor o funcionamento cerebral e tratar pessoas com doenças do corpo e da mente, para diminuir seus sofrimentos e compreender seus mecanismos de ação. Não se deve confundir a Plena Atenção científica com a crença budista, mas reconhecer que a adaptação feita conserva alguns de seus aspectos originais.

Durante a prática da Plena Atenção são ativados circuitos cerebrais capazes de fortalecer a capacidade da pessoa de dizer “não” aos impulsos, habilidade vital para o sucesso nos relacionamentos⁵. Pesquisadores acreditam que a divagação mental é o “*modo padrão*” de funcionamento cerebral, e que ela ocorre em torno da metade das pessoas acordadas. Elas divagam pensando sobre si mesmo e sobre seus problemas do passado e do

futuro, ficando muitas vezes prisioneiras de pensamentos negativos repetitivos ⁴.

Durante a divagação da mente, é ativada no cérebro a “*rede de modo padrão*”, situada em várias regiões. Pesquisas recentes feitas com praticantes da Plena Atenção, mostram que, durante sua prática, a “*rede modo padrão*” é desativada, e os participantes relatam diminuição da divagação. Daí a conclusão que a Plena Atenção diminui a divagação mental ¹¹.

Quais os efeitos da plena atenção?

A Plena Atenção tem efeitos positivos na mente, cérebro, sistema nervoso, distúrbios psicológicos, hormônios e envelhecimento. Os seguintes efeitos são comprovados em pesquisas:

1. *No cérebro, sistema nervoso e distúrbios psicológicos* – já foram relatados ao longo desta monografia.
2. *Nos hormônios* - aumenta a produção da dopamina, que produz prazer ⁸, da serotonina, que produz bem estar, da melatonina, que regula o sono, e das endorfinas, que diminuem a dor, havendo diminuição do cortisol, um hormônio do estresse ⁷.
3. *No sistema imunológico*, responsável pela defesa do organismo, aumentam os leucócitos e anticorpos, responsáveis pela defesa do organismo ⁷.
4. *No envelhecimento* há diminuição das taxas de hospitalização dos praticantes, principalmente em doenças cardiovasculares, câncer e sistema nervoso. Foi comprovado aumento do tempo de vida do praticante e redução de sua idade biológica em até 12 anos, em relação à idade cronológica (que mede o tempo vivido pela pessoa) ⁷.

Pesquisas mostram que a Mindfulness aumenta o crescimento de telômeros localizados nas extremidades dos cromossomos com a finalidade de protegê-los. Quando a célula se reproduz os novos telômeros são mais curtos e têm extremidades menores. O encurtamento é compensado pela telomerase, enzima promotora da reconstrução das extremidades⁹.

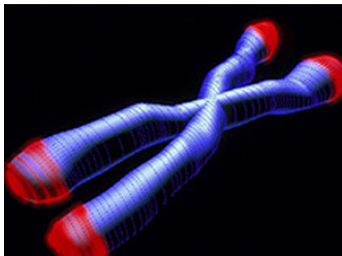


Fig. 4. Telômeros localizados nas extremidades dos cromossomos.

Quando os telômeros ficam muito curtos, as células não se dividem mais, envelhecem e morrem. Assim, a **telomerase** contribui para aumentar a longevidade celular. A idade e o estresse, além de outros fatores, encurtam os telômeros, cujos comprimentos indicam o envelhecimento do indivíduo. Pesquisa recente de Eppel constatou que a prática da Plena Atenção interfere no comprimento dos telômeros e no envelhecimento celular, e que seus praticantes têm telômeros maiores que os de não praticantes⁹.

Qual o significado da Mindfulness?

A Mindfulness tem grande significado psicológico, principalmente pela importância de pesquisas que utilizam ressonância magnética cerebral, permitindo visualizar as atividades de órgãos e regiões no momento em que elas se

processam. Tais pesquisas contribuíram para maior e melhor compreensão dos mecanismos cerebrais subjacentes a processos psicológicos relacionados com o pensamento (controle e extinção), com as emoções (particularmente o medo, ansiedade e síndrome de pânico e com a memória (extinção de emoções e sensações).

Os efeitos integrados dos mecanismos de ação da Mindfulness (intenção, atenção e atitude), levam à re percepção, cujos estudos têm contribuído para desmistificar a compreensão da desidentificação do *Eu* e da libertação do eu, através dos mecanismos de desconstrução e reconstrução do *Self*.

A re percepção nos permite experienciar os eventos da mente e do corpo, sem nos identificar com eles, sem nos agarrar a eles e considerá-los como algo fora de nosso Eu. Através dela, experienciamos os objetos e situações diretamente, em vez de ter uma experiência resultante da interpretação dada por nós.

Depois da re percepção, a ansiedade é percebida como um estado emocional que surge em nossa mente, que vai passar com o tempo, pois não faz parte do nosso próprio Eu. O mesmo ocorre com o medo, com outras emoções e com a dor, que não são mais percebidos como partes integrantes do *Eu*.

O conhecimento da impermanência dos fenômenos mentais permite desenvolver uma tolerância maior com nossos pensamentos e emoções desagradáveis, e sendo mais tolerância conosco mesmos, seremos também com os outros.

Considerando os valores da pessoa, a *Mindfulness* tem grande significado, pois ajuda a reconhecer o que tem significado para elas e a clarificar seus valores. O valor é uma escolha feita livremente pela pessoa, dentre alternativas, para atender suas

necessidades e motivações, que ela pratica de forma repetida com satisfação. Eles orientam as direções que escolhemos na vida ⁵.

Identificar seus valores é importante na busca de si mesmo e dos caminhos que deve trilhar para encontrar a felicidade. Ciente de seus valores, a pessoa se conhecerá melhor, agirá de modo mais consciente e não com base em condicionamentos automáticos familiares ou culturais.

PARTE TRÊS

COMO FAZER TREINAMENTO EM MINDFULNESS?

Para fazer o treinamento em Plena Atenção, primeiro você deve elaborar um programa com um compromisso, a meta a alcançar, estratégias que pretende usar (ambientais, cognitivas e comportamentais) e como fará a auto-avaliação.

Fazer um compromisso é essencial para o sucesso do programa, pois você se sentirá obrigado a cumprir a promessa que fez a si mesmo. Definir a meta com clareza é importante, bem como o tempo para alcançá-la.

Os especialistas recomendam que antes de fazer o treinamento em Plena Atenção seja feito um treinamento em Concentração da Atenção, visando maior contato com sua respiração, que é um traço de união entre sua mente e o momento presente, e que pode ser utilizada para acessá-lo a qualquer momento. A respiração é uma âncora para o momento presente, por isso começaremos com a concentração na respiração ².

Como treinar a Concentração na Respiração?

Você deve seguir os seguintes passos:

1. *Meta*: deve ser estabelecida por você. Uma meta razoável é concentrar-se na respiração por 10 minutos, sem interrupção, no prazo de dez dias. *Não estabeleça meta difícil de atingir, pois se não conseguir, poderá desistir.*

2. *Estratégias comportamentais*

- Sente em uma cadeira, com os pés apoiados no chão, a coluna ereta, sem pensar em nada, num local tranquilo em que não possa ser interrompido.
- Concentre-se na entrada e saída do ar dos pulmões, respirando naturalmente. Comece com a duração de 2 minutos, nos 2 primeiros dias, 2 vezes ao dia. No 3º e 4º dias, aumente para 4 minutos; no 5º e 6º dias, para 6 minutos; no 7º e 8º dias, para 8 minutos e para 10 minutos no 9º e 10º dias, praticando sempre 2 vezes ao dia.
- Estabeleça metas para as etapas seguintes com períodos maiores de concentração, de 15 e de 20 minutos, 2 vezes ao dia. Aumente o tempo da concentração e o número de vezes por dia, até se sentir confortável. *Não ultrapasse seus limites*: se tentar se concentrar durante muito tempo não conseguirá, se frustrará e desistirá.
- Se estiver com sono, durma antes de praticar a concentração, pois não se pode dormir durante a prática.

3. *Estratégias cognitivas (relativas ao pensamento)*

- Não pense em nada enquanto estiver praticando e se entrar algum pensamento na mente retire-o calmamente.
- Conte mentalmente, lentamente, cada respiração que fizer, de 1 até 10, pois ajudará a concentração. Não conte mais do que 10

para não se atrapalhar. Quando chegar a 10, comece de 1 novamente.

- Durante a concentração dirija a atenção para a respiração, mas vigie também sua mente, para detectar e afastar as distrações que surgirão.
- Durante a concentração você não pode pensar ou lembrar de nada do passado, nem fazer planos para o futuro.

4. Autoavaliação

- Faça a autoavaliação logo no início da prática e ao longo dela. Quando surgirem pensamentos ou emoções, afaste-os calmamente e retorne para a respiração.
- Mantenha-se em estado de alerta e preste atenção à sua própria atenção, para ver se ela está focada na meta ou se desviou para qualquer distração ².

Quais as técnicas para treinar Mindfulness?

Antes de praticar a plena atenção você deve fazer um programa, contendo seu compromisso, a meta, as estratégias e a autoavaliação. A meta poderá ser escolhida livremente dentre as seguintes, de acordo com a forma que deseja praticar:

- sentado, observando o que ocorre na mente ¹;
- fazer a “varredura” do corpo, passeando com a atenção pela cabeça, tronco e membros;
- prestar atenção ao andar, correr ou praticar exercícios físicos, ou qualquer arte marcial;
- prestar atenção às suas atividades diárias habituais ⁴.

Qualquer que seja a prática, *acostume-se a descrever para si mesmo, em silêncio, calmamente, tudo que fizer*. Descrevendo o que faz você presta mais atenção, pois tem de identificar sua ação e descrevê-la em palavras, e para isso utiliza a função executiva da atenção e ativa os centros da linguagem localizados nos lobos frontal e temporal do hemisfério cerebral esquerdo. Se você só prestar atenção ao que fizer, sem descrever, usará apenas a atenção e não a linguagem ⁴.

1. Como fazer treinamento de Mindfulness sentado?

- Meta – Você deve estabelecer, mas segue um exemplo razoável: prestar atenção durante 5 minutos, sem interrupção, ao que se passa na mente. Aumente o tempo para 10, 20, 30 e 45 minutos por dia. Pratique 5 dias na semana, 1 vez ao dia ⁴.
- Estratégias comportamentais
 - Sente-se em uma cadeira, os pés apoiados no chão, a coluna ereta, braços apoiados nas coxas, olhos fechados ou semi-abertos, músculos relaxados, num local tranquilo, sem ser incomodado, em um quarto ou sala.
 - Pratique sempre na mesma hora e no mesmo local.
- Estratégias cognitivas (*relativas ao pensamento*)
 - Fique atento ao que vê ou ouve, a seus pensamentos, sensações corporais e emoções, sem fixar a atenção em nada, e sem pensar em nada. Deixe cada objeto que chega em sua mente ser substituído pelo que vier depois, sem se fixar a nenhum. Não julgue se é bom ou ruim, agradável ou desagradável e não reaja a

nenhum objeto aceitando a todos igualmente. Não pense sobre o passado ou sobre o futuro.

- Sinta o ar entrar e sair nos pulmões livremente, sem se fixar nas respirações. Poderá sentir peso nas pernas ou braços, a picada de um inseto, ouvir o barulho de um carro, uma bomba explodir, um carro ou avião passar, um cão latir, a chuva cair, uma criança chorar, um casal discutir, as batidas de um martelo, lembrar-se de um fato agradável, de um filme que viu, sentir a boca cheia de água. Não julgue nem se fixe em nada.

2- Como treinar Mindfulness “Varrendo” o Corpo?

- Meta – Você deve estabelecer, mas segue um exemplo razoável: faça mentalmente a “*varredura*” do corpo, durante 5 a 10 minutos, levando a atenção para diversas partes dele ⁴.

- Estratégias comportamentais

- Deite-se numa cama ou recoste numa poltrona.

- Feche os olhos e dirija a atenção para o corpo.

- Respire naturalmente e relaxe os músculos.

- Estratégias cognitivas (*relativas ao pensamento*)

- Preste atenção ao primeiro dedo do pé esquerdo e dê um passeio com a atenção, lentamente, por todos os dedos do pé. Depois vá para a parte de cima e a planta do pé, seguindo para a perna e coxa esquerdas, sentindo sensações de peso, formigamento, dormência ou calor.

- Da coxa esquerda desça para o pé direito e repita no lado direito tudo que fez no esquerdo. Depois “varra” com a atenção o abdômen, nádegas, costas e ombro esquerdo. Desça pelo braço

esquerdo até os dedos da mão esquerda, depois passe para a direita, suba pelo antebraço, cotovelo e braço direitos, até o ombro direito. Siga para o pescoço e garganta.

- Na cabeça pode começar pela testa, depois vá para os olhos, nariz, orelhas, mandíbula, queixo, lábio superior e inferior, gengivas e língua. Perceba a boca cheia de saliva.
- Dirija a respiração para o local do corpo onde a atenção estiver focada. Você pode sentir sua respiração atravessando seu corpo, dos pés à cabeça ⁴.

3 – Como treinar Mindfulness andando?

- Meta – Você deve estabelecer, mas segue um exemplo razoável: praticar a plena atenção durante o tempo que programou para andar, que deve ser de 30 minutos ou mais.
- Estratégias comportamentais – Estabeleça o trajeto que vai percorrer e a velocidade do andar. Ande com os olhos abertos, prestando atenção ao que está em volta: árvores, casas, edifícios, pássaros voando e cantando, nuvens carregadas e nuvens brancas, o azul do céu, barulhos, odores, etc.
- Preste atenção ao movimento de cada pé. Ao levantar o pé direito e pisar no chão, concentre-se em sua sola. Repita para o pé esquerdo. Acompanhe o movimento dos pés e diga a si mesmo, “ pé esquerdo”, “ pé direito”, e assim por diante.
- Encha aos poucos o peito de ar e conte junto com suas passadas: 1, 2, 3 e 4, até que os pulmões estejam cheios. Quando eles estiverem cheios, prenda o ar, conte duas passadas, 1, 2 e depois solte o ar, contando 1, 2, 3 e 4, durante a expiração. Repita o procedimento durante alguns minutos. Isto prende sua atenção e

impede que pensamentos e emoções desagradáveis entrem em sua mente.

- Estratégias cognitivas (*relativas ao pensamento*)

- Não se fixe em nada, nem permita qualquer distração.
 - Descreva para si mesmo, em silêncio, calmamente, tudo que estiver fazendo no momento. Por exemplo, se estiver andando, diga a si mesmo: “botei o pé direito no chão”, a seguir, “botei o pé esquerdo no chão”, e assim por diante.

4 – Como treinar Mindfulness nas Atividades Diárias?

- Meta – é simples: prestar atenção a tudo que faz durante o dia, durante o dia todo.
- Estratégias comportamentais
 - quando tomar banho de chuveiro, preste atenção ao passar sabão nas mãos, pés, pernas, corpo e rosto. Quando tirar o sabão, preste atenção à água correndo na pele;
 - quando lavar as mãos ou rosto, fizer a barba ou escovar os dentes, preste atenção aos movimentos das mãos e braços. Se usa normalmente a mão direita, use a esquerda e se for canhoto, use a direita. Isso exigirá mais atenção sua.
 - quando pentear ou escovar o cabelo, preste atenção aos movimentos e sinta a escova deslizar no couro cabeludo;
 - quando comer, preste atenção ao que come, mastigando bem cada alimento, sentindo o cheiro e o gosto de cada um: doce, salgado, amargo ou ácido;
 - antes de beber café, chá ou sucos, sinta o cheiro deles e depois o gosto, descendo pela garganta, até o estômago;

- quando abrir ou fechar uma porta ou janela, use a mão esquerda se usar normalmente a direita (ou a direita se for canhoto). Preste atenção a seus movimentos.

- Estratégias cognitivas (*relativas ao pensamento*)

- Descreva para si mesmo, em silêncio, tudo que estiver fazendo no momento. Se estiver se enxugando depois do banho, diga a si mesmo: “estou enxugando o rosto”; “estou enxugando o pescoço”; “estou enxugando o braço direito”, “estou enxugando o braço esquerdo”, e assim por diante, para todas as partes do corpo. Faça o mesmo em todas as atividades que praticar durante o dia.

5 – Como treinar Mindfulness em Exercícios Físicos?

- Meta - prestar atenção aos exercícios que fizer, com ou sem aparelhos, ou quando praticar qualquer arte marcial.

- Estratégias comportamentais

- Preste atenção aos movimentos dos braços, pernas, tórax, abdômen, pescoço e cabeça;

- preste atenção à contração e relaxamento dos músculos envolvidos nos movimentos;

6. Posso praticar Mindfulness recitando Mantras?

Pode sim. Os mantras devem ser recitados em local tranquilo, com o praticante sentado ou recostado, sem ser interrompido, recitando o mantra ao expirar, prestando atenção ao som que produz e às sensações que sente no corpo. Deve repetir cada mantra três ou mais vezes, durante a expiração.

Ao recitar um mantra a vibração da língua atinge o palato mole, na parte superior da boca, vai para a base do cérebro e chega ao hipotálamo e hipófise, estimulando suas atividades, São liberados hormônios que agem em várias partes do corpo.

Durante a recitação do mantra há estimulação do nervo vago, que enerva o coração, trato intestinal, pulmões e músculos, e produz diversos efeitos corporais. Segundo Khalsa, pesquisa em 2001, com Tomografia por Emissão de Prótons comprovou que durante a recitação do mantra “*Sa Ta Na Ma*”, houve aumento da atividade das regiões frontal e parietal direitas do cérebro humano.

Seguem mantras utilizados na *Yoga Kundalini* : “*Sa Ta Na Ma*” ; “*Ong Namō Guru Dev Namō*”; “*Raa Maa Daa Sa*” ; “*Saa Saii Soo Umm*”; “*Humee Hum, Brahm, Ummm*” ; “*Riih,Riiiiih*” ; “*Ommmmmm*” ; “*Ahhh*”; “*Umm*”, “*Ang Sang Wai, Guru*”⁷.

7. Há recomendações úteis para treinar Mindfulness?

As seguintes lhe ajudarão no treinamento:

- Procure as palavras certas para descrever seus sentimentos, pensamentos, sensações corporais, ações e desejos.
- Preste atenção a suas experiências: ao que faz, ouve, vê ou percebe pelo tato ou olfato.
- Observe se tem dificuldade em manter a atenção no seu momento presente.
- Observe se fica ansioso ou angustiado ao ter pensamentos e sentimentos de angústia ou ansiedade.
- Veja quanto tempo leva para se acalmar depois de ter pensamentos angustiantes ou ansiosos.

- Observe se você se recrimina por pensar do jeito que pensa, achando que seus pensamentos e emoções são ruins.
- Veja se faz as coisas correndo, sem prestar atenção.
- Preste atenção às cores e formas de objetos naturais ou artificiais e à presença de luz e sombra neles.
- Pratique Plena Atenção todo dia, um minuto por hora, e depois vá aumentando o tempo.
- Conte suas respirações durante o dia, sempre que puder, de 1 até 10.
- Use o mouse com a mão esquerda, se usa normalmente a direita, e com a direita se é canhoto.
- Jogue videogames que exijam concentração, no computador, console, tablet ou smartphone.
- Olhe para a chama de uma vela acesa, durante alguns segundos, feche os olhos e lembre da imagem até ela sumir. Abra os olhos, olhe a vela de novo, até ela ficar nítida, durante alguns minutos. Pode fazer com um quadro, retrato ou árvore.
- Inspire profundamente pelo nariz e encha a parte baixa do abdômen, até ele se expandir totalmente e expire pelo nariz. Depois inspire pela boca, expandindo o abdômen e expire por ela, prestando atenção à entrada e saída do ar dos pulmões. Este exercício foi divulgado pela Universidade de Harvard.

Se quiser mais exercícios, veja as *Notas* deste capítulo ¹.

PARTE QUATRO

COMO AVALIAR A *MINDFULNESS* ?

Baer, em 2006, elaborou uma escala com 5 facetas, retiradas de outras escalas, denominada “Questionário de 5 Facetas da Mindfulness”. A escala original tem 39 itens e utiliza um sistema de pontuação de 1 a 5 . A pontuação 1 refere-se à afirmativa “nunca ou raramente verdadeira” e a pontuação 5 refere-se à afirmativa “quase sempre ou sempre é verdadeira”. Posteriormente, Baer simplificou a escala, reduzindo seus itens para 24 e conservando cinco alternativas de respostas ^{1,2}.

Visando facilitar a avaliação, apresentamos a seguir um questionário por nós elaborado com 15 itens e 2 alternativas de respostas. Nele os itens 5,7,11 e 12 referem-se à faceta observação; os itens 1 e 8, à faceta descrição; os itens 3, 14 e 15 à faceta consciência; os itens 4, 10 e 13 à faceta não julgamento e os itens 2, 6 e 9 à faceta não reatividade (aceitação) ³.

Questionário Simplificado das 5 Facetas da *Mindfulness*

O objetivo deste questionário é avaliar sua atenção e seu comportamento em diferentes situações. Considere o ocorrido nos últimos 30 dias no seu cotidiano e responda de acordo com as afirmativas abaixo, conforme sua experiência real e não como gostaria que fosse. Não há respostas 'certas' ou 'erradas', 'boas' ou 'ruins', e o que importa é a sua experiência. Considere duas alternativas de respostas, S ou N. Marque a escolhida na linha no fim de cada afirmativa: marque N se ela ocorrer “nunca ou raramente” e S se ela ocorrer “sempre ou quase sempre”.

Responda às seguintes questões:

1. É fácil descrever o que sinto com palavras. _____
2. Percebo meus sentimentos e não sou levado por eles. _____
3. Presto atenção a minhas experiências físicas, como o vento em meu cabelo ou o sol no meu rosto. _____
4. Julgo meus pensamentos e emoções bons ou maus. _____
5. Tenho dificuldade em focar minha atenção. _____
6. Quando tenho pensamentos ou imagens angustiantes, não me deixo levar por eles. _____
7. Geralmente, presto atenção aos sons, como tic-tac do relógio, canto de pássaros ou carros passando. _____
8. Quando sinto algo no meu corpo, tenho dificuldade para achar as palavras certas para descrever o que sinto. _____
9. Consigo me acalmar logo após ter pensamentos angustiantes. _____
10. Digo a mim mesmo que não deveria estar pensando do modo que penso. _____
11. Eu sinto os cheiros e aromas de coisas. _____
12. Faço as atividades correndo, sem prestar atenção. _____
13. Acho que algumas das minhas emoções e pensamentos são ruins ou não apropriados, e que não deveria senti-los. _____
14. Tenho facilidade em perceber minhas sensações corporais, como peso e formigamento nos braços e nas pernas. _____
15. Eu faço meus trabalhos e tarefas automaticamente, sem ter consciência do que estou fazendo. _____

Para saber como está sua atenção, some 1 ponto para cada resposta positiva nas questões de número 1, 2, 3, 6, 7, 9, 11 e 14; e 1 ponto para cada resposta negativa nas questões 4, 5, 8, 10, 12, 13 e 15. Seu escore será a soma dos pontos obtidos, somando os pontos das respostas positivas e negativas. Por exemplo, se a soma dos pontos positivos for 6 e a dos negativos for 5, seu escore será 11.

Uma pontuação entre 1 e 5 indica que você está na zona inferior da consciência da Plena Atenção; uma pontuação entre 6 e 9 indica que você está na zona média e uma pontuação entre 10 e 15 indica que você está na zona superior da consciência da Plena Atenção. Parabéns.

PARTE CINCO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia relata pesquisas sobre Plena Atenção realizadas por pesquisadores de instituições universitárias de credibilidade, como a *Harvard Medical School*, *Yale University*, *University of Massachusetts Medical Center*, *Califórnia University (UCLA)*, *Memorial Sloan-Kettering Cancer Center* e *Justus Liebig University*, da Alemanha, além de outras.

As pesquisas constataram efeitos em muitos órgãos, principalmente no cérebro, e efeitos psicológicos na regulação da atenção e das emoções, além de maior consciência corporal e mudança de perspectiva do “eu”.

Na regulação da atenção, mecanismo de ação fundamental da Plena Atenção, são utilizadas as funções de alerta, orientação e

executiva. A função de alerta garante a vigilância da mente para perceber qualquer estímulo a qualquer hora, desde que a pessoa esteja consciente. A função de orientação seleciona o estímulo a ser percebido, que pode ser automático ou controlado. O automático é percebido sem a interferência da pessoa, e o controlado é percebido intencionalmente, como quando se acompanha um pássaro voando.

A atenção executiva acompanha os pensamentos e sentimentos e permite seus controles, e funciona de forma integrada com as outras funções. Através dela podemos dirigir a mente para qualquer evento que queiramos e também afastar quaisquer pensamentos ou emoções dela.

Outro mecanismo de ação da Plena Atenção é a regulação das emoções, que permite modificar as respostas dadas às emoções que estão ocorrendo. Através dos processos de regulação podemos diminuir as reações corporais produzidas pelas emoções, os estados de humor negativos, as distrações mentais, os pensamentos negativos e retornar à calma mais rapidamente depois de uma emoção mais forte.

O terceiro mecanismo de ação da Plena Atenção é a Consciência do Corpo, que nos permite perceber sensações corporais sutis, produzidas pela respiração ou por outras sensações. Prestar atenção às sensações corporais melhora a consciência do corpo e a percepção das emoções, o que é importante para o controle delas.

Quando percebemos as sensações corporais produzidas pelas emoções temos consciência de suas existências, e quanto mais as percebemos maior poderá ser o controle emocional. A consciência das emoções é importante na empatia, pois uma

melhor percepção de si mesmo contribui para melhor percepção e compreensão do outro.

O quarto mecanismo de ação da *Mindfulness* é a Mudança na perspectiva do *Eu*, mediante o qual o praticante passa a ser o sujeito de sua mente, que deixa de ser um palco para suas raivas, medos, tristezas e preocupações, e passam a ser objetos percebidos sem ser parte dele. O praticante pode controlar o conteúdo da sua consciência e afastar as emoções e pensamentos desagradáveis.

Cada vez mais a Plena Atenção é utilizada em instituições universitárias e hospitais no tratamento de doenças. Recentemente foi reconhecida pelo governo dos Estados Unidos, através do *National Health Institute*, devido a sua eficácia. É utilizada desde 1990, na *University of Massachussetts*, no *Stress Redution Clinic of Medical Center*, para tratar os distúrbios psicológicos abaixo citados. O *Memorial Sloan-Kettering Cancer Center*, centro de referência mundial para tratamento do câncer, utiliza em seus pacientes a *Mindfulness*.

Os efeitos comprovados da Plena Atenção são:

1. *No cérebro* - varias regiões são ativadas como os córtices pré-frontal dorsal, medial e órbito-frontal, parietal direito, cingulado anterior e posterior, ínsula e a área somato-sensorial.

Foi constatado aumento da espessura do córtex pré-frontal e da ínsula anterior direita, e aumento do volume do córtex órbito-frontal, hipocampo, tálamo e giro temporal inferior, que são importantes na regulação das emoções. Foi verificada melhora do controle pré-frontal sobre a amígdala, que teve atividade reduzida. O eletroencefalograma mostra aumento de ondas alfa e teta, além de outras alterações.

2. *O nervo parassimpático* é estimulado produzindo relaxamento muscular, batimentos mais lentos do coração, respiração mais lenta e as glândulas salivares produzem mais saliva.

3. *Nas glândulas endócrinas*: aumenta a produção da DHEA, hormônio produzido pelas glândulas supra-renais; aumentam a serotonina e a melatonina, produzidas pela glândula pineal; aumentam as endorfinas, produzidas pelo cérebro. Diminui a produção do cortisol, hormônio do estresse.

4. *No sistema imunológico*, responsável pela defesa orgânica, aumentam os anticorpos e linfócitos.

5. *Dentre os distúrbios psicológicos*, foram comprovados bons resultados na ansiedade, medo, síndrome de pânico, depressão, estresse, dores crônicas e abuso de substâncias.

6. *No envelhecimento*, os efeitos são significantes, com diminuição da hospitalização dos praticantes, tanto geral quanto das doenças cardiovasculares, câncer e sistema nervoso. Foi constatado aumento do tempo de vida dos praticantes, com redução de até 12 anos na idade biológica em relação à idade cronológica. Os telômeros aumentam de comprimento retardando o envelhecimento decorrente de seus encurtamentos.

Os efeitos benéficos só se manifestam após algum tempo de prática da *Mindfulness*, variando de pessoa para pessoa, sendo tanto melhor o resultado quanto maior o tempo de prática. Só se obtém bons resultados com a disciplina da prática, perseverança e regularidade diária.

A *Mindfulness* é utilizada em diversas instituições de saúde no Brasil e o *Hospital Albert Einstein* (São Paulo) ministra aulas para médicos, enfermeiros e outros profissionais. A *Política de Práticas Integrativas e Complementares*, implementada em 2006

pelo Ministério da Saúde, permitiu ao SUS (*Sistema Único de Saúde*), oferecer treinamento a seus pacientes. Em Campinas (São Paulo), postos de saúde oferecem treinamentos à população e em São Carlos (São Paulo), postos públicos oferecem o treinamento em Plena Atenção.

Sob o ponto de vista humanístico, a *Mindfulness* tem grande significado, considerando o humanismo, de acordo com Santos¹, “um conjunto de doutrinas e princípios referentes à origem, natureza e destino do homem”, ou “ qualquer doutrina que dignifique o homem”. Ela é um grande avanço, não só em relação à compreensão da natureza humana, como também em relação a seus resultados práticos na melhoria da qualidade de vida dos praticantes, tanto pela diminuição dos sofrimentos dos doentes, como por trazer mais bem estar para os que gozam de boa saúde.

A Plena Atenção nada mais é do que um prolongamento da busca do ser humano pelo auto-conhecimento, Desde os orientais, com Lao Tzu, que no século IV AC, disse que o “ *homem inteligente é aquele que conhece os outros e homem sábio é o que conhece a si mesmo*”², passando pelos gregos com o “*gnote se auto*” (conhece-te a ti mesmo) do oráculo de Delfos, e pelos romanos com o “*nosce te ipsum*” (conhece-te a ti mesmo). A *Mindfulness* aprofunda e amplia os conhecimentos sobre a mente, usando como instrumentos as neurociências, a neurobiologia, a neurofisiologia, psicologia e medicina.

Penetra fundo nos escaninhos da mente, na consciência, nos pensamentos, memória, emoções, medos, raivas, tristezas, preocupações, ansiedades e angústias. Ela disseca nosso *Eu* e nos ensina a fazer sua desconstrução e reconstrução, a fazer a desidentificação do *Eu*.

Ajuda-nos a separar dentro de nós o que é do que não é, e nos conhecendo melhor, seremos nós mesmos e teremos uma vida mais autêntica, mais calma, mais equilibrada e mais feliz. A *Mindfulness* nos ensina o auto-controle, a controlar nossas raivas, medos e tristezas, para termos melhores relacionamentos na família, na sociedade e no trabalho.

Um depoimento pessoal – Depois de quase trinta anos de prática da *Mindfulness*, acreditamos que sua prática constante nos permite vigilância mantida da mente e do corpo. Logo depois de começar uma sessão, sentimos o corpo relaxado e descontraído, uma sensação agradável de peso e formigamento no tórax, braços e pernas, graças à produção de dopamina, serotonina e endorfinas, responsáveis pelo prazer e bem estar. E na mente, sentimos bem estar, calma, serenidade, equilíbrio.

Depois de praticar durante décadas, estamos convictos que desenvolver o hábito de prestar atenção, sempre, a tudo e a todos, a qualquer momento, nos traz calma e tranquilidade.

Acreditamos que a sabedoria maior, que traz bem estar e felicidade, está em conhecer a si mesmo, prestar atenção às experiências do momento presente, controlar os pensamentos, emoções e ações, saber esperar e tolerar. E usar a atenção como sentinela da mente impedindo a entrada de emoções e pensamentos negativos ou divagações que tragam infelicidade.

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. KABAT ZINN, J. *Full Catastrophe Living, Using the Wisdom of Your Body and Mind to Face Stress, Pain and Illness*, New York: Delta, 1990.

PARTE 1 - QUE É *MINDFULNESS*?

1. KABAT ZINN, J. *Full Catastrophe Living, Using the Wisdom of Your Body and Mind to Face Stress, Pain and Illness*, New York: Delta, 1990.
2. HÖLZEL, R. How Does Mindfulness Meditation Work? Proposing Mechanisms of Action From a Conceptual and... 2011, <http://www.sagepublications.com>
- 3- SHAPIRO S. L. et al, Mechanisms of Mindfulness, *Journal of Clinical Psychology*, março de 2006, DOI 10.1002 / jclp
4. Killingsworth M. e Gilbert D. ., *A wondering mind is an unhappy mind*, Science, 12/11/2010, acesso em 5-8-2014 v.330,932 www.sciencemag.org/cgi/content/full/330/6006/932/DC1
- 5- BENSON, H. *The relaxation Response*, New York; Morrow, 1975.
6. SANTOS, J.O., O poder da Atenção, Bahia, no prelo.
7. CSIKSZENTMIHAI, M., Experiencia óptima, estudios psicológicos del flujo en la consciência, Bilbao: Desclée de Brouwer, 1998.
8. BAER R.A. Using self-report assessment methods to explore facets indfullness, *Assessment*, 2006 Mar;13(1):27-45.

PARTE 2 - BENEFÍCIOS E EFEITOS DA *MINDFULNESS*

1. J.MEIKLEJOHN et al, Integrating Mindfulness Training into K-12 Education: Fostering the Resilience of Teachers and Students, acesso em 25-8-2014. http://www.mindfulnessinstitute.ca/Portals/15/pdf/Integrating_Mindfulness_Training_Into_K-12_Education.pdf 14-3-2012.
2. www.mindfulnessinschools.org
3. Os benefícios educacionais da mente alerta são: melhor foco de atenção, melhor concentração, mais calma, diminuição do estresse e da ansiedade, maior controle de reações impulsivas, maior auto-consciência, mais habilidade para lidar com emoções negativas, maior empatia e compreensão com relação aos outros, melhor desenvolvimento de habilidades para resolver conflitos¹⁰. SCHONERT-REICHL, M., *The Effects of a Mindfulness-Based Education Program on Pre*. thehawnfoundation.org. - 2010.
4. HUPPERT E JOHNSON publicaram, em 2010, os resultados de um programa de treinamento da mente administrado a adolescentes do sexo masculino em uma sala de aula. Foram referidos: melhoria do bem-estar, da capacidade de concentração da atenção, dos relacionamentos e do equilíbrio emocional. A maioria dos alunos relatou benefícios com o treinamento da mente e 74% deles declararam que gostariam de continuar com o treinamento ¹¹. F.

Huppert & D. Johnson, A controlled trial of mindfulness training in schools: The importance of practice for an impact on well-being, *The Journal of Positive Psychology*: Volume 5 , Issue 4 , 2010, 264-274.

5. GOLEMAN, D., *Foco, a atenção e seu papel fundamental para o sucesso*, Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2014

6. BREWER, J.A. *Meditation experience* is associated with differences in default mode network activity and connectivity, *Proc. Natl. Acad. Sci.* 108 (2011) 20254-9, www.pnas.org/content/108/50/20254.long, 2011, acesso 19-8-2014

7. KHALSA, S. et al, *Meditation is a Medicine*, Fireside, New York, 2001.

8. KJAER T.W. et al, *Increased dopamine tone during meditation-induced change of consciousness*, vol 13, issue 2, April, pages 255-259, 2002

9. EPEL E., *Can meditation slow rate of cellular aging? Cognitive stress, mindfulness, and telomeres*, *Ann N Y Acad Sci.* 2009 Aug; 1172:3453.

10. HARVARD MINDFULNESS, Benefits of Mindfulness: Practices for Improving Emotional www.helpguide.org/harvard/mindfulness.htm

11. HÖLZEL, R. How Does Mindfulness Meditation Work? Proposing Mechanisms of Action From a Conceptual and... 2011, <http://www.sagepublications.com>

12. GUUM J. et al, How do mindfulness-based cognitive therapy and mindfulness-based stress reduction improve mental health and wellbeing? A systematic review and meta-analysis of mediation studies

Clinical Psychology Review Volume 37, April 2015, Pages 1–12.

PARTE 3- COMO FAZER TREINAMENTO EM MINDFULNESS?

1. Outras formas de praticar Plena Atenção:

- pegue uma revista, escolha uma fotografia e pense cinco adjetivos sobre ela (bonita, feia, horrível, etc.);
- ao entrar numa sala, conte as pessoas, identifique os objetos que a decoram, feche os olhos e recorde-os;
- compre um puzzle (quebra cabeças) e encaixe as peças corretamente o mais rápido que puder. Repita mais depressa e veja quanto de tempo diminuiu;
- ande pela casa de costas, o pescoço virado para o lado, olhando para trás pelo canto dos olhos;
- troque de roupa com os olhos fechados;
- veja fotografias de cabeça para baixo, procurando detalhes que não tinha reparado antes;
- veja as horas em um relógio, olhando no espelho;

- quando ler um jornal ou revista selecione uma frase e faça outras diferentes com as mesmas palavras;
 - leia uma palavra e pense em cinco começadas com a mesma letra;
 - quando sair para o trabalho, vá por um caminho diferente do habitual. Isso exigirá mais atenção;
2. SANTOS, J.O., *O Poder da Atenção*, Academia Baiana de Educação, Bahia, 2015.

PARTE 4 - AVALIAÇÃO DA PLENA ATENÇÃO

1. BAER R.A. Using self-report assessment methods to explore facets of mindfulness, *Assessment*, 2006 Mar;13(1):27-45.
2. HÖLZEL, R. How Does Mindfulness Meditation Work? Proposing Mechanisms of Action From a Conceptual and... 2011, <http://www.sagepublications.com>
3. SANTOS, J.O., *O Poder da Atenção, Academia Baiana de Educação, Bahia, 2015*
4. KABAT ZINN, J. *Full Catastrophe Living, Using the Wisdom of Your Body and Mind to Face Stress, Pain and Illness*, New York, Delta, 1990.
5. SANTOS, J.O., *Educação das Emoções, Fundamentos e Experiências*, Faculdade Castro Alves, Bahia, 2009.

PARTE 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

- 1, SANTOS, J.O., *Educação Médica e Humanismo*, Salvador, Bahia, 1984.
2. TAO TE KING, LAO- TZU, XXXIII, Richard Wilhelm, Ed. Pensamento, São Paulo, 1978

O que faltou na comemoração dos 70 anos da UFBA

Germano Machado

Justo que o nosso Magnífico Reitor, como mestre e mais do que mestre em Filosofia, manifestou na grande festa na Reitoria, no Canela, como se viu. Entretanto, pouco ou, melhor, não se tratou de ISAÍAS ALVES, sem o qual, pelas medidas tomadas, e o Reitor Edgar Santos assim pensou e falou, não haveria propriamente, juridicamente, a UFBA. Demonstrou Isaías Alves que não podia haver Universidade sem uma Faculdade de Filosofia e, entre as realizações para fazê-lo, convidou o mais do que eminente Professor Dr. Romano Galeffi, um dos maiores conhecedores de Kantismo no Brasil. E, igualmente, sua esposa Dona Gina Galeffi com os quais a inteligência baiana só teve lucros. Notar-se-á que um dos livros fundamentais da Estética era autor o mesmo Professor. Não havia também mulher Professora e Filósofa como Dona Gina. Ora, tudo isso advém de Isaías Alves. É preciso também informar que Isaías Alves eu li sem parar. Isaías Alves foi autor de um livro de importância mais do que notável – a Vocação Pedagógica de Rui Barbosa e Dante Educador do Milênio. Deve-se também notar que, nos anos 30, através do governo do então tenente Juracy Magalhães, o mesmo aproveitou o grande espaço no Barbalho, através do próprio Isaías Alves, Secretário de Educação na época de onde nasceu efetuar-se a construção do ICEIA - Instituto Central de Educação Isaías Alves, combatido veementemente pelos jornais da época como um espaço que levaria anos e anos até ser compartilhado

como edifício e obra, POIS NÃO DUROU OITO ANOS E O ESPAÇO ESTAVA TODO OCUPADO. Pelo ICEIA passaram gerações e gerações de professores do mais alto valor e as mocinhas de então eram tratadas da melhor maneira possível. Por que, então, pouco se falou em Isaías Alves nos 70 anos da UFBA? Lembrar também que um dos maiores educadores baianos e fundador da Academia Baiana de Educação esteve sempre ligado ao ICEIA, assim como a sua esposa.

Germano Machado:

Professor aposentado da UFBA e da UCSAL, membro das academias Baiana de Educação, Mater Salvatoris e de Letras e Artes do Salvador, Presidente - Fundador do CEPA - Círculo de Estudo, Pensamento e Ação - Movimento Educativo-Cultural.

Credo de Rui Barbosa: uma lição para os políticos de hoje

Germano Machado

Na Campanha Civilista, em 1910, Rui Barbosa produziu um Credo que vai abaixo:

A ninguém, por consequência, mais do que a mim tocaria afirmar, sem temeridade, que o meu programa está na minha vida. Toda ela se resume por uma cadeia de atos, lutas e sacrifícios, nesses artigos da minha fé solenemente atirados em um dia em reto veemente aos excessos do poder e aos crimes das facções:

Creio na liberdade onipotente, criadora das nações robustas;

Creio na lei, primeira de suas necessidades;

Creio que, nestes regimes, soberano é só o direito interpretado pelos tribunais;

Creio que a República decai, porque se deixou atrasar, confiando-se às usurpações da força;

Creio no governo do povo pelo povo;

Creio, porém, que o governo popular tem a base de sua legitimidade na cultura da inteligência nacional pelo desenvolvimento nacional do ensino, para o qual as maiores liberalidades do erário constituirão, sempre, o mais reprodutivo emprego da riqueza comum;

Creio na tribuna sem fúrias e na imprensa sem restrições, porque acredito no poder da razão e da verdade;

Creio na moderação e na tolerância, no progresso e na tradição, no respeito e na disciplina, na impotência fatal dos incompetentes e no valor insuperável das capacidades.

Rejeito as doutrinas de arbítrio. Abomino as ditaduras de todo o gênero, militares ou científicas, coroadas ou populares. Detesto os estados de sítio, as suspensões de garantias, as razões de Estado, as leis de salvação pública. Odeio as combinações hipócritas do absolutismo, dissimulado sob as formas democráticas e republicanas. Oponho-me aos governos de seita, aos governos de facção, aos governos de ignorância.

Bem o sabeis: essas são as minhas crenças, os meus ódios são esses. E já então concluía eu, há treze anos: Um homem que tem embebidos na sua vida estes ódios santos e estas crenças incorruptíveis, não pode ter programa a fazer. O seu futuro está ligado ao seu passado pelo nobre cativeiro do dever. Um refletirá o outro, por uma dessas necessidades de consciência, que o interesse não amolga. Os meus inimigos sempre me tributaram, com raiva, esta justiça eles sentem que os meus atos são o fruto inevitável das minhas convicções, e que as minhas convicções, tem raízes inabaláveis na minha consciência.

Este credo é bem atual hoje quando não temos os Ruis Barbosas de que precisamos.

Humana Condição

Germano Machado

Às vezes sinto tanto intensamente dramas e tragédias – envolvidos na comédia humana... E, no entanto, faltam-me palavras com que, no papel, objetivar possa a minha peça... Talvez esgotasse a fonte das palavras essenciais e precisas; morresse talvez – quem sabe? – a paixão antiga – de interpretar; talvez...

Mudou a vida? Ou mudei eu?

Quando em outros condeno a falta de imaginação, me incriminando também não estarei? Onde, hoje, o brilho das frases? Que é da cadência musical dos períodos? Esconderam-se, acaso, as imagens naturalmente belas ou calculadamente propositadas? Porque escrever é revelar-se. Se a vida apenas fotografa desilusões e tédio, o estilo corre pessimista e as demais atitudes – de todo o tipo – políticas e sociais – revelam o desequilíbrio, melhor a desarmonia.

Mudou a vida? Ou mudei eu?

Transformaram-se por certo os personagens – domeu drama interior – e por que não o confessar? Mudei eu, afinal mudou-me a própria vida? É uma espécie de metamorfose? Noite escura – noite do espírito: falariam assim Teresa de Ávila e João da Cruz... Mas quantos poderão apreender – não afirmo compreender – o pensamento dos místicos espanhóis, eles imersos na vulgaridade do politicismo e do afã de outros de espalhar-se diante do mundo! Hamlet de aldeia, voam longe de minha memória as paragonsonde outrora vivi, em outras épocas e plagas outras. Os que comigo compunham o quadro

rembrandtiano – amarelo de angústia e negro de abandono ao ser – liquefizeram-se, desapareceram ou se agastaram do palco daquele mundo e dos que se tinham por seu centro. E eu era um desses... Estou, assim, só, jogado, assim, ao mar imenso do ser e do nada, estou só e não sei pronunciar o hamletiano “ser ou não ser”, nem decalcado no monólogo do homem solitário do reino da Dinamarca.

Ouçó o silêncio. Silêncio do mundo. Do ser. Talvez do nada. Do vácuo. Que é plenitude. Do sim e do não. De Deus e de Satã. Ouçó o silêncio. Sinto vazia a plateia. Alguma coisa convida-me ao exílio. No céu, as corujas auguram solidude em plena noite e abandonam, também elas, agourentas, a paisagem de chumbo. Na noite, o corvo de Poe apenas canta “nunca mais... nunca mais”... É a solidão total.

As ondas vão e vêm. O céu ama o mar. O mar ama o céu. Vêm-se eternamente e eternamente não se aproximam. Servem-se e não se entregam. Tão grande é aquele quanto o é este. E, contudo, vivem a sua separação; gozam o seu alheamento; profundam-se ou se abismam em perene contemplar-se. Ibsen parece-lhes o poeta; “tanto mais forte quanto mais solitário ...” E é uma solidão de servir; solidude ativa. Caladamente cumprem o seu mister, diria o seu destino.

Assim deve ser. As estrelas levando brilho às profundezas dos abismos. Os abismos ansiando a subida às estrelas. Estrelas e abismos; altitudes e profundidades. – Um risco se projeta no infinito; uma lágrima que se verte às entranhas da terra, forçando, amargando, sofrendo... Nós temos estrelas e abismos intimamente. Estrelas brilhantes; abismos escuros: risos do coração, lágrimas do espírito. Há de revoltar-se por isso o abismo? Há de envaidecer-se assim a estrela? Ambos se completam. Alegrias e tristezas são necessárias á natureza material. Ambos se completam.

A angústia que existenciamos – entre a alegria ea tristeza – é nossa, egoisticamente nossa. Porque somos donos e feitores de nosso destino livre. E não o somos. Somos e não somos e devemos ser. Entre Sartre e Agostinho.

Tal é a humana condição. A sordícia e a grandeza; a miséria e a riqueza; o zênite e o nadir da humana condição.

A condição humana: que eleva ou degrada; que é uma vertigem a caminho do inferno ou uma ascensão à procura do céu; brilhando nos olhares de pureza da criança ou amaldiçoando no olho do criminoso vulgar. Essa, a humana condição.

Professor Germano Machado – Membro das Academias Mater Salvatoris, de Letras e Artes do Salvador e Baiana de Educação.
www.cepabrasilba.org.br . Fundador do CEPA – Círculo de Estudo Pensamento e Ação (64 anos).

Em Busca de Sentido

Germano Machado

Um dos fatos mais dolorosos do Século XX foi o Shoah ou Holocausto, quando a loucura de um homem e de um sistema, o Nacional-Socialismo de Adolf Hitler, expurgou, em campos de concentração, cerca de milhões de judeus. Racismo, o pior que a humanidade já viu. Os campos de concentração, onde tantos milhares morreram, constituíram o inferno na terra. Um célebre médico, também cientista Viktor Emil Frankl, um desses prisioneiros, que Deus, o Senhor Javé, preservou, nasceu em Viena, cinco anos depois do Século XIX, morre na mesma cidade três anos antes do Século XXI. Conseguiu ultrapassar todo esse sofrimento, levantando um sistema psicológico, psicanalítico chamado Logoterapia. Logoterapia, conhecida nas ciências psicológicas, é chamada a Terceira Escola Vienense de psicoterapia, - depois da Psicanálise de Freud e da Psicologia Individual de Adler. Um de seus livros mais famosos em língua portuguesa é *Em Busca de Sentido*. Basta uma frase de Frankl para percebermos a grandeza desse trabalho: “Não há dúvida de que o amor-próprio, quando ancorado em áreas mais profundas, áreas espirituais, não pode ser abalado por uma situação de tremendo sofrimento.” Sim, os que não aceitam o Sentido da Vida e acham não haver força maior, ou seja, Deus – o logoterapeuta Frankl escreveu, igualmente, um não menos

importante livro – A Presença Ignorada de Deus ou O Deus Inconsciente. Na verdade, foi sua tese de doutorado em Filosofia e Psicologia – 1948-1950.

Muitos o chamaram O Copérnico da Psicologia, o Médico do Vazio Existencial e do Sentido da Vida. O próprio Frankl escreveu: “Ouso dizer que nada no mundo contribui tão efetivamente para a sobrevivência, mesmo nas piores condições, como saber que a vida tem um sentido”. Terminando, ousou afirmar: O que está faltando nessa chamada globalização, que é tanto internacional como dominada por nações, é que os homens de todas as raças, religiões, sistemas científicos vão perdendo significativamente o sentido da vida, que é ter a vida um sentido – quer dizer, porque existo, para que existo, como existo e ter sentido superior ético é a base desse sentido. Sei que não é agradável a esse internacionalismo tais palavras derivadas de um homem, médico, criador da Logoterapia, intelectual, filósofo, terapeuta, Viktor Emil Frankl.

Sonata Existencial

Germano Machado

Caí abismos sobre meus abismos interiores...
Sacuí-me tempestades...
Abalai-me vós demônios de Lúcifer...
Vinde, levantai-vos deuses de barro, quebrados e sepultados...

(E não vieram)

Só nas areias dos desertos...
Só nas neves eternas dos polos...
Só nas noites negras dos infernos...
Só nos dias brancos dos céus...

(Para lá voei)

O desejo de amar;
O desejo de voar;
O desejo de dar corda nos relógios do tempo,
Vendidos ao implacável senhor 60 minutos;
O desejo de roubar o cetim das pálpebras das flores;
O desejo de possuir as montanhas do mundo soterrado;
O desejo de sacudir as energias cósmicas...

(Desejo de tudo procurarei)

Parte inacessível da alma humana;
Mistério a governar o destino dos homens;

Alma ignota; alma sofredora;
Alma dilacerante; alma de Miguel e de Lusbel,
Fulgurantes e diversas,
Alma míope e alma de horizonte:
...quem és? onde estás? onde te escondes? de que és?

(Desejo, quimera, sonho, baixeza e altura, pobreza e riqueza,
todos Mendigos de Deus, Mendigos de Absoluto)...

Origens Gregas da Língua Portuguesa

Germano Machado

Teriam sido as origens, antigas, médias e próximas da língua portuguesa – quais? O indo-europeu; o Sânscrito; o grego; o latim? No grego de sua vinda, poderíamos falar nos pelasgos? “Pelasgo – Indivíduo dos Pelasgos; designação dada, pela historiografia clássica, à população primitiva da Grécia e regiões vizinhas, anterior à chegada dos helenos”. “Pelásgico – Etmol. Relativo aos pelasgos, antigo povo que, em tempos pré-históricos, ocupou a Grécia e outras regiões. Indivíduos desse povo”. Até onde chegariam as origens pelásgico-gregas da língua portuguesa? Onde chegaríamos se nos adentrássemos por aí? O livro, por sinal grande no tamanho, *História da Língua Portuguesa*, de Serafim da Silva Neto (2ª ed. Ampliada, Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970), não trata dos gregos, prendendo-se notória e notavelmente no latim. Precioso livro, mais onde o grego? A lógica nos aponta que o grego está na língua latina e, portanto, portuguesa também. O mestre fala dos árabes, com razão, traça notável formação histórica da língua portuguesa e sem o grego!

Escreve, com muita propriedade: “A qualquer momento em que se observe uma língua, cumpre ter em mente as suas fases anteriores. A história das línguas românicas, por exemplo, se entrosa com a do latim e a deste, através do itálico, vai acabar no indo-europeu”. Mais do que certo. E não se entrosa no grego e,

no grego, ao pelásgico? Não me parece lógico. No capítulo Antes dos Romanos, Silva Neto escreve: “O primeiro, correspondente ao Algarve de hoje, aparece nos autores gregos como CYNETICUM, designação tirada de CYNETES, nome dos habitantes”. Por que aparece um território da península Ibérica com esse nome grego? Por que o Algarve foi nome grego? Então, há origens gregas não analisadas, mas muito rapidamente citadas. Parece-me o lógico (p. 55). Página 60 cita Estrabão sem mais sequência, como na p. 61, Estrabão, Ptolomeu. Na p. 62 fala em “autores gregos” e a frase sintomática, também sem consequência: “Representariam eles, pois, uma camada pré-indo-europeia”. Qual? Na minha ignorância falaria em “camadas”. Quais? Parece-me, assim, importante que se desça a ver as influências formativas gregas em nossa língua.

Ainda sobre o grego e a língua portuguesa. Filiar o português quase que diretamente ao latim, sem ver suas origens indo-europeias, e, em particular, gregas, não será apenas convencional? Não se pode negar (de modo algum) o peso do latim e a importância do domínio de Roma e seu Império em terras europeias, hispânicas e portuguesas. Onde ficaria, porém, a Grécia? Somos helenos – ou não? E em que fica o que, pré-grego, nos veio dos pelasgos? O valioso Lello Universal, Porto, Lello & Irmão Editores, in verbete, explica: “Pelasgo, s. m. Língua dos Pelasgos e que se falava ainda, ao que parece, no século V antes de nossa era, na costa da Trácia, no sul da Propôntida e em certas ilhas, como Imbros e Lemnos, onde em 1885 apareceu uma famosa inscrição, aliás ainda não interpretada”. Ainda: “Pelasgos, s. m. pl. Povo antiquíssimo que ocupou, nos tempos pré-históricos, o litoral da Ásia Menor e a Itália. Esta população primitiva nunca constituiu, sem dúvida, uma nação definida; foi expulsa ou reduzida à escravidão pelos Helenos. Antes da

conquista dos seus territórios pelos Gregos, os Pelasgos, agricultores e pacíficos, haviam erguido em torno das suas cidades muralhas ciclópicas, formadas por enormes blocos de pedra indestrutíveis, apesar de construídos sem cimento. Admite-se geralmente que os antigos trácios, frígios, lídios, etruscos, epirotas, ilírios, italiotas (samnitas, oscos, etc.) e os Albaneses atuais são ramos mais ou menos cruzados dos Pelasgos”.

Não há dúvida, se lermos bem, que os gregos, os italianos, os latinos, nós – devemos grande parte da nossa língua aos Pelasgos. Falta-nos estudar o assunto e, confesso, minha total incapacidade para o assunto. Cheguei a um fato. Cabe aos doutos, filólogos, gramáticos, historiadores, linguistas, verem se há ou não razões no achado. Será o português, assim, mesmo um latim evolvido? Se o latim é também síntese, onde estariam as pré-formações dele? Será talvez antes, parentesco o que há entre o português e o latim...

O domínio romano na Gália, Espanha de hoje e outros, cobriu com uma camada de latim a camada grega anterior e de outros tipos de línguas já existentes em amálgama, fusão ou desenvolvimento. Como deixarem esses povos hoje chamados latinos suas línguas nativas e nacionais na exclusividade de uma alienígena? Ação dos legionários romanos, diz-se. E como os legionários não latinizaram a Ásia ou as Ilhas Britânicas ou a longínqua Judéia? Pergunta Fulcanelli, citando J. Lefébvre: “Como, enfim, os Bascos e os Bretões conseguiram conservar os seus idiomas, enquanto os seus vizinhos, os habitantes do Béarn, do Maine, do Anjou, perdiam os seus e eram obrigados a falar latim – que nos responde?”. (cf. *As Mansões Filosóficas*, Lisboa, Coleção Esfinge, Edições Jo, 1977, p. 98, ver 96, 97 e 99). Ninguém contesta a presença do latim no português e línguas

neo-latinas, mas como negar gregos e pelásgicos? Como de outros.

Em face do francês, J. L. Dartois (o. c. p. 98) diz: “Ao pretensão fato filológico latino – escreve ele – pode opor-se o fato filológico grego evidente. Esse novo fato filológico, único verdadeiro, único demonstrável, tem uma importância capital, porque prova, sem contestação, que as tribos que vieram povoar o Ocidente da Europa eram colônias pelásgicas, e confirma a bela descoberta de Petit- Radel. Sabe-se que este modesto sábio leu em 1802, perante o Instituto, um trabalho notável, para provar que os monumentos poliédricos que se encontram na Grécia, na Itália, na França e nos confins da Espanha e que se atribuem aos Cíclopes são obras dos Pelasgos. Essa demonstração convenceu o Instituto, e nenhuma dúvida se levantou desde então quanto à origem desses monumentos. A língua dos Pelasgos era o grego arcaico, composto sobretudo pelos dialetos eólio e dórico; e é justamente esse grego que se encontra por toda a parte, na França, mesmo no Argot de Paris” (o. c. p. p. 98-99).

No Aurélio, in verbete, falando de PELÁSGICOS, o mestre dí-los: “primitivos habitantes da Grécia e da Itália”. Daí a substantivação grega das posteriores chamadas línguas neo-latinas e, portanto, do português. Nenhuma língua existe sem vir de várias procedências. Amalgamadas e em fases contínuas de transformação e mobilidade no tempo-espaço cultural. Até onde iríamos? A palavra cabe aos doutos e expertos.

Sobre uma Declaração

Germano Machado

Em 1964, eu era amigo pleno de Carlos Lacerda e de Maneka Pedreira, já falecido em 57, era eu Diretor da Imprensa Oficial, que foi entre 63 e 65. No dia 30 de março daquele ano, preparava uma edição especial para o primeiro de abril a favor do movimento revolucionário. Na noite de 30, o Governador Lomanto Junior, deu uma entrevista ao Jornal da Bahia apoiando o governo João Goulart. Claro que os militares ficaram preocupados com aquela adesão do Governador da Bahia e, certamente, a situação do Governador nada era tranquila. Entretanto, tive a ousadia e a coragem, de certo modo abusiva, de publicar no Diário Oficial uma declaração peremptória do Governador Lomanto Junior apoiando a Revolução. Claro que eu é que escrevi e assinei o nome daquele que governava o estado. Dias depois, veio o General, cujo nome naturalmente esqueço, e houve um entendimento com Lomanto e, na missa, na Igreja do Convento das Mercês, houve missa pelo aniversário de administração e o General mostrou que Lomanto estava salvo pelo que saiu no Diário Oficial. Falou-se que Lomanto tinha banhado a mão do General com dinheiro; não sei se é verdade. O que sei é que Lomanto escapou pela minha ousadia em publicar com o nome dele o que foi escrito por mim.

Era eu, desde jovem, partidário, como afirmei, de Lacerda, do velho Maneka Pedreira, meu segundo pai e mentor, igualmente do então Ministro do Exterior, General Juracy Montenegro Magalhães, de quem fui Oficial de Gabinete e publicava pelo Jornal da Bahia uma coluna sobre o governo do mesmo. Os citados todos eram ou seriam a favor da Revolução, dada a formação ideológica, possivelmente chamada de Direita, e o General Castelo Branco, muito correto, limitou a sua própria presidência apenas três anos, usando o regime ditatorial, é verdade, mas homem que cultivava as artes, o cinema, o francês e o italiano, muito respeitado no sistema militar. Claro que o Ministro Juracy, mandou-me informações, através de cartas e de pessoas, como sua secretária, que agora já não lembro o nome, sobre a situação militar no Brasil de então. Estando no Ceará, visitando minha irmã e madrinha, chamada Lula ou Hermínia Machado de Almeida, soube que vindo da fazenda ou casa da escritora e romancista Raquel de Queiroz, saiu em avião e outro avião, batendo na asa do avião do General, precipitou e ele morreu. Não posso afirmar todo o fato de maneira exata. O Ceará e o Nordeste todo sabem deste acontecimento. Entretanto, com a subida do General Costa e Silva e o Ato V, que tornou a Revolução, além de uma ditadura, um regime totalitário, afastamo-nos eu e o CEPA dessa Revolução que apoiamos no início. Não sei se o nosso Confrade, homem

impoluto, Professor José Nilton Alves de Sousa, sabe destes fatos ou não. Pode ser consultado.

É o que lhe prometi na reunião de junho e agora estará para sua leitura. Espero que com o livro oferecido ao nosso Confrade Edivaldo Machado Boaventura que ele possa, em seguida à leitura do mesmo, fazer um comentário para o Jornal A Tarde, que muito me agradaria. Sei da sua estima e, ao mesmo tempo, sisudeza pela verdade e pelo bem e, por isso, assim lhe falo em tudo agora delineado. Um abraço de estima de Germano Machado.

Orlando - homofobia e tragédia americana

Germano Machado

Sábado analisamos um pouco sobre EI (Estado Islâmico) mostrando que é hoje o que, em 1939 - 45 foi o Nazismo. Os jornais, as televisões (Globo News e Band News) estão desde ontem tratando do assunto logo que apareceu na Globo News dizendo o pai do apontado criminoso que esse atentado homofóbico e não político em face do maometanismo e do EI. Imediato, junto com minha esposa, declarei taxativamente: É ligado ao Estado Islâmico, o que se verificou mais adiante. A Tribuna da Bahia de hoje tem a seguinte manchete: O maior massacre homofóbico mata 50 nos EUA, afirmam que depois do 11 de setembro tal ataque nos Estados Unidos foi o maior até hoje. Entretanto verifica-se que não foi só a ideia homofóbica numa boate gay, realizando uma "festa latina", mas constituiu-se uma "americanidade": Só eles, os USA são perfeitos e facilitam a defesa contra o que ocorreu e o que está ocorrendo na Europa: Atos terroristas. Os jornais dizem, Orlando recebe mais de 200 mil turistas/dia nesta época do ano. O atirador escolheu bem o local do ataque. Ora, a cidade teve um domingo silencioso, tenso e pesaroso. A alegria constante se foi " é verdade, esse foi o maior massacre homofóbico da história americana... Por que tanta insistência em boate gay? Na verdade o assunto exato é que o atirador ou criminoso - Omar Saddiqui foi morto, porém, antes, avisou o fato á emergência (991), alegando fidelidade absoluta ao Estado Islâmico. Todos os jornais, rádios, tvs do

mundo inteiro falavam que o massacre aconteceu numa boate gay... Não informaram porém, claramente, sobre os desleixos graves do FBI e, igualmente, o sistema militar americano. Não podemos negar o fator da boate e do elemento gay que era predominante numa festa própria. Saddiqui era homofóbico porque viu dois jovens se beijando... Certamente ele era um psicopata e daí seu gesto. Não é esse o espírito do terrorismo islâmico daquele estado? Não seria uma demonstração impelida e autorizada de longe? Os jornais destacam a fotografia de rapazes chorando e abraçando-se também de outros tipos uma vez que a natureza menos irracional chora diante de mortandade de 50 pessoas que morreram e outras 53 que ficaram feridas. Em solo americano foi o pior ataque contra a chamada democracia americana. O chefe de polícia John Mina declarou: "Depois que verificamos que não havia mais explosivos, conseguimos entrar e ver que o número de mortos era muito maior do que o que pensávamos. "Declaração um tanto corriqueira, diante do histórico de uma cidade que concede armas de fogo para cidadãos que não exercem nenhuma função militar... Logo, o Estado patrocina, em muitos casos, o surto de intolerância, racial, sexual ou mesmo social. É o que se deve pensar. Em filme que, agora não lembro o nome, que comprava e vendia armas em guerra na África e ao chegar e ser preso em território americano, declarou mais ou menos assim: Fui autorizado pelo próprio Presidente da República. Não cremos que Presidente Barak Hossein Obama seja igual ao citado no filme antigo. O FBI demorou um tanto e desta forma, os Jogos da América podem ainda correr perigo, o que pedimos a Deus e aos homens que não seja assim. Finalmente temos de dizer que é um jogo do capitalismo e do islamismo no sentido do Estado Islâmico, pois o jogo Americano com a Arábia Saudita jogando no tablado também a Rússia de

Putin e satisfaz aos interesses de todos os lados, do capitalismo e da Europa extrema, descendo para Ucrânia e até a Geórgia.

Solicitamos que os elementos do CEPA que participaram e participarão do sábado que vem, leiam e opinem sobre este comunicado por obséquio. Que Deus abençoe todos os familiares dos mortos e os abençoe. O Brasil sente-se triste e solidário.

COMPLEMENTOS À ANÁLISE DO MASSACRE NOS ESTADOS UNIDOS, EM ORLANDO:

Toda solidariedade social aos 50 assassinados, retirados violentamente da realidade terrena, e às suas famílias. Focalizar somente a boate gay de Orlando demonstra parcialidade. Deve-se falar também, como o presidente Barack Hussein Obama, portanto descende também de maometanos, tratou de armas. Está certo - mas por que não cuidou antes de modo certo? Já teve o segundo mandato, portanto oito anos. E, desse modo, poderia cuidar do problema de armas. Problema sério para quem, como os Estados Unidos, possui uma responsabilidade bastante grande devido ao seu destino de democracia e, ao mesmo tempo, do regime econômico do capitalismo. Lembro-me que num filme, o Senhor das Armas, com o artista Nicolas Cage, que vendia armas para africanos declarou que não seria preso porque o presidente americano o ordenara. Dessa forma, o problema de armamento e vendagem à população, e até para estrangeiros, faz-se dificultoso para a vida política e econômica dos EUA. Quem sabe, Obama não enfrentou grande lobby armamentista, assim como quando pôs em discussão o aumento do acesso à saúde e teve impedimentos com os planos de saúde? É um ponto de vista de possibilidade, não de afirmação. Notamos, porém, que o FBI estava completamente desorientado e sem as medidas certas das polícias e serviços

semelhantes na Europa. Não estamos bajulando, maso Mossad israelense tem uma competência já famosa na história política e de guerra. Aachamos que o FBI e semelhantes nos Estados Unidos estão de uma maneira fraca, muito fraca.

Sobre a questão homossexual, já era bastante o que a Organização Mundial da Saúde diz sobre o assunto; não constitui aspecto de ordem de saúde, e sim de ordem pessoal, que deve ser respeitado. Paz e amor é uma boa pedida, sempre, em todos os aspectos. O Brasil também passa pelo mesmo problema, embora não seja tão externo como o americano. Aqui no país, o comércio de armas é mais restrito e, no entanto, as mortes são constantes, com armas de todos os calibres e até dos serviços militares. Há uma luta verdadeira entre soldados das polícias, sobretudo a militar, e rapazes e moças das periferias. Ultimamente vimos o estupro de uma jovem de 16 anos por 30 pessoas e houve um ir-e-vir da polícia no Rio de Janeiro, o mesmo ocorrendo em São Paulo. Precisamos ver os nossos problemas internos e lutar para que se esclareçam os lados positivo e negativo. Se Obama esqueceu um pouco sobre o desarmamento, um ponto é certo, Hillary Clinton deve se distanciar de quem quer que seja, nesta problemática sobre o caso citado, infelizmente do próprio Obama. O perigo das eleições americanas em Donald Trump, que é um ator político fascistóide e, na atualidade, é preciso verificar os perigos que o Ocidente em decadência, sobretudo na Europa, enfrentará mais ainda com o Estado Islâmico. Debates tal assunto na reunião de sábado, no CEPA, Barbalho, e bastou um dia, no domingo, para se ver os perigos decorrentes dessa análise. Uns negam que Omar Saddiqui Mateen era favorável ao Estado Islâmico, o que acreditamos em parte. De acordo com notícia do G1 (portal de notícias na internet), ele era frequentador da boate. O seu pai, ao descartar a ligação com o Estado Islâmico,

nãopoderia agir de modo diferente - é pai. Obama terá de refazer a caminhada, segundo pensamos, sobretudo em relação à defesa americana como FBI e os demais serviços, pois como pensamos é o novo 1933 com Hitler, Mussolini e semelhantes no Oriente Médio e no Ocidente. Portanto, cremos que é possível uma quarta guerra, pois a terceira está passando...

GEF do CEPA

Germano Machado

Léo Rodrigues

Elder Santos

... e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas... (Gênese, 1)

Luiz Erlon Rodrigues

O que mais poderia representar o *Espírito de Deus*, senão a vida? O *pó*, para onde retornaremos, contribuiu para as formas e incontáveis manifestações das espécies... Sem a energia vital, estaríamos fazendo parte da matéria inerte do universo.

Apesar das inúmeras teorias filosóficas, estudos científicos e especulações que tratam deste palpitante assunto, parece-nos que a primeira manifestação de vida surgiu na água. O que tem de tão especial essa substância que abrigou e ainda abriga o *Espírito de Deus*?

Apesar de amplamente difundida no universo, moléculas de água foram detectadas em nuvens de gases intraestelares e, até mesmo, dentro do sol. A água no estado líquido, como é encontrada em nosso planeta, é muito rara. Pelo menos, ao que parece, nas proximidades do nosso sistema solar, não existe outro ambiente onde este líquido tão precioso possa existir de modo estável. Fala-se de outros líquidos como os lagos de hidrocarbonetos em Titã, a maior lua de Saturno e de enormes quantidades de hidrogênio e hélio, presas sob altíssimas pressões em Júpiter e Saturno. Vênus é demasiadamente quente para manter a água líquida, Marte é muito frio. Mercúrio, na face voltada para o sol, a temperatura é muito alta, suficiente para derreter o chumbo. Na sua outra face, a oculta, o frio é intenso, - 180 °C. Finalmente, entre os astrônomos, especula-se que talvez, em nosso satélite e Marte, além de Europa e Calisto, luas de Júpiter, possa ser encontrada, assim mesmo em depósitos

profundos no subsolo ou nas profundezas de mares congelados. Portanto, tudo indica que dentro de um perímetro de vários anos-luz, o fato de o nosso planeta ser constituído de mais de dois terços de água líquida é, possivelmente, condição única.

Por ser uma molécula triangular, muito pequena e não linear, a água apresenta uma distribuição assimétrica de cargas elétricas que a faz dipolar. Essa condição essencial lhe confere a propriedade de solvente universal, além de permitir que suas moléculas tenham alta afinidade uma pelas outras. A água líquida se apresenta na forma de aglomerados moleculares de formas diversas que, a depender da temperatura, continuamente se fazem e se desfazem. Essa energia intrínseca, representada por forças covalentes, pontes de hidrogênio e ligações de *van der Waals*, desempenham papel fundamental na manutenção do estado líquido. Elas, somadas à sua alta constante dielétrica, permitem interações moleculares e iônicas reversíveis que foram e continuam sendo a essência para o contínuo manifestar da vida.

Diante dos fatos apresentados, somos levados a acreditar que a vida na terra, em sua forma coloidal de macromoléculas dissolvidas em água, tal qual a conhecemos, dependeu da enorme capacidade que tem a água de dissolver uma infinidade de moléculas polares que servem atualmente como fontes de energia, catalisadores, materiais de formação e mensageiros de informações. Grandes moléculas polares podem coexistir na água líquida onde ficam livres para difundirem e combinarem-se. Moléculas apolares, hidrófobas, tendem a se aglomerar no meio aquoso, permitindo a criação de micros ambientes particulares, rodeados de uma camada isolada da água e, contendo no seu interior, substâncias polares, agora concentradas. Talvez esses minúsculos ambientes tenham sido os primeiros biocoacervados formados. Neles, moléculas puderam reagir de modo mais

ordenado e menos sujeito às diluições, para formarem compostos maiores, mais estáveis e repetidos. O tempo e a entropia foram determinantes. Pouco importa. Tudo se passou e se passa obedecendo a uma lei maior. Os compostos mais estáveis são aqueles que guardam, em suas ligações atômicas e arranjos moleculares, menores quantidades de energia livre. A água líquida tende a quebrar rapidamente as ligações ricas em energia e a modificar continuamente, através de hidratações e solvatações, as estruturas moleculares nela dissolvidas. Portanto, parece-nos que a formação daqueles micros ambientes, parcialmente isolados do meio líquido externo, foi fundamental para o desenvolvimento da vida. Hoje, partículas semelhantes às descritas, chamadas de lipossomos, são obtidas artificialmente e têm múltiplas aplicações em biologia e medicina.

Desde muito cedo, seres unicelulares, se é que podiam ser considerados como células, muito rudimentares, aprenderam a utilizar a própria água como fonte de energia para suas manifestações vitais. Aproveitaram da energia solar para quebrarem a molécula da água em seus constituintes. Dessa fotólise resultam em torno de 54 Kcal/mol (225 Kilo joules/mol), energia suficiente para o viver imediato e a fabricação do próprio alimento, utilizado quando da chegada da noite.

Essa orquestração de fenômenos que tocaram as sinfonias do despertar e da continuidade da vida tem um único e suficiente compositor, arranjador e maestro. Ele, o Criador do universo e de suas manifestações.

Luiz Erlon Rodrigues, Prof. Titular - Doutor em Bioquímica Médica da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública e Membro das Academias de Medicina e de Educação da Bahia e Ciências de New York.

Homenagem póstuma ao acadêmico emérito professor educador Rômulo Galvão de Carvalho

Maria Anália Costa Moura

Aos Ilustre e digníssimos integrantes da Mesa que preside esta solenidade meus mais expressivos cumprimentos extensivos aos confrades, confreriras, autoridades presentes ou representadas, amigos e amigas. Uma feliz sincronicidade e adequada construção cronogramática integrou a comemoração dos trinta dois anos de criação desta egrégia Academia Baiana de Educação à homenagem póstuma ao Acadêmico Emérito, Professor Educador Rômulo Galvão Carvalho, bem como a formalização da posse da Diretoria da referida Academia, para segundo mandato, sob unânime reeleição. Sendo assim, inspirada em sentimento de justiça, admiração afetiva, assinalo realce ao Professor Educador e Líder, Astor de Castro Pessoa que, como Presidente deste sodalício assumiu a essência de sua tarefa, fazendo deste ambiente um solo fértil de convivência, agindo como propiciador de clima sócio-organizacional favorável gerado sob competência interpessoal, marcando destaque à aceitação incondicional, a empatia como habilidade de sentir-se como fosse o outro e a congruência como qualidade de ser verdadeiro, expressando concordância entre o que diz e o que faz. Significa considerar a pessoa colocada no centro, de modo a tornar cada reunião em oportunidade de compreensão e percepção abertas para facilitar o caminho singular que lhe deva ser adequado. Do silêncio e disponibilidade interior para incentivar diálogos, o nosso Presidente faz brotar do espaço de comunhão um credo de

fé nas pessoas. Reeleito para segundo mandato reassume, neste kairós, um novo desenvolvimento de sua consciência de unidade, adotando o conceito da inseparabilidade. Ainda, sob decisão de justiça e, também, e admiração afetiva devo ampliar a abrangência deste louvor às ilustres Confreiras: Presidente de Honra, a Mestra Leda Jesuino dos Santos; Vice-Presidente Prof^ª Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon; a 2^a Secretária Prof^ª Rosa Pereira Levita; a Diretora de Biblioteca Prof^ª Vanda Angélica Cunha; o 1^o Secretário Tesoureiro Prof^o Marcelo Augusto Carvalho Rocha; o Confrade Diretor de Publicações Prof^o José Nilton Carvalho Pereira que compartilham a Diretoria desta Academia tocados por excepcional sinergia para o percurso de complexo caminho, senda desconhecida, onde nenhuma heroína e nenhum herói vencerá sozinho, mormente neste tempo paradoxal de incertezas, incongruências, perplexidades para o que se exige coragem, persistência e renovadas esperanças na "busca da hominização na humanização para salvar a unidade humana e salvar a diversidade humana, como apelo à simbiosofia como sabedoria de viver juntos, que deve conduzir à antro-po-ética que compreende a esperança na completude da humanidade, como consciência e cidadania planetária". Reflexões de Edgar Morin. Ao Presidente e Confrade, Prof^o/Educador Astor, confesso a intensa sensibilidade e sincera gratidão em que fui envolvida pelo chamado à participar deste notável momento, para concelebrar homenagem póstuma ao Ilustre Professor Educador, Emérito Acadêmico, saudoso Confrade, Rômulo Galvão de Carvalho, ora em vida de além vida, pela páscoa que o elevou à transcendência, na misteriosa evolução do Ser. Então experimentei o movimento do numinoso, sensação de interioridade dizendo: aceite, con-fie e aqui estou, fiando e con-fiando e agradecendo a generosidade da escolha que me propôs esta parceria para tecer fios que se 1 entrelaçam em uma teia, de

forma não linear, compondo uma tessitura em estilo da aventura de um fazer desconhecido. Agradeço-lhe Presidente, Astor, por despertar-me para a coragem de trazer o agora para a revisita ao passado, no fio envolta, fio que fia, em palavras que fiam e confiam. Agradeço às minhas Confreiras e aos meus Confrades pela cumplicidade com que me brindaram na colaboração.

Ao reapresentar-lhes o Professor Educador, o Político, o Gestor, o Líder, Rômulo Galvão de Carvalho, quero agradecer a cada pessoa aqui presente; sem vocês, esta solenidade, sobretudo, este encontro, não seria possível. E, Agradeço à Vida, por mais esta oportunidade, no espaço tempo desta casa tão bonita, dedicada ao saber e ao fazer, no pensamento, no sentimento e na palavra dedicados à educação. Acredito que, no encontro somos, cada um de nós, no outro, sem a perda da identidade pela conquista da alteridade. Desde a infância solitária, comecei a descobrir, sob sensação de perplexidade e admiração, o valor do encontro, valor gradativamente intensificado na adolescência, na juventude e, conscientemente reconhecido, na maturidade. Seres humanos com suas vidas e palavras, suas atividades realizadas ou frustradas, seus ideais, seus sonhos, sua busca inexorável do amor. Creio que todo encontro tem um sentido no plano providencial de Deus, sentido ora compreensível, ora não perceptível. Seja ele um simples olhar, a comunicação de um nome, o encontro torna cada um de nós inesquecível. Na verdade, aqui nos encontramos, nos convidando, de modo atencioso e recíproco, à busca de caminhos, nos quais possamos construir a teia de relações, uma comunhão de amigos atendendo à misteriosa conspiração do universo. Portanto, estamos resgatando uma anamnese essencial, como cuidadosa e lúcida busca pelo labirinto encarnado da condição humana do Professor Educador Rômulo Galvão de Carvalho, revestindo-nos da fundamental tarefa de desvelar sentido, considerando

selecionados passos de sua jornada existencial, epopéia que se acrescenta ao universo, admitindo que "o homem é seu próprio livro de estudo. Basta, ir virando as páginas". A palavra anamnese deriva da palavra grega *anamnesis* e significa recordação, lembrança, pois existe em nós uma memória primordial: a memória do ser verdadeiro no que somos. Assim, denomina-se anamnese essencial à arte e a prática de lembrar do Ser, através das memórias do seu perfil e das marcas nas quais seus ideais registraram o sentido de suas preferências, o empenho sob o qual conquistou suas realizações, concretizando seu projeto de viver. Conhecemo-nos, em distante tempo, quando ainda adolescente, no tradicional Largo de Santo Antonio Além do Carmo. Rômulo, como era conhecido e chamado à época, costumava visitar jovens amigas e familiares conterrâneas, sendo eu acompanhante de pessoa de minha família que compunha o citado grupo. Naquele tempo, era estudante do Colégio Estadual de Sergipe, meu saudoso Atheneu, no curso Clássico, e vivenciava minhas férias escolares em Salvador, no bairro Santo Antônio, já referido, como hóspede de uma irmã e cunhado queridos. Rômulo, reconheceu minha presença e a partir de indagações sobre meus estudos e minha futura opção profissional, também se declarou estudante, no curso de Direito, na Universidade Federal da Bahia. Longos anos transcorreram para que voltássemos a nos encontrar, já em ambiência profissional quando, como Coordenadora Geral dos Cursos de Formação de Professores, Licenciatura de Curta Duração: Premen, experiência inovadora no empenho de Formação de Professores promovidos pelo Ministério da Educação em Convênios firmados com a Universidade Federal da Bahia e a Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Como Professora na Faculdade de Educação, fui designada para representá-la, sob indicação de sua Diretora, a 2 sempre Mestra, Professora Leda

Jesuino dos Santos e, consequentemente representar a Universidade Federal da Bahia, na gestão do Magnífico Reitor Professor Doutor Roberto Figueira Santos. À época, exercia o cargo de Secretário da Educação do Estado da Bahia o Professor Rômulo Galvão de Carvalho, de modo que circunstâncias oportunizaram articulação das tarefas com as quais estávamos comprometidos, inclusive na participação de reuniões periódicas que se efetivavam, nas cidades capitais, onde estavam localizadas as Universidades nas quais funcionavam os mencionados cursos, nos termos dos Convênios citados, a exemplo de Minas Gerais, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. O estilo e o regime da experiência pedagógica, inédita, determinavam as citadas reuniões periódicas visando ao alinhamento pedagógico e avaliação sistemática de Professores atuantes e estudantes, sob a presença de Coordenadores de Cursos, nas Universidades, Secretários da Educação dos Estados e representantes do Ministério da Educação. Cumpre destacar a profícua participação do Secretário da Educação da Bahia, Professor Rômulo Galvão de Carvalho, através de pronunciamentos reflexivos e debates inerentes à dinâmica dos cursos e decisões conclusivas. Na verdade, considerando sua origem simples, com raízes no arraial de Poços de Campo Formoso, filho de pequeno agricultor, sempre foi privilegiado com o incentivo de sua Mãe D. Djanira, de quem muito se orgulhava, convivendo com uma família de catorze irmãos, cumpriu seu curso Primário, no arraial onde nasceu. Mas foi o espaço tempo em que cursou o Ginásial em escola da sede do município de Campo Formoso que o despertou para o fascínio da leitura, para o que utilizava recursos que lhe eram disponíveis em jornais e revistas com os quais trabalhava na pequena mercearia. Sua paixão pelas letras foi motivação determinante da construção dos mecanismos e estratégias do saber pensar e dominar o conhecimento. Dotado de lúdica e

brilhante inteligência e na certeza de suas escolhas, dedicou-se à arte de aprender para saber argumentar, saber inovar, na conquista de métodos de pesquisa e elaboração do trabalho científico, da argumentação, sobretudo no trato do contraditório, para teorizar e praticar. Assumindo o desafio do conhecimento moderno, incluiu em suas preferências e repertório de estudos, não só dos movimentos ditos pós-modernos, caracterizados pelo seu ímpeto questionador e radical e marca inovadora, como o de manter a habilidade para validar os que ainda se definiam como modernos, considerando o caráter provisório dos resultados ou a perenidade do questionamento, interesse que sempre associava à necessidade de conhecer o que é conhecer, o conhecimento do conhecimento que consiste nas possibilidades de conhecer e por em prática as interrogações. Importava-lhe o conhecimento do conhecimento que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, o que deva ser para a educação, um princípio e uma necessidade permanente.

A cultura intelectual que construiu lhe assegurou o itinerário de expressivas vitórias nos concursos a que se submeteu, a exemplo do Banco do Brasil quando efetivou, simultaneamente seu curso de Direito, na Universidade Federal da Bahia, obtendo graduação em Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, com vestibular aprovado sob distinção. Comprometido com seu aperfeiçoamento intelectual, desenvolveu competência em língua inglesa, de notável importância para ser selecionado para o Mestrado em Administração Pública em Los Angeles, na University of Southern California. Após, dois anos, concluído seu Mestrado no exterior, regressou ao Brasil, à Bahia, para iniciar sua carreira de Professor Universitário, na Escola de Administração da UFBA, ministrando a disciplina Administração Pública, sendo, também, designado Chefe da Divisão de Pesquisa do Instituto de Serviço Público (ISP) - Setor de Extensão da

Escola de Administração. Na UFBA, foi ainda convocado para a Diretoria do Departamento Social da Vida Universitária e para a Chefia do Gabinete do Reitor, na gestão do Magnífico Reitor Roberto Figueira Santos. Na década de 1970 deste ano ao de 1974, transpôs o campo da UFBA para, em atendimento ao convite do Governador Dr. Antonio Carlos Magalhães, exercer o cargo de Secretário da Educação do Estado da Bahia. Compreendendo a vocação como voz interna, promessa intrínseca que trazemos no ser, como trabalho intransferível que viemos realizar, para o Profº Rômulo Galvão a vocação para a seara política transformou-se em escolha recorrente, na tradição de sua sabedoria quanto à "torne-se o que você é". Então, candidatou-se e foi eleito Deputado Federal em três legislaturas. Na Câmara de Deputados, sob notórias competências e manifestando o brilhantismo que sempre lhe foi inerente, exerceu a Presidência da Comissão de Educação e Cultura, em cujo contexto priorizou a interiorização da Educação Especial, em todo o território nacional, incluindo atendimento aos superdotados e aos demais dotados das mais variadas necessidades especiais, visando efetivar a Educação Inclusiva dos mesmos, no Ensino Regular, conferindo os destaques indispensáveis para garantia de seus direitos na Constituição Federal de 1988. Em 1986, foi nomeado Secretário da Secretaria de Educação Especial. Foi, também nomeado Delegado Federal do Ministério de Educação para o Estado da Bahia, quando foi eleito Acadêmico para integrar esta egrégia Academia Baiana de educação. Seu desempenho profissional também se efetivou no âmbito do Conselho Estadual de Educação, com exercício na Presidência, Vice-Presidência e Conselheiro e em 1998 encerrou tragicamente seu mandato.

O Professor Educador Rômulo Galvão de Carvalho, o Líder.

Tendo em vista as múltiplas definições referentes à liderança optei por compreendê-la como competência para influenciar pessoas para trabalharem, entusiasticamente, visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum. Tal acepção inclui características e qualidades evidenciadas no ser e no fazer do nosso homenageado, sobretudo quanto à constatação de que os verdadeiramente grandes líderes têm a capacidade de construir relacionamentos saudáveis como "autoridade; serviço e sacrifício; amor e vontade, na observância da hierarquia das necessidades de Maslow que enuncia auto realização; autoestima; pertencimento e amor, conforto e bem estar como água, comida, moradia", permitindo-me a interpretar liderança como serviço e cuidado no lidar com as realidades e na convivência com as pessoas. O objetivo da liderança deverá ser a cultura organizacional e espiritual, o que pressupõe o compromisso com uma nova ética acionadora de um movimento de evolução existencial e essencial mediante as categorias de Inteireza, Inclusividade e Plenitude que postulam princípios como 1. Inteireza: terminologia holística, como visão na qual o todo e as partes estão sinergicamente em inter-relações dinâmicas, constantes e paradoxais. 2. Inclusividade: Respeitar e reconhecer cada ser e cada cultura como manifestação da realidade plena. 3. Plenitude: Ser solidário com o outro na satisfação de suas necessidades de sobrevivência e de transcendência; colaborar com o outro na preservação da do bem comum e na convivência harmoniosa com a natureza buscar um ideal de sabedoria com as dimensões do amor e do serviço.

No plano do casamento com Eliana Vieira Galvão de Carvalho compartilhou com a amada esposa todo apoio e incentivo, delicada compreensão e a indispensável cumplicidade para superação de dilemas e problemáticas. Desta união nasceram Rômulo Filho, Paulo e Leonardo que sob o legado

exemplar do Pai e a dedicação orientadora exclusiva de sua Mãe, vêm conduzindo seus projetos de vida com firmeza e integridade consonantes com os valores éticos assumidos, na ambiência da Assessoria do Banco Central, na Procuradoria da República e no quadro da Advocacia Geral da União, respectivamente.

O Professor Educador, Político e Gestor, Acadêmico Emérito, Rômulo Galvão e Carvalho foi um sonhador, idealista, realizador, contemporâneo, que se construiu na passagem entre o nascimento e a morte para tentar a celebração cósmica. Seu tempo foi o tempo que lhe foi devido, sua consciência o desafio lançado a partir de questionamento de respostas. Foi um homem iniciático, aquele que se cria a cada instante seguindo o plano genético e espiritual. Foi um ser confiante, dedicado à entrega misteriosa e reveladora da vida. Permitiu-se ser bastante, o que não significa ser perfeito. Ser bastante é o requisito básico para uma escuta inclusiva, holocentrada. Para ser bastante é preciso ser inteiro como suporte à integralidade do homem. Não é ser maior nem melhor que os outros. Ser bastante é uma abertura inteligente para a imensidão do fenômeno humano.

Agora, orienta-se a partir da indicação da luz que cintila das estrelas que, contempladas, o convidam a abrigar-se na eternidade.

A força da palavra e o poder do silêncio

Leda Jesuino

E o verbo se fez carne e habitou entre nós e vimos a sua glória como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. (João, 1, 14).

A força da palavra e o poder do silêncio têm sido, através dos tempos, poderosos e valiosos instrumentos usados em favor de um mundo melhor ou pior: de qualquer modo, fortalecendo as contínuas mudanças e evidenciando a impermanência no fluxo da vida.

Entre o som e o silêncio, o ruído e a quietude, a serenidade e a inquietação, perfaz o homem uma linha tão sinuosa quanto perigosa, em busca de si mesmo, na ânsia de encontrar algo que se chama felicidade.

A força da palavra se evidencia quando ela traz, na sua essência, a “verdadeira verdade” de quem a pronuncia, quando ela soa, em alto e bom som, como um instrumento forte e definido em favor do entendimento entre os homens e, sem dúvida, instrumento de Paz e Harmonia.

Forte e definida nos lábios de um bom orador, a palavra se transforma num poderoso fator de ação produtiva.

Suave e doce nos lábios da mãe que embala o filho, ela soa como uma canção de ninar de incomensurável importância para uma criança.

O ódio, o amor, a esperança, o desespero, que levam os homens às lágrimas e às gargalhadas, estão expressos em palavras que pairam no âmbito de seus espaços de quotidiana convivência.

A força que a palavra contém, faz dela um elemento potente para traçar um caminho ou destruir uma vida. Pode estimular a virtude ou o vício, pode dar ensejo à comédia ou à tragédia, pois está vinculada à personalidade de quem a pronuncia, ao momento em que é pronunciada e a maneira com que é expressa.

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO E O VERBO SE FEZ CARNE – assim inicia João o seu Evangelho e definiu, naquele momento, o que significa a energética potência da Palavra, capaz de ser e estar.

Nesse momento, a palavra tem um poder mágico incomensurável e divino. No entanto, se nem sempre é aureolada pelo sagrado, traz, quase sempre consigo, um expressivo poder de afirmação ou negação; em algumas vezes, lança dardos de grande repercussão, dando a impressão de que sua estrutura é sólida e verdadeira. Mas nem sempre consegue ter a impressionante solidez material da pedra. Muitas vezes, soa como uma suave e doce nota musical na corda de um mavioso violino, com o grande poder de sedução da música.

Pode, muitas vezes, estar vinculada ao forte e impressionante poder do Ser e também do Estar, do Existir: essência e existência em divina, enigmática e sagrada conjunção.

O profundo silêncio que advém após certas palavras significativas e impactantes, pode, sem dúvida alguma, conter toda a decantada força da palavra, pode trazer consigo a mais forte esperança de uma vida que surge no berço róseo ou o desespero profundo de um moribundo que parte no seu leito de morte.

No silêncio do mosteiro, a prece do monge que medita e ora, ecoa sem voz nos muros protetores da pequena aldeia. No silêncio às vezes aterrador dos oceanos, pulula a vida dos estranhos seres marinhos em contínuo convívio vitalizador. No silencioso e fraternal abraço de um amigo, está implícita a força da amizade que colore a vida emocional do homens. No silencioso olhar da mãe de um filho que acabou de deixar seu ventre para ir ao encontro de seu seio, está o poder do amor incondicional e pleno da mulher. No silencioso olhar do mestre ao discípulo que vence suas dificuldades, está contida a recompensa esperada, fruto às vezes de denodado esforço.

O silêncio, a serenidade, a quietude dos campos, que conduzem o homem à reflexão ou ao repouso reparador, têm o mesmo poder da inquietude ruidosa e tumultuada agitação da cidade. O som da palavra e o vazio do silêncio atuam conjugados, uma vez que estão ambos buscando expressar o que é, às vezes, inexprimível, tentando enunciar

o indizível. Quantas vezes a ruidosa voz da palavra é preferível ao enigmático e perturbador silêncio!

O ódio, o amor, a esperança e o desespero que levam os homens às lágrimas ou às gargalhadas, são às vezes expressos em algumas das mais significativas palavras: sim, não, nunca, sempre, talvez. Dentro das incontestáveis qualidades do silêncio, está o poder de traduzi-las num mutismo surpreendentemente estarrecedor de serenidade ou inquietação, de paz ou desespero.

Creio que nenhum ser sobre este planeta viveu melhor entre a força da palavra e o poder do silêncio do que Jesus. No silêncio do Monte Tabor ou nas bem-aventuranças, entregou ao Homem dois instrumentos poderosos para serem utilizados na difícil Arte de Viver. Suas palavras tinham a força da sabedoria e o seu silêncio, o poder da reflexão. Ensinou com a palavra a força da oração e, com o silêncio, o poder do recolhimento nas suas meditações, longe da inquietação do mundo. Sabiamente, usou a força da palavra quando necessário: “Vai e não tornes a pecar”, disse Jesus à meretriz, e, dirigindo-se à mulher que tocou suas vestes: “A tua fé te curou”. Quando percebeu o desespero da multidão, teve de usar o poder do silêncio para multiplicar os pães e, nas bodas de Canaã, para fazer jorrar o vinho da bilha. Mostrou que, com a Força da Palavra e o Poder do Silêncio, pode o Homem atingir os paroxismos da Dor ou da Alegria, da Paz ou do Desespero, do Amor ou do Ódio, da Vida ou da Morte, da Paz ou da Guerra.

Necessário que o homem se esforce para o autoconhecimento, que o levará a conhecer o “Outro”, que é o seu semelhante e não o que Sartre considerou o Inferno, dentro de um posicionamento materialista. Como Jesus concebeu que, no Outro, nos encontramos e, de certa forma, nos amamos, forte é a palavra do MESTRE: “Ama a teu próximo como a ti mesmo”. Tentemos, com a força da palavra AMOR, o poder silencioso do PERDÃO.

Apresentação de Paulo André Jesuino na Academia Baiana de Educação

Leda Jesuino

Não há como ser objetiva. Todo depoimento materno é subjetivo, contaminado por uma visão afetiva. Serei breve e tentarei a objetividade que o momento requer, para atender ao pedido do presidente.

Paulo André chegou para mim numa das raras e ensolaradas manhãs de outono, claras e transparentes. Era junho em clima ameno.

Entre folguedos, jogos e banhos de mar, viveu sua infância sem problemas, ainda podendo brincar nas ruas não asfaltadas de Amaralina e da querida Avenida Manoel Dias da Silva onde andava de bicicleta sem preocupação. Como esportes, a natação e a equitação eram seus preferidos.

Na infância, o amor pelos animais – cão e cavalo – o conduziu ao amor pela natureza em geral, desfrutada na fazenda de seu futuro cunhado, onde apreciava a paisagem verdejante dos campos.

No Colégio Marista, aprimorou seu potencial para a música com Margarida Mascarenhas. A flauta o acompanhou sempre.

Responsável, determinado, sem ser obsessivo, sensível, mas realista, sempre se dedicou aos estudos. Cursou inglês na

EBEC, mas, dos meus cinco filhos, foi o único que não quis fazer intercâmbio.

Sofreu, na infância, duas perdas: seu cão e seu cavalo, mas superou suas frustrações corajosamente.

De sua escolha profissional, nunca teve dúvida: sempre quis ser médico, jamais hesitou sobre sua vocação. Enfrentou um vestibular único – Escola Bahiana de Medicina e Universidade Federal da Bahia –, escolhendo cursar a Bahiana, pois lá seria aluno de seu pai, demonstrando coragem e determinação. Nunca foi fácil ser aluno e filho de Dr. Jesuino Netto, severo e rigoroso como era.

Ao prestar concurso, assisti a sua aula para ingressar na UFBA e nunca presenciei uma aula tão perfeita no seu aspecto didático. Tornou-se um professor diferenciado, sendo, muito jovem, duas vezes paraninfo das Faculdades de Medicina da UFBA e da Bahiana.

Com dois filhos e uma esposa dedicada, afirma sempre ter privilegiado sua vida em família.

Como médico, escolheu a cirurgia e **conseguiu ser o que desejou ser**. Assim tem sido sua vida profissional. Operou bastante e inovou, mas seu desempenho profissional será apresentado por quem tem mais capacidade de avaliar, o Dr. Geraldo Leite.

Assim é Paulo André Jesuino. Foi, quando nasceu, o sol do meu outono e é, atualmente, o sol do meu inverno. Não queima, apenas aquece, brilha sem ofuscar e ilumina sem incandescer.

Divaldo Franco em reflexões criativas

Leda Jesuino

Sempre com a mente voltada para o sentido ético da vida, com o pensamento fixado na dimensão espiritual do homem, Divaldo segue um caminho árido, preenhe de obstáculos, mas também de vitórias.

Graças a seus contínuos esforços, dois dos seus básicos objetivos alcançaram um significativo patamar vitorioso. A *Mansão do Caminho*, uma obra social de grande porte, já demonstrou exaustivamente a sua importância, o seu excelente trabalho social em Pau da Lima. E as suas peripatéticas viagens pelo mundo, no Ocidente e também no Oriente, para difundir a doutrina espírita – o pensamento de Kardec –, propugnando em favor de uma fé racional, fundamentada em postulados lógicos, dedutivos, têm alcançado o objetivo, pois inúmeros núcleos espíritas têm sido organizados, em contínua atuação.

Essas vitórias, frutos de um esforço digno de louvores, são, sem dúvida, resultados da tenacidade, perseverança e de uma fé fundamentada em princípios lógicos, racionais, convincentes, e são divulgadas não na proporção das suas importantes conquistas no intrincado complexo da solidariedade humana.

Ajudar nunca foi, e nem será, uma tarefa fácil, muito ao contrário, é um comportamento humano complexo e sujeito a um sem-número de equívocos, de enganos, de frustrações, mas

também de acertos. As assistentes sociais sabem e provam a cada dia deste *menu* de sentimentos.

O sentido da vida foi, desde muito cedo, para Divaldo, percebido, definido e por ele mesmo aceito na mente e no coração. E seguiu a estrada com o radiante sol da sua intuição e a brilhante luminosidade de sua espiritualidade

Aos 88 anos, Divaldo representa a força de uma vida em prol de um ideal, fundamentada numa fê sólida. Muito se tem escrito sobre o orador, o homem, o benfeitor, o realizador, o médium. Pouco posso acrescentar. No entanto, talvez possa falar das suas reflexões criativas que, na qualidade de excelente orador, consegue inserir nas suas falas extraordinariamente importantes.

Às terças e quintas-feiras e aos sábados e domingos, em Pau da Lima, tem-se o privilégio de ouvir quem tem o que dizer e sabe como fazê-lo. Costuma, ao voltar de suas viagens, relatar suas experiências, eivadas de passagens enriquecedoras. Na sua última viagem a Jerusalém, deteve-se diante do Mar Morto e do Mar da Galileia.

Ao pisar as terras por onde Jesus passou, sentiu toda uma gama de emoções provocadas pelo seu indiscutível amor e compreensão da presença notável do Mestre. E deteve-se a apreciar o Mar Morto e o Mar da Galileia, e o que eles passaram a significar para a humanidade. Divaldo, na sua última preleção, os descreveu com precisão de detalhes, e daí partiu, como é de seu costume, para suas reflexões direcionadas ao comportamento humano, que é o alvo do seu trabalho.

Na verdade, todo o seu esforço, toda a sua capacidade estão direcionados a um objetivo não só delineado, mas definido: levar o homem a compreender e agir de tal modo que seu

comportamento correto possa transformar o mundo, que precisa da Paz de cada Ser Humano para se pacificar ele próprio. Afinal, um seguidor de Jesus deve, e ele o faz muito bem, propugnar pela Paz: “Eu vos dou a minha Paz” – disse o Mestre.

Em Jerusalém, diante dos dois mares, Divaldo reflete sobre os homens que são tão produtivos, beneficiadores, tendo sempre o que oferecer, como o Mar da Galileia e seus peixes, capazes de empatia, de sofrer e amar junto ao outro, de perceber o quanto é importante doar e dar-se, entregar-se incondicionalmente aos que precisam.

Sua criatividade o levou a pensar no Mar Morto, onde tudo flutua, onde não há peixes, onde nada floresce, onde o sal pesa e a vida fica estagnada e densa. E o compara aos homens que se fecham em si mesmos, se aprisionam nas suas mesmices, que encontram no egoísmo um conforto e que acabam egocêntricos dentro da inutilidade de suas vidas.

Com imaginação e reflexão sobre as imagens que compõe, assume a postura de um orador dos maiores que já ouvi na minha vida acadêmica. Costumava ouvir Hélio Simões, ouvi Toni Bee e aprendi a ouvir um bom orador.

Costuma, assim, Divaldo, com suas criativas reflexões, apresentar o seu amor aos que o procuram, através de muita compreensão, mas, sobretudo, ser como uma bússola, um norte, uma orientação segura no mar revolto e encapelado em que navegamos, sempre em busca de um porto seguro.

Ele tem sido âncora para jovens, adultos, crianças e idosos, que lá estão a postos, para ouvi-lo, senti-lo e muitos a amá-lo, distante e discretamente, buscando, por ele e através dele, encontrar a PAZ que Jesus doou ao homem, de um modo especial e único.

Homenagem ao prof. Edivaldo Boaventura, realizada no Mosteiro de São Bento, por ocasião do seu 80º aniversário

Leda Jesuino

Senhoras e Senhores:

Marcam presença nesta significativa homenagem, três Academias – a de Educação da Bahia, a de Feira de Santana e a “Mater Salvatoris” – nas quais Edivaldo Boaventura atua dinâmica e constantemente.

Neste momento, mãos se erguem e corações são tocados para agradecer a divina dádiva de mais um tempo de convívio com Dr. Edivaldo Boaventura, nosso confrade emérito.

Façamos – disse Sêneca, com a sua velhice sábia – como as pedras preciosas, para que nossa vida valha não por sua duração, mas por seu peso.

Aos 80 anos, Edivaldo Boaventura nos brinda com sua forte presença, plena de uma louvável percepção das problemáticas existenciais com as quais nos deparamos, dentro de uma complexa conjuntura social.

Recebe, hoje, uma justa homenagem na “casa sagrada”, aqui em São Bento, onde se acostumou, desde os tempos da Juventude Universitária Católica (JUC), a conversar com Deus sobre os problemas sociais, que eram o alimento daqueles dias juvenis de grande empolgação pelo ideal de uma sociedade mais justa e igualitária.

O **pensar** e o **fazer** estão conjugados nos seus afazeres diários, no seu afã cotidiano de Ser o que devia Ser. Não são estas afirmações meras e superficiais observações. De Edivaldo posso falar um pouco mais porque com ele convivi mais tempo, mais próximo e mais intensamente, na Faculdade de Filosofia, em Nazaré, onde funcionou inicialmente, a Faculdade de Educação, e no *Campus* do Canela, na sede definitiva.

Incansável no seu caminhar, fez da sua pena a ferramenta do seu trabalho, muitas horas por dia. Consegue escrever livros, participar de reuniões, viajar para eventos na área da Educação, desejando estar na maioria desses acontecimentos que se multiplicam a cada dia. Nem é necessário, aqui e agora, citar cargos, enumerar títulos, para que se engrandeça a imagem de Edivaldo porque o Servir ainda está inscrito no seu *script* como dizem os psicólogos.

Embora orador reconhecidamente bom, nele prevalece o escritor que desliza naturalmente uma caneta sobre um papel em branco, que parece esperar a sua presença.

Visceralmente acadêmico, membro atuante de duas Academias de Educação (a nossa e a de Feira de Santana), da Academia de Letras da Bahia e da “*Mater Salvatoris*”, fez a sua escolha sem hesitações, sem conflitos e nessas Instituições de cultura oferece o melhor de si mesmo e com elas se identifica plenamente.

Edivaldo Boaventura vive criando laços. De natureza gregária, é abrangente sem ser disperso, e, em função de suas características pessoais, consegue colocar a sua cultura em função dos serviços prestados às instituições onde finca seu ideal, trabalhando incansavelmente para realizá-los.

Humanista por excelência, consegue, através de sua alta dose de sensibilidade, alcançar a necessária empatia que o orienta nas suas escolhas para a formação de suas equipes de trabalho, com as quais sempre conseguiu resultados.

Entra nosso homenageado na fase octogenária quando, segundo Erick Erison, autor do livro *O ciclo da vida completa*, é necessário um processo de adaptação. Com o tato e a sabedoria que pudermos reunir, as incapacidades devem ser aceitas com leveza e humor.

Segunda pesquisa elaborada pela neuropsicóloga da Califórnia, Vivian Clayton, em busca de uma definição de sabedoria, a sabedoria consiste de três componentes principais: cognição, reflexão e compaixão.

Alcança Edivaldo os 80 anos aceitando as circunstâncias que o envolvem, com aquela invulgar capacidade de ajudar a ajudar, sem avaliar o que receberá em troca. Posso fazer esta afirmação com conhecimento de causa, observando sua conduta em circunstâncias bem complexas.

Com grande parte de sua longa e produtiva vida inserida nos grandes centros acadêmicos do mundo atual, Edivaldo demonstra o seu indiscutível interesse pela educação, seu talento comprovado para ensinar, seu denodado esforço para a produção acadêmica na área educacional, o que o coloca neste topo que alcança agora, como digno de justas homenagens, representativas do reconhecimento do mundo acadêmico que o admira e o coloca em evidência.

O expressivo e admirável trabalho de Sérgio Mattos, tão válido quanto um tanto inovador, não apenas acrescentará um excelente aporte às homenagens prestadas ao Professor que, sem dúvida, Edivaldo tem demonstrado ser, como ressaltará a tão pouco valorizada figura do mestre nos tempos atuais, dando-lhe o justo destaque, alçando-o ao topo que merece alcançar numa sociedade indiferente à real importância da formação do professor na problemática educacional do País.

Posse na Academia de Educação de Feira de Santana como membro correspondente

Leda Jesuino

Heidegger, ao fazer um pronunciamento na homenagem que lhe foi prestada nos seus 80 anos, sentiu a dificuldade em agradecer, considerando que o agradecimento expresso está, na maioria das vezes, muito aquém do sentimento profundo do agradecido, desejoso sempre de expressar da melhor forma a sua sincera e imorredoura gratidão. A força da palavra, nestes momentos dominados pelas emoções, perde sua alta potência e se torna vulnerável aos tropeços sentimentais das lágrimas.

Fragilizada e envolvida em circunstâncias dolorosas, num momento especial de minha vida, encontro-me em situação mais difícil que a de Heidegger, para expressar meu agradecimento ao ser agraciada, pelos ilustres acadêmicos desta Casa, com o honroso título de Membro Correspondente.

E ainda mais difícil se torna porque me sinto envolvida na onda energética de uma gratificante empatia como se estivesse sendo recebida pelos senhores – permito-me a referência a amigos queridos como Edivaldo Boaventura, Geraldo Leite, Josué Mello e Anaci Bispo Paim – com um terno e carinhoso abraço, para amenizar a dolorosa saudade que me impede de oferecer a esta Academia reflexões mais profundas e elaboradas sobre educação, consentâneas com suas costumeiras vivências acadêmicas.

Essa dificuldade se avoluma porque a significativa honraria que hoje recebo, estreita laços antigos com Feira de Santana, louvada e percebida como a “Princesa do Sertão”, que marcou a minha infância. Em circunstâncias especiais, com um infarto súbito, aqui faleceu meu pai na década de 20, no início, pois, do século XX. Eu era criança, com apenas 6 anos e, quando ele viajou para Feira de Santana, imaginei – com a ingenuidade infantil do século passado, hoje não mais existente – que havia uma “feirinha de alimentos” e uma imagem de N. S. Santana no centro das barraquinhas dos feirantes. Lá, então, se rezaria a Ave-Maria. Quando recebi a notícia da morte de meu pai que, como empresário, dispunha de recursos para se pagar uma vultosa quantia para embalsamar o corpo e efetuar seu traslado de trem para Salvador em 48 horas, pareceu-me que a Nossa Senhora que estava lá no meio da feira iria nos proteger.

Mais tarde, na maturidade, assisti, em Feira de Santana, a inúmeras reuniões médicas – simpósios, mesas-redondas, conferências, debates,, congressos –, acompanhando meu marido. Posso ainda ver Jesuino agitado e satisfeito, envolvido por alunos e colegas, circulando na cidade com João Torres e colegas em significativa euforia, que me devolvia uma Feira de Santana alegre, desenvolvida e próxima do meu coração e da minha vida afetiva.

Quando a incipiente Universidade de Feira de Santana iniciou suas atividades, encontrou-me no Departamento Cultural da Reitoria. Foi nesse momento histórico que ilustres e renomados professores da Universidade Federal da Bahia, que estavam conosco vinculados ao Projeto do Colégio Universitário – como Joselice Macedo, Machado Neto, Zahidé Machado –, foram convocados para dar aulas na novel Universidade. E entusiasmados, nessas idas e vindas entre Salvador e Feira,

estavam assim colaborando na formação de uma universidade no interior da Bahia, na época, um grande desafio, uma inovadora realização.

Encontrava-me, na época, debruçada nas tarefas exaustivas do planejamento do Colégio Universitário, envolvida nas elucubrações de excelentes professores, sob a chefia de Américo Simas e na administração de Miguel Calmon, o grande e Magnífico Reitor da UFBA.

Naquelas tardes de diálogos, esperanças e renovações, chegava o Prof. Áureo Filho e, com ele, muito ou quase tudo do mundo cultural da sua querida Feira de Santana. Confesso que o atendia com ouvidos abertos, mente pronta para com ele pensar um pouco sobre os problemas educacionais de Feira. Aprendi a me debruçar sobre o sonho de uma Universidade capaz de atender aos objetivos traçados pelos anseios de seus idealizadores. No entanto, jamais pensei em estar tão fortemente vinculada a Feira de Santana, inserida na sua Academia de Educação, o que, no momento, me acalenta a alma e me entrega responsabilidades.

Entendo que, numa Academia onde o fato educacional em si mesmo é essência e razão de ser da sua própria existência, a visão crítica deve estar aguçada, desenvolvida numa linha filosófica autêntica, de contínua busca, com a serenidade da sabedoria, não com a arrogância do saber. Senti-me honrada quando, no seu discurso de posse na Academia de Educação da Bahia, ouvi o professor Roberto Santos aprovar e esposar essa posição, citando-a.

Estando numa Instituição que se propõe a realizar ações, e as realiza, dentro de um conceito de Academia que me parece o mais consentâneo nesta pós-modernidade em que vivemos, sinto-

me em condições favoráveis para tecer algumas considerações sobre o momento educacional que nós vivemos, sem nenhuma pretensão a uma análise crítica nem também sem uma audaciosa convicção de que sejam estas meras e simples leituras de fatos educacionais, o espelho de verdades imponderáveis. Muito ao contrário, talvez representem apenas pequenas gotas a serem analisadas nos laboratórios educacionais de caráter científico no meio acadêmico, universitário.

Com essa fundamentação conceitual, acredito estar numa Academia de Educação apta a considerar pertinentes algumas posições reflexivas em torno dos fatos que ocorrem no panorama educacional que o mundo hodierno vivencia.

O desenvolvimento de um conceito que considera uma Academia de Educação capaz de uma visão crítica do fato educacional, me leva a Bauman e sua visão de estarmos todos inseridos numa sociedade líquida, convivendo com “seres tangenciais”, com a superficialidade dos contatos como realidade talvez insuperável.

Ao atuar como educadores, com a educação em si mesma, torna-se imprescindível saber em que terreno estamos pisando, com que material estamos trabalhando e o que exatamente é possível fazer com ele.

Desde o passo inicial da educação infantil até os mais altos níveis da educação superior, as hipóteses, os propósitos, as teorias mais revolucionárias se fundamentam na concepção de ser o homem um ser bio-psico-sócio-espiritual em contínua mudança, inserido num contexto de “modernidade líquida”, segundo Bauman¹, caracterizado pela “volatilidade de valores,

¹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge

efemeridade de informações e valendo-se de mudanças” em que “as relações humanas não são mais tangíveis e a vida em conjunto perde consistência e estabilidade”.

Assim sendo, o material humano é o objeto material do educador, assim como o são a madeira para o carpinteiro e o ouro para o joalheiro e, como tal, de certo modo desconhecido, uma vez que, genética e espiritualmente, estamos diante de uma incógnita, apenas com algumas evidências prováveis.

Sabe-se pouco da sua genética e quase nada (embora cada vez a escola mais se aproxime da família) da sua essência espiritual ou mesmo das suas vivências religiosas e/ou espirituais. No psicossocial, há maior probabilidade de penetração no mundo social e psicológico do educando. Seu mundo social, suas vivências comportamentais são em geral mais fáceis de uma observação analítica pelo educador, embora com inúmeras limitações.

Em torno do educando, estão inúmeras forças sociais de naturezas diversas, influenciando positiva e/ou negativamente o educando, conduzindo-o a inúmeras e diversificadas posições conflituais. Os grupos de várias naturezas, a mídia, toda uma literatura conflitante representam o oceânico e vasto campo do seu *habitat*, no qual a Família e a Escola são peças fundamentais e imprescindíveis. E nelas se concentra a chamada educação formal que é, muitas vezes, complementada pela denominada educação informal. Assim sendo, torna-se compreensível que da Escola (no seu sentido mais amplo) e da Família (quando ela existe) muito seja cobrado, pois são forças sociais institucionalizadas que estão diretamente em contato com o ser

Zahar, 2000.

humano em contínua formação, a chamada área da microeducação.

Numa época remota (no século passado) em que não estavam tão unidas quanto necessário e até, às vezes, divergentes (a família queria mais conteúdos, a escola estava dentro de correntes psicológicas que levaram à experiência de “Summer Hill”, a concepção de uma escola sem medo), a psicologia começava a interagir fortemente na área educacional, atenuando a rigidez inflexível do tempo da palmatória e dos fortes castigos nas famílias tradicionais e conservadoras.

No momento atual, quando nos discursos políticos e/ou nos pronunciamentos técnicos se considera a educação como fundamento básico *sine qua non* para o crescimento de um país, sobretudo de um país em desenvolvimento e quando, desde há algum tempo, já não se acredita mais na falta de recursos financeiros como causa da falha do nosso sistema educacional, a Escola e a Família sentiram a necessidade inadiável de estarem atuando sinergicamente tanto quanto possível, enfrentando grandes dificuldades, algumas delas ainda a serem solucionadas.

O educador vê-se, pois, diante de um ser em formação, o qual não está, conforme explicitamos, totalmente conhecido, continuando sempre em mudanças: na verdade, uma incógnita.

Mesmo tentando, diante do educando, que é o seu material de trabalho, estar convicto de que ele é uma incógnita, sabe que é no binômio Família-Escola que vai encontrar as ferramentas mais adequadas para trabalhar com os conhecimentos de que precisa nas áreas de Psicologia, Antropologia, Sociologia e, principalmente, de Filosofia, dominando a axiologia e os específicos de Metodologia e Didática.

Agora, ao falar em educação, estamos diante do educador e, principalmente, do educando, ou seja, de um ser bio-psico-sócio-espiritual, um ser realmente desconhecido na sua complexidade, que deve ser “bem formado”, educado, pois, dentro de uma sociedade em mudanças, inserida num sistema educacional que vise o desenvolvimento do País.

Como **meta ideal**, um país, ao calcular o seu PIB, deve levar em consideração, como fator real, a felicidade, ou seja, o bem-estar subjetivo do ser humano, como está acontecendo no Butão, conforme cita Bauman.

Sabe o educador que a Família, sobretudo, e a Escola estão pautando suas ações dentro de um paradigma filosófico mais pragmático que cartesiano. Sabe o educador que os valores utilitários predominam dentro de um sistema capitalista. Temos, então, nesta linha de raciocínio, três elementos: o educando, a família (na escola ou não) e o educador, dentro do sistema educacional de uma sociedade líquida, embora diferentes esses três elementos, a depender da classe social em que se encontrem.

Considera-se o educando uma incógnita, não importa onde esteja, sabendo que a família está, na sua maioria, mais ausente do que presente, pelas suas diferenciadas condições sociais, ausência, aliás, que tem de ser avaliada à luz da problemática da mulher, revolucionando o *modus vivendi* das famílias de todos os níveis e de todas as classes sociais.

Passo, então, ao terceiro elemento, que é o educador. Início pelo sempre mencionado brado questionador de Marx²: *Quem educa os educadores?* Formal e institucionalmente, os cursos de Pedagogia – é a resposta. No entanto, o professor, a

² MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Teses sobre Feuerbach. In: _____. *A ideologia alemã e Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

família, os grupos educativos, a mídia e, agora mais do que nunca, o computador, todos educam todos e, na realidade, de modo definido e categórico, ninguém educa ninguém. Evidentemente, os pedagogos (educadores educacionais, supervisores e administradores, gestores específicos da área educacional) carregam consigo maior carga de responsabilidade na formação do educando nas instituições educacionais, pois, nos currículos de pedagogia, há maior conteúdo de filosofia, psicologia e sociologia do que nos cursos de licenciatura que formam o professor na área específica. No entanto, frequentemente o professor é um excelente educador. No momento, muito se cobra do Educador na sua mais ampla expressão, e também da Escola, como responsável mais direta pelo sistema educacional, além da Família, como base do processo de formação, e das Instituições governamentais, que administram o sistema educacional do País.

Na realidade, no momento atual, há uma generalizada cobrança do País ao sistema educacional, desde os setores mais interligados ao sistema até os mais técnicos e especializados, distantes do processo educacional, como empresários, tecnocratas e outros.

Como declara o vice-diretor do Escritório Nacional de Educação na Finlândia: “Pedimos à escola que responda a todos os problemas da sociedade, algo que ela dificilmente pode fazer”³.

A Educação agora aparece no cenário do País como a **redenção nacional**, como a **solução**. Não há dúvida de que os

³ DESCAMPS, Philippe. O modelo finlandês [*Le Monde diplomatique*, 1er. mai 2013]. *A Paideia*: perspectiva de uma sociedade em contínua transformação. 2013. Disponível em: <apaideia.wordpress.com> .

valores que compõem o paradigma filosófico do País devem ser introjetados através dos que educam as gerações que estão vindo. E já estão chegando as crianças índigo e os nativos digitais, que precisam ser orientados com compreensão e muita amorosidade. E ainda há a ansiedade natural pelo ensino técnico profissionalizante em déficit no País. Há empregos em baixa para profissionais capacitados. Para tanto, Singapura e outros países investiram no **talento humano**.

Num paradigma capitalista, é óbvio que os valores são atrelados ao pragmatismo, que William James imprimiu na América, e a América está levando para o mundo.

A educação francesa na qual nossas avós foram educadas, foi substituída pela filosofia americana na qual se dirige o homem para o dinheiro. Aqueles da minha geração ouviram falar em Gilberto Amado (da família de Jorge Amado). No seu trabalho *A Chave de Salomão*⁴, encontramos assertivas dignas de reflexão:

No Brasil, perdeu-se o traço da sabedoria. O que domina a educação é o imediatismo sul-americano. Temos a sedução do armengado, do provisório, do *à peu près*.

Onde os modelos, onde os exemplos, quais os caminhos que as gerações novas têm que seguir? Quais os precursores que lhes mostrem a boa estrada? A preocupação do êxito, da tarefa visível, domina.

E declara enfaticamente:

A educação contemporânea está dirigida exclusivamente na direção do dinheiro.

⁴ AMADO, Gilberto. *A Chave de Salomão e outros escritos*. Rio de Janeiro: José Olympio: Instituto Nacional do Livro, 1971.

A sabedoria deixou de ser a aspiração dos espíritos, para ser a anomalia dos solitários.

São afirmações de um pensador que, na década de 50, foi ouvido e respeitado.

O setor educacional, queiramos ou não, está impregnado dos valores pragmáticos diante das circunstâncias que o cercam. Os professores, educadores, a Escola, a família e o ambiente social que a circunda levam a educação a um **círculo vicioso**. No momento em que o jovem vai decidir sua carreira, não o faz apenas seguindo suas tendências, pois, diante dele, existem, muitas vezes, necessidades básicas a serem supridas com o seu trabalho, e sabe que, se for um professor, seu salário é insuficiente para manter sua família, além de que não alcançará, na sociedade onde vive, nenhum prestígio, não terá o *status* que, na realidade, ainda sonha alcançar. Se, porém, não consegue lograr o que no fundo almeja, opta pela licenciatura e estamos diante de um círculo vicioso.

Desse modo, hoje, não são os melhores alunos, os mais capazes, que se dirigem às licenciaturas, mas os que enxergam a possibilidade de obter um diploma e iniciar uma vida profissional com pouca remuneração. Não havendo salários dignificantes, não há interesse dos mais capazes pelas licenciaturas, nem sequer estímulo para estes que se contentam com uma carreira sem atrativos. Como professores ou pedagogos, não lhes será oferecido um salário convidativo, nem um prestígio social compensador.

Uma das possíveis soluções seria desenvolver uma ação concomitante, sem defasagem: envolver a universidade como prioridade na problemática da formação do professor, buscando a

reestruturação do currículo, enriquecendo-o das ciências sociais, incluindo um pouco da neurociência e muito de antropologia e psicologia, e valorizando, nos cursos de licenciatura, o tirocínio docente, como forma imprescindível de preparar o formando para a prática docente; empenhar-se o governo em elevar a educação ao topo político, definir uma posição no sentido não só de aumentar o salário dos professores, como também de dar-lhes a possibilidade de aprofundar seus conhecimentos ao longo de sua carreira docente, recompensando-os financeiramente a cada etapa conquistada; e, quanto aos gestores das instituições de ensino, a escolha deve sempre ser pela meritocracia, o que permitiria aos professores trabalhar supervisionados por competentes profissionais.

No momento tumultuado em que vivemos, quando o adulto, antes uma criança e um adolescente cheios de medos e carências, consegue alcançar, em sua formação educacional, um curso de pós-graduação, vê-se aturdido por inúmeros compromissos e derrama sobre o professor toda uma lamentável carga de insatisfação, desconforto e dor, em comportamentos patológicos (*borderline*), as instituições precisam estar prontas com o SOE, com psicólogos para a ajuda ao professor e ao aluno, para um suporte psicológico profissional.

É necessário, então, repetir: se o salário aumentar e melhorarem as condições de trabalho, serão atraídos os alunos mais capacitados, dentro do paradigma americano, e melhores professores serão daí oriundos. É o presumível. Também saberão escolher melhor seus líderes, seus gestores. Não é simplesmente aumentando o salário dos professores, mas, concomitantemente, reestruturando seu currículo universitário para uma formação mais científica, numa ação sinérgica. Assim, teremos melhores professores, melhores alunos que desejem e se sintam capacitados

a ser professores e ganhem um salário atrativo, para viver num padrão social desejável, melhor do que o atual. Pelo mérito, seriam escolhidos os gestores, não por indicação política, mas respeitados pelos professores por sua competência e liderança.

Uma solução? Não. Uma ideia que aqui fica registrada por uns momentos. Espero que não seja um solipsismo inútil e vaidoso, mas uma mera sugestão para se pensar e sonhar.

Não estou muito segura quanto à relevância destas leves pinceladas que trago para esta Academia, que tão carinhosamente me recebe. Mas, acreditando que numa academia atuante como esta, existe a compreensão da complexidade da problemática educacional por que o mundo atravessa, sobretudo crendo ser uma academia dinâmica, interagindo com as instituições da sociedade como um todo, públicas e particulares, estabelecendo uma dinâmica de trabalho que nela torne possíveis os diálogos abertos, as entrevistas sinceras, não só as conferências, os discursos de posse, os pronunciamentos, mas também uma academia que esteja apta a operar com as Instituições de Ensino Superior, as Universidades, os Conselhos de Educação e os órgãos, governamentais ou não, e possa incentivá-los a elaborar projetos inovadores que venham a contribuir para que as instituições educacionais de todos os níveis sejam aperfeiçoadas e, mais ainda, um espaço acolhedor onde os projetos pedagógicos possam ser apresentados para discussões amplas e descomprometidas com ideologias e/ou com inflexíveis correntes psicológicas. Uma academia onde as grandes dificuldades do professor possam ser discutidas sem preconceitos, onde “as duras e tristes verdades”, as grandezas e misérias da educação brasileira, possam ser ditas sem os melindres defensivos dos conformistas.

Se, no binômio Escola-Família, a Escola está provando ser mais presente do que a Família, temos, naturalmente, nós da Academia, de considerar a possibilidade de contribuir, do modo mais eficaz possível, com ambas, não esquecendo a Escola de Pais já atuante. A realidade é que esses dois pilares onde se equilibra a formação do ser humano estão em busca de respostas com a maior urgência possível.

Uma academia com a serenidade da experiência, sem a vaidade da juventude impetuosa e desejosa de aparecer, parece-me o espaço ideal para acolher o fato educacional em toda sua amplitude. O leque é amplo, múltiplo, muito diversificado e se abre para várias áreas nas quais estão pululando inúmeros problemas a serem debatidos. Podem, então, ser objetos de atenção dos experientes acadêmicos, desde a educação infantil até a superior, a pós-graduação e a pesquisa, da educação ambiental até a educação médica, da educação inclusiva (do infra e superdotado e dos necessitados de cuidados especiais) até a educação financeira, da educação emocional (já com a experiência de João Santos no Colégio Águia e na Faculdade Castro Alves) até os problemas dos “nativos digitais” (aqueles que nasceram após 1990 e têm o hábito de levar mais de 30 horas semanais na Internet), as dificuldades dos deficientes de atenção (DAT) e, principalmente, as análises necessárias para as crianças que estão vindo agora para as escolas que, segundo a especialista em fisiologia cerebral Suzan Greenfield ⁵, é “uma geração que passará a vida inteira *on line*”.

O bolo educacional é muito recheado. Contém pedaços bem doces, até açucarados, mas amargos ingredientes também o compõem. No pedaço amargo, está a formação dos professores e

⁵ GREENFIELD, Susan A. Entrevista a Jones Rossi. *Veja on line*, 30 set. 2012.

dos pedagogos, a área acadêmica sobre a qual a Universidade não se debruça ainda como deveria.

Penso que, nas Academias de Educação, deve-se metaforicamente partir o bolo e, corajosamente, degluti-lo com serenidade, nem com plena aceitação, nem com pretenciosa negação. Sob essa ótica, esta Academia apresenta um valioso trabalho sobre a “Formação continuada de professores: provocação à aprendizagem”, da comendadora Valdenita Suely Torres e Torres, ocupante da Cadeira nº 18. Ela faz uma cuidadosa análise histórico-reflexiva, de Platão a Morin e Imbernón, debruçando-se sobre a **aprendizagem**, tema recorrente na área educacional.

Há que considerar, ainda, a educação dos índios e afrodescendentes e atender, sem subestimar, à ânsia educacional da terceira idade.

É antenada com o fenômeno educacional que visualizo uma Academia de Educação como meta, como ideal a ser conquistado, pouco a pouco, oferecendo aos sistemas de educação oportunidades para debater ideias e analisar propostas, sem ferrenhas assertivas pedagógicas, mas filosóficas e dialéticas posições, equilibrando o cartesianismo europeu com o pragmatismo americano, aceitando Morin, entrando pela axiologia e lançando para a área pedagógica o desafio de pensar na realidade: qual é, exatamente, o ser humano que queremos e devemos formar.

Deverá superar duas dificuldades: os recursos financeiros, para que sejam dinamizadas as atividades, e a disponibilidade de tempo dos acadêmicos. Creio que, através de bons projetos enviados a determinadas instituições, é possível angariar recursos e o tempo dos acadêmicos se resolve na

sabedoria de como serão distribuídas as tarefas, sem açoitamento e sem angústias. A diversidade dos tempos está em função da diversificada formação dos acadêmicos, que pertencem aos mais diversos ramos do conhecimento e lidaram sempre com vários segmentos da educação brasileira.

Utopia? Sim. É das utopias que partem os homens para construir a sua realidade e desobstruir os caminhos.

Senhores acadêmicos:

O agradecimento ficou muito aquém do meu sentimento de gratidão, e as superficiais pinceladas não têm maior validade senão aquela do muro das lamentações de Israel! São esperanças, sonhos, ideais feitos de Fé, Esperança e Coragem. Mil vezes agradecida pelo privilégio da atenção de todos, num clima de amizade e carinhosa acolhida.

A creche como alternativa

Leda Jesuino

Para a problemática situação de mulher no mundo contemporâneo, a creche pode ser, e é, considerada uma viável alternativa, que requer, indiscutivelmente, o debruçar dos órgãos governamentais e dos cidadãos sobre essa questão tão premente, uma vez que está em pauta a riqueza de uma nação: a criança.

Esse manancial rico e precioso que, cuidado devidamente, vai constituir o mais importante fator de desenvolvimento de uma sociedade organizada, reconhecidamente um potencial considerável de prosperidade de um país, necessita de um olhar reflexivo sobre como conduzi-lo, por que não dizer, da maneira científica e mais adequada ao paradigma do mundo atual.

Não é sem razão, ao contrário, pois fundamentado em pesquisas e estudos analíticos, que alguns países, principalmente na Europa, consideram imprescindível a permanência da mulher junto ao filho durante o maior tempo possível, para o devido acompanhamento, visando, evidentemente, o benefício que vai ser auferido com crianças saudáveis, jovens ajustados e cidadãos produtivos.

A maternidade, portanto, passa a ser avaliada como um bem social, de modo a tornar possível uma juventude de corpo saudável e mente equilibrada, um psicossomático ajustado ao conflitante mundo hodierno, no qual crianças, já na primeira infância, apresentam síndromes depressivas.

Dentro de um fogo cruzado, a mulher de todas as classes sociais sente-se impulsionada, pelas circunstâncias as mais diversas, a desempenhar vários e intrincados papéis que a envolvem em situações bastante complexas. Além de lhe ser cobrada competência, ou seja, eficiência e eficácia, boa apresentação e postura sedutora são necessárias. Dentro de seus variados papéis, de filha, mãe, irmã, profissional, esposa, amante, amiga, muitas vezes, e não são poucas, o estresse, a exaustão e as patologias estão presentes.

Para essa realidade, vivenciada quase universalmente pelas mulheres no mundo civilizado, parece-nos inquestionável a instituição da creche como a melhor alternativa nessa conjuntura de uma sociedade tão conflitante.

A creche representa, para a mulher que desempenha os diferentes papéis da maternidade e da profissionalização, a possibilidade de um viver mais ajustado a seus afazeres, com mais tranquilidade psicológica para seu dia a dia atarefado e, por vezes, exaustivo.

Destemida, enfrenta corajosamente inúmeras situações conflitantes, com que se depara na sua condição de mulher consciente de seus diferenciados papéis. Nas classes menos favorecidas, o problema se tornou sufocante e levou a mulher a apelar para reunir crianças em casa de uma mulher mais idosa da comunidade, a fim de que fosse possível trabalhar deixando-as em local seguro. Surgiram, assim, as primeiras creches, como meros abrigos, apenas fundamentadas na boa vontade, compreensão de dar às crianças alguns cuidados e atenção. Ainda hoje, esse paliativo funciona em algumas comunidades.

Alguns anos depois, os poderes públicos assumiram a responsabilidade de organizar creches, de acordo com os critérios

técnicos necessários e com um corpo de profissionais especialmente preparados, aptos a desempenhar suas funções. E, então, surgiram as creches capazes de ser uma alternativa para a mulher trabalhadora.

As instituições socioeducativas e assistenciais debruçaram-se sobre o “binômio mãe-filho”, compreendendo a importância desse problema para o desenvolvimento econômico de uma nação, uma vez que a introdução da mulher na força de trabalho representa fator significativo do crescimento socioeconômico e cultural de um país.

Creches como a instalada na Mansão do Caminho merecem ser consideradas como dignas de encômio.

No momento, é digna do maior incentivo a Liga Álvaro Bahia, sob a batuta do dinâmico Durval Olivieri, que, diante da significativa carência de 23 mil crianças necessitadas de amparo, deseja desencadear um movimento para organizar uma Creche-escola, Creche-Aplicação, cujo projeto está sendo elaborado, com duas finalidades: a mais relevante é dar à criança todos os cuidados e a atenção de que ela é merecedora, mas também, e não menos importante, a de se apresentar como um paradigma para creches já instituídas e outras a serem projetadas, sobretudo nas comunidades carentes.

CRECHE-APLICAÇÃO

Ideias a serem desenvolvidas para a elaboração de um projeto para instalação de uma Creche-Aplicação onde estagiários receberão a formação necessária para se qualificarem como profissionais na atuação e na organização de uma Creche.

São sugeridos como parâmetros de orientação de uma creche comunitária:

1 – Estrutura Física: construção ou adaptação (já existem alguns trabalhos sobre o assunto).

Obs.: É válido conhecer a Creche da Mansão do Caminho e a do MAIS, construída no Governo João Durval Carneiro (sob a orientação de D. Ieda Barradas Carneiro).

2 – Estrutura Administrativa:

a) Coordenação geral (preferencialmente, de formação em Serviço Social);

b) Profissionais de Nível Superior: Assistente Social, Nutricionista, Pediatra,

Pedagoga (com Especialização em Estimulação Precoce), Pedagoga (com

Especialização em Educação Infantil e Recreação);

c) Pessoal de apoio: de limpeza e cozinha.

Obs.: Cuidado especial com a lavanderia e com a brinquedoteca.

3 – Pequeno Setor de Estágio – para seleção, acompanhamento e controle dos estagiários.

4 – Processo de Seleção e Admissão: Atenção especial deve ser dada a esse processo, pois os critérios devem estar bem definidos, após uma análise criteriosa da demanda da clientela a ser admitida.

5 – Procedimentos prévios para a organização:

– Contatar 2 ou 3 Universidades que ofereçam cursos de Medicina, Nutrição, Fisioterapia, Pedagogia, Fonoaudiologia e Licenciaturas para oferta de vagas a estagiários (1 ou 2 semestres).

– Elaborar Normas para estágio na Instituição (vantagens, obrigações, duração, etc.).

6 – Reuniões mensais, das quais devem participar:

- o Coordenador de Estágio da Creche;
- o professor responsável da Universidade de origem do estagiário;
- o profissional da Creche que vai trabalhar com o estagiário;
- o estagiário.

7 – Procedimentos das reuniões:

- determinar as rotinas de trabalho dos profissionais;
- definição das responsabilidades de cada profissional;
- processamento dos encaminhamentos.

Passagem

Leda Jesuino

É tão triste
saber que não mais existe
no lugar onde viveste
tudo que conheceste
mas que ainda persiste

O perfume do teu Ser
tua imagem imprimida
na imensa dor contida
para guardar e ter
na tela do meu viver

Como se ainda existisse
o amor que ainda persiste
e faz vibrar velhas harpas
tocando velhas cantigas
melodias doloridas
É como se houvesse farpas
nas fibras do coração

Os teus braços estendidos
os olhos umedecidos
lágrimas não derramadas
todas elas transformadas
simples bolhas de sabão
são pássaros voando
felizes, na amplidão

É tão triste ...

Tudo passa
repentina e tristemente
como se tão somente
nada fosse de verdade
como se a realidade
fosse apenas ilusão
como se tudo chegasse
e de repente passasse
sem deixar recordação

Associação dos amigos de Claudelino Miranda: homenagem ao professor Edivaldo Boavetura

Leda Jesuino

Cícero, quase meio século a.C., deteve-se, nas suas reflexões, em um dos sentimentos mais fortes, que enobrece a natureza humana. Escreveu *De Amiticia* – Sobre a Amizade –, elaborando, com suas percepções próprias de um ser muito social como era, uma das mais famosas obras da literatura universal, célebre e ainda atual, quando, em nossos tempos, o homem necessita não só da lógica aristotélica, mas, e principalmente, da lógica afetiva, uma vez que “o **afetivo** é o **efetivo** da vida”, frase cunhada pelo grande psiquiatra que foi entre nós João Mendonça, como diretor, por muito tempo, do Hospital Juliano Moreira.

Filósofo romano, Cícero tentou colocar no papel a grandeza da amizade e, certamente, comoveu Roma. Mas o poder, a cobiça, a inveja e a ambição, poderosos sentimentos negativos do ser humano, contribuíram para deteriorar e acelerar a queda moral do Império Romano.

Na sociedade em que vivemos, com as naturais imperfeições humanas, temos a possibilidade de encontrar núcleos afetivos de significativa importância social, de inestimável valor, onde os indivíduos se encontram como cidadãos. Nesses núcleos, logram aprender, cada vez mais, a ajudar com seriedade o seu próximo, a atender às necessidades de seus semelhantes, na maioria das vezes, carente material e afetivamente.

Todos nós que partilhamos dos propósitos da ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DE CLAUDELINO MIRANDA, somos comprometidos com a melhoria do bem-estar social. Somos os participantes de um dos núcleos afetivos sociais da nossa sociedade, em torno de uma figura representativa que detém, dentro de si, no mais recôndito de si mesmo, a capacidade de sensibilizar-se com a dor humana.

A Associação que nos congrega em torno de um humanista como Claudelino Miranda, está alicerçada, sem dúvida alguma, nos deveres da cidadania, direcionados para a compreensão profunda do ser humano e suas carências.

Sendo um núcleo afetivo, fortalecido pelo sentimento que Cícero tanto louvou, nada mais consentâneo, mais adequado do que fortificar um laço de amizade, homenageando um amigo que compreendeu o sentido essencial do grupo que se formava sem outra pretensão que a de ajudar por ajudar, o que constitui a nobreza de se doar incondicionalmente. Então, aqui se homenageia um amigo que percebeu a importância social de um programa eivado de bons propósitos, desenvolvido por homens dispostos a compartilhar as necessidades de seres carentes em perspectiva de risco social.

O nosso homenageado de hoje, que é o nosso amigo Edivaldo Boaventura, é dotado da sensibilidade que lhe possibilita sentir hoje – e creio que sempre – a admiração que nos leva a considerá-lo como peça importante desta Associação que tem sua existência legalizada, impulsionada pelo seu entusiasmo pelas causas sociais e humanas.

Edivaldo Boaventura é, sem dúvida, um humanista, voltado para a problemática educacional do mundo contemporâneo.

Gregário por excelência, é abrangente sem ser disperso e, em função de suas características pessoais, consegue colocar sua

cultura em função dos serviços prestados às instituições onde finca seu ideal, trabalhando para realizá-lo.

Incansavelmente, dedica-se à análise dos fatos sociais e humanísticos de nossa contemporaneidade. Reflexivo e, quase sempre, debruçado sobre a vida acadêmica, oferece sua constante disponibilidade a seus alunos de pós-graduação das Faculdades onde atua.

Visceralmente professor, traz consigo, no mais recôndito de si mesmo, o “eros pedagógico”, o elã por ensinar, por reconhecer o progressivo conhecimento dos que se predispõem atentamente a ouvi-lo e assimilar suas aulas cuidadosamente elaboradas.

No entanto, dentro e fora da Academia, onde orienta inúmeras dissertações e teses de mestrado e doutorado, continua a ser orientador de muitos que buscam a sua experiência e, muito mais do que isso, a sua disponibilidade em ajudar, colaborando sempre com seus conhecimentos, seus ajustes e conselhos necessários.

Aos 80 anos, Edivaldo sempre brinda seus amigos com sua presença jovial e alegre por compartilhar, por servir.

Edivaldo, o amigo, o homenageado de hoje, sabe, no seu coração, que “Deus não escolhe os capacitados: capacita os escolhidos”.

Divaldo é hoje o nosso escolhido e, certamente, por Deus capacitado.

Prêmio Luiz Viana Filho, 2013

Geraldo Leite

O Prêmio Luiz Viana Filho tem por objetivo homenagear o “Educador do Ano” e expressar a gratidão da Academia de Educação de Feira de Santana ao criador da primeira instituição universitária do interior da Bahia.

Bipolar entre a vocação política e a inclinação para as letras, podemos afirmar que Luiz Viana Filho foi, no dizer do Prof. Edivaldo Boaventura, “antes de tudo, um político, na melhor e mais alta expressão dessa atividade”.

Ingressou na vida pública em 1934, quando foi eleito deputado federal constituinte. Interrompido seu mandato pelo “Estado Novo”, voltou-se para o jornalismo como correspondente do “Diário da Bahia” e do jornal “A Tarde”, de Salvador.

Em 1945, com o término do Governo Vargas, foi reeleito deputado federal. Na Câmara dos Deputados permaneceu até 1966, quando ocupou o cargo de Ministro do Gabinete Civil da Presidência da República. Neste cargo permaneceu até 3 de setembro de 1966, quando foi eleito Governador do Estado. Depois, foi Senador e Presidente do Senado.

Como Governador, deu início a construção do Polo Industrial, criou a Secretaria de Ciência e Tecnologia, estruturou o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, promoveu a ligação rodoviária Salvador-Brasília e, além de outras realizações, criou a Fundação Universidade de Feira de Santana, na qual fui envolvido.

A história, desconhecida das gerações mais novas, merece ser revivida:

Cansados de lutar por uma universidade, Fernando Pinto de Queiroz, Maria Cristina de Oliveira Menezes, João Durval Carneiro, Wilson da Costa Falcão, o orador que vos fala, e outros intelectuais feirenses, resolveram optar pela criação de uma Faculdade de Medicina, julgando que por meio desta alternativa alcançariam o objetivo.

Concluído o projeto, Wilson Falcão expressou o desejo de ouvir o reitor da Universidade Nacional de Brasília. Com este propósito rumamos, Wilson e eu, na manhã de 29 de agosto de 1968, para a Asa Norte. Penetramos no gabinete do reitor e, quando íamos anunciar a nossa presença, aconteceu o inesperado.

A situação do país era a pior possível. A tensão social e o clima de descontentamento diante da violência das forças de segurança tinham atingido o máximo. Os militares, na madrugada daquele dia, invadiram o *campus universitário*, colocando sob custódia estudantes, funcionários e professores retirados à força das salas de aula, dos laboratórios e das dependências da reitoria, onde estávamos.

Todos foram colocados no pátio central. A justificativa era o cumprimento do mandato de prisão do presidente do Diretório Central dos Estudantes, Honestino Guimarães. A resistência estudantil provocou os atos de violência, os quais foram aumentando no decorrer da manhã.

Quando dei por mim, estávamos nos limites da Universidade, cercados por soldados. Um oficial dirigiu-se a Wilson e indagou o que estávamos fazendo no meio daquele tumulto. Wilson tirou sua carteira de congressista e se identificou, afirmando que éramos deputados federais e que tínhamos sido enviados para verificar a ocorrência. A mim, felizmente, nada indagou.

Em seguida advertiu que nós, por medida de segurança, não devíamos circular livremente e colocou outro oficial à nossa disposição.

Wilson agradeceu e informou que nossa missão estava cumprida e que já tínhamos presenciado o bastante.

A invasão da Universidade de Brasília repercutiu no Congresso. Vários discursos foram pronunciados contra o regime militar. Um deles conclamou o boicote aos festejos de 7 de setembro, o que motivou o Ato Institucional Número Cinco, o mais terrível de todos os atos institucionais.

Assim, lamentando o desastre que foi a tentativa de criar uma Faculdade de Medicina em Feira de Santana, ficamos a espera de outra oportunidade.

*

Decepcionado, perdi o projeto. É possível que o tenha deixado na ante-sala da Reitoria. O destino, todavia, remediou a ocorrência. No dia 26 de novembro de 1969, às 11 horas da manhã, Wilson Falcão me telefonou, perguntando:

-- Geraldo, você tem uma cópia daquele projeto da Faculdade de Medicina de Feira de Santana? Hoje, às 16 horas, no Palácio de Ondina, temos uma audiência com o Governador Luiz Viana Filho. Seria bom levá-lo para apreciação.

Ao chegarmos ao Palácio, dissemos ao governador que o projeto não estava em nossas mãos, o que não importava muito porque, na verdade, nosso desejo não era uma Faculdade e sim a universidade. O governador, aquele homem de visão ampla e objetiva, aquela inteligência que enxergava longe, interrompeu a exposição e indagou:

-- Por que não? Vamos pensar alto, Feira merece. Vamos criar uma Universidade Estadual em Feira de Santana!

Eu olhei para Wilson, Wilson olhou para mim, parecíamos estar sonhando. Aquele encontro era real? Mal tivemos ânimo para dizer:

--É verdade, Governador. Este é o nosso objetivo, este é o sonho de todos os feirenses. Feira merece uma universidade!

Três dias depois, em 29 de novembro de 1969, o Diário Oficial publicou o decreto 21.583, de 28 de novembro, dispondo

sobre a criação da Universidade de Feira de Santana. O aludido decreto, no seu artigo 4º, constituía uma comissão composta por Joaquim Vieira de Azevedo Coutinho Neto, Geraldo Leite e Maria Cristina de Oliveira Menezes, para elaborar o anteprojeto para implantação da Universidade.

E assim nasceu a UEFS...

Eis a razão do Prêmio Luiz Viana Filho...

Abertura do simpósio sobre diagnóstico da tuberculose e doenças correlatas

Geraldo Leite

(Salvador, 8 e 9 de agosto, 2014)

A pesquisa científica e a educação continuada através de conferências, mesas redondas, congressos, painéis, simpósios, e cursos de especialização e atualização, foi uma das maiores preocupações do Prof. José Silveira, quando fundou o INSTITUTO BRASILEIRO PARA INVESTIGAÇÃO DA TUBERCULOSE (IBIT), célula mater da Fundação que tem o seu nome.

Enquanto exerceu a direção técnica e científica do IBIT, o Prof. José Silveira, graças ao seu valor pessoal e ao prestígio que sempre gozou no cenário médico nacional e internacional, reuniu colegas da Bahia, de outros estados e do exterior, e ministrou cursos periódicos sobre diagnóstico, profilaxia e terapêutica da Tuberculose e doenças correlatas.

O Conselho de Curadores acompanha com vivo interesse a reativação do Centro de Pesquisas, e aplaude as ações desenvolvidas no campo do ensino e da pesquisa. A reativação do Centro de Pesquisas é uma iniciativa da maior relevância, desenvolvida pela Superintendente, d. Leila Brito. O Dr. João Carlos Coelho Filho, Coordenador Científico da Fundação, é o

responsável pelo êxito desta iniciativa. A ele e seus colaboradores devemos o sucesso deste empreendimento.

O título deste simpósio, “Diagnóstico da Tuberculose e Doenças Correlatas”, é da maior importância. Envolve especialistas de renome, temas criteriosamente selecionados e um bom número de interessados. Tem, portanto, os requisitos indispensáveis para ser um evento exitoso.

O diagnóstico da Tuberculose é o passo inicial para a redução do problema e representa uma etapa crucial para a diminuição do sofrimento. Diagnosticar um tuberculoso, particularmente um bacilífero, e tratá-lo corretamente, curando-o, é eliminar uma fonte de infecção. Reduzir as fontes de infecção é quebrar a cadeia de transmissão da doença, é diminuir sua importância médica e social.

O controle da Tuberculose exige a participação dos profissionais de saúde, dos governantes e da sociedade. É fundamental que os médicos e profissionais correlatos se envolvam de corpo e alma, tenham participação ativa não apenas na busca dos sintomáticos respiratórios mas também na capacitação das pessoas envolvidas no processo, promovendo eventos como este que hoje iniciamos. Quanto mais precoce o diagnóstico, menor a chance de disseminação da doença.

Com os recursos tradicionais, diagnosticamos sessenta a setenta por cento dos casos realmente positivos. O **Inco-TB**, teste rápido com base em técnicas de biologia molecular, detecta o agente causador da Tuberculose com mais de noventa por cento de especificidade e em menos de duas horas, de forma quase inteiramente automatizada. É desenvolvido em parceria pela Fundação Ataulpho de Paiva e pelo Ministério da Saúde. Tem o patrocínio da Fundação Bill e Melinda Gates, melhora o

diagnóstico da doença e a definição do tratamento. Detecta o bacilo de Koch com rapidez, por oposição às várias semanas do método tradicional e revela, ao mesmo tempo a sensibilidade à Rifampicina. Abre novo horizonte para a descoberta das formas resistentes, torna possível o tratamento em tempo realmente curto e reduz o número de pacientes que abandonam a terapia. Há, todavia, uma ponderação: investigadores da Universidade do Cabo, na África do Sul, aplicaram teste semelhante em 1.400 pessoas. O resultado foi animador mas ponderam que, por ser um método sofisticado e relativamente dispendioso, não está à disposição dos países mais pobres e menos desenvolvidos, países que, coincidentemente, concentram a maioria dos casos de Tuberculose..

As patologias correlatas, muitas vezes associadas à tuberculose (como é o caso da AIDS), ou não, envolvem extensa gama de doenças dentre as quais, além da Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida, se situam as micobacterioses atípicas, a candidíase, a pneumonia por *Pneumocystis carini*, a asbestose, a aspergilose, invasiva ou não, a pneumo-coniose, a actinomicose, a histocitose, a neocardiose pulmonar, a sarcoidose, as neoplasias, as doenças auto-imunes, as lesões císticas, as doenças pulmonares intersticiais e outras patologias.

É necessário o conhecimento e a padronização de uma série de métodos de investigação, corriqueiros ou não, e estes últimos não estão ao alcance dos profissionais desatualizados. O diagnóstico correto nem sempre é fácil, tanto é assim que um dos temas deste simpósio, a ser abordado pelo Prof. Edson Marchiori é “Tuberculose: parece, mas não é; não parece, mas é”.

Capítulo da máxima importância é o de algumas patologias, como a tuberculose extrapulmonar intratorácica, a

associação mórbida Tuberculose + AIDS, e a tuberculose multiresistente.

De qualquer modo, quer sejam pneumomicoses, quer sejam pneumopatias causadas por vírus ou por bactérias, quer sejam males resultantes de herança genética, ou da inalação de agentes tóxicos, quer sejam agravos produzidas pelo fumo ou por outros hábitos contrários à saúde, o diagnóstico coreto das patologias torácicas, pulmonares ou não, deve ser uma preocupação constante não somente dos pneumologistas e fisiologistas, mas dos clínicos em geral. É para isto que estamos aqui reunidos com este grupo de colegas possuidores de apurados conhecimentos técnicos, notórios formadores de conhecimento.

Em meu nome e em nome da Fundação José Silveira, parabeno d. Leila Brito, dr. João Carlos Coelho Filho e seus colaboradores pela iniciativa deste Simpósio. Agradeço aos Professores Arthur Soares Souza Júnior, Edson Marchiori, Dante Esculssato, César de Araújo Neto e Jorge Ferreira pelos ensinamentos que serão democraticamente partilhados com todos os presentes.

Sem a colaboração espontânea e dedicada dos Professores Cesar de Araujo Neto e Jorge Ferreira, não teríamos condição de organizar este Simpósio do modo como está sendo oferecido.

A Fundação José Silveira sente-se honrada em recebê-los. Esta casa onde o Prof. José Silveira viveu e pontificou durante tantos anos, se engalana para recebê-los. Sintam-se à vontade.

MUITO OBRIGADO !!!

Painel sobre o novo Plano Nacional de Educação, promovido pela Academia Baiana de Educação, em 6 de agosto de 2014

Geraldo Leite

A Professora Anaci Bispo Paim é presidente e fundadora da Academia de Educação de Feira de Santana, ex-Presidente do Conselho Superior do Ensino, Pesquisa e Extensão da UEFS, ex-Conselheira do Conselho Nacional de Educação, ex-Reitora da Universidade Estadual de Feira de Santana, ex-Secretária de Educação do Estado da Bahia, ex-Secretária de Educação do Município de Feira de Santana, ex-Presidente dos Conselhos Universitários das Universidades Estaduais da Bahia (UEFS, UESB, UNEB e UESC), ex-Presidente da Comissão de Estudos sobre o Financiamento da Educação Básica junto ao Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação, e é doutora *honoris causa* pela European University

Como Reitora da UEFS, destacou-se pelo apoio à comunidade local e regional através da ampliação das ações extensionistas, em mais de uma centena de municípios baianos, elevação do número de pós-graduandos (de 10 professores com doutorado a UEFS passou para 180, no período de, apenas, 8 anos), duplicação do número de cursos de graduação (o elenco de 14 cursos passou para 28), implantação dos primeiros mestrados e doutorados inter-institucionais, em convênio com Cuba, Canadá,

Portugal e instituições brasileiras como a Universidade Federal de São Paulo, Universidade de Campinas, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, etc), ampliação do campus universitário (onde foram construídos novos edifícios administrativos, pavilhões de aulas e laboratórios) e ampliação do Parque Esportivo, além da reforma e ampliação de diversas unidades de ensino, pesquisa e extensão).

Como Secretária Estadual de Educação, implantou o Programa de Formação de Professores, na modalidade presencial (em convênio com as Universidades Estaduais da Bahia) e na modalidade de ensino à distância (com este programa, os professores que não tinham formação de nível superior, obtiveram o grau de licenciado). Criou o Projeto “Ensino Sem Fronteiras”, em parceria com vários municípios do estado, o que possibilitou a oferta do Ensino Médio na modalidade semi-presencial. Implantou 22 escolas com ensino em tempo integral, jornada pedagógica ampliada e apoio alimentar para os alunos. Ampliou o projeto de Redução da Distorção Idade-Série. Construiu mais de uma centena de escolas em diversos municípios (todas com biblioteca ou sala de leitura, laboratório de Informática, laboratório de Ciências e quadra esportiva), Municipalizou o Ensino Fundamental nos anos iniciais, certificou os profissionais da educação e realizou concursos para professores dos anos finais do Ensino Fundamental e Coordenadores Pedagógicos, além de muitas outras realizações.

Como consultora educacional e coordenadora do ensino à distância, na Universidade Regional do Norte do Paraná, realizou diversos projetos e ações a pedido de instituições e prefeituras municipais, e instalou dezenas de pólos na Bahia e em outros estados do Nordeste.

Embora residindo em Salvador, continua se dedicando à Feira de Santana, Como bem afirmou a Profa. Leda Jesuino, “Interiorana, conhecendo de perto as limitações e as dificuldades do interior, Anaci envolveu-se com a macroeducação, acreditando firmemente que há e haverá sempre possibilidade de reformular soluções de natureza político-social para reverter a situação em que se encontra a educação no País”

Sua polivalência entre a capital e o interior, reflete-se em sua personalidade que, como destacou a ilustre Presidente de Honra desta Academia, “sabe com maestria conciliar sua vida profissional com suas obrigações afetivas”

“A Educação na Bahia, diz ela, passa por sérios problemas decorrentes dos baixos índices de desenvolvimento, do reduzido aporte de recursos e da má qualidade do ensino (principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental). Daí a elevada taxa da distorção idade-série nos anos finais. A esse quadro desanimador acrescentamos a desmotivação docente, a reduzida carga horária na sala de aula, a jornada incompatível com um bom desempenho discente, a falta de atividades de complementação curricular, a deficiência dos laboratórios de Ciências, Informática, e bibliotecas. Esta precariedade gera desmotivação nos alunos e o quadro de apatia que reina no ambiente escolar”

*

Hoje, para proveito de todos nós, a Profa. Anaci Bispo Paim, participa deste Painel sobre o Novo Plano Nacional de Educação, em boa hora organizado pelo Presidente Astor de Castro Pessoa.

Tenho a certeza que, mais uma vez, a ilustre professora dará uma excelente contribuição a este tema palpitante, de imenso interesse para os educadores da Bahia e do Brasil.

ORAÇÃO DA SAUDADE

(Em memória de Antônio Jesuíno dos Santos Netto)

Geraldo Leite

Pelos caminhos tortuosos da existência aqui me encontro, sob a égide da Academia de Medicina da Bahia, para proferir a ORAÇÃO DA SAUDADE, em honra do confrade Antônio Jesuíno dos Santos Netto.

Quem diria? Parece um malfadado sonho...

Às 16 horas do dia 1º de setembro de 2011, Antônio Jesuíno dos Santos Netto passou para a História.

Consternado, recebi a missão de saudá-lo em nome da Academia de Medicina da Bahia, da Academia Baiana de Educação, do Conselho Regional de Medicina, da Associação Bahiana de Medicina e de inúmeras outras entidades médicas e instituições culturais da Bahia.

*

O que é saudade, estranho vocábulo das línguas galega e portuguesa?

Saudade, disse Martha Medeiros, “É não saber o que fazer com os dias que ficam mais compridos, é não saber como frear o pensamento que só pensa naquilo, é não saber como conter as lágrimas que umedecem a face, é não saber como vencer a dor de um silêncio que ninguém preenche...”

Saudade, disse Raul Seixas,
“..... é um parafuso
que quando a rosca cai
só entra se for torcendo
porque batendo não vai.
Mas quando enferruja dentro
Nem torcendo não sai.”

Saudade é coisa que atormenta, doe, castiga e faz mal.

Disse Charles Chaplin que “na vida conhecemos pessoas que vêm e ficam. Outras vêm e passam. Existem aquelas que vêm, ficam e depois de algum tempo vão. Existem outras que vêm e vão deixando atrás de si uma enorme vontade de ficarem”.

Jesuíno veio, ficou e deixou saudade, deixou uma imensa vontade dele não ter ido, um pesar imenso dele não ter ficado.

*

“Não se encontra fácil um homem como Antônio Jesuíno dos Santos Netto”, disse Artur Ventura de Matos.

“Médico, fez-se cirurgião de mãos limpas e leves. Médico, fez-se instrutor da terceira idade. Médico, fez-se juiz nos conselhos profissionais. Médico, fez-se amigo no coleguismo sadio do relacionamento entrepares. Médico, fez-se administrador de médicos. Médico, enfim, sóbrio, sem vaidade, cortês, por vezes intransigente em nome da moral”.

O primeiro a quantificar Jesuíno Netto foi Ernani Gusmão. Ele assinalou que Jesuíno freqüentou 67 congressos regionais, nacionais e internacionais, 86 jornadas, simpósios e seminários e 60 cursos paralelos. Inscreveu-se em 180 eventos de sua especialidade e vinculou-se a mais de 30 instituições científicas e culturais.

Realmente, Jesuíno representa na verdade 66 anos de medicina; 58 anos de profícuo trabalho no Hospital Santa Izabel; 54 anos de colaboração na Liga Bahiana Contra o Câncer; 54 anos de serviços prestados ao IBIT e à Fundação José Silveira; 41 anos de serviços à Previdência Social; 42 anos de ensino na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, onde ajudou a formar 8.400 médicos; 30 anos de ensino no curso de Educação Física da Universidade Católica do Salvador; 22 anos de docência nas faculdades da terceira idade. São dezenas e dezenas de anos de vida edificante e bela na Academia de Medicina da Bahia, na Academia Bahiana de Educação, no Colégio Internacional de Cirurgias (onde ingressou com, apenas, 33 anos de idade...), no Capítulo Brasileiro de Cirurgia, no Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins e em outras instituições. São mais de 60 anos nos quais vivi à sua sombra, bebendo com seus ensinamentos.

Retratando Jesuíno, Reinaldo Machado afirma: “O mestre Jesuíno sempre foi uma enciclopédia de sabedoria”.

Antônio Jesuíno dos Santos Netto, disse Jair de Oliveira Santos, “o vi pela primeira vez nos idos dos anos sessenta, quando aluno da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Nossa turma era muito pequena, tinha apenas 32 alunos aos quais se somavam 11 colegas, peruanos e bolivianos. Éramos pessoalmente ligados a alguns colegas peruanos e um deles, então participante da equipe cirúrgica do Prof. Jesuíno, na Escola

Bahiana de Medicina e Saúde Pública, contou-nos que devido a vicissitudes de natureza financeira, estava prestes a deixar o curso de medicina e voltar para o Peru tal a impossibilidade de manter-se. Quando o Prof. Jesuíno tomou conhecimento do fato, promoveu imediatamente as condições necessárias para o sustento do aluno, sua permanência e continuação dos estudos. Em reunião de nossa turma este colega, hoje um médico bem sucedido em sua terra natal, recordou o episódio, referindo-se ao Prof. Jesuíno com reverência e gratidão”.

Em Jesuíno dos Santos Netto, presenciei muitos episódios como este, de amor ao próximo, abnegação, grandeza interior e vontade de servir.

Na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, no AMEPE (a clínica de “Assistência Médica Permanente” que ele e alguns colegas fundaram), na Previdência Social, na Associação Bahiana de Medicina, na Fundação José Silveira, na Universidade Estadual de Feira de Santana, no Conselho Regional de Medicina, na Associação Bahiana de Medicina, no Sindicato dos Médicos da Bahia e nas instituições científicas e culturais que ele frequentou, vi em Antônio Jesuíno dos Santos Netto um norte, um ícone que sempre tentei imitar.

Este homem extraordinário, cujo passamento a Bahia deplora, nasceu nesta cidade de todos os santos, em 18 de setembro de 1920.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, vetusto ninho da medicina brasileira, nos idos de 1939 e por ela diplomou-se em 13 de dezembro de 1944.

Sua vocação pela medicina começou muito cedo, em plena infância e teve suas raízes em seu tio, Humberto Jesuíno, cirurgião do Hospital Santa Izabel. No terceiro ano do curso

médico Jesuíno Netto já se exercitava, atendendo pacientes da Clínica Cirúrgica, “alguns difíceis de serem esquecidos, pois, naquele tempo “um simples mioma, que hoje se opera com facilidade, se não fosse detectado a tempo, alcançava um tamanho extraordinário”. Alguns portadores de esquistossomose hépato-esplênica chegavam ao hospital com enorme esplenomegalia e os portadores de filariase apresentavam edemas linfáticos de inimagináveis proporções. Jesuíno documentou tais achados em preciosas fotografias.

De aspirante a interno do Hospital Santa Izabel, passou, no 6º ano médico, a interno. Em 11 de julho de 1946, com dois anos de formado em medicina, foi nomeado Médico de Guarda.

Realizou diversos cursos de especialização e recebeu o título de Especialista em Cirurgia Geral. Fez o curso de Introdução à Didática do Ensino Superior e o de Metodologia do Ensino, ambos na Faculdade de Educação da Universidade Católica do Salvador e, assim preparado, mergulhou de corpo e alma no magistério.

Na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública ensinou por mais de 40 anos, burilou mais de oito mil médicos, hoje espalhados por vários estados do Brasil.

Ao Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, dedicou 58 anos de vida. Além de Médico de Guarda, Cirurgião e Chefe do Departamento de Cirurgia, foi seu Vice-Diretor e Diretor.

O mesmo ocorreu em outros hospitais de Salvador, notadamente no Hospital Fernando Luz, da Cruz Vermelha Brasileira, e no Hospital da Real Sociedade de Beneficência Portuguesa.

Sua dedicação à educação continuada e à atualização permanente não conheceu limites. Promoveu e participou como presidente, conferencista, convidado ou simples participante, de centenas de congressos, cursos, jornadas, simpósios, encontros, convenções, fóruns e eventos médicos diversos.

Foi membro atuante da Comissão de Residência Médica, coordenador do Internato da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, professor da Escola de Educação Física da Universidade Católica do Salvador, professor de Fisiologia Humana nas Faculdades e Escolas da Terceira Idade e professor de Socorros de Urgência e de Engenharia e Segurança do Trabalho na Universidade Católica do Salvador.

Sua atividade se estendeu a um sem número de instituições educacionais, científicas e culturais, tais como a Associação Brasileira de Educação Médica, a Academia de Medicina da Bahia (da qual foi membro emérito), o American College of Surgeons, o International College of Surgeons, a Associação Bahiana de Medicina, a Associação Brasileira de Medicina do Trabalho, o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, o Colégio Internacional de Cirurgiões, o Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins, a Academia Baiana de Médicos Escritores, a Academia Brasileira de Administração Hospitalar, a Academia Bahiana de Educação, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, a Liga Bahiana Contra o Câncer, e outras.

Títulos e honrarias não lhe faltaram: da Câmara Municipal de Salvador, recebeu a Medalha Thomé de Souza; do Rotary Club da Bahia, o Prêmio José Silveira; de seus alunos, várias paraninfias. Do Sindicato dos Médicos do Estado da Bahia, o Diploma de Honra ao Mérito; do Conselho Regional de Medicina, as medalhas do Alto Mérito Ético Profissional e do Mérito Médico.

Por ocasião da outorga da medalha do Mérito Médico, escreveu Itazil Benício dos Santos:

“A Bahia assistiu pela sua representação médica, universitária e social, à festa de outorga da Medalha do Mérito Médico, instituída pelo Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia, ao Prof. Antônio Jesuíno dos Santos Neto.

Ao brilho de que se revestiu o ato solene não faltaram a imponência e a atmosfera espiritual e cívica que perpassa no salão nobre da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus e a própria respeitabilidade da figura do ilustre homenageado. O sentimento de que os presentes se achavam tocados, percebia-se, não era, por outro lado, senão a plena satisfação e júbilo, por testemunharem inequívoco ato de justiça da classe médica a um dos seus preclaros membros.

Critérios há, certamente, que norteiam e presidem, com justeza, a concessão da honrosa premiação. Mas, no âmbito da avaliação, no cerne mesmo da análise e do julgamento paira, sobranceira, no valor absoluto a ela imanente, a imagem do médico – no caso de Jesuíno, do médico que ele foi, e tem sido através desses cinquenta anos.

Imagem do médico, de ontem, hoje e amanhã, médico, simplesmente, no significado do termo, sem qualquer adjetivação. Dos complexos atributos, de ordem moral, psicológica e intelectual, que formam a personalidade do médico, defluem muitas de suas atribuições na sociedade, algumas especiais, senão específicas mesmo.

Especialista, cirurgião atuante, dos mais conceituados, não deixou Jesuíno de ter sido o clínico geral, o médico geral, nem o médico de família, este, inclusive, mesmo levando em conta as diversas conceituações que tem tido através do tempo, todas essas

faces do profissional apoiadas no lastro do médico de formação completa.

Graças às suas disponibilidades interiores, em atuação que exige doação e paciência, inclusive, dedicou-se, ainda muito moço, ao ensino da cirurgia, ensino não oficial, embora, mas produtivo, reunindo, em torno do jovem mestre, alunos que desejavam aprender o que não encontravam nos livros. Na Escola Bahiana de Medicina, como catedrático de Clínica, no Serviço do Hospital Santa Izabel, dispondo de outros recursos, embora não aqueles de todo desejáveis, encontrou meio de realizar-se como professor. O resultado de sua atuação aí está, na carreira brilhante dos discípulos que fez.

A dedicação a instituições médicas foi outra forma que ocorreu a Jesuíno dar vazão à sua capacidade de servir e doar-se. Entre elas a própria Escola Bahiana de Medicina, o Conselho Regional de Medicina e a Academia de Medicina da Bahia estão entre aquelas a que mais serviu, sendo que à última serviu cerca de trinta anos, como secretário (perpétuo, dir-se-ia). Tudo isso, assinala-se, sem a pretensão de ascender, na administração das referidas instituições, ao posto de maior relevo.

Junto estivemos, por várias vezes, em trabalho de equipe, compondo assessorias, comissões examinadoras e de outra natureza – jamais, em qualquer ocasião, faltaram-lhe a polidez, a elegância, o companheirismo e o desprendimento, a lealdade e a firmeza de atitudes, a informação e o desempenho competente, condições suficientes para assegurar-lhe a liderança natural entre os companheiros”.

*

Mesmo depois da morte, os títulos não cessaram, pois acaba de receber da Associação Bahiana de Medicina alta honraria...

*

Jesuíno foi um intransigente seguidor dos ensinamentos de Hipócrates, Sócrates e Jesus.

Aos seus alunos e companheiros de profissão, ensinou com o exemplo. Foi, durante quase setenta anos de vida profissional, ético, extremamente ético. Do Conselho Regional de Medicina da Bahia foi Conselheiro durante várias gestões até afastar-se para -- no dizer dele próprio -- “dar lugar aos iniciantes”.

Seus conselhos tornaram-no célebre.

Por ocasião da homenagem que o CREMEB lhe prestou, pontificou:

“Erra menos quem tem tempo para ouvir e valorizar as queixas do paciente, para, interpretando-as, obter o fio da meada. Erra menos quem solicita os exames necessários à elucidação do diagnóstico e a evolução do tratamento, sem escravização às máquinas, valorizando o raciocínio clínico, que deve ser soberano. Erra menos quem preenche cuidadosamente o prontuário médico, registrando todas as ocorrências com detalhes de horário, dosagens e vias de introdução, evitando expressões como “manter a medicação”, “manter os mesmos cuidados” e “idem, idem”, tão freqüentemente repetidas, as quais devem ser evitadas.

A sociedade precisa tomar conhecimento da ingente tarefa que desempenham os jovens médicos, convivendo diariamente nos ambulatórios, nas clínicas e nos hospitais, com a cruel realidade, diagnosticando um caso de anemia e sabendo que são

milhões, em consequência da desnutrição, fruto de trabalhadores que recebem salário ínfimo”.

Para seus afilhados, médicos de 1984 pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, recitou memorável oração da qual destaco os seguintes tópicos:

“No momento em que vivemos, no qual a luta íntima em que se encontra o recém-formado, para escolher o seu caminho, ele se depara com duas opções.

A primeira, ser assalariado e como funcionário atender aqueles que estiverem burocraticamente inscritos, na lista para aquele período ou turno de trabalho, não podendo fazer, salvo raras e honrosas exceções, o diagnóstico bem meditado e baseado nos dados semióticos e na intuição clínica.

Outra opção, é tentar manter-se nos ditames da medicina liberal, motivados pela admiração da vida e obra de médicos que se tornaram célebres, respeitados e acatados no exercício do sacerdócio, distribuindo a caridade, a bondade, o amor ao próximo, médico e conselheiro de famílias, trabalhando do raiar ao por do sol e muitas vezes, noite a dentro, trocando prazeres e honrarias, por canseiras e preocupações.”

“Ser médico” – disse Jesuíno naquela oportunidade – “é atuar em unidades médico-assistenciais mal estruturadas, sem infra-estrutura, recebendo baixa remuneração, sujeitos a críticas acerbadas por um mal atendimento cuja culpa não lhes cabe, mas é sobre eles que pesam as múltiplas pressões – dos pacientes, dos acompanhantes, dos outros profissionais da área de Saúde e da sociedade em geral.”

E mais:

“Para ser médico, exige-se uma dedicação indefectível, renúncias penosas, adaptações que fortificam. Ao findar do dia de trabalho, trará o Médico a face sulcada pela fadiga e nos olhos, muitas vezes, a amargura pelos sofrimentos que vêem e diante dos quais sentiu-se impotente para remediar.

Para ser médico o profissional tem que encontrar tempo para ouvir, escutar o paciente e poder detectar o que está acontecendo como o mesmo no plano físico, emocional, social, mental e espiritual.

Para ser médico o profissional deve desenvolver a afetividade mostrando ao paciente que seus temores, emoções e sentimentos merecem compreensão.

Para ser médico é necessário exercer sua profissão sabendo que ela se valoriza pelo nível cultural e pelo prestígio moral e que sem ética e sem dignidade o prestígio decresce e o respeito define.

Para ser médico o profissional deve estar habilitado para relacionar-se com seus pacientes sem que seus conflitos emocionais e preconceitos sejam projetados em seus pacientes.”

*

De Jesuíno tenho falado muito. Ouçamos agora o que, a respeito dele, disseram os seus filhos:

Disse Eduardo, seu filho mais velho:

“Assim foi meu pai, sempre pronto para ajudar. Quando solicitado, apenas sinalizava o caminho que achava correto”.

Sua filha Leda Maria, assim se pronunciou:

“Meu pai para mim sempre representou o símbolo do poder e da presença, não o poder do “poderoso”, mas daquele que sempre inspirou método, organização, disciplina e rigor, além de proteção e estabilidade aliadas a uma grande força de vontade de ter a satisfação do dever cumprido”.

Quanto a outra filha, a inesquecível Mônica, pouco posso dizer. Por certo está ao lado de seu pai, desfrutando o bálsamo de sua presença.

Henrique Celso, seu quarto filho, muito minucioso em seus detalhes, informou:

“Fazíamos muitas perguntas, contávamos coisas, duvidávamos de tudo enquanto ele nos ouvia em interminável silêncio. Depois, sem dizer uma só palavra, entrava em seu gabinete e desaparecia; se enfiava em um labirinto de livros. Por lá ficava por tanto tempo que não o esperávamos mais. Ai ele ressurgia, com uma montanha de livros. Eram tantos livros que éramos obrigados a ajudá-lo. Então ele se tornava todo sorriso. Só aí, somente aí, com os livros espalhados, percebíamos que ele ouvira tudo, que ele não perdera uma só palavra do que havíamos perguntado. Debruçado sobre aqueles livros, ele ia respondendo todas as perguntas e nós percebíamos que nenhuma delas fora esquecida”.

Por fim, o último de seus filhos, aquele que tanto aprendi a admirar: Paulo Jesuíno.

Sobre seu pai, respondeu:

“Meu pai me ensinou com o exemplo. Através dele aprendi que o que há de mais valioso neste mundo nós podemos carregar dentro de nós mesmos. Meu pai, acho que posso dizer que é o mais belo ser humano que conheci.”

*

Disse Jesuíno, ao receber a comenda Thomé de Souza:

“A vida me proporcionou o encontro com uma criatura maravilhosa, que, passou a ser o meu SONHO LINDO! E eu lhes permito a inveja por perceberem que um sonho pode perdurar por mais de cinquenta anos...

Esta encantadora mulher que sabia como é difícil ser esposa de um médico, que sabia como é mais difícil ainda ser esposa de um cirurgião, aceitou o desafio e contraiu núpcias com um médico chamado Jesuíno Netto tendo se desincumbido da difícilíssima missão, com inexcelável eficiência.”

A professora Leda Jesuíno, por sua vez, em artigo publicado no jornal da Associação Bahiana de Medicina, afirmou: “No meio da caminhada, ao se defrontar com um médico e decidir unir-se a ele por amor, o rumo de sua estrada se torna extremamente árduo quanto desafiador, obrigando-a a posições existenciais bastante definidas. Amar verdadeiramente um médico significa amar a Medicina e conviver saudavelmente com ambos: o médico e a Medicina, sem disputa de poder e sem competição de qualquer natureza”.

*

Durante as homenagens que a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública prestou ao seu esposo, recordou a ilustre educadora:

“Lá vai longe o tempo em que um irrequieto estudante do Colégio Marista, entusiasta escoteiro e um ás em manobras de ciclismo, vivia numa tranqüila adolescência na velha, pacífica e tradicional rua do Politeama, uma adorável viela em pleno centro da cidade do Salvador com fácil acesso à Avenida Sete, que era

então o eixo central de uma cidade onde os bondes circulavam tendo sempre lugar para mais um. É Exatamente nesse momento da vida de Antônio Jesuíno dos Santos Netto que o encontro entre bicicletas e patins, bolas de gude e cordas a pular, num grupo de 12 a 15 crianças, adolecendo ainda, num jeito de ser muito especial e diferenciado. Sem dúvida, um líder, dotado, porém, de características pouco comuns numa autêntica liderança, que se acentuaram no decorrer do tempo, tornando-o por vezes incompreendido.

E nesse encontro de adolescentes no fim da década de 30, existiu entre nós uma sinfonia de acordos e desacordos num relacionamento meio esdrúxulo de sístoles e diástoles, de corações tumultuados pelo desabrochar de emoções novas, em busca de conhecer e penetrar no incógnito universo dos sentimentos humanos. De 1939 a 1942, estive fora do cenário do nosso homenageado que, como excelente estudante, ultrapasa sou a barreira do vestibular, ingressando então na gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia, penetrando vitorioso no bojo do seu sonho jamais deturpado por nuvens cor de chumbo. Creio que sempre soube que ia ser médico e que nunca outro campo de atuação profissional se delineou sequer nas suas visões de futuro.

Mais do que isso, sempre teve certeza, sem vacilações, de que ia ser um cirurgião de bisturi nas mãos, mente treinada para decisões rápidas e coração familiarizado com a problemática existencial da vida e da morte.

Quando o reencontrei na década de 40, não era apenas um jovem estudante. Nas suas mãos, havia sempre fios se ajustando a nós, na sua mente já se delineavam todos os valores introjetados pela literatura paramédica que, naquela época, colocava o médico na sua invejável onipotência, dentro do sagrado e intocável sacerdócio e que, no plano afetivo, buscava de coração pleno a

sua verdadeira e eterna musa: a Medicina. Era o mundo de Croni (quem pode esquecer **A Cidadela?**). de Cramell (**La vida de um cirujano**), de Jean Eparvier (**Les miracles de La chirurgie**), de Alexis Carrel (**O homem este desconhecido**), de Barroso (**A formação do médico**), de Jean Louis Faure (**L'âme du chirurgien**) e Maurice Fleury (**O médico**). Nos poucos momentos entre as aulas de Anatomia e Fisiologia, penetrava no universo mágico dos idealistas e eles o introduziram, em grande estilo, nos sagrados santuários de sua vida: os hospitais. E como se fossem gotículas de um doce veneno, as assertivas dos seus mestres fluíam no seu sangue, preparando-o para enfrentar as grandezas e misérias da Medicina que Gilbert Robin lhe descortinava na sua inesquecível obra, lida, relida e anotada.

Era, então, nas madrugadas que aquelas duras verdades soavam como salmos do Evangelho de Lucas e se tornavam inscrições na lápide de sua consciência, transformando-se nos valores que iriam construir o significado da sua vida profissional. Formava-se, pouco e pouco, o cirurgião como se preparavam, nos tempos esotéricos, os iniciados para que pudessem, como São Lucas demonstrou a Tibério, saber qual o significado real da sua passagem pela Terra” ...

Mais adiante:

“Foi nesse momento psicológico que, por uma transformação magnética de energia, passei a fazer a fusão do médico e do homem e, na minha mente confusa de 20 anos, eu não sabia bem onde começava o homem e acabava o médico, quando estava com o cirurgião e sentia o homem. Lembro que, por vezes, eu procurava um e encontrava o outro. Talvez o que lhe digo agora tenha o sabor de uma mera figura literária, apenas uma imagem. Talvez. Mas foi dessa imagem que me alimentei durante toda a minha vida.

Como namorada, noiva, esposa, amante, companheira, amiga, aluna e colega, em todos estes relacionamentos pairou sobre nós essa duplicidade real na aparente unidade. Só que, por mais incrível que lhes pareça, essa imagem não foi inibidora. Não me intimidou na juventude e não me incomodou na maturidade e não me perturba, hoje, na velhice assumida. Muito ao contrário, deixava-me fascinada e representava um desafio.”

*

Em 18 de setembro de 2010 a Bahia, representada pelo que possui de mais representativo -- pessoas, famílias e instituições, prestou significativa homenagem a Antônio Jesuíno dos Santos Netto, que naquela data completava 90 anos.

Durante a missa em ação de graças, Rodolfo Teixeira fez a saudação ao aniversariante. José Antônio Rodrigues Alves, falou em nome da Provedoria da Santa Casa de Misericórdia e Roberto Menezes (Mordomo do Hospital Santa Izabel) leu a carta de São Paulo aos Coríntios, capítulo 13, versículos de 1 a 8, cujo texto é o seguinte:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, senão tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Mesmo que eu tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência; mesmo que eu tivesse toda a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, não sou nada. Ainda que distribuisse todos os meus bens em sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valerá!

A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não é arrogante. Nem

escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

O maior apóstolo da caridade, Senhores, foi Jesus Cristo.

Na carta aos coríntios e na parábola do Bom Samaritano Ele nos ensina que a caridade feita com amor é a maior de todas as virtudes e se situa acima de qualquer plano, quer seja intelectual, social, filosófico, ou religioso.

Os homens estão interligados entre si. A distância que nos separa do Criador é a mesma que nos separa de nossos semelhantes. Quanto mais nos ligamos aos outros, mais nos aproximamos de Deus.

A este respeito, Jesuíno deu maravilhoso exemplo. A professora Consuelo Ponde de Sena, em artigo que publicou por ocasião do passamento de Jesuíno, confessou: “Sempre me intrigou a extraordinária vitalidade daquele cavaleiro de 90 anos, sempre presente aos eventos das associações a que pertencia. Nunca consegui entender como Dr. Jesuíno se multiplicava por mil e um afazeres e sempre mantinha o ânimo para incursionar em outras esferas”.

A todos que me escutam, pergunto: Houve entre nós, no tempo em que viveu, médico mais humano e caridoso que Antônio Jesuíno dos Santos Netto?

A caridade de Jesuíno não foram as esmolas que distribuiu, não foram as doações de gêneros alimentícios, roupas e cobertores. Sua caridade foi a benevolência, o amor, a simplicidade, a misericórdia e o senso de justiça do seu espírito evoluído.

*

Ao finalizar tão sentidas páginas, ditadas pelo coração, mais uma vez indago:

O QUE É SAUDADE?

Para a Enciclopédia Verbo, “saudade é uma lembrança ao mesmo tempo suave e triste, de um bem do qual se está privado; pesar, mágoa que nos causa a ausência de uma pessoa querida”.

Para o Dicionário da Porto Editora, “saudade é a melancolia causada por um bem de que se está privado; é mágoa que se sente pela ausência ou desaparecimento de uma pessoa”.

Para o Dicionário da Texto Editora, “saudade é uma lembrança triste e suave de pessoa ou coisa distante ou extinta, acompanhada do desejo de as tornar a ver ou possuir; é o pesar pela falta de alguém que nos é querido”.

Seja o que for, amigos, eu estou com saudade de Jesuíno!!!

Saudação aos professores Astor de Castro Pessoa e Zilma Parente de Barros, sócios correspondentes da Academia de Educação de Feira de Santana

Geraldo Leite

Feira de Santana, 30 de maio de 2014



Nesta noite a Academia de Educação de Feira de Santana recebe dois correspondentes ilustres: o Prof. Astor de Castro Pessoa e a Profa. Zilma Parente de Barros.

A concepção de educador, diz Trigueiro Mendes, deve ser entendida sob dois aspectos: o filosófico e o sócio-político.

Sob o aspecto filosófico, o educador é um ser complexo que não tem tarefa estrita. Suas funções se desenvolvem entre o fazer e o agir. Na junção do fazer e do agir reside o cerne de sua profissão.

Sob o aspecto sócio político, o educador é alguém inserido na vida social, nela promovendo constante processo de mudança.

* Paulo Freire, um dos mais notáveis educadores brasileiros, em “Pedagogia do Oprimido”, afirma que a aprendizagem é uma ação de liberdade e cultura, um processo interativo entre

professor-aluno e aluno-professor no qual ambos aprendem e se beneficiam.

*

Os educadores que hoje adentram neste sodalício são exemplos vivos das concepções de Trigueiro Mendes e Paulo Freire. Não têm tarefa estrita, vivem do fazer e do agir, estão inseridos na vida social e nela promovem constante processo de mudança com nítida vantagem para o professor e o aluno.

*

O Prof. Astor de Castro Pessoa é licenciado em Pedagogia e em Ciências Contábeis; pós graduado em Educação, Direito Tributário e Legislação Fiscal; professor titular da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, das Faculdades Olga Mettig e da Faculdade de Tecnologia e Ciências. Em sua vida profissional ocupou vários cargos e posições de relevo: foi Chefe de Gabinete do Secretário Estadual de Educação, gestão do Prof. Mário Costa Neto, Governo do Prof. Roberto Santos; conselheiro do Conselho Estadual de Educação e Presidente do mesmo Conselho; conselheiro e Presidente do Conselho Deliberativo do Projeto Casa Jovem, da Fundação Odebrecht; membro titular e atual Presidente da Academia Baiana de Educação; conselheiro do Conselho Deliberativo da Fundação José Carvalho; conselheiro e Secretário do Conselho Deliberativo da Associação Cultural Brasil/Portugal.

A Profa. Zilma Parente de Barros é licenciada e bacharela em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Federal da Bahia; pós-graduada em Metodologia do Ensino de Alemão para estrangeiros pelo Instituto Goethe da Universidade de Munique e pela Universidade de Hamburgo, Alemanha; mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia e Livre Docente em Língua e

Literatura Alemã, pela Universidade Federal de Santa Catarina; doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina; portadora de diversos cursos de atualização e extensão nas áreas de Letras, Educação e Gestão Universitária. Em sua trajetória de educadora ocupou diversos cargos, dos quais destacamos: Na Universidade Federal da Bahia, Professora e Chefe do Departamento de Letras Germânicas; diretora do Colégio de Aplicação e Pró-Reitora de Ensino de Graduação. No Ministério da Educação e Cultura, Secretária de Ensino de 1º e 2º Graus, Conselheira e Vice-Presidente do Conselho Federal de Educação, Professora Visitante do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, do Curso de Mestrado Profissionalizante em Administração da Universidade Tuiuti do Paraná, da Universidade São Marcos (São Paulo) e do Centro Universitário São Camilo (São Paulo). Na Secretaria de Educação e Cultura da Bahia, Conselheira do Conselho Estadual de Educação. É consultora educacional em diversas Instituições de Ensino Superior, palestrante e debatedora em inúmeros Congressos, Encontros, Seminários e Mesas Redondas sobre Educação, Letras e Administração Universitária. De sua bibliografia constam várias publicações em periódicos, e livros. Dentre os livros destacamos: “A visão do narrador na obra de Wolfgang Borchert”, “Redifinição Conceitual dos Colégios de Aplicação”, “Os novos caminhos da Extensão na Educação Superior” e “Modelos Universitários: a situação do Brasil”. Dentre as honrarias e distinções, merecem destaque: Medalha comemorativa do décimo aniversário da criação da Universidade da Amazônia; Honra ao Mérito da Universidade do Oeste de Santa Catarina e da Universidade Salgado de Oliveira; doutora Honoris Causa da Universidade São Marcos (São Paulo), Universidade Regional de Joinville (Santa Catarina), Universidade de Cuiabá (Mato Grosso), Universidade Camilo

Castelo Branco (São Paulo) e Universidade Regional Integrada do Rio Grande do Sul; Educadora do ano, da Academia Baiana de Educação; Medalha do Mérito “Anita Garibaldi” do Governo do Estado de Santa Catarina; Medalha Comemorativa dos 25 anos do Conselho Federal de Educação; Medalha “Barão de Macaúbas” de Mérito Educacional, Governo do Estado da Bahia; Diploma da Ordem de Instituição Pública, Grau de Comendador, conferido pelo Governo de Portugal; Diploma de “Palmas Acadêmicas”, conferido pelo Ministério da Educação da França; Medalha Paulo Sarmiento, outorgada pela Escola Técnica Federal do Amazonas; Medalha “Símbolo do Trabalho”, outorgada pela Escola Técnica Federal do Ceará; Medalha “Nilo Peçanha”, conferida pela Escola Técnica Federal da Bahia; Medalha “Coriolano de Medeiros”, da Escola Técnica Federal da Paraíba; Medalha “Reitor Edgard Santos, do Mérito Educacional”, da Universidade Federal da Bahia. A estes títulos acrescentamos os de Parainfante das turmas de concluintes do Curso de Letras da Universidade Federal da Bahia (anos de 1964, 1972 e 1976) e dos cursos das Escolas Técnicas Federais e das Escolas Agro-Técnicas Federais.

Como Conselheira do Conselho Federal de Educação, a Profa. Zilma Parente de Barros foi relatora do processo de reconhecimento da Universidade Estadual de Feira de Santana.

Aos professores Astor de Castro Pessoa e Zilma Parente de Barros apresentamos, em nosso nome e em nome dos demais membros deste sodalício, votos, os mais sinceros, de Boas Vindas.

Esta Academia se engrandece acolhendo, como sócios, educadores de tão alta envergadura.

Antônio Jesuino dos Santos Netto

Geraldo Leite



A Bahia foi surpreendida, no dia 2 de setembro de 2011, pela notícia da morte de Antônio Jesuino dos Santos Netto.

Dizer quem foi Antônio Jesuino dos Santos Netto não é tarefa fácil. Não me refiro a Jesuino mestre, Jesuino esposo, Jesuino pai, porque outros colegas o farão. Não citarei sua passagem pela Universidade Católica do Salvador, onde tão bem serviu como sustentáculo da Escola de Educação Física. Não farei menção ao que lhe deve a Santa Casa de Misericórdia, onde serviu ao Hospital Santa Izabel, como Conselheiro e Diretor. Não falarei sobre o que lhe deve a Liga Bahiana Contra o Câncer, onde prestou relevantes serviços. Não recordarei sua contribuição à Previdência Social, onde o tomei como mestre e paradigma. Não direi uma só palavra sobre o que lhe são devedores o Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins, a Fundação José Silveira, a Associação Brasileira de Medicina do Trabalho (que o elegeu membro honorário, e o distinguiu com a Medalha do Mérito Nacional). Não farei a mais leve referência aos serviços por ele prestados à Associação Bahiana de Medicina, ao Conselho Regional de Medicina, ao Sindicato dos Médicos da Bahia, à Escola Bahiana de

Medicina e Saúde Pública, à Academia de Medicina da Bahia, à Academia Baiana de Educação, à Academia Baiana de Médicos Escritores, à Sociedade Saúde e Valores Humanos, à Sociedade Brasileira Para o Desenvolvimento e a Pesquisa em Cirurgia, aos Colégios Internacional e Brasileiro de Cirurgia, ao Instituto Brasileiro de Filosofia, ao Instituto de Patologia da Bahia, ao Instituto Brasileiro Para Investigação da Tuberculose e dezenas de outras instituições. De igual modo silenciarei sobre os créditos que lhe conferiu o *American College de Surgeons*.

Passarei ao largo das duas centenas de trabalhos que Antônio Jesuino dos Santos Netto publicou, bem como de centenas de cursos e congressos que participou.

Não abordarei o Jesuino mestre, amigo e professor.

Falarei apenas sobre seu modo de ser, suas qualidades, seu caráter, sua alma, sua filosofia.

=====

Em menos de quinhentos anos, três homens revolucionaram a humanidade, mudando por completo seu destino. Eu me refiro a HIPÓCRATES, SÓCRATES E JESUS.

Hipócrates, famoso médico grego, nascido em Cós, segundo a tradição, estudou medicina em sua terra natal, na Tessália, no Egito e em Cíntia. Praticou, tratando doentes que procuravam as águas termais da ilha de Cós. Viajou por todo o mundo grego a serviço da profissão, alcançando grande fama. Teve Chefes de Estado como clientes. Platão o menciona com grande deferência. Aristóteles o chama de “Hipócrates, o Grande”. Galeno o reverencia. Ninguém o

excedeu. Ele separou a medicina da religião e, graças ao seu talento, a medicina foi dividida em duas épocas: Antes e Depois de Hipócrates!

Escreveu vários livros, dos quais o mais célebre é “Aforismas”. Igualmente famoso é o seu “Juramento”, o qual rege até os dias de hoje a arte e a ciência médicas.

*

O segundo homem, na lista dos que modificaram o mundo, é Sócrates. Nasceu e morreu em Atenas. Filósofo, filho de um artífice e de uma parteira. Seu caráter era por todos proclamado reto e incorruptível. No dizer de Xenofonte, Sócrates foi o mais equilibrado e modesto de todos os homens. Na Assembléia dos Quinhentos, opunha-se de todas as maneiras contra qualquer forma de injustiça. O oráculo de Delfos proclamou certa feita que Sócrates era o mais sábio dos gregos. Ele riu e respondeu: “Só sei que nada sei!”. Para ele não existia filosofia enquanto o espírito não se voltasse de modo reflexivo sobre si mesmo. “Conhece-te a ti mesmo”, era o seu lema.

Enquanto seus antecessores se diziam pesquisadores da Natureza e perquiriam os problemas do ser e do movimento, em busca de um princípio capaz de reger todas as coisas, Sócrates afirmava que há uma coisa infinitamente mais digna e importante para a meditação filosófica, isto é, o homem! O grande objetivo, dizia ele, é entender o homem e tudo o que vem do homem.

A partir dessa época a Filosofia tomou novo rumo e seu centro de interesse se deslocou para o homem e sua posição na sociedade.

A mudança foi tão profunda, tão chocante e revolucionária, que a Filosofia foi dividida em dois períodos: Antes e Depois de Sócrates!

Atenas, incapaz de perceber a moral e a ironia de Sócrates, condenou-o à morte sob alegação de que ele, com suas idéias, corrompia a mocidade.

*

O terceiro, na ordem do tempo, foi JESUS, o filho de Deus.

A História da Civilização, todos sabem, é dividida em dois períodos: Antes e Depois de Jesus Cristo.

Em uma obra moderna, “O Mundo de Sofia”, Jostein Gaarder repete mais de uma vez a indagação: “Por que Sócrates teve de morrer?” Jesús e Sócrates eram considerados pessoas enigmáticas no tempo em que viveram. Nenhum dos dois deixou o registro das suas idéias.

Assim não nos resta outro meio senão confiar na imagem que nos foi legada por seus discípulos. Uma coisa, porém, é certa: Ambos eram mestres da retórica. Além disso, ambos tinham tanta confiança no que diziam que podiam tanto arrebatrar quanto irritar seus ouvintes.

Para completar, ambos acreditavam falar em nome de uma entidade que era maior do que eles. Desafiaram os que tinham poder na sociedade, porque criticaram todas as formas de injustiça e de abuso. Este modo de agir custou-lhes a vida.

*

Afirma certo A. contemporâneo que os médicos têm mais possibilidade de atingir a perfeição que os demais seres humanos pois eles, ao contrário dos outros, podem absorver com facilidade as lições e os ensinamentos de Hipócrates, Sócrates e Jesus!

Ninguém mais do que ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETTO conseguiu, em nosso meio, atingir tal objetivo. Nenhum de nós absorveu com mais coerência e naturalidade os princípios éticos, filosóficos e religiosos ensinados por Hipócrates, Sócrates e Jesus.

Sua modéstia, simplicidade, amor ao próximo e à profissão estão consubstanciados no seguinte trecho do discurso de paraninfia que dirigiu aos seus afilhados, médicos de 1984 pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública:

....“Outra opção é tentar manter-nos nos ditames da medicina liberal, motivados pela admiração da vida e da obra de médicos que se tornaram célebres, respeitados e acreditados no sacerdócio, distribuindo a caridade, a bondade, o amor ao próximo. São médicos e conselheiros de famílias que trabalham do raiar ao pôr do sol e muitas vezes, noite a dentro, trocando prazeres e honrarias por canseiras e preocupações !”

**ESTE É JESUÍNO, SÍNTESE MARAVILHOSA DOS TRÊS
MAIORES VULTOS DA HUMANIDADE !!!**

Centenário do prof. Bernardo Galvão Castro

Geraldo Leite

Bernardo Galvão Castro, filho de Joventino Castro e Olava Galvão Castro, nasceu em 9 de setembro de 1913, em Tamburi, hoje Marcionílio de Souza, município localizado a 336 km de Salvador. Apesar de se situar nas proximidades do Rio Paraguaçu, rio de grande potencial agrícola, a principal renda deste município provém de funcionários públicos, aposentados, pensionistas e pequenos proprietários de terra que criam e negociam ovelhas, cabras e bovinos

Durante alguns anos a cidade foi referência para o embarque e desembarque de passageiros de trens. Com o passar do tempo os trens de passageiros caíram em desuso, restando apenas a circulação de comboios de carga.

Tamburi, segundo relatam os moradores mais antigos, é o nome de uma árvore de grande porte ali antigamente existente, árvore de até vinte metros de altura, da família das Leguminosas, hoje ainda encontrada no Baixo Amazonas, sul de Mato Grosso, Goiás, Triângulo Mineiro, noroeste de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

O nome Marcionílio de Souza é uma homenagem ao Coronel Marcionílio Souza Reis, gaúcho natural de Pelotas, dono de muitas terras. Fixou residência em Tamburi, casou-se várias vezes, sendo Urgelina Souza Reis a última de suas esposas. Ela morreu tuberculosa, em Salvador, aos 75 anos de idade. Marcionílio faleceu no bairro de Brotas, também em Salvador, com mais de oitenta anos, em completa miséria.

*

A história de Marcionílio de Souza tem suas raízes no banditismo da região de Jequié, sobretudo de Ituaçu, também conhecida como “Brejo Grande”. Naquela localidade o poder se alternava entre duas famílias: os Gondins e os Silva. Estes, por viverem na baixada, eram chamados “rabudos”, isto é, ratos. Os Gondins, fixados nos morros da Lavas Diamantinas, eram apelidados de “mocós”.

A disputa enlutou as duas facções e envolveu outras famílias de Ituaçu. Ambos os grupos aliciaram coronéis, jagunços e outros aventureiros. Marcionílio de Souza era o chefe político dos “rabudos”. Os “mocós”, em menor número, eram chefiados por José Antônio Miranda.

*

O Prof. Galvão, cujo centenário de nascimento comemoramos, tem sua origem em duas famílias: os Galvão e os Castro.

Afirma Araken Vaz Galvão que o sobrenome Galvão é uma corruptela da palavra gavião e neste caso os GALVÃO seriam descendentes de judeus convertidos ao catolicismo. Esses judeus tinham o costume de adotar animais e plantas como sobrenomes. Daí os Macieira, os Pereira, os Tourinho, os Gavião, etc.

Admite a mesma fonte que os Galvão de Portugal, do Brasil e da África possuem um tronco comum. Em Angola, por exemplo, diz Araken Vaz Galvão, “havia um ramo da família Galvão que, com a independência daquele país, veio para o Brasil e um deles é dono de um parque em São Paulo, chamado “Zimba Safari”. Este cidadão professa a religião judaica e declarou-me que os Galvão eram todos judeus. Os que vieram para o Brasil Colônia continuaram na religião católica, já os que foram para Angola voltaram a professar a religião de origem”.

Este fato não exclui os degredados, portugueses de baixo nível social que uma vez condenados vinham para a Colônia. Muitos, ao chegarem e serem aqui libertados, ficavam agregados

às famílias que residiam no Brasil e adotavam o sobrenome dessas famílias. Assim, muitos GALVÃO não são GALVÃO verdadeiros. Os escravos tinham o mesmo hábito mas o caso é diferente: “alem de adotarem o nome familiar dos senhores (muitas vezes eram filhos bastardos destes) como regra geral a escolha ficava a critério do vigário que os batizava – quase sempre dando-lhes como sobrenome “Santos dos Santos” (Ibidem).

Monsenhor Galvão, Vice-Reitor da Universidade Estadual de Feira de Santana, publicou um estudo intitulado “Duzentos Anos de Galvão”. Ele afirma que a “família Galvão é uma família muito antiga que teve como solar uma quinta em Guimarães, na costa verde portuguesa, no norte de Portugal”.

Do exposto concluímos que a origem deste sobrenome é incerta.

Quanto a família Castro, também do Prof. Bernardo Galvão, o que podemos dizer é que se trata de um sobrenome utilizado por portugueses e espanhóis, toponímico que vem do latim *Castrum* (castelo, fortaleza, forte). Em sua forma arcaica foi registrado como Castro. O primeiro a utilizar este sobrenome foi D. Rui Fernandes de Castro, rico homem de el-rei D. Afonso VII, de Leão e Castela, primeiro rei da Casa de Borgonha, que tirou este nome da vila de Castro Xerez, pequeno povoado que desde 1833 faz parte da Espanha.

*

O menino Bernardo aprendeu as primeiras letras em sua terra natal. A escola naquela época era extremamente rígida. A aprendizagem, obtida através de professores leigos e autoritários, se resumia em conhecer o ABC, soletrar algumas palavras, ler pequenos trechos, escrever curtos ditados, somar, diminuir, dividir e multiplicar. O ensino da matemática consistia em decorar a tabuada, cantada todos os dias, horas a fio, a uma só voz: um mais um, dois; dois mais dois, quatro, quatro e quatro, oito, e assim por diante.. Durante a aula os discípulos

permaneciam atentos e em completo silêncio. Todos aceitavam os ensinamentos do professor como verdades absolutas, verdades acima de qualquer dúvida ou contestação. Ninguém, nem mesmo o discípulo mais atento e interessado, tinha o direito de formular alguma pergunta ou indagação. A desobediência era passível de castigos rigorosos, de natureza física, ou moral. O recalcitrante se tornava alvo de pesada humilhação: ficava de pé, com um livro sobre a cabeça, durante horas, sob as vistas do professor e escárnio dos condiscípulos. O pior era a terrível palmatória, mãe de todos os castigos. As necessidades fisiológicas, muitas vezes reprimidas, eram controladas por um expediente curioso: o necessitado era obrigado a levar para o banheiro uma pequena pedra, quase sempre arredondada, colocada sobre a mesa do professor. Graças a este subterfúgio ia-se à latrina, um aluno de cada vez. Enfim, a atmosfera da sala de aula era de tensão absoluta, medo, pavor.

Embora vivenciando condição tão rude e adversa, o menino Bernardo desde cedo demonstrou forte inclinação para o estudo e, com esta vontade de aprender, iniciou a leitura dos primeiros livros.

*

Esgotadas as condições locais, seus pais sentiram a necessidade de enviá-lo para a capital com o objetivo de concluir os preparatórios e satisfazer o desejo de vê-lo em uma Faculdade.

“A educação, diz José Maria Nunes Marques, é um processo de toda a vida, pois aprendemos e nos educamos desde o nascimento até a morte. Porém, de modo geral e caráter mais intenso e sistemático, é sobre a infância e a juventude que a educação se processa e atua, por serem estas as épocas mais propícias à formação e ao aprendizado. Dois grandes processos se desenvolvem paralelamente no indivíduo durante esta quadra da vida: o que lhe vai formando a maravilhosa máquina do corpo e o que lhe vai aperfeiçoando os dotes morais, intelectuais e sociais, predados de sua alma ou de seu espírito. E é sobre a juventude e

a adolescência que recaem as maiores cargas deste duplo processamento de vida”..

Foi justamente neste período que Bernardo Galvão deixou a terra natal e se deslocou para Salvador.

Nos anos trinta Salvador, com seus quatrocentos mil habitantes, suas praias, ruas e avenidas, era uma cidade encantadora. A rua Chile, a Avenida Sete, o Campo Grande, o Corredor da Vitória, a Barra, a Barra Avenida, a Baixa dos Sapateiros, a Calçada, o Bonfim, a Ribeira, tudo enfim era um sonho, um sonho maravilhoso. O que mais impressionava o interiorano recém-chegado, acredito eu, eram os bondes indo e vindo, percorrendo ruas e descendo ladeiras, repletos de passageiros, condutor, cobrador e “baleiros” com cestas transbordando de doces. .

Os bondes eram confortáveis e tinham capacidade para cinquenta passageiros muito embora transportassem outros cinquenta nos estribos, entre os bancos e nas partes anterior e posterior do veículo. Junto ao condutor existia um aviso bem visível onde se lia

CINCO PASSAGEIROS EM CADA BANCO

Naquele tempo havia outro aviso, com os seguintes dizeres:

É PROIBIDO FUMAR NOS TRÊS PRIMEIROS BANCOS

A propaganda comercial iniciava os primeiros passos. Via-se em todos os bondes o seguinte cartaz, junto ao “relógio” destinado a registrar a quantidade de passageiros:

Veja ilustre passageiro

Que belo tipo faceiro

O Senhor tem ao seu lado.

E, no entanto, acredite,

Quase morreu de bronquite
Salvou-o o RHUM CREOSOTADO

Os cinemas eram outra diversão muito em voga naquele momento. Os filmes falados arrastavam multidões. Os principais cinemas daquela época eram Guarani, Tupi, Excelsior e Liceu, na Cidade Alta; Jandaia, Aliança e Pax, na Baixa dos Sapateiros; Roma e Itapagipe, na Cidade Baixa.

Outra distração era a “Festa da Mocidade”, realizada no Campo da Pólvora. O espetáculo começava às 20 horas e se prolongava até quase meia noite, com a participação de vários artistas. Às 20 horas, eram acionadas cerca de 100 bilheterias, os cartões eram vendidos, e o jogo de víspera começava a ser explorado. As quadras eram preenchidas, e uma imensa quantidade de participantes começava a jogar, o que propiciava o lucro suficiente para o sucesso do empreendimento. Rapazes e moças passeavam animados, trocando olhares inocentes que, às vezes, eram interpretados como comprometedores.

Era assim a Bahia daquele tempo...

O jovem Bernardo Galvão encontrou divertimento em ambiente de paz e tranquilidade e neste clima ordeiro e tranqüilo deu asas à ambição.

*

Com dedicação e persistência fez o curso ginasial no Colégio Ipiranga, dirigido pelo grande educador Isaías Alves de Almeida.

O Colégio funcionava no Solar do Sodrê cuja história tem origem no ano de 1661, quando Jerônimo Sodrê Pereira, português recém-chegado da Europa, iniciou a construção. Após seu falecimento, o solar foi adquirido por Francisco Lopes Guimarães. Com a morte deste, a viúva contraiu matrimônio com o Dr. Antônio José Alves, pai do poeta Castro Alves. Neste solar Castro Alves viveu grande parte de sua vida e nele faleceu em 6 de julho de 1871.

Isaias Alves começou a construir seu espaço de atuação no campo educacional a partir da proposta de implantação de testes de inteligência como ferramenta de seleção escolar. Fortemente influenciado pela psicologia norte-americana, acreditava que era possível formar classes homogêneas a partir dos resultados do teste de QI. Em 1924, criou o “Centro de Pesquisas Psicopedagógicas”, no Ginásio Ipiranga e em 1926 publicou seu primeiro livro, sobre “Teste Individual de Inteligência”.

Isaias Alves alegava que, separando os alunos em classes homogêneas, estes apresentavam um melhor desempenho, visto que a qualidade das aulas estaria de acordo com a capacidade do aluno. Todos os envolvidos no processo de educação escolar seriam beneficiados: o aluno se adaptaria facilmente, os professores teriam uma base sólida para o desenvolvimento das aulas e a família teria plena consciência do potencial do seu filho. A seleção traria grande vantagem econômica para o Estado que teria menos gastos com uma educação racionalizada, e evitava repetências.

Em 1931, Isaias Alves recebeu o título de Mestre em Psicologia pelo *Teacher's College* de Columbia, nos Estados Unidos. Após esta especialização, publicou seu segundo livro, intitulado “Os Testes e a Reorganização Escolar”. Nesta obra igualmente notável, o A. apresentou, uma vez mais, os resultados de suas experiências realizadas no Ginásio Ipiranga.

Foi neste ambiente de plena fermentação dos ideais mais nobres da educação que Bernardo Galvão concluiu os estudos de humanidades e se preparou para o ingresso na Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus.

*

“... na escola, entre os inúmeros problemas a exigir pronta atenção, destaca-se o da falta de continuidade entre os diversos exames: admissão, como meio de acesso ao grau médio, e vestibular, como soleira, tantas vezes intransponível, ao grau superior”, disse certa feita conhecido educador (Ibidem).

O exame de admissão, Bernardo superou facilmente porque a ele se submeteu em sua terra natal, sob o concurso de seus progenitores. Quanto ao concurso vestibular, o jovem interiorano enfrentou algumas dificuldades. A principal delas foi estar longe da casa paterna: “no campo específico da educação há de haver a unidade FAMÍLIA-ESCOLA. Coisas que se completam devem estar unidas, tanto suas missões se entrelaçam e dependem, em essência uma da outra” (Ibidem).

Apesar do contratempo, Bernardo obteve boas notas e entrou com firme disposição no templo sagrado onde pontificaram Jonathas Abott, Pirajá da Silva, Virgílio Damásio, Alfredo Brito, Augusto Viana e outros luminares.

Embevecido pelo sonho tantas vezes acalentado, o jovem acadêmico iniciou o primeiro ano do currículo médico. O obstáculo encontrado foi a Anatomia. Esta disciplina, a única do primeiro ano, era regida por dois professores: Rafael de Menezes e Eduardo Diniz Gonçalves. Este último, mais conhecido pela alcunha de “Biriba” era um professor temido. Chamava os alunos de “odaliscas” e ele próprio se dizia “biriba” porque “biriba era uma madeira dura, madeira para dar em doido”. Seus assistentes eram os professores Renato Teixeira e Audemário Guimarães (também conhecido pelo nome de “Bororó”). O bedel era “Half-Back”, homem de cor, alto e magro, apumado, elegante, bem vestido, sempre de gravata borboleta e guarda-pó de médico, igual ao dos professores. “Half Back” sabia todas as aulas práticas de anatomia, identifica os músculos e ossos do corpo humano, e dava “aula particular” aos alunos. Eram “aulas” disputadas pelos primeiranistas.

Naquela época não existia livros de anatomia traduzidos para a língua portuguesa. O adotado pelos professores era o de Testut, grande anatomista francês. Os alunos que tinham de adquirir o livro de Testut no original e, com o auxílio de um dicionário, estudar até altas horas da noite, traduzindo as lições.

Vencido o primeiro ano, Bernardo matriculou-se no subsequente. O grande mestre do segundo ano de medicina era o

professor Aristides Novis, catedrático de Fisiologia. “Aristides Novis, disse Jayme de Sá Menezes, deu ao ensino o esplendor que só os grandes mestres sabem comunicar, tornando fácil o aprendizado e despertando vocações, fazendo da cadeira um centro convergente, que atraia os alunos na ânsia de aprender. Rodado o tempo, três dos seus assistentes partiram, com o exemplo do mestre, para altas funções da vida pública e da vida universitária: Jorge, seu filho, o substituiria na cátedra, com igual brilho e saber, e seria, ainda, seu continuador na direção da faculdade e na Secretaria de Saúde do Estado. Luiz Fernando Macedo Costa, cintilante inteligência, e José Simões Júnior, de mérito incontestável, viriam a ser, respectivamente, reitores da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Católica do Salvador”

*

Aprovado nas disciplinas do segundo ano, Bernardo deu continuidade ao curso médico, matriculando-se na série imediata.

No decorrer do ano acadêmico instalou-se em seu espírito uma dúvida que o atormentava cada vez mais. É que, desejoso de ajudar seus pais, conseguiu um emprego de bedel no Colégio Ipiranga. No início a ocupação lhe pareceu um passatempo fugaz mas o convívio com aquele laboratório onde o professor Isaias Alves pesquisava o efeito dos testes de inteligência, acabou influenciando seu espírito. Pouco a pouco o convívio com alunos e professores, sobretudo com alunos, criou uma dúvida cruel: o que devo ser na vida, médico ou educador?

O tormento acabou levando-o a uma decisão que marcou o rumo de sua vida: Seria para sempre professor!

Diante disto, abandonou a medicina...

*

Bernardo começou e terminou sua carreira docente ensinando Geografia e História. Iniciou no Ginásio da Bahia. Depois, no Colégio Sofia Costa Pinto e, finalmente, no Ginásio Pânfilo de Carvalho.

Foi uma decisão difícil.

“A trajetória da Geografia como ciência, afirma Eduardo de Freitas, teve início no século XIX. Em 1837, a Geografia foi implantada como disciplina escolar obrigatória pela primeira vez no Brasil, fato que aconteceu no Colégio Pedro II, (Rio de Janeiro). O principal objetivo de instituir tal ciência era a capacitação política de uma camada da elite brasileira que pretendia se inserir nos cargos políticos e atividades relacionadas. Por volta do ano de 1900, a ciência se consolidou nas escolas de praticamente todo o território brasileiro. A principal característica desse momento era a disseminação da idéia de se conhecer os aspectos naturais regionais, com o intuito de criar no estudante um sentimento de patriotismo. Cinco anos mais tarde, em 1905, foi lançado o livro “Compêndio de Geografia Elementar” de Manuel Said Ali. Nesse trabalho o principal foco era a abordagem do Brasil de maneira regionalizada, com intuito de conhecer melhor os aspectos regionais do país. Em 1934, a Geografia chegou às instituições universitárias, pois o curso foi implantado na Universidade de São Paulo. O quadro de professores era formado por docentes de tendências tradicionais, de influência francesa”.

No Brasil, o ensino da História como ciência teve início também no século XIX. Um dos primeiros manuais escolares, produzidos em nosso país foi o de Joaquim Manuel de Macedo, professor do Colégio Pedro II. A partir de 1840, o Instituto Histórico e Geográfico, criado naquela época sob os auspícios de D. Pedro II, assumiu o encargo de escrever a história oficial do país. No final do século XIX e início do século XX, os manuais e compêndios escolares produzidos sob forte influência do Instituto Histórico e Geográfico e baseados na questão da nacionalidade e da moral, deram a História a feição de disciplina. O advento da República trouxe o sentimento de exaltação cívica. Finalmente, em 1930 e 1940 surgiram as reformas que promoveram a centralização das políticas educacionais e colocaram o ensino de História no centro das propostas, consolidando sua posição no currículo escolar.

Aos educadores franceses devemos o mérito de unir as duas disciplinas. “Essa relação, afirma Lacoste, não é apenas uma relação de utilidade mútua, mas uma relação de força.”

*

Em 1936, o Prof. Pedro Tenório de Albuquerque fundou seu próprio colégio, dando-lhe nome de Colégio Sofia Costa Pinto.

Sophia Henriqueta de Aguiar Costa Pinto, casada com Joaquim da Costa Pinto, foi mãe de Carlos Costa Pinto, grande empresário que iniciou sua vida profissional na firma Magalhães e Cia, empresa importadora e exportadora, da qual chegou a ser diretor presidente. Importante colecionador de obras de arte que reuniu ao longo da vida significativa coleção, fazendo com que permanecesse na Bahia um dos mais importantes acervos do país. Faleceu sem ter realizado o sonho de instalar um Museu, o que se tornou realidade pouco depois.

Iniciadas as atividades do Colégio Sofia Costa Pinto, o Prof. Pedro Tenório de Albuquerque convidou Bernardo Galvão para ser Professor de Geografia e História, e Vice-Diretor.

No exercício da docência nosso homenageado revelou extrema dedicação ao corpo discente, pelo que mereceu o respeito e a admiração de várias gerações. Dentre seus alunos destacamos Adriano Gordilho Simões, Anaide Sá Bahia, Arlete Magalhães, Carlos Costa Filho, Carmita Pedreira, Ernesto Simões, Guilherme Simões, Helena Sanches, Ismar Magalhães de Almeida, Julieta Diniz Gonçalves, Julieta Isensee, João Alfredo Soares Quadro, Manuel Portugal, Marcelo Duarte, Margarida Luz, Maria das Dores Ferreira Amorim, Marta Renan Baleeiro, Railda Ferreira Santos, Ruth Chicorel, Sante Scaldaferrì, Victor Grandin e Vitória Chicorel.

Continuando a trajetória de educador, fundou em 1952 o Ginásio Pâmphilo de Carvalho, primeiro colégio de segundo grau do bairro de Brotas, posteriormente denominado “Colégio Bernardo Galvão Castro”.

Como diretor de seu estabelecimento de ensino, além de preparar grande número de educados, ajudou os jovens carentes, colocando para estudar todos os alunos que não podiam pagar. Dizia sempre: “Para aprender, meu filho, não! precisa dinheiro. Basta apenas ter lápis e papel!”.

Além de mestre e amigo, foi para os que o procuravam, o conselheiro dos momentos difíceis. A todos distribuía, às mãos cheias, palavras bondosas de incentivo e amor.

Em 1969, aos 59 anos de idade, acometido de hipertensão e diabetes, sofreu um acidente vascular cerebral que o obrigou a deixar o magistério.

Mudou-se para o bairro da Pituba e, apesar de suas limitações, continuou a ser o amigo e protetor dos pobres e desvalidos, alfabetizando “meninos de rua”.

Cercado de parentes e ex-alunos, faleceu em sua residência no dia 26 de abril de 1984.

Em sua homenagem três colégios receberam seu nome: um em Salvador (o antigo Colégio Pâmphilo de Carvalho), o Colégio Municipal Bernardo Galvão Castro (em Marcionílio de Souza) e um outro, com o mesmo nome, em Itaberaba.

Dentre os ex-alunos do Colégio Pâmphilo de Carvalho, destacamos Aldo Carvalho Andrade, Altinha Beatriz, André Lisboa Filho, Armando Dantas, Américo Carvalho de Andrade, Aroldo Carvalho de Andrade, Beto Pimentel, Fabrício Vasconcelos, Fernando Guedes Andrade, Gildásio Penedo, Hélio Penedo, Ibsen Moraes, Irlan Fahel Leonel, Maurício Pimentel Olavo Galvão e Otávio Pimentel.

A Academia Baiana de Educação ao fazer o retrospecto de sua vida, toda ela dedicado ao ensino, presta sentida homenagem a este homem que foi um exemplo de dignidade, altruísmo e abnegação.

Maria Theresa de Medeiros Pacheco, luzeira da Medicina e da Educação

Geraldo Leite

Maria Theresa de Medeiros Pacheco nasceu na cidade de Atalaia, Alagoas, em 2 de setembro de 1928, sendo seus pais o “Coronel Pacheco” e “D. Morena”, fazendeiros da região.

Realizou os estudos iniciais na cidade de Penedo, completando-os em Maceió. Chegou em Salvador em 1945, quando ingressou na Faculdade de Medicina da Bahia, pela qual foi diplomada em 1953.

Recém formada, especializou-se em Ginecologia e Obstetrícia e trabalhou na Maternidade Nita Costa e no Hospital Santa Izabel.

Em 1954, foi convidada pelo Prof. Estácio de Lima para atender crianças, mulheres e adolescentes vítimas de violência sexual, no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.

Graças a sua atuação nas maternidades Nina Costa, Tsyla Balbino e Climério de Oliveira, e nos Hospitais Aristides Maltez, Português e Espanhol, ganhou notoriedade como ginecologista e obstetra. Sua vocação, no entanto, era Medicina Legal.

Graças a sua dedicação e estudo, se sobressaiu como legista, pelo que foi eleita presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Legal.

Concluído o mandato de presidente daquela associação, seguiu para a Europa, onde realizou estágios em Institutos Médico-

Legais e fez cursos de pós-graduação nas Universidades de Lisboa, Madrid e Paris.

Regressando a Salvador, candidatou-se à Livre Docência de Medicina Legal na Universidade Federal da Bahia, tornando-se a primeira professora de medicina legal do Brasil. Em seguida, candidatou-se para professora titular da mesma disciplina, na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública. Aprovada com distinção, assumiu a cátedra e seguiu em viagem de estudo para várias universidades e centros de Polícia Científica da Itália, França, Suíça, Holanda, Alemanha e África.

Assim preparada, concorreu à sucessão de seu mestre, Prof. Estácio de Lima, tornando-se, depois de aprovada com louvor, a primeira mulher a ocupar, no mundo, pela segunda vez, uma cátedra de Medicina Legal.

Continuando sua trajetória, tornou-se Diretora do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues e, sucessivamente, professora de Medicina Legal da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, do Curso de Formação de Oficiais da Academia de Polícia Militar, da Faculdade de Direito da Universidade Católica do Salvador e dos cursos de medicina e de direito das demais instituições de ensino superior da capital. Ocupou também, durante muitos anos, os cargos de diretora do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues e do Departamento de Polícia Técnica da Secretaria de Segurança Pública (funções exercidas, pela primeira vez, em todo o mundo, por um membro do sexo feminino).

Participou, como examinadora, de inúmeros concursos para Livre Docência e Professor Titular de Medicina Legal, e Bioética, em várias Faculdades de Medicina e de Direito do Brasil e de outros países.

Foi membro ativo de várias instituições científicas e culturais, destacando-se dentre elas a Academia de Medicina da Bahia, a Fundação José Silveira e a Sociedade Brasileira de Bioética (das quais foi Presidente)._.

Publicou artigos científicos em periódicos do Brasil e do exterior;

Por todos os títulos e qualidades é considerada uma figura luminar da Medicina e da Educação..

Faleceu em Salvador, no dia 12 de maio de 2010, sendo seu corpo velado no Salão Nobre da Faculdade de Medicina da Bahia.

Discurso pronunciado por ocasião da posse da professora Anaci Bispo Paim, na Academia Baiana de Educação, em 29 de maio de 2013.

Geraldo Leite

Ao transpor os umbrais deste sodalício, a Professora Anaci Bispo Paim traz um imenso cabedal de conhecimento e um acendrado amor à Educação. É Presidente e fundadora da Academia de Educação de Feira de Santana, ex- Conselheira do Conselho Nacional de Educação, ex-Reitora da Universidade Estadual de Feira de Santana, ex-Secretária de Educação do Estado da Bahia, ex-Secretária de Educação do Município de Feira de Santana e doutora *honoris causa*, pela European University.

Sua presença no cenário da Educação é marcada por uma trajetória rica em idealismo e competência.

Anaci Bispo Paim ingressa esta noite na Academia Baiana de Educação. Traz consigo uma considerável carga de responsabilidade por ocupar a Cadeira n. 27, antes preenchida por dois professores que conseguiram ser mestres, ambos médicos, desempenhando concomitantemente suas atividades profissionais: Thales de Azevedo foi médico, cientista, pesquisador, antropólogo; e Jesuino Netto, um renomado cirurgião, capaz de realizar oito cirurgias num dia.

Sabe a nossa acadêmica que sua trajetória nesta instituição estará sempre atrelada ao significativo desempenho dos que a precederam. Carrega consigo também uma considerável titulação, que marca seu currículo como gestora, creio muito envolvida com a macroeducação, e atuando nove vezes na presidência de várias instituições educacionais de significativa importância do panorama educacional do País, como relacionado a seguir: Presidente dos Conselhos Universitários das Universidades Estaduais da Bahia – UESB, UEFS, UNEB e UESC – de 2003 a 2006, Presidente da Comissão de Estudos sobre o Financiamento da Educação Básica junto ao Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação, Presidente do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEFS, Presidente do Conselho Superior da UEFS, da Comissão Permanente de Vestibular da UEFS, entre outras.

Anaci Bispo Paim é, sobretudo, uma mulher virtuosa. Mulher virtuosa, diz o Livro dos Provérbios, é a mulher moralmente perfeita; tem valor inestimável, é confiável, competente, habilidosa e boa.

Interiorana, conhecendo de perto as limitações e as dificuldades do interior, Anaci envolveu-se com a macroeducação, acreditando firmemente que há e haverá sempre possibilidade de reformular soluções de natureza político-social para reverter a situação em que se encontra a educação no País.

Nascida em Alagoinhas, onde estudou no Colégio Santíssimo Sacramento, sente-se ligada ao seu pedacinho de terra natal, onde viveu a sua infância, convivendo harmoniosamente com a ética paradigmática das freiras do seu querido Colégio, ao qual se refere com profundo afeto e imorredoura saudade. Vivenciou, também, Jacuípe, Cachoeira, Santo Amaro, Cachoeira do Paraguaçu e se apaixonou por Feira de Santana onde creio estar cuidadosamente posto seu coração.

Sua ambivalência afetiva entre Alagoinhas e Feira sempre está presente ao se referir a seus pais e a sua irmã, com quem conviveu prazerosamente no início de sua trajetória existencial.

Não é totalmente sem reação que se dedicou às Ciências Sociais e se refere com emoção ao Instituto de Educação Gastão Pedreira.

Debruçando-se, durante algum tempo, sobre a Metodologia das Ciências Sociais, graduando-se na Faculdade de Educação da UNEB – tendo idasido então monitora de Geografia --, mais tarde, concorreu com 28 candidatos (duas vagas apenas) para lograr ensinar Geografia Humana.

Esta ambivalência, digamos, geográfica, manifesta-se na sua personalidade feminina, que se expressa como mulher e mãe. Confessa com sinceridade como é fácil conciliar sua atuante vida profissional com suas obrigações de teor afetivo para com esposo e filhos, a fim de manter um lar harmonioso.

Em muitas dessas solicitações múltiplas nas quais deveria atuar como mãe e profissional, lágrimas desceram pela face e conflitos se estenderam até o âmago do seu eu de mulher e mãe. Educar-se para educar tornou-se necessário.

E corajosamente seguiu em frente, acreditando poder melhorar a educação do seu País.

*

A educação, afirma Immanuel Kant, é o maior e o mais grave problema imposto à inteligência humana. No trato desta questão, o Brasil, ainda que tardiamente, tem logrado algum sucesso.

Em 2006, organizações sociais, empresas, educadores, pesquisadores, empresários e gestores criaram o “Movimento Todos Pela Educação”, cujas metas, a serem alcançadas em 2022, prevêem que toda criança e jovem de 4 a 17 anos deve estar na escola; toda criança deve ser alfabetizada até os 8 anos de idade; todo jovem de 19 anos deve ter o Ensino Médio concluído; todo aluno deve ter um aprendizado adequado à série

que está cursando e o investimento em Educação deve ser amplo e bem gerido.

Quatro anos depois, o governo lançou o novo “Plano Nacional de Educação” com vigência até 2020 e diretrizes para todos os níveis de ensino. Inclui no processo educacional indígenas, quilombolas, estudantes do campo e alunos em regime de liberdade assistida; universaliza e amplia o acesso e o atendimento em todos os níveis educacionais; incentiva a formação continuada de professores; preconiza a avaliação e o acompanhamento periódico e individualizado de estudantes, professores, gestores e demais profissionais da Educação; estimula a expansão do estágio, amplia a oferta de matrículas gratuitas em entidades particulares de ensino e estabelece outras iniciativas louváveis. Merecem destaque as aferições do índice de desenvolvimento da educação básica (Ideb), estendido às redes municipal, estadual e federal. Em uma escala de 1 a 10, este índice deve chegar a 6, no ano de 2021.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), destaca o avanço do Brasil na universalização da Ensino Básico mas lamenta a má qualidade do ensino. “A escola, diz Lya Luft, tem de existir para todas as crianças em todas as comunidades, as mais remotas, com qualidades básicas: não ultrapassar o número de alunos bem acomodados, e que eles não tenham de se locomover para muito longe; instalações dignas, que vão das carteiras às paredes, telhado, pátio para diversão e recreio, lugar para exercício físico e esportes; instalações sanitárias decentes, cozinha para alimentar os que não comem suficientemente em casa. Em cada sala de aula, naturalmente, um boa prateleira com livros doados pelos governos federal, estadual e municipal. E que ali se ensine bem o essencial: aritmética, bom uso da linguagem, noções de história e

geografia para que saibam quem são e onde no mundo se situam.” Este deve ser o ensino elementar em escolas menos privilegiadas economicamente. “Em comunidades mais desenvolvidas, tudo isso não será apenas bom, mas excelente, desde a parte material até professores muito bem preparados, bem exigentes e bem pagos”, afirma a referida escritora.

É neste sentido que tem se destacado, em pronunciamentos diversos, a educadora que hoje adentra este sodalício. *“A Educação na Bahia, diz ela, passa por sérios problemas decorrentes dos baixos índices de desenvolvimento, do reduzido aporte de recursos e da má qualidade do ensino (principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental). Daí a elevada taxa da distorção idade-série nos anos finais. A esse quadro desanimador acrescentamos a desmotivação docente, a reduzida carga horária na sala de aula, a jornada incompatível com um bom desempenho discente, a falta de atividades de complementação curricular, a deficiência dos laboratórios de Ciências, Informática, e bibliotecas. Esta precariedade gera desmotivação nos alunos e o quadro de apatia que reina no ambiente escolar”*

*

Para Anaci Bispo Paim, *“o acesso à escola é mais democrático do que na década passada, devendo-se esta melhoria ao advento do FUNDEB, que possibilita inserir, para fins financeiros, o total da matrícula oficial, inclusive o da Educação Infantil”*.

No que diz respeito ao Plano Nacional de Educação, diz a ilustre educadora: *“Espero sinceramente que os recursos destinados à Educação sejam ampliados para 12% do PIB. Não há como melhorar os indicadores se o governo não elevar os*

investimentos em Educação”. Ao fazer este pronunciamento, indaga: *“Como ter bons resultados sem escolas convenientemente equipadas com laboratórios e biblioteca, sem apoio didático e outros requisitos constantemente elencados pelos educadores?”*

*

À medida que o acesso à escola é mais democrático, torna-se imprescindível que seja redimensionada a formação do professor e que, a formação, haja atenção especial ao **tirocínio docente**, o estágio supervisionado. Não basta o saber (o domínio do conteúdo programático) e o saber ensinar (a metodologia adequada). É fundamental o “manejo de classe”, saber conduzir o alunado, evitando a dispersão, o tumulto e a desmotivação.

Indagada sobre o que falta para a universalização do Ensino Básico, respondeu: *“O Ensino Fundamental está praticamente universalizado com taxas superiores a 95% mas para que a universalização ocorra em todos os níveis do Ensino Básico é necessário persistir na redução da distorção idade-série, pois esta distorção contribui para a manutenção de indicadores tão negativos”*.

No que concerne ao movimento “Todos Pela Educação”, Anaci Bispo Paim afirma que as medidas a serem tomadas para o cumprimento de suas metas são: *“priorizar a Educação, convergir recursos e ampliar o número de escolas de tempo integral, pelo menos nos anos iniciais do Ensino Fundamental*.

*

A vida da Profa. Anaci é uma sucessão de conquistas e sucessos. Destes, destacamos sua passagem pela Reitoria da Universidade Estadual de Feira de Santana e por outras instituições: o Conselho Nacional de Educação, a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, a Secretaria de Educação do

Município de Feira de Santana e a Coordenadoria Regional da Universidade Norte do Paraná.

*

Na Universidade Estadual de Feira de Santana, após presidir o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, o Conselho Superior e o Conselho Deliberativo, a Pró-Reitoria Acadêmica, e Coordenadorias de Cursos, foi eleita Reitora, em dois escrutínios sucessivos. Ocupou o mais alto cargo daquela Instituição durante dois mandatos (de 1995 a 1999 e de 1999 a 2003).

Indagada sobre as principais realizações de seu reitorado, respondeu: *“Destaco na reitoria da UEFS pontos importantes e significativos como: o apoio imenso da comunidade local e regional, a ampliação das ações extensionistas atuando em mais de uma centena de municípios baianos, a elevação do número de pós-graduados (de 10 professores com doutorado passamos para 180, no período de 8 anos), a duplicação do numero de cursos de graduação (de 14 cursos passamos para 28), a implantação dos primeiros mestrados e doutorados inter-institucionais, em convênio com Cuba, Canadá, Portugal, e Brasil (Universidade de São Paulo, Universidade Federal da Bahia, UNICAMP (Universidade de Campinas), Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e outras Instituições de Ensino Superior). Destaco ainda a ampliação do Campus Universitário, onde construímos diversos edifícios, tais como o da Administração Central, 3 prédios para Área de Convivência, o Centro de Informática, a Escola Básica, os Laboratórios de Física, Saúde, Letras, Educação, Ciências Exatas, Ciências Biológicas, Pós Graduação e Biotério; a 7ª Unidade de Ensino, Pesquisa e Extensão, a Estação Climatológica, o Biotério, a Clínica Odontológica do Campus, a ampliação do Parque Esportivo e*

os Anexos aos Módulos convencionais, além de inúmeras melhorias, reformas e adaptações em diversas unidades”

*

Pode, sem dúvida, emitir suas opiniões e fundamentar seus argumentos com a experiência e a competência de quem já ocupou, como já mencionado, significativos cargos na UEFS e na área da Educação em âmbito nacional, estadual e municipal, além de Presidente da Academia de Educação de Feira de Santana.

*

Concluídos os dois mandatos na Reitoria da Universidade Estadual de Feira de Santana, Anaci Bispo Paim foi nomeada Secretária de Educação do Estado da Bahia, cargo que ocupou de abril de 2003 a maio de 2008. Indagada quais as principais realizações de sua gestão na Secretária Estadual de Educação, assim se pronunciou: ***“Destaco, no ano de 2003, a implantação do Programa de Formação de Professores, na modalidade presencial (em convênio com as Universidades Estaduais da Bahia) e na modalidade de ensino à distância: com este programa, os professores que não tinham formação de nível superior, obtiveram o grau de licenciado. Criamos o Projeto “Ensino Sem Fronteiras”, em parceria com vários municípios do estado, o que possibilitou a oferta do Ensino Médio na modalidade semi-presencial. Implantamos 22 escolas com ensino em tempo integral, jornada pedagógica ampliada e apoio alimentar para os alunos. Ampliamos o projeto de Redução da Distorção Idade-Série. Construímos mais de 100 escolas em vários municípios (todas com biblioteca ou sala de leitura, laboratório de informática, laboratório de Ciências e***

quadra esportiva). Municipalizamos o Ensino Fundamental nos anos iniciais, certificamos os profissionais da educação e realizamos concursos para professores dos anos finais do Ensino Fundamental, e Coordenadores Pedagógicos, além de outras realizações”.

*

Em março de 2003, em reconhecimento ao programa de gestão desenvolvido na Reitoria de Universidade Estadual de Feira de Santana, recebeu na Suíça o título de Doutora *Honoris Causa*, outorgado pela European University. Na ocasião, mereceram destaque os resultados de seu Reitorado e a trajetória educacional da homenageada.

*

Em maio 2004, 11 instituições indicaram-na a compor o Conselho Nacional de Educação. Na Câmara de Educação Superior, avaliou: processos de recredenciamento, autorização de cursos e Faculdades, credenciamento de Instituições de Ensino à Distância, participou de Seminários e realizou diversos outros encargos.

*

Percebe-se, claramente, que sua ascensão profissional define uma liderança explícita que se expande geograficamente, não apenas no Brasil, como sua atuação recente como Coordenadora Regional da Universidade Norte do Paraná em alguns Estados do Nordeste, mas também além das fronteiras nacionais, na homenagem recebida na Europa.

Sua paixão intelectual pela Geografia foi um instrumento valioso para vencer nas lides profissionais.

*

Concluído o mandato do Conselho Nacional de Educação, foi convidada a titular a Secretaria de Educação do Município de Feira de Santana, onde elaborou o Plano Estratégico da Secretaria, reordenou a rede pública municipal, programou as atividades docentes (a partir de modelo de gestão informatizada) e promoveu a formação continuada de professores. Reformou 30 unidades escolares e implantou o programa “Pró-Jovem” (em parceria com o Governo Federal).

*

Finalmente, de março de 2010 a dezembro de 2012, ocupou a Coordenadoria Regional da Universidade Norte do Paraná, com jurisdição nos estados da Bahia, Alagoas, Sergipe e Pernambuco. Referindo-se a esta atividade, declarou: ***“Com relação a minha atuação na Universidade Norte do Paraná, destaco que no período de mais de cinco anos na instituição dediquei os primeiros dois anos e meio às atividades de consultoria educacional, com ações ligadas ao processo de seu recredenciamento. A partir de 2010, iniciei o trabalho na Coordenação Regional, participando de sua implantação. Coordenei a Regional e seus 81 Polos localizados nos estados da Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas, realizando supervisão, avaliação, implantação, reativação e desativação de Polos de Apoio Presencial”***

*

A professora, educadora, mestra, conselheira, reitora Anaci Bispo Paim não é apenas a soma de suas ações na área educacional. Ela esteve e está ainda ocupando cargos e somando responsabilidades, porém não é de toda essa estrutura que é formada a sua personalidade.

Suas idéias, seus sonhos, seus ideais e suas metas estão aquém e além de todos esse cargos. Ela é, essencialmente, uma personalidade rica de coragem, determinação e dotada da sabedoria do conviver.

*

Com tão brilhante trajetória, chega a esta Casa Anaci Bispo Paim, cuja vida inteiramente dedicada à Educação é um exemplo de competência, inteligência e tenacidade que engrandece o mais seleta grupo de educadores deste país.

Ao concluir esta fala, conclamamos os Senhores Acadêmicos a apoiarem a ilustre educadora em seu propósito de tornar realidade as metas estabelecidas pelo “Movimento Todos pela Educação” e, de modo particular a **“priorizar a Educação, convergir recursos e ampliar o número de escolas de tempo integral, pelo menos nos anos iniciais do Ensino Fundamental”**.

A luta contra a tuberculose

Geraldo Leite

Membro da Academia Baiana de Educação e da Academia de Medicina da Bahia, Presidente da Fundação José Silveira
(Oração pronunciada na abertura do I ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE TUBERCULOSE)

*“Eu sei que vou morrer... dentro do meu peito
um mal terrível me devora a vida.”* Castro Alves

Recordo, neste momento singular, a sessão memorável da Sociedade de Fisiologia de Berlim, realizada na noite fria e chuvosa de sexta feira, 24 de março de 1882.

Na tribuna, ROBERT KOCH, ainda moço, com 39 anos de idade. Na platéia, uma assembléia de sábios, dentre os quais destaco VIRCHOV, o fundador da Patologia Celular; BEHRING, primeiro Prêmio Nobel de Medicina, descobridor da toxina anti-diftérica; WASSERMANN, inventor da reação que leva o seu nome; HENLE, autor de um trabalho notável sobre “Miasmas e Contágio”; ERLICH, o primeiro a instituir o tratamento quimioterápico da sífilis; LOEFFLER, que estabeleceu as bases da alergia; GAFKI, diretor do Instituto de Doença Infecciosas de Berlim; PFEIFFER, célebre por seus estudos sobre a etiologia da influenza; EBERTH, o descobridor do bacilo da febre tifóide; KITASATO, o descobridor do bacilo da peste.

Sentado entre o Prof. JACOB HENLE, de certa idade, e o jovem KITASATO, outro visitante ilustre, WILLIAM WELCH, pesquisador norte americano, descobridor do bacilo da gangrena gasosa.

Na mesa principal, DU BOIS RAYMOND, presidente da sessão. Ao todo, trinta e seis pessoas.

Ante essa assembléia de sábios, restrita e atenta, disse JAIME SANTOS NEVES, “ROBERT KOCH expõe, metodicamente, claramente, objetivamente, sem uma só palavra ou detalhe desnecessário, suas experiências dos últimos oito meses, envolvendo aproximadamente trezentos e cinquenta animais.

Prova inicialmente a existência no tecido tuberculoso, de alguma coisa extrínseca, isola essa substância, purifica-a, consegue corá-la por método original, identifica o germe, cultiva-o em meio sólido, também original, inocula-o em animais, reproduz as mesmas lesões anteriores e delas retira novamente, como em um passe de mágica, o mesmo organismo, que ele modestamente denomina *Mycobacterium tuberculosis*, e o exhibe aos olhos incrédulos e estarecidos daqueles grandes homens.

Passava assim, dentro de um método rigoroso, do geral ao específico, do específico ao geral e, novamente, do geral ao específico, com uma segurança e um virtuosismo incomparáveis. Tratando-se de um tema altamente singular e polêmico é de imaginar a série de questões técnicas desconcertantes, de críticas sutis e de objeções insidiosas que iriam surgir, dada a qualidade técnica da audiência.

E, no entanto, KOCH foi ouvido no mais impressionante silêncio! Em um silêncio mortal.

Após este pesado silêncio o Prof. DU BOIS RAYMOND, que presidia a sessão, abre os debates. E pela primeira vez na história da Sociedade de Fisiologia de Berlim, não houve debates, nem uma só pergunta, nem um só comentário, nem uma só crítica.

Nem o próprio VIRCHOW, para quem naturalmente logo volveram os olhos indagadores dos demais, pois a sua doutrina da dualidade da tísica ruía inteiramente naquela hora, nem mesmo VIRCHOW, articulou uma só palavra. Vencido e silencioso abandona cabisbaxo o recinto, quando DU BOI RAYMOND encerra a sessão, e todos, um a um, o acompanharam calados e pasmos.”

*

Naquela noite a medicina deu um passo gigantesco.

Nascida há mais de dez mil anos, a tuberculose se tornou, a partir da Idade Média, um flagelo mundial.

De cidade para cidade, de país para país, de continente para continente, se associou às almas tristes e penosas, ingressou na literatura, e em todas as atividades humanas, e se transformou em uma moléstia de poetas, músicos e escritores.

ALEXANDRE DUMAS, em “A Dama das Camélias”, GIUSEPPI VERDI, em “La Traviata”, GIACOMO PUCCINI, em “La Boème”, revestiram-na com a roupagem do amor.

De tuberculose morreram CHOPIN, GUY DE MAUPASSANT, GAUGIN, SIMON BOLÍVAR, SARAH BERNARDT, RENÉ LAENNEC, CALVINO, SANTA TERESA, TCHEKOV, GEORGE ORWELL, PERGOLES, CESÁRIO VERDE, JÚLIO DINIZ, VIVIAN LEIGH, ELEONOR ROOSEVELT, GRAHAM BELL, WALTER SCOTT, LUIS XIII, LUIS XVII, HENRIQUE IV, e VOLTAIRE.

Atravessou séculos, e, com igual indiferença, atingiu ricos e pobres, pessoas humildes e indivíduos famosos.

Provocou encontros e desencontros, acertos e desacertos, conquistas, sucessos e tragédias, tragédias como a de Lübeck.

No Brasil aportou em 1549, com Thomé de Souza, e aqui ficou.

De tuberculose morreram MANOEL DA NÓBREGA, FRANCISCO PIRRA, JOSÉ DE ANCHIETA, CASTRO ALVES, ÁLVARES DE AZEVEDO, CASIMIRO DE ABREU, AUGUSTO DOS ANJOS, MANOEL BANDEIRA, D. PEDRO I, JOSÉ DE ALENCAR, AUTA DE SOUZA, JOÃO DA CRUZ E SOUZA e muitas outras personalidades ilustres.

A tuberculose aqui chegou e aqui permanece, até hoje.

É uma de nossas cinco patologias prioritárias.

E, como não bastasse tanto infortúnio, a tuberculose se associou a AIDS e o bacilo, em consequência disso, aumentou sua virulência e ostenta multirresistência.

*

Há três quartos de século, o Prof. JOSÉ SILVEIRA, pesquisador lúcido e empreendedor, advertiu que a tuberculose é um problema social. Esta tem sido a bandeira do Deputado

ANTÔNIO BRITO, Presidente da Frente Parlamentar de Luta Contra a Tuberculose que hoje congrega 200 parlamentares.

De acordo com esta realidade, o Prof. JOSÉ SILVEIRA criou, em 1937, o INSTITUTO BRASILEIRO PARA INVESTIGAÇÃO DA TUBERCULOSE (IBIT), célula mãe da FUNDAÇÃO JOSÉ SILVEIRA, a qual possui um programa cujo índice de cura é de 90% .

O índice de abandono, gira em torno de 1%.

No IBIT, o atendimento médico é associado ao trabalho social. Para isso muito contribuiu D. IVONE SILVEIRA, esposa do Prof. JOSÉ SILVEIRA, precursora da assistência social na Bahia. Utilizando teorias do comportamento humano, inter-agindo com familiares, submetendo-os a exames clínicos e laboratoriais, ministrando gratuitamente os fármacos indicados, o IBIT distribui cestas básicas a doentes e comunicantes, reúne famílias em palestras educativas e dá aconselhamento, tal como foi realizado por D. IVONE SILVEIRA, na década de 1940.

*

Agradecendo, abraço os que apóiam nossa instituição e conclamo para, unidos, permanecermos firmes na determinação de não dar trégua à tuberculose.

Lipe Goldenstein, médico e professor

Geraldo Leite

Disse Graciliano Ramos que “devemos escrever da maneira como as lavadeiras de lá de Alagoas fazem o seu ofício. Elas começam com uma primeira lavada, molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Colocam o anil, ensaboam e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Batem o pano na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Quem se mete a escrever deve fazer a mesma coisa.” (8). Seguindo tal preceito, lavei este texto diversas vezes, em mais de uma fonte, ensaboei, coloquei anil, torci, e enxagüei. Agora estendo-o no varal, para secar...

*

Com a política racial da Alemanha nazista, muitos judeus deixaram aquele país e vieram para o Brasil. Moysés Goldenstein foi um deles, e optou pela Bahia. Ele era o pai de Lipe Goldenstein. Ao ingressar nesta Academia, Lipe Goldenstein prestou homenagem ao seu pai, dizendo: “Órfão de minha mãe Fanny, aos oito anos de idade, tenho que elevar a dedicatória do momento à memória de Moysés Goldenstein, meu pai e meu realizador. Poliglota, estudante da Sorbonne, por razões políticas foi forçado a emigrar para a Bahia, onde laborou como mascate e

vendedor de móveis, para sobreviver à perseguição racial e religiosa. Culto, ponde oferecer o máximo dentro do mínimo, forjando em cada filho, o acendrado pendor pelo trabalho, pelo caráter reto, pela prática dos bons costumes e pelo comportamento sério e digno. A ele, meu filial abraço eterno, de agradecimento e reconhecimento” (4).A caminhada de Lipe começou cedo. Desde criança desejou ser médico. Aprendeu as primeiras letras no aconchego do lar; em sua cidade natal fez o curso primário, o “exame de admissão”, o curso ginásial e o curso científico. Conquistou boas notas, teve o reconhecimento dos professores, acumulou conhecimento. Inscreveu-se no concurso vestibular da Faculdade de Medicina da Bahia. Diversos amigos e companheiros se submeteram ao concurso vestibular de 1948, tais como: Adilson Sampaio, Angelina Pelozzi, Carlos Kruschewsky, Genebaldo Barros, Guilherme Rodrigues da Silva, João Targino de Araújo, Luiz Moreira da Silva, Maria Theresa de Medeiros Pacheco, Raimundo Perazzo, Sônia Gumes e Yulo Césare Viana Pereira. Todos foram aprovados, fizeram o curso médico e se projetaram na Medicina. Maria Theresa de Medeiros Pacheco tornou-se presidente da Academia de Medicina da Bahia e, em , deu posse a Lipe, eleito para cadeira número 5 daquele sodalício. Sônia Gumes Andrade é titular daquela Casa e Genebaldo Barros, tornou-se membro da Academia de Medicina do Rio Grande do Norte e reitor da Universidade Federal daquele Estado.

“Lipe Goldenstein” -- disse Mário Augusto de Castro Lima --- “nasceu e foi criado pobre. Durante o curso médico só ponde adquirir um livro, assim mesmo comprado entre os usados – nossa saudosa e aterradora ANATOMIA de Testu, que o mestre Eduardo Diniz Gonçalves o repetia integralmente com a

memória. Os demais textos lhe foram emprestados ou transformados em apostilas, taquigrafadas por si próprio” (1).

*

A partir de 1949, o reitor Edgard do Rêgo Santos, plantou no Vale do Canela um de seus sonhos prediletos: o *campus* da Universidade Federal da Bahia. Construiu o Hospital das Clínicas, a Reitoria, a Clínica Tisiológica, a Escola de Música e a Escola de Enfermagem, sua favorita. As alunas residindo em boa parte na própria Escola, encantavam o ambiente universitário. Eram apelidadas de “pupilas do Senhor Reitor”. Os alunos de medicina, em convívio com elas, no hospital universitário, construíram amizades que perduraram pelo resto de suas vidas. Foi assim que Lipe conheceu Sara, que seria sua futura esposa. Ao relembrar essa fase de seu aprendizado, escreveu: “E veio o caminho, caminho que me deu a grande ventura da minha esposa Sara e de meus filhos Fanny, Jorge e Cláudia” (4). Hoje, Cláudia é a continuação do pai: diplomou-se em Medicina, em 1985, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, fez o mestrado e o doutorado em Reumatologia na Universidade de São Paulo; o Fellowship no New England Medical Center e no Boston Floating Hospital, nos Estados Unidos; completou a pós-graduação na Universidade de Toronto, no Canadá; atualmente chefia o Laboratório de Imunologia Celular da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, atende nos melhores hospitais da capital paulista –dedicando-se à Reumatologia..

*Lipe foi um dos melhores alunos do curso médico, senão o melhor (1). Diplomado em 1953, continuou estudando, pesquisando e publicando. Ao longo de mais de meio século manteve-se atualizado nas áreas de Clínica Médica,

Traumatologia, Ortopedia e Reumatologia = principalmente Osteoporose. Um de seus trabalhos de investigação, em colaboração com outros especialistas, versa sobre a eficácia dos insaponificáveis do abacate e da soja, no tratamento da osteoporose do quadril e do joelho. A pesquisa envolve 231 pacientes, com idade entre 45 e 75 anos, que apresentavam osteoartrose sintomática confirmada clínica e radiologicamente. Trata-se de um estudo aberto, não randomizado, multicêntrico, controlado durante um período de seis meses. O sucesso foi da ordem de 42,2%. A dor diminuiu e a incapacidade funcional foi significativamente reduzida (2).

Em trabalhos publicados nos Anais da Academia de Medicina da Bahia, preocupou-se com o sofrimento dos pacientes acometidos de doenças reumáticas. “Uma das maneiras que dispomos para aliviar e contornar o tormento desses sofredores”, disse ele, “é divulgar e difundir informações e experiência” (5). Esclarece que a osteoporose é uma doença sistêmica de natureza degenerativa, que acomete o sistema osteoarticular, provocando fraturas. Mais comum entre as pessoas do sexo feminino, ocorre em oitenta por cento dos casos, após a menopausa; as quedas, sobretudo dos idosos, constituem sua maior preocupação. Elas estão ligadas a ocorrência de arritmia cardíaca, labirintite, distúrbios do equilíbrio da marcha, instabilidade postural, catarata, degeneração macular e outros problemas oftalmológicos, convulsões e uso continuado de sedativos e antidepressivos. A melhor forma de manter a saúde dos ossos, já dizia Lipe, é estar em atividade física, com alinhamento correto do corpo, postura adequada, e equilíbrio dos reflexos e do tonus muscular. A atividade deve ser diária, com a prática de exercícios capazes de tonificar e flexibilizar os movimentos, o modo de andar, sentar-se, ficar de pé, levantar-se, puxar e empurrar

objetos. Evitar o repouso prolongado e o sedentarismo. Os exercícios devem ser frequentes e contínuos, por um período médio diário de 30 minutos; podem ser realizados na própria residência, desde que os movimentos não sejam bruscos nem fortes. Os de rotação e flexão da coluna são contraindicados. Deve-se respeitar a individualidade de cada pessoa. O local dos exercícios deve ser bem ventilado; o terreno firme, utilizando-se um sapato adequado. Os exercícios devem ser realizados antes das 10 da manhã, ou depois das 16 horas, lentos e ritmados, sobretudo para as pernas e braços. Além dos aeróbicos de baixo impacto, admite-se os anaeróbicos moderados, desde que sejam executados com cautela (Ibidem).

Em outra publicação, adverte que o reumatologista, sendo um profissional com formação adequada para o atendimento de patologias músculo-esqueléticas, se depara com um desafio em sua formação curricular: estar preparado para uma subespecialidade, que se afirma em outros países, e tem por objetivo a profilaxia, diagnóstico e tratamento das injúrias provocadas pelos exercícios físicos mau orientados. A caminhada e a corrida são, de fato, os melhores exercícios para se conseguir maior longevidade, melhor qualidade de vida, condicionamento cardiovascular adequado, saúde mental, controle da ansiedade e da depressão. A prática regular de exercícios diminui a mortalidade precoce, certas incapacidades, hipertensão, diabetes, isquemias, osteoporose e câncer. Melhora a qualidade do sono, controla o excesso de peso e possibilita melhor desempenho sexual. Algumas conseqüências danosas tais como morte súbita, injúrias musculoesqueléticas e múltiplos danos musculares, podem ocorrer e devem ser evitadas. Entre os principais diagnósticos de danos articulares, ou musculares, cita a síndrome

dolorosa patelofemural, as fraturas de estresse e a síndrome do estresse tibial (6).

O desempenho sexual dos pacientes com doenças reumáticas é um capítulo a parte. “O médico e o paciente reumático” diz Lipe Goldenstein, têm dificuldade para colocarem em discussão detalhes mais íntimos, tão comuns e importantes para todos nós. Deste modo muitos problemas deixam de ser resolvidos” (Ibidem).

A divulgação dos princípios aqui enumerados demonstra que o Prof. Lipe Goldenstein antecipou-se à época em que viveu. Seus conhecimentos da especialidade transcendiam ao momento atual.

Em seu constante interesse em divulgar o progresso da Reumatologia, promoveu a realização de vários congressos, dentre os quais destacamos: os da Sociedade Brasileira de Radiologia, as Conferências da Academia Brasileira de Reumatologia, Simpósio de Dôr e Inflamação, Jornada da Sociedade Cearense de Reumatologia, II Congresso Brasileiro de Metabolismo Ósseo, II Congresso Internacional de Metabolismo Ósseo e Mineral, XVI Jornada Norte/Nordeste de Reumatologia, Simpósio Nacional de Atualização Terapêutica, e muitos outros.

O Prof. Lipe desenvolveu as seguinte atividades: vice presidente da Liga Bahiana Contra o Câncer; professor adjunto da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública; presidente, membro honorário e membro permanente do Conselho Deliberativo da Academia Brasileira de Reumatologia; sócio fundador e presidente da Sociedade Bahiana de Reumatologia; membro titular da Sociedade Brasileira de Reumtologia e presidente da Comissão de Artrite Reumatoide; chefe do Serviço de Reumatologia do Hospital Santa Izabel; presidente da Sociedade

Bahiana de Osteoporose; presidente da Sociedade Bahiana de Reumatologia e membro titular da Academia de Medicina da Bahia.

Merecem destaque os trechos seguintes, extraídos do seu discurso de posse:

- Ser médico é sofrer. Clinicar, é sinônimo de viver.
- Não é na busca do prazer, das honrarias e das riquezas, que encontramos a satisfação permanente. É no servir ao semelhante, no levantar o oprimido, no assistir o desvalido, no ensinar aos que não sabem, e no ajudar os que sofrem, que encontramos o objetivo de nossas vidas.
- O médico, sempre e em todo o tempo, deve estudar e aprender, observar e pesquisar, pensar, sentir e atuar a favor da saúde e da vida.
- O médico aprende com o sadio, com o enfermo e, até mesmo, com a família do doente.
- Nunca se esgota a ação do médico que exercita uma boa medicina, bem aprendida para bem servir, qualquer que seja o empecilho.
- Hoje e sempre, clinicar é sinônimo de sofrer.
- Com muita esperança e otimismo, a Medicina segue firme, lenta e progressiva, para seu gáudio, e os médicos, em rumo certo para atingir seu desiderato.

- A finalidade precípua da Medicina é o bem-estar do ser humano, na inteireza indissociável de sua integridade biopsíquica,
- Este século concluiu algumas buscas milenares da humanidade: a imensa tecnologia médica adquirida nos últimos dois decênios incorporou-se ao fundamental do cotidiano.
- Maimônides, grande filósofo, rabino e médico, escreveu dezenas de obras e publicou 10 livros de Medicina Preventiva, onde ressalta, como precursor, não somente o valor da ecologia, como a importância de tratar prioritariamente o doente e não a doença.
- Somente o médico corretamente treinado merece a confiança do doente.
- Ser acadêmico não é ser escritor, nem ser poeta. É ser médico integrado na sua profissão, vivido os seus dramas, suas incertezas, suas batalhas, sua grandeza e suas emoções.
- O homem que se considera menos merecedor do que realmente é, mostra-se indevidamente modesto.
- O homem que não se põe em julgamento, ocupa um dos dois lugares menos dignos da sua espécie: ou é um presunçoso ou é um covarde.
- O ser humano não é um amontoado de carne, juntas, músculos e ossos, ele tem Alma.

*

Cercado de amigos e entes queridos, faleceu nesta capital, em 14 de maio de 2015. A Câmara Municipal de Salvador, por unanimidade, aprovou uma Moção de Pesar, de autoria do Vereador Leo Prates.

A Academia Brasileira de Reumatologia, as Sociedades Brasileira e Bahiana de Reumatologia, a Sociedade Baiana de Osteoporose, os órgãos de classe e várias instituições científicas e culturais lamentaram a triste ocorrência.

O filho, engenheiro Jorge Goldenstein, associa-se a estas homenagens, dizendo: “Meu pai foi uma pessoa muito importante na minha formação tanto pessoal como profissional, transmitindo a mim, minhas irmãs, minha mãe e toda a nossa família valores essenciais como ética, respeito, determinação, solidariedade, bondade, responsabilidade e persistência. Era muito generoso, ajudou muitas pessoas e abraçou muitas causas sem fazer alarde. Amava a vida e a Medicina. Ser seu filho, foi sempre motivo de muito orgulho para mim”.

A filha Fanny, psicóloga, declara: “Meu pai tinha um jeito tão amoroso e acolhedor, que fazia cada um de nós se sentir a pessoa mais especial do mundo. Sabia ouvir e aconselhar, era generoso, gostava de cuidar e se doar, estando sempre atento às vontades e necessidades de todos. Nos ensinou a nunca desistirmos de nossos sonhos e anseios, mostrando a importância de ultrapassar as dificuldades da caminhada. Amava a vida. A convivência em família estava no topo dos seus maiores prazeres”.

Outra filha, Cláudia, médica reumatologista, diz: “Meu pai era uma pessoa marcante em nossas vidas como exemplo de homem íntegro e generoso, além de pai e avó amoroso e carinhoso. Sempre presente, atencioso e dedicado à sua família, era também

um profissional querido e respeitado. Grande lutador e guerreiro, demonstrou bondade, determinação e força desde sua infância quando perdeu sua mãe e precisou cuidar de seus irmãos menores, até os últimos dias de sua vida. "A vida não é fácil, a vida é uma luta " dizia ele. Na sua formação médica, entrou na faculdade aos 15 anos de idade e taquigrafava as aulas para transformá-las em apostilas para seus colegas. Exerceu a medicina com prazer, ética e rigor científico e envolveu-se em várias atividades acadêmicas, societárias, beneficentes e comunitárias. Seus importantes atributos éticos, morais e de caráter influenciaram nossa formação e conduta. Ficam em nossa memória, dentre inúmeras outras coisas, nossas caminhadas na praia do Farol da Barra, idas à Fonte Nova aos domingos nos jogos do Bahia, férias de verão com os netos, festas de fim de ano com direito a fogos de artifício e grandes farras na sua piscina repleta de água de coco, acarajé e caranguejo. Tê-lo como pai e avô foi um privilégio. O zelo que sempre demonstrou por todos a sua volta, nos remete a um profundo e eterno sentimento de exemplo e gratidão. Sentimos sua falta. Temos saudades..”

O que é saudade, palavra sem tradução, exclusiva da língua portuguesa? Algumas pessoas vêm e ficam. Outras vêm e passam.. Lipe Golstein veio, ficou e deixou saudade, uma saudade eterna !

BIBLIOGRAFIA

1-Castro Lima, Mário Augusto de- Saudação do Acadêmico Mário Augusto de Castro Lim\, no ato de posse do Prof. Dr. Lipe Goldenstein na cadeira n. 5 da Academia de Medicina da Bahia. Anais da Academia de Medicina da Bahia, vol. 12, julho de 2003.

2- Chahade, Wiliam; Samara, Adil M.Silva; Seda, Hilton; Radominski, Sebastião Cezar; Keiserman, Mauro; Duarte Ângela; Goldenstein, Lipe; Gonçalves, Helenice; Kimenes, Antônio Carlos ---- -Eficácia Sintomática dos

Insaponificáveis de Abacate e Soja no Tratamento da Osteoporose de Quadril e Joelho. Revista Brasileira de Reumatologia, 61 (11) 711-718, nov. 2004.

3-Cytrynowicz, Roney- História dos Judeus no Brasil. Disponível em <http://www.conib.org.br/historia>. Acesso em 09 de julho de 2015.

4-Goldenstein, Lipe--- Posse do Acadêmico Dr. Lipe Goldenstein na Academia de Medicina da Bahia, no dia 18/08/1999. Anais da Academia de Medicina da Bahia, Vol. 12, julho 2003

5-Goldenstein, Lipe - Osteoporose: Qualidade de Vida e Longevidade. Anais da Academia de Medicina da Bahia, Vol. 12, julho, 2003.

6- Goldenstein, Lipe – Ponderações Reumatológicas. Anais da Academia de Medicina da Bahia, Vol. 12, julho, 2003

7-Medeiros Pacheco, Maria Theresa – Saudação da Presidente no ato de encerramento da posse do Acadêmico Lipe Goldenstein- Anais da Academia de Medicina da Bahia, vol. 12, julho de 2003

8-Ramos, Graciliano. São Bernardo -- Editora Record. Rio de Janeiro, 2013.

9-Tavares Neto, José --- Formandos de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia. Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008

A morte de Consuelo Pondé de Sena deixa uma lacuna na cultura da Bahia

Fernando Alcoforado

Há muitos anos, conhecia Consuelo Pondé de Sena através de seus inteligentes artigos publicados nos jornais A Tarde e Tribuna da Bahia nos quais nos apresentava verdadeiras aulas sobre fatos da história da Bahia e do Brasil.

Posteriormente, convidado por Consuelo para integrar o corpo de associado do IGHB- Instituto Histórico e Geográfico da Bahia por indicação de seu então Secretário Geral, Engo. Edmar Torres, passei a conviver mais de perto com sua pessoa, quando pude constatar suas imensas qualidades de incentivadora, promotora e gestora da cultura da Bahia como presidente do referido Instituto.

Se Consuelo já era merecedora de nossa admiração pela vasta cultura que demonstrava possuir através dos artigos publicados nos dois jornais acima citados, ela aumentou com a nossa convivência nos eventos do IGHB e nos encontros informais que tivemos em inúmeros momentos.

A Bahia hoje ficou triste com o falecimento da Profa. Consuelo Pondé de Sena, uma grande historiadora e grande figura pública. No entanto, Consuelo deixa uma marca imorredoura na cultura da Bahia ao ter presidido de forma profícua por 5 mandatos o IGHB, a Casa da Bahia, como ela sempre enfatizava. Consuelo Pondé de Sena morre, mas deixa um imenso legado por tudo que realizou.

Fernando Alcoforado é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia

Os fatores de sucesso das políticas de educação na Finlândia e na Coreia do Sul

*Fernando Alcoforado**

É de grande importância identificar os fatores de sucesso nas políticas de educação da Finlândia e da Coreia do Sul porque ambos os países costumam ocupar posições de destaque nos rankings do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa). A análise do artigo de Marcelo Gonzatto *Coreia do Sul e Finlândia são exemplos de como se investir em educação*, publicado no website <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2012/09/coreia-do-sul-e-finlandia-sao-exemplos-de-como-se-investir-na-educacao-3878529.html>>, permite identificar os fatores básicos de sucesso na educação da Finlândia e da Coreia do Sul que, com dimensões, culturas e sistemas escolares bastante diferentes, vêm conseguindo resultados similares, nas últimas décadas, na missão de educar crianças e adolescentes em nível de excelência.

As lições da Finlândia

Em cada escola finlandesa, os professores estão permanentemente atentos ao aproveitamento dos alunos. Ao primeiro sinal de dificuldade em aprender qualquer conteúdo, soa um alerta que mobiliza toda a escola. O professor pede ajuda a um professor especial, dedicado a derrubar barreiras à aprendizagem. Além disso, todos os casos são discutidos por um “comitê de socorro” que pode incluir o diretor, psicólogo, outros professores e até pais.

Esse tipo de estratégia desperta tanta confiança no sucesso das escolas que o governo finlandês não impõe

qualquer tipo de avaliação externa – para surpresa dos milhares de estrangeiros que costumam visitar a Finlândia em busca de receitas para seus próprios sistemas educacionais. Isso só é possível graças a outro fator: a extrema qualificação dos educadores. Esse nível de autonomia, que permite ainda a cada professor ajustar o currículo básico nacional à sua realidade local, conta com uma força de trabalho habilitada com diploma de mestrado e selecionada entre a elite dos estudantes do país.

Na Finlândia a carreira do magistério atrai a elite dos estudantes. Os melhores alunos viram professores na Finlândia. Como resultado da grande procura apenas um em cada 10 candidatos consegue vaga nos cursos universitários que preparam os educadores para atuar nas escolas. A formação é outro diferencial do ensino finlandês porque todos os professores precisam contar com o título de mestres em educação para conseguir trabalho.

Cada escola finlandesa conta com uma “tropa de elite” para garantir que nenhum estudante fique para trás em rendimento. Ao primeiro sinal de dificuldade, o professor pede a interferência de outro educador. Esse colega, pelo sistema chamado de “educação especial”, se dedica a atender as dificuldades específicas do aluno. Ao longo da vida escolar, não é raro qualquer estudante finlandês ser encaminhado para o professor especial – e isso não é encarado como fracasso. Diretor e professores se reúnem para discutir a situação de cada aluno.

Na Finlândia, a profissão de professor tem status elevado. O que faz o magistério competir em igualdade com outras carreiras de ponta é o reconhecimento social, a autonomia e as boas condições de infraestrutura. O governo nacional estabelece definições gerais do currículo, mas cada professor pode adaptá-lo às características locais. Isso cria um ambiente de profissionais altamente motivados.

A Finlândia consegue excelentes resultados mesmo sem grandes investimentos. O salário dos professores se situa na

média dos países europeus, assim como a verba da educação por aluno. O segredo está em aplicar a maior parte do dinheiro diretamente nas escolas e salas de aula. Isso é possível graças a um sistema enxuto em que até os diretores costumam lecionar e há poucas instâncias burocráticas. A estrutura administrativa inclui as autoridades federais da área e os governos municipais, que respondem pela maior parte das escolas.

As lições da Coreia do Sul

O modelo de educação implantado pela Coreia do Sul combina um dos mais elevados investimentos governamentais do mundo – com 7,6% do PIB destinado à educação – com a determinação das famílias do país de garantir um aprendizado de alto nível para suas crianças e adolescentes. Para isso, os pais costumam se envolver na gestão dos colégios. Os educadores, que são bem pagos e trabalham em escolas com excelente infraestrutura, são auxiliados e monitorados pelos pais dos alunos, em um dos maiores diferenciais do modelo coreano. Lá, as famílias ajudam a organizar as escolas.

Os pais podem fazer parte do chamado Conselho da Escola com um grau de autonomia que permite interferir na seleção e na promoção de professores, organizar eventos de reciclagem profissional e outras atividades cruciais para o funcionamento de uma instituição de ensino. O foco, público e privado, é na Educação Básica. Assim, boa parte dos investimentos e dos melhores educadores é destinada aos ensinos Fundamental e Médio, enquanto no Brasil a excelência se concentra no Superior.

Uma explicação para os estudantes coreanos despontarem nos exames internacionais enquanto os brasileiros apresentam desempenho medíocre se situando nas últimas colocações resulta do fato de os orientais simplesmente estudarem mais. Em média, enquanto um aluno brasileiro passa cerca de quatro horas e meia na escola, no outro lado do mundo esse tempo chega a mais do que o dobro. As crianças coreanas estudam

tempo integral perto de 10 horas, e algumas ainda complementam com atividades extraclasse. No nível equivalente ao Fundamental, mais de 80% das crianças contam com algum tipo de estudo complementar.

Quase todas as escolas têm associações de pais atuantes, que se encontram regularmente e escolhem representantes para cada sala ou série. Esses "delegados" servem de ponte entre os demais pais e a administração da escola. Outros atuam como voluntários em serviços de apoio, como monitores de trânsito em frente à instituição, seguranças nos quarteirões ao redor do colégio, nas cafeterias, bibliotecas ou em passeios. Como estão constantemente nas escolas, acompanham de perto o que acontece na sala de aula, conhecem o currículo e os recursos e assim, podem cobrar dos filhos e das autoridades.

Um dos fatores para o sucesso de sistema educacional da Coreia do Sul são os professores que são muito valorizados socialmente. Além de serem bem pagos com a formação mínima exigida, contam com grande reconhecimento da sociedade. Em 2005, o governo coreano começou a investir fortemente em tecnologia da informação e comunicação nas escolas, distribuindo equipamentos como laptops. Também lançou um programa pelo qual os alunos podem acessar o conteúdo pela internet, a partir de qualquer computador. Agora, há um projeto para digitalizar todo o conteúdo.

As fragilidades do Sistema de Educação no Brasil e como eliminá-las

*Fernando Alcoforado**

As fragilidades do ensino fundamental e médio no Brasil são evidenciadas pelos resultados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) que busca medir o conhecimento e a habilidade em leitura, matemática e ciências de estudantes com 15 anos de idade tanto de países industrializados membros da OCDE como de países parceiros. Por sua vez, as debilidades do ensino superior no Brasil são demonstradas pelo ranking das universidades em todo o mundo realizado pelo THE (Times Higher Education) que avalia o desempenho dos estudantes universitários e a produção acadêmica nas áreas de engenharia e tecnologia, artes e humanidades, ciências da vida, saúde, física e ciências sociais e considera ainda pesquisa, transferência de conhecimento e perspectiva internacional, além do ambiente de ensino.

De acordo com dados do Pisa, em 2012, o Brasil ficou com a 55ª posição do ranking de 65 países em leitura. Em ciências, o Brasil obteve o 59º lugar do ranking. Matemática foi a única disciplina em que os estudantes brasileiros do ensino fundamental e médio apresentaram avanço no desempenho, ainda que pequeno. A melhora não foi suficiente para que o país avançasse no ranking e o Brasil caiu para a 58ª posição em matemática.

As fragilidades do sistema de ensino no Brasil acontecem também no ensino superior. As universidades brasileiras também estão mal avaliadas no ranking universitário internacional lançado recentemente pelo THE (Times Higher

Education), o principal da atualidade. USP e Unicamp, por exemplo, nossas melhores universidades, decaíram no ranking. A USP, única do Brasil que figurava entre as 200 melhores do mundo, passou de 158º lugar em 2012 para o grupo de 226º a 250º. A Unicamp também caiu e passou de 251º a 275º (em 2012) para 301º a 350º.

O THE mostra que os Estados Unidos continuam dominando o ranking mundial. A melhor universidade do mundo, Caltech, é norte-americana. Além disso, 77 das 200 melhores do mundo estão em solo dos Estados Unidos. Reino Unido também vai bem porque a Universidade de Oxford empatou com Harvard e tem mais duas universidades no ‘top ten’ (Cambridge e Imperial College). O Brasil foi o único país que saiu do grupo de países com universidades entre as 200 melhores do mundo.

A catastrófica situação em que se encontra o sistema de ensino no Brasil demonstrada pelo Pisa e THE está a exigir que se realize uma verdadeira revolução na educação e não um plano como fez o governo Dilma Rousseff que não é nada mais nada menos do que uma mera carta de intenção. A construção de um futuro radioso para o Brasil depende, em grande medida, do que seja feito no campo da educação. A educação é o fator chave para o progresso do Brasil.

Urge a eclosão de uma revolução nos métodos ou na pedagogia do ensino fundamental e médio no Brasil levando em conta a experiência bem sucedida de países como a Finlândia, Coreia do Sul e Japão, entre outros, bem como os ensinamentos de Anísio Teixeira, Paulo Freire e Edgar Morin. Ao revolucionar os métodos de ensino seriam criadas as condições para multiplicarmos o número de educandos no Brasil capacitados a interpretar a realidade em que vivem e transformar o Brasil e o mundo.

Para o mundo em constante transformação como o que vivemos, é preciso que, através da educação, seja criado um

novo tipo de homem consciente e bem preparado para transformá-lo em seu benefício. Essa concepção exigiria, segundo Anísio Teixeira, uma educação em mudança permanente, em permanente reconstrução. Segundo Anísio Teixeira, as novas responsabilidades da escola seriam de educar em vez de instruir, formar homens livres em vez de homens dóceis e fazer frente às incertezas do futuro.

Paulo Freire propôs a constituição de “círculos de cultura” que buscam substituir as salas de aula na relação vertical e tradicional entre o professor e o aluno. Paulo Freire defendia a tese de que era preciso superar a contradição entre o educador que é quem sempre educa e o educando que é educado, o educador que impõe a disciplina e o educando a ser disciplinado, o educador que é quem fala e o educando que o escuta, o educador que prescreve e o educando que segue a prescrição, o educador que escolhe o conteúdo dos programas e o educando que o recebe na forma de "depósito", o educador que é sempre quem sabe e o educando que não sabe, o educador que é o sujeito do processo e o educando seu objeto. O propósito de Paulo Freire seria o de fazer com que o educando se transforme em um sujeito que opera e transforma o mundo

Edgar Morin formulou os sete saberes para a educação do futuro propondo que ela prepare estudantes que sejam capazes de criticar o próprio conhecimento, saibam escolher os pontos-chaves dentro da abundância atual de informação, reconhecer que pertence à humanidade e, ao mesmo tempo, a diversidade da nossa condição humana, identificar nossa pátria comum que é a Terra e que todos os seres humanos têm problemas e um destino comum, pensar o imprevisto, pensar a incerteza e intervir no futuro através do presente com as informações obtidas no tempo e a tempo e buscar a compreensão entre os seres humanos evitando o egoísmo e o etnocentrismo.

O sistema de ensino no Brasil na era contemporânea não permite que os estudantes adquiram os conhecimentos necessários para poder pensar e se capacitar para construir um mundo melhor. É esta situação que faz com que seja geral a desinformação dos indivíduos no Brasil sobre o que acontece nos campos da economia, da ciência e tecnologia, do meio ambiente e das relações internacionais, entre outras. Esta desinformação atinge a esmagadora maioria da população brasileira fazendo com que ela não tenha condições de interpretar corretamente a realidade em que vive e, muito menos, em transformá-la. A educação no Brasil contribui para a alienação dos seres humanos porque não é pensada como cultivo do espírito, como condição para o avanço da humanidade.

As fragilidades do ensino superior no Brasil acontecem entre outros fatores devido as fragilidades do ensino fundamental e médio que não prepara os estudantes com capacitação suficiente para frequentarem os cursos universitários. Esta é a principal razão pela qual ocorre grande evasão de alunos em vários cursos oferecidos pela Universidade brasileira. Além de lidar com alunos despreparados oriundos do ensino fundamental e médio, a Universidade pública lida com a carência de recursos que limita sua atuação e, sobretudo, devido à falta de um consistente plano nacional de educação.

Uma política educacional no Brasil deveria perseguir 2 grandes objetivos: 1) preparar em todos os níveis de ensino (infantil, fundamental, médio, profissional e superior) cidadãos para construir um mundo melhor e se tornarem agentes ativos do avanço da humanidade; e, 2) preparar cidadãos com a maior qualificação possível para atenderem as necessidades do mundo do trabalho. Estes objetivos deveriam se constituir na base sobre a qual deveria ser estruturado um consistente Plano Nacional de Educação.

Na consecução destes 2 grandes objetivos, acima descritos, é

necessário: 1) elaborar programas específicos de capacitação e valorização de docentes em todos os níveis de ensino e região do Brasil; 2) elaborar programas voltados para o desenvolvimento de metodologias adequadas para cada nível de ensino e região do Brasil; e, 3) elaborar programas específicos de reforço da infraestrutura educacional existente para adequá-la às necessidades em todos os níveis de ensino levando em conta as especificidades regionais.

* Fernando Alcoforado, 75, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos livros *Globalização* (Editora Nobel, São Paulo, 1997), *De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial* (Editora Nobel, São Paulo, 1998), *Um Projeto para o Brasil* (Editora Nobel, São Paulo, 2000), *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia* (Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), *Globalização e Desenvolvimento* (Editora Nobel, São Paulo, 2006), *Bahia- Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea* (EGBA, Salvador, 2008), *The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The Case of the State of Bahia* (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), *Aquecimento Global e Catástrofe Planetária* (P&A Gráfica e Editora, Salvador, 2010), *Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global* (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011), *Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social* (Editora CRV, Curitiba, 2012) e *Energia no Mundo e no Brasil-Energia e Mudança Climática Catastrófica no Século XXI* (Editora CRV, Curitiba, 2015).

A ciência e os avanços no conhecimento sobre a evolução das espécies

*Fernando Alcoforado**

A teoria da evolução das espécies de Charles Darwin apresentou em 1859 evidências da evolução das espécies mostrando que a diversidade biológica é o resultado de um processo de descendência com modificação, onde os organismos vivos se adaptam gradualmente através da seleção natural e as espécies se ramificam sucessivamente a partir de formas ancestrais, como os galhos de uma grande árvore: a árvore da vida.

Outra observação importante de Darwin acerca das populações na natureza é a grande variabilidade entre os indivíduos, mesmo para aqueles pertencentes à mesma espécie.

Se, por acaso, numa população qualquer surgir uma variação vantajosa, por menor que seja, essa variação fornecerá a seus portadores uma maior chance de sobrevivência.

Levando em consideração que apenas aqueles seres portadores das características mais adaptativas conseguirão chegar à fase adulta e se reproduzir, cada vez mais as novas gerações acumularão variações vantajosas para viver naquele ambiente específico.

Populações separadas, vivendo em ambientes diferentes, poderão com o tempo se transformar em espécies, em decorrência da acumulação de diferentes características. A proposta de Darwin de que as espécies se originam por processos inteiramente naturais contradiz a crença religiosa na criação divina tal como é apresentada na Bíblia, no livro de Genesis (BROWNE, J. *A Origem das Espécies de Darwin: uma Biografia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007).

É importante observar que Darwin se guiou pelos estudos já existentes sobre a geologia e a evolução dos seres vivos e em suas observações durante os cinco anos que viajou pelo mundo à bordo do Beagle. Formulou sua teoria da evolução que revolucionou o mundo, em especial suas conclusões sobre a seleção natural. Para Darwin, todas as espécies atuais se originaram, através de modificações que sofreram ao longo de milhares de anos, a partir de ancestrais comuns. Foi o ambiente que atuou, limitando a continuidade de algumas espécies menos adaptadas e favorecendo que espécies mais adaptadas se perpetuassem. É o processo da seleção natural agindo sobre os organismos.

Assim como Darwin, outro naturalista britânico da época, Alfred Russel Wallace, que é pouco citado, chegou a conclusões muito semelhantes sobre a origem e evolução das espécies, tendo os dois anunciado em 1858 suas ideias à sociedade científica.

O conjunto das teorias evolucionistas sugeridas pelo naturalista francês Jean-Baptiste de Lamarck, que propunha as leis: “Lei do Uso e do Desuso” e a “Lei da Transmissão dos Caracteres Adquiridos” foi genial para a época em que ele as

sugeriu (1809), pois se acreditava que as espécies eram imutáveis desde sua origem (DELANGE, Yves. *Jean-Baptiste Lamarck*. Paris: Acts Sud, 2002). Lamarck não concordava com o criacionismo da época e através das suas observações e estudos sobre os seres vivos, percebeu que havia mudanças nas características dos organismos, que ele julgou fossem uma resposta frente às necessidades deles se adaptarem ao ambiente, transmitindo essas aquisições sucessivamente aos descendentes. Embora as ideias de Lamarck sejam anteriores às ideias de Darwin, quando o assunto é evolução, Charles Darwin é o primeiro a ser citado.

Com o evoluir do tempo, ocorreram inúmeras deturpações do darwinismo. No final do século XIX, surgiu o chamado darwinismo social, que propunha explicar o comportamento dos indivíduos em sociedade por intermédio da seleção natural. Várias teses pseudocientíficas procuraram afirmar a existência de uma suposta inferioridade racial e até de tendências criminosas, além de justificar a competição acirrada no mercado capitalista, onde "somente os mais fortes sobrevivem". Nada mais estranho ao que Darwin propunha com a teoria da evolução das espécies. Talvez a mais desastrosa apropriação da obra darwinista tenha sido a eugenia, proposta pelo cientista britânico Francis Galton, primo de Darwin, como método de aperfeiçoamento genético de raças pela seleção artificial - basicamente, casamentos arranjados entre indivíduos considerados mais inteligentes, fortes e saudáveis. Mais recentemente, surgiram correntes mais científicas, como a sociobiologia, nos anos de 1970, e a psicologia evolutiva, nos anos de 1990, apesar de também serem muito criticadas pelos evolucionistas (BROWNE, J. A

Origem das Espécies de Darwin: uma Biografia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007).

Atualmente, o maior adversário da teoria da evolução de Darwin é o movimento criacionista. Os criacionistas se opõem ao ensino do darwinismo nas escolas desde os anos de 1920 nos Estados Unidos, pelo fato de as descobertas contrariarem dogmas religiosos. Em sua última versão, os criacionistas propuseram a teoria do "design" inteligente para tentar provar a existência de uma inteligência superior (que pode ser Deus) orientando a evolução das espécies, ao invés do mero acaso de mutações genéticas. Os criacionistas argumentam que o pensamento darwinista é incoerente e está em crise (o que não é verdade). A mensagem de Darwin é incômoda: não somos superiores aos outros seres que habitam este planeta; não caminhamos, necessariamente, para um mundo melhor; e nem somos donos de nosso destino (SCOTT, Eugenie. *Evolution vs. Creationism: An Introduction*. Berkley e Los Angeles, California: University of California Press, 2006).

O Neodarwinismo, chamado também de "Teoria Sintética (ou Moderna) da Evolução", surgiu no século XX estando relacionado com os estudos evolucionistas de Charles Darwin e as novas descobertas no campo da genética (CARDOSO, Mayara. *Teoria Moderna da Evolução*. Disponível no website<<http://www.infoescola.com/biologia/teoria-moderna-da-evolucao/>>, 2016). As lacunas que surgiram após a publicação da obra "Origem das Espécies" (1859) de Darwin foram desvendadas pelo avanço dos estudos genéticos. A partir do conhecimento do mecanismo genético da hereditariedade, das mutações e recombinações dos gens,

algumas das lacunas no processo evolutivo foram esclarecidas. Com isso, foi definida uma síntese da teoria da evolução que passou a ser uma referência fundamental para a explicação de muitos processos biológicos. Aceita atualmente pela maioria dos cientistas, a teoria moderna da evolução se tornou um tipo de eixo central da biologia, aproximando disciplinas como sistemática (ciência que classifica os seres vivos através do estudo comparativo de suas características, aspectos e fenômenos morfológicos, fisiológicos, genéticos e evolutivos com o objetivo de reconstruir seu histórico evolucionário a partir das relações e afinidades entre os diversos grupos de espécies), citologia (ciência que estuda as células, estruturas que compõe os órgãos e tecidos dos seres vivos) e paleontologia (ciência que estuda as formas de vida existentes em períodos geológicos passados, a partir dos seus fósseis) (AMABIS, José Mariano e MARTHO, Gilberto Rodrigues. *Biologia das Populações*. São Paulo: Moderna, 2004).

*Fernando Alcoforado, 76, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos livros *Globalização* (Editora Nobel, São Paulo, 1997), *De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial* (Editora Nobel, São Paulo, 1998), *Um Projeto para o Brasil* (Editora Nobel, São Paulo, 2000), *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia* (Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), *Globalização e Desenvolvimento* (Editora Nobel, São Paulo, 2006), *Bahia- Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea* (EGBA, Salvador, 2008), *The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The Case of the State of Bahia* (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), *Aquecimento Global e Catástrofe Planetária* (P&A Gráfica e Editora, Salvador, 2010), *Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global* (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011), *Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social* (Editora CRV, Curitiba, 2012) e *Energia no Mundo e no Brasil-Energia e Mudança Climática Catastrófica no Século XXI* (Editora CRV, Curitiba, 2015). Possui blog na Internet (<http://fernando.alcoforado.zip.net>). E-mail: falcoforado@uol.com.br.

A Ciência e os avanços em Química

*Fernando Alcoforado**

Os grandes avanços alcançados no campo Química teve início com a descoberta do fogo. Com o fogo, o homem já conseguia cozinhar seus alimentos e obtinha uma fonte de calor para aquecer e se proteger dos animais selvagens. A cozinha foi então o primeiro laboratório de química, já que nela eram conservados os alimentos através do cozimento. Foi na cozinha que os chineses descobriram a pólvora negra, durante o século X na Dinastia Han. A descoberta foi feita por acidente, já que os alquimistas da época tentavam encontrar o elixir da longa vida. Desde a Antiguidade, alguns elementos já eram conhecidos pelo homem, como o carbono, ferro, enxofre, ouro, prata, cobre, mercúrio, estanho (MANUAL DA QUÍMICA. *Da Alquimia à Química*. Disponível no website.

<<http://manualdaquimica.uol.com.br/cientistas-que-contribuiram-para-quimica/mendeleiev-criador-tabela-periodica.htm>>, 2014).

Considera-se a existência da prática da Alquimia entre os anos 300 a.C. e 1500 d.C. que foi iniciada em Alexandria, cidade fundada em 331 a.C. por Alexandre, o Grande. Uma forma de pensamento muito antiga que se desenvolveu nessa cidade foi uma arte egípcia, a *khemeia*, que é a raiz da palavra Química. A *khemeia* relacionava-se com mistérios, superstições, ocultismo e religião. Isso tudo se somou aos conhecimentos de diversos sábios, dando origem à alquimia que se difundiu em diversas civilizações, como entre os chineses, hindus, egípcios, árabes e europeus. Entre os ideais inatingíveis da alquimia estavam principalmente a pedra filosofal e o elixir da longa vida.

Os alquimistas acreditavam que seria possível transformar chumbo (e qualquer outro metal) em ouro, a chamada “transmutação”, e que isso seria conseguido por meio de uma peça particular da matéria, a “pedra filosofal” descrita pelo alquimista espanhol do século XVI, Arnaldo de Villanova. Essa crença dos alquimistas se baseava nas ideias do filósofo Aristóteles (384-322 a.C.), que afirmou que a matéria era contínua (não formada por átomos como afirmaram corretamente os filósofos gregos Leucipo e Demócrito), e ele aprimorou a ideia dos quatro elementos de Empédocles. Essa ideia dizia que toda a matéria era formada por quatro elementos: água, terra, fogo e ar, e Aristóteles associou a cada um deles duas “qualidades” opostas: frio ou quente; seco ou úmido. Baseando-se nisso, os alquimistas pensaram em como cada um desses elementos poderiam se transformar uns nos outros se fosse removida ou adicionada a “qualidade” que possuísem em comum. Essas ideias justificaram a tentativa de se obter ouro a partir da combinação de outros metais (HUTIN, Serge. *História Geral da Alquimia*. Rio de Janeiro: Editora Pensamento, 2010).

Os alquimistas almejavam extrair o maior dos desejos do ser humano: a vida eterna. Procuravam um “elixir da longa vida”, que permitiria a imortalidade. Apesar desse lado ritualístico e de nunca se ter alcançado esses objetivos, os alquimistas foram pioneiros no desenvolvimento de técnicas de laboratório, como a destilação e a sublimação que são usadas até hoje pelos químicos. A Alquimia tinha um caráter místico que veio das ciências ocultas da Mesopotâmia, Pérsia, Caldeia, Egito e Síria. Tinha um ar de lenda e mistério. Dois mil anos antes da era atual, os babilônios e os egípcios procuravam sintetizar ouro e transformar metais em ouro. Nesta época, era realizada em sigilo porque era considerada uma ciência oculta. Tinha forte influência das ciências orientais e os alquimistas passaram a atribuir propriedades sobrenaturais às plantas, letras, pedras,

figuras geométricas e os números que eram usados como amuleto, como 3, 4 e 7. A Alquimia combinava química, física, astrologia, filosofia, arte, metalurgia, medicina, misticismo e religião. Os alquimistas usavam fórmulas e recitações mágicas para invocar deuses e demônios favoráveis às operações químicas.

Muitos alquimistas, durante a Idade Média foram acusados de ter pacto com o demônio e por este motivo foram presos, excomungados e queimados vivos na fogueira pela Inquisição da Igreja Católica. Até hoje o uso do enxofre é associado ao demônio. Muitos dos manuscritos dos alquimistas foram feitos de forma incompreensível para os que não a conheciam. Isto era feito porque os alquimistas queriam mais esconder do que revelar as suas descobertas. Algumas de suas descobertas são usadas até hoje, como a fabricação de sabão, técnicas como a destilação e descoberta de novos metais e componentes. As principais finalidades da Alquimia eram transformar metais como mercúrio e chumbo em ouro ou prata, preparar o elixir da longa vida, uma panaceia que cura todos os males, e desenvolver a juventude. Para os chineses, o seu objetivo era atingir a imortalidade. Acreditavam que o ouro era imortal porque não reagia com quase nada. Fizeram elixires contendo arsênio, enxofre e mercúrio. Muitos imperadores morreram envenenados pensando estar tomando o elixir da longa vida (HUTIN, Serge. *História Geral da Alquimia*. Rio de Janeiro: Editora Pensamento, 2010).

No início do século XV surgiu, no Renascimento, um movimento científico que se baseava na racionalidade, ou seja, uma doutrina que afirmava que nada existe sem uma razão, sem uma explicação racional baseada no experimentalismo. Foi nesse contexto que o modo de pensar dogmático, místico e supersticioso da Alquimia começou a ser mudado por uma nova forma de buscar o conhecimento, através da ciência experimental. No ano de 1493 nasceu Phillipus

Aureolus Theophrastus Bombast von Hohenheim, mais conhecido como o médico Paracelso. Apesar de ainda estar ligado à Alquimia, ele desenvolveu a Iatroquímica, em que a principal finalidade era a preparação de medicamentos apropriados para combater as doenças por meio de fontes minerais. Para ele o corpo era um conjunto de substâncias químicas que interagiam harmonicamente e que, se a pessoa estivesse doente, isso significaria que havia uma alteração dessa composição química, que podia ser eliminada por meio de produtos químicos (MANUAL DA QUÍMICA. *Da Alquimia à Química*. Disponível no website

<<http://manualdaquimica.uol.com.br/cientistas-que-contribuiram-para-quimica/mendeleiev-criador-tabela-periodica.htm>>, 2014).

Com o francês René Descartes (1596-1650), o pensamento científico começou a se desenvolver ainda mais. A busca do conhecimento passou a se basear na experimentação e no uso lógico da Matemática. Antes, para que o conhecimento fosse aceito como válido, bastava atender às normas da Filosofia; a experiência não era exigida. Homens como Giordano Bruno, Galileu Galilei e Johannes Kepler contribuíram muito para separar a astrologia da Astronomia e a Alquimia da Química. Mas dois cientistas foram marcantes nessa transição para a Química como Ciência, que foram Robert Boyle (1627-1691) e Antoine Laurent Lavoisier (1743-1794).

Robert Boyle foi chamado por alguns como o pai da Química, sendo responsabilizado por transformar a Alquimia em Química, pois ele introduziu o “método científico”. Boyle assumiu uma postura totalmente diferente dos alquimistas de seu tempo, pois ele publicava abertamente todos os detalhes de seu trabalho, defendia o uso de experiências para comprovar os fatos e não aceitava hipóteses só porque eram consagradas. Seu conceito sobre pesquisas científicas foi descrito em seu livro *The Sceptical Chymist* (BOYLE, Robert. *Sceptical Chymist*. New York: Dover Publications,

2013). Inclusive, Robert Boyle apoiou fervorosamente uma lei que proibia o uso da Alquimia para a produção da pedra filosofal, pois ele considerava esse um objetivo inalcançável.

Foi com essa mudança de pensamento que o século XVII começou. Este foi o século do Iluminismo, quando a ciência se distanciou da religião. Foi então que surgiu Lavoisier, que foi considerado o fundador da Química Moderna, pois os seus estudos foram marcados por grande precisão, não só qualitativa, mas principalmente quantitativa. Ele utilizava balanças, realizando pesagens e medições cuidadosas, tinha notável precisão e planejamento. Tudo isso fez com que ele conseguisse explicar fatos que outros cientistas não conseguiram. Lavoisier derrubou teorias, como a teoria do flogístico (criada pelo cientista alemão Georg Ernst Stahl que dizia que a combustão ocorria com certos materiais porque estes possuíam um “elemento” ou um principio comum inflamável que era liberado no momento da queima), descobriu o oxigênio, explicou a combustão, criou a lei de conservação das massas e lançou o Tratado Elementar de Química, no qual forneceu uma nomenclatura moderna para 33 elementos (LAVOISIER, Antoine. *Tratado elementar de Química*. São Paulo: Editora Madras, 2007).

A partir de Lavoisier, a Química já era considerada uma ciência bem fundamentada e estabelecida. Logo, houve a retomada da ideia de que tudo seria composto por átomos. Além disso, vários elementos foram sendo descobertos, além de suas propriedades químicas e físicas, mostrando que, ao contrário do que acreditavam os alquimistas, os “quatro elementos” não eram os constituintes do mundo. Outro passo à frente para o desenvolvimento da Química foi dado por Dmitri Ivanovich Mendeleiev (1834-1907), quando ele descobriu a Tabela Periódica. Sua tese de doutorado foi sobre a combinação entre a água e o álcool, e, entre 1868 a 1870, ele escreveu dois volumes de um livro- texto que fez com que São Petersburgo

na Rússia fosse considerado como um importante centro de pesquisas científicas. Em 1890, demitiu-se da Universidade de São Petersburgo e, em 1893, passou a ser diretor do Instituto de Pesos e Medidas. Nesse Instituto ele fez experimentos e pesquisas que o levaram a encontrar a combinação perfeita entre água e álcool para a fabricação da vodca: uma molécula de álcool para duas de água, o que corresponde a 38% de álcool e 62% de água (MANUAL DA QUÍMICA. *Da Alquimia à Química*. Disponível no website <<http://manualdaquimica.uol.com.br/cientistas-que-contribuiram-para-quimica/mendeleiev-criador-tabela-periodica.htm>>, 2014).

Mendeleiev também se dedicou ao estudo da natureza e a origem do petróleo, além de ter sido considerado o fundador da agroquímica na Rússia. No entanto, o trabalho pelo qual ele foi amplamente reconhecido no mundo inteiro foi o de criador em 1869 da Tabela Periódica na qual os 63 elementos químicos conhecidos eram escritos numa ordem crescente de massa atômica em que várias propriedades químicas se repetiam em intervalos regulares (periódicos). Por isso, sua descoberta recebeu o nome de Tabela Periódica dos Elementos. O mais impressionante dessa descoberta de Mendeleiev e o que fez com que ele fosse levado a sério pela comunidade científica foi que ele deixou alguns espaços vazios, dizendo que nenhum elemento se encaixava ali porque eles ainda não haviam sido descobertos, mas que ainda seriam. Além disso, ele especificou até mesmo quais seriam as propriedades desses elementos químicos ainda não descobertos. E, foi o que realmente aconteceu.

Pouco após a publicação de sua tabela, os elementos germânio, gálio e escândio, que deveriam preencher os espaços vazios na Tabela de Mendeleiev, foram descobertos. Eles realmente possuíam as propriedades descritas por Mendeleiev. Atualmente, sabe-se que a Tabela de Mendeleiev não estava totalmente correta, porque na realidade não são as massas atômicas que definem as propriedades de cada elemento, mas sim o número

atômico, que é a quantidade de prótons que existe no núcleo atômico, conforme foi demonstrado por Moseley. A Tabela Periódica Atual dos Elementos Químicos é organizada em ordem crescente de número atômico. Apesar de ter sofrido vários ajustes ao longo dos anos, as Tabelas Periódicas modernas continuam baseadas sobre a estrutura essencial criada por Mendeleiev.

Um aspecto interessante das descobertas químicas que relacionam a Química com a Alquimia foi a descoberta da radioatividade. Durante uitos séculos os alquimistas trabalharam arduamente para transformar chumbo em ouro, e hoje sabemos que o urânio, um elemento radioativo, emite radiações naturalmente e se transforma em chumbo. Isso mostra que um elemento pode se transformar em outro, apenas não do jeito que os alquimistas queriam. Se considerarmos que o marco para o surgimento da Química como ciência experimental se deu com os trabalhos de Lavoisier, vemos que a Química tem pouco mais de 200 anos. Química é uma Ciência relativamente nova.

A partir do século XVI foram descobertos a platina, zinco, níquel, nitrogênio, flúor e hidrogênio. Em 1771, Joseph Priestley isolou o oxigênio pela primeira vez. Na mesma época foram descobertos cloro, manganês, molibdênio, telúrio e tungstênio. Mais tarde descobriram o urânio, zircônio, estrôncio, titânio, cromo. Por volta de 1800, foram descobertos o cério, ródio, paládio, ósmio, irídio e magnésio. Humphy Davy descobriu entre 1807 e 1808, outros tantos elementos, como o sódio, potássio, cálcio e bário. Mais tarde, foram descobertos outros elementos como o iodo, lítio, cádmio, selênio, silício, alumínio, bromo, tório, berílio e vanádio. Mosander em 1839 descobriu o lantânio. Em 1843, o térbio e o érbio. Através da espectroscopia foram descobertos por Bunsen o cério e o rubídio em 1860. O tálio e o índio também foram identificados por espectroscopia. O hélio e o boro também.

Em 1871, o russo Dmitri Mendeleiev previu alguns elementos que iriam completar a Tabela Periódica. A partir de 1875, alguns químicos comprovaram a existência destes elementos, confirmando o que Mendeleiev havia previsto. Os elementos descobertos foram: gálio, túlio, itérbio, escândio, gadolínio, hólmio, samário. Em 1885 e 1886, foram descobertos o praseodímio, neodímio, disprósio e o germânio. O gás inerte argônio foi descoberto em 1894 por Sir Willian Ramsay e foi classificado como gás nobre. Em 1898, Ramsay isolou também o neônio (usado em letreiros luminosos), criptônio e xenônio. Nesta mesma época, o Casal Curie descobria elementos com propriedades radioativas, como o rádio, o polônio e o actínio. Foram descobertos a seguir por outros químicos o radônio, lutécio, protactínio, háfnio e rênio. Por volta de 1925, quase todos os elementos estáveis da crosta terrestre já estavam inseridos na Tabela Periódica.

Os elementos químicos sintéticos começaram a ser produzidos. São instáveis. Antes disso, foram descobertos tecnécio, frâncio, netúnio, plutônio, cúrio, amerício, promécio, berquélio, califórnio, einstênio, férmio, mendelévio, nobélio, laurêncio, ruterfórdio, dúbnio, seabórgio, bório, hássio, meitnério, darmstádio, roentgênio, unúmbio. Da metade do século XVII a meados do século XIX, os cientistas já usavam métodos mais “modernos” de descobertas testando teorias com seus experimentos. Um das grandes controvérsias era o mistério da combustão. Dois químicos: Johann Joachim Becher e Georg Ernst Stahl propuseram a teoria do flogisto. Esta teoria dizia que uma “essência” (como dureza ou a cor amarela) deveria escapar durante o processo da combustão. Ninguém conseguiu provar a teoria do flogisto. O primeiro químico que provou que o oxigênio é essencial à combustão foi Joseph Priestly. O oxigênio e o hidrogênio foram descobertos durante este período. Foi o químico francês Antoine Lavoisier quem formulou a teoria atualmente aceita sobre a combustão (MANUAL DA QUÍMICA. *Da Alquimia à Química*. Disponível no website

<http://manualdaquimica.uol.com.br//cientistas-que-contribuiram-para-quimica/mendeleiev-criador-tabela-periodica.htm>>, 2014).

Foi nesta época que a Química se desenvolveu como ciência. As ideias de Lavoisier deram aos químicos a primeira compreensão sólida sobre a natureza das reações químicas. Lavoisier impulsionou novos trabalhos, como o de John Dalton sobre a teoria atômica. O químico italiano Amadeo Avogadro formulou sua própria teoria (A Lei de Avogadro que é um conjunto de leis matemáticas que trata da quantidade de matéria em gases a diferentes temperaturas). Por volta da metade do século XIX, já eram conhecidos cerca de 60 elementos químicos. Foi nesta época também que alguns químicos sentiram a necessidade de agrupar os elementos químicos de acordo com suas características. Newlands, Stanislao Cannizzaro e Chancourtois foram os primeiros a notar que todos os elementos eram parecidos em estrutura. Mas foi Dmitri Mendeleiev quem classificou os elementos e agrupou-os numa tabela, que hoje é a conhecida Tabela Periódica. O casal Curie e Henri Becquerel foram os descobridores da radioatividade em meados dos anos 1896. Foi um passo para o estudo das reações nucleares. Em 1919, Ernest Rutherford descobriu que os elementos podem ser transmutados. O trabalho de Rutherford estipulou as bases para a interpretação da estrutura atômica. Pouco depois, outro químico, Niels Bohr, finalizou a teoria atômica.

Vários avanços criaram muitos ramos distintos na Química, que incluem a bioquímica, química nuclear, engenharia química e química orgânica. A Química alcançou o *status* de ciência somente em meados do século XVIII que era até então tratada como um ramo da Medicina. Com o advento da Revolução Industrial, surgiu uma demanda por profissionais da área química, tornando possível a criação dos primeiros cursos e Sociedades de Química na Europa e nos Estados Unidos. Iniciou-se assim a profissionalização da Química (FARIAS,

André. *A inovação tecnológica e o avanço científico: a química em perspectiva*. Disponível no website <<http://www.scielo.br/pdf/qn/v23n6/3545.pdf>>, 2000).

As disputas entre Estados nacionais têm sido uma das motivações mais recorrentes na história da Ciência, pois, os governantes valorizam o avanço científico nacional para conquistar e manter uma supremacia, ou pelo menos um equilíbrio em relação aos países rivais. Um exemplo marcante deste tipo de disputa ocorreu entre os reinos da França e da Inglaterra, na Segunda metade do século XVIII, para desenvolver um método de produção de barrilha em escala industrial. Ressalte-se que barrilha é um produto químico usado para fazer o tipo mais comum de vidro, fabricação de vidro plano (de janelas e automóveis), iluminação, vidros para laboratório, vasilhames, televisores e outros produtos. É usado, também, em muitos produtos domésticos, na lavanderia, na cozinha ou no banheiro como carbonato de sódio que é um aditivo útil nos detergentes e produtos de limpeza e como produtos químicos para fotografia. Ele também é usado na produção de bicarbonato de sódio, que é um ingrediente essencial da bebida, revestimentos, detergentes, alimentos, diálise, e os mercados de cuidados pessoais. Outro episódio que ilustra as forças sociais que induzem o desenvolvimento científico e tecnológico foi a corrida, no começo do século XX, para descobrir um método de síntese industrial de amônia e ácido nítrico. Este esforço ocorreu inicialmente devido à constatação de que os depósitos de salitre do Chile se encontravam em processo de exaustão e que haveria uma quebra mundial na produção agrícola sem este fertilizante. Entretanto, outra forma de pressão logo se mostrou mais poderosa: as descobertas da nitroglicerina e da dinamite por Alfred Nobel tornaram o ácido nítrico um insumo de interesse militar.

Com a proximidade de uma conflagração de grandes proporções na Europa (1ª Guerra Mundial), esta corrida tecnológica logo se transformou em um esforço de guerra nos principais países envolvidos no confronto. Em 1913, o químico alemão Fritz Haber, então diretor do Instituto de Físico-Química e Eletroquímica Kaiser Wilhelm, em parceria com o industrial Carl Bosch desenvolveu a produção de armas químicas usadas na 1ª Guerra Mundial. Haber estava tentando descobrir o processo de Síntese da Amônia porque, naquele período, a Alemanha precisava, com urgência, produzir mais fertilizantes. Haber é considerado o "pai" das armas químicas. Seu impacto na comunidade científica foi enorme que, finda a Primeira Guerra Mundial, Haber foi agraciado com o prêmio Nobel de Química de 1918. Outro esforço de guerra semelhante a este, mas muito maior, deu-se nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra, com a criação do Projeto Manhattan no Laboratório Científico de Los Alamos, encabeçado por J. Robert Oppenheimer.

Assim como no caso da corrida pela síntese do ácido nítrico, este evento demonstra um dos imperativos do militarismo: desenvolver sempre novas tecnologias de defesa e ataque e sempre antes que os países rivais o façam, daí a pressão por rápidas superações tecnológicas observadas durante estes e outros esforços de guerra. Este foi um dos maiores projetos científicos e tecnológicos da História e um dos que tiveram maior impacto social, resultando na criação da bomba atômica. Neste clima de incertezas do pós-guerra, a chamada Guerra Fria entre os Estados Unidos e a extinta União Soviética, surgiram outros projetos de grande porte, como a corrida pela construção da bomba de hidrogênio, na década de 1950, e a corrida espacial a partir da década seguinte.

*Fernando Alcoforado, 76, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de

planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos livros Globalização (Editora Nobel, São Paulo, 1997), De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial (Editora Nobel, São Paulo, 1998), Um Projeto para o Brasil (Editora Nobel, São Paulo, 2000), Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia (Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), Globalização e Desenvolvimento (Editora Nobel, São Paulo, 2006), Bahia- Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea (EGBA, Salvador, 2008), The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The Case of the State of Bahia (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), Aquecimento Global e Catástrofe Planetária (P&A Gráfica e Editora, Salvador, 2010), Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011), Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social (Editora CRV, Curitiba, 2012) e Energia no Mundo e no Brasil- Energia e Mudança Climática Catastrófica no Século XXI (Editora CRV, Curitiba, 2015). Possui blog na Internet (<http://fernando.alcoforado.zip.net>). E-mail: falcoforado@uol.com.br.

A Ciência e os avanços no conhecimento da Física Clássica à Física Quântica

Fernando Alcoforado

Grandes avanços do conhecimento científico foram realizados por Isaac Newton de 1671 a 1728 com o desenvolvimento da Mecânica Clássica com a introdução de conceitos como o da inércia (1ª Lei de Newton), da resultante de forças que agem sobre uma massa causando uma aceleração (2ª Lei de Newton), da ação e reação (3ª Lei de Newton), da Gravitação Universal e do Cálculo como uma ferramenta matemática. A Mecânica Clássica se refere às três principais formulações da mecânica pré-relativística: a mecânica newtoniana, a mecânica lagrangeana (elaborada por Joseph- Louis de Lagrange relaciona a conservação de energia mecânica com a conservação do momento linear de um sistema dinâmico é antecessora das formulações das mecânicas hamiltoniana e newtoniana e considerada de fundamental importância a estas) e a mecânica hamiltoniana (elaborada pelo matemático William Hamilton pode ser empregada para modelar a energia de outros sistemas dinâmicos mais complexos tais como órbitas planetárias e na mecânica quântica) (AGUIAR, Marcus. *Tópicos de Mecânica Clássica*. Campinas: UNICAMP, 2010. Disponível no website <<http://sites.ifi.unicamp.br/aguiar/files/2014/10/top-mec-clas.pdf>>).

A Mecânica Clássica é geralmente classificada em Estática, Cinemática e Dinâmica. A Mecânica Clássica é assim compatível com as outras teorias clássicas fundamentadas na dinâmica da matéria, a citar a Termodinâmica e a Gravitação Universal. De certo modo, o restante da Física pode ser visto

como generalizações da Mecânica Clássica como a Teoria da Relatividade, a Mecânica Quântica, a Mecânica Estatística e a Teoria de Campos. A Mecânica Clássica não pode ser aplicada a velocidades muito altas que só podem ser tratadas com a Teoria da Relatividade ou a massas muito pequenas, pois a partir daí necessita-se da Mecânica Quântica. Muitos inventos aconteceram apoiados pelos conhecimentos adquiridos com base na Mecânica Clássica.

Entre os inventos baseados na Física ou Mecânica Clássica destacam-se cronologicamente os seguintes: 1) Balão inventado por Joseph-Michel Montgolfier e Jacques-Étienne Montgolfier da França em 1745; 2) Máquina a vapor inventada em 1765 por James Watt na Inglaterra; 3) Bateria inventada por Alessandro Volta em 1800 na Itália; 4) Tecnologia de célula solar para geração de eletricidade inventada na França em 1800 por Antoine – César Becquerel; 5) Locomotiva a vapor inventada em 1804 por Richard Trevithick na Inglaterra; 6) Barco a vapor inventado por Robert Fulton em 1807 nos Estados Unidos; 7) Gerador elétrico inventado por Faraday em 1831; 8) Telégrafo inventado em 1837 por Samuel Morse nos Estados Unidos; 9) Elevador predial inventado por Elijah Otis em 1852 nos Estados Unidos; 9) Balão dirigível inventado por Jules Henri Giffard em 1852 na França; 10) Motor de combustão interna inventado por Nikolaus August Otto em 1860 na Alemanha; 11) Canal de interligação oceânica sendo o primeiro o Canal de Suez ligando o Mar Mediterrâneo ao Mar Vermelho construído pela Companhia Suez de Ferdinand de Lesseps entre 1859 e 1869; 12) Metrô sendo o primeiro construído em 1863 em Londres; 13) Dirigível Zeppelin inventado pelo alemão Ferdinand von Zeppelin em 1874, desenvolvido em 1893 e com os primeiros voos comerciais iniciados em 1910; 14) Automóvel moderno inventado em 1876 por Karl Benz na Alemanha; 15) Telefone inventado por Graham Bell em 1876; 16) Lâmpada elétrica

inventada por Thomas Edson em 1879 nos Estados Unidos; 17) Usina Hidrelétrica sendo a primeira construída em 1882 no rio Fox em Appleton, Wisconsin, Estados Unidos inspirada nos planos de Thomas Edson; 18) Usina termoeétrica sendo a primeira construída em 1882 em New York; 19) Televisão inventada pelo alemão Paul Nipkow em 1884; 20) Arranha-céu (Home Insurance Building) sendo o primeiro construído por William Jenney em 1884 em Chicago; 21) Turbina eólica para geração de eletricidade inventada em 1887 pelo escocês James Blyth e desenvolvida também pelo norte-americano Charles Francis Brush em 1888 e pelo dinamarquês Poul La Cour em 1890; 22) Rádio inventado por Guglielmo Marconi em 1895 na Itália; 23) Cinema inventado pelos irmãos Lumière em 1895; 24) Rádio inventado por Guglielmo Marconi em 1895 na Itália; 25) Avião a hélice inventado por Santos Dumont do Brasil e irmãos Wright dos Estados Unidos em 1906; 26) Avião a jato inventado em 1929 pelo inglês Frank Whittle cuja primeira experiência foi realizada em 1941; 27) Foguete V-2 desenvolvido por Wernher von Braun, Arthur Rudolf e Kurt Debus entre 1935 e 1945 na Alemanha; 28) Computador mainframe inventado em 1946 e aperfeiçoado em 1964 pela IBM; 29) Fibra Ótica desenvolvida pelo físico indiano Narinder Singh Kapany em 1952, o revolucionário instrumento de telecomunicações; 30) Usina nuclear para geração de eletricidade em 1954 ativada pelo reator da Central Nuclear de Obninsk na ex-União Soviética; 31) Satélite artificial sendo o primeiro o Sputnik desenvolvido pela União Soviética em 1957; 32) Espaçonave Apolo 11 projetado pela NASA na década de 1960; 33) Micro computador desenvolvido pela União Soviética em 1965; 34) Drone inventado por Abe Karem de Israel nas décadas de 1960 e 1970; 35) Eurotúnel do Reino Unido à França inaugurado em 1994; 36) Smartphone desenvolvido por Steve Jobs em 2007; 37) Estação Espacial Internacional em operação em 2011; 38) Projeto de Túnel Submarino através do Estreito de Bering; 39) Projeto de Trem Transatlântico Submarino de

New York a Londres; e, 40) Tecnologia militar (fabricação de explosivos e armas químicas, mísseis balísticos intercontinentais, radares, tanques de guerra, minas terrestres, diversos explosivos, foguetes, drones, sondas e satélites em órbita, criptografia utilizada em computadores, celulares etc., “capa da invisibilidade” para tornar objetos tridimensionais “invisíveis”, entre outros) (CHALLONER, Jack. *1001 invenções que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2014).

Os paradigmas estabelecidos na Mecânica Clássica por Isaac Newton foram quebrados em consequência do surgimento da Teoria da Relatividade de Albert Einstein que publicou as teorias da Relatividade Restrita, em 1905, e da Relatividade Geral, em 1915, que mudaram para sempre a maneira como passamos a entender o Universo. Espaço e tempo deixam de ser independentes e Einstein cria um novo conceito revolucionário na Física, o de espaço-tempo. A Teoria da Relatividade Restrita se baseia no fato de que a velocidade da luz é constante para todos. Einstein chegou a esta conclusão em 1905, após provas experimentais mostrarem que a velocidade da luz não se alterava enquanto a Terra girava em torno do Sol. Einstein disse que todos os observadores vão medir a velocidade da luz em 299.792.458 metros por segundo, não importa o quão rápido e em que direção eles estejam se movendo (EINSTEIN, Albert. *A Teoria da Relatividade*. São Paulo: L&PM Editores, 2013).

Se a velocidade da luz é para ser mantida constante como Einstein (2013) disse, então o tempo e o espaço não podem ser absolutos como na Física newtoniana. Talvez ainda mais estranho, o tempo passa mais devagar conforme mais rápido algo se move. Para um corpo parado, o tempo corre com velocidade máxima. Mas quando o corpo começa a se movimentar e ganha velocidade na dimensão do espaço, a velocidade do tempo diminui para ele, passando mais

devagar. Se há dois irmãos gêmeos na Terra, e um deles decide fazer uma viagem em uma espaçonave muito rápida para alguma estrela distante e depois voltar, a pessoa que foi voltará muito mais jovem do que seu irmão que ficou na Terra. Esse é o famoso Paradoxo dos Gêmeos.

Uma consequência dessa alteração da velocidade do tempo é a contração no comprimento dos corpos. Segundo a Teoria da Relatividade Restrita, quanto mais veloz alguma coisa está, mais curta ela fica. E também, quanto mais rápido um objeto se move, mais massivo ele se torna. Na verdade, nenhuma nave espacial jamais poderia atingir 100% da velocidade da luz, porque a sua massa iria crescer até ao infinito. Esta relação entre a massa e a velocidade é muitas vezes expressa como uma relação entre a massa e energia: $E = mc^2$, onde **E** é a energia, **m** é a massa e **c** é a velocidade da luz. Com a Relatividade geral, Einstein (2013) decidiu perturbar ainda mais a nossa compreensão do tempo e do espaço.

Ele passou a generalizar sua teoria, incluindo aceleração e descobriu que esta distorce a forma do tempo e espaço. Ele descobriu que o espaço e o tempo são curvos perto de um objeto de grande massa, e essa curvatura é o que experimentamos como a força da gravidade. É como imaginar o espaço-tempo sendo uma cama elástica, e sobre ela bolas de boliche, que seriam estrelas ou planetas. Quanto mais pesado um objeto é, mais ele distorce esse tecido, isto é, distorce o espaço-tempo.

A Relatividade Geral previu que os raios de luz emitidos por estrelas distantes viajariam por trajetórias curvas ao passar pelas proximidades do Sol. Einstein (2013) empregou as novas equações para tornar preciso o experimento e calculou a forma matemática do encurvamento do espaço e, consequentemente, da trajetória curva do raio de luz. Para testarem a previsão, os astrônomos precisariam ver as estrelas distantes tendo o Sol em primeiro plano, e isso só seria possível

quando a Lua encobrisse a estrela em um eclipse total. O eclipse solar que se seguiria, em 29 de maio de 1919, seria, portanto, o campo de provas da Relatividade Geral. Equipes de astrônomos britânicos se dirigiram a dois locais em que o eclipse do Sol seria total — Sobral, no Ceará, e a Ilha de Príncipe, próxima à costa ocidental da África. Lutando contra as impertinências do tempo, cada equipe fotografou estrelas distantes, momentaneamente visíveis quando a Lua passou sobre o Sol. Durante os meses seguintes, enquanto se faziam cuidadosas análises das imagens, Einstein esperava pelos resultados. Por fim, em 22 de setembro de 1919, ele recebeu um telegrama que anunciava a confirmação das suas previsões.

Einstein (2013) previu que os raios de luz emitidos por estrelas distantes viajariam por trajetórias curvas ao passar perto do Sol. Isso foi comprovado, inicialmente, no eclipse solar de 1919 e, depois, em experimentos conduzidos pela NASA. Desde o italiano Galileu, o céu é vasculhado com telescópios para captar ondas de luz emitidas por corpos celestes. O próximo capítulo da Astronomia pode centrar-se na captação de ondas gravitacionais, também teorizadas por Einstein. Nas décadas seguintes foram feitas inúmeras observações e experimentos — alguns ainda em curso — que trouxeram um grau máximo de confiança à Relatividade Geral. Um dos mais impressionantes é um teste observacional que durou quase cinquenta anos, um dos mais longos já efetuados pela NASA, a agência espacial americana.

Einstein (2013) afirma que, quando um corpo como a Terra gira em torno de seu eixo, ele arrasta o espaço à volta em um redemoinho. No início da década de 1960, físicos de Stanford criaram um experimento para comprovar a previsão — o lançamento de quatro giroscópios ultraprecisos que giraram em órbita próxima à Terra — e observaram as mudanças mínimas na orientação dos eixos dos próprios giroscópios que, segundo a teoria, deveriam ser provocadas pelo redemoinho

do espaço. Em 2011, a equipe da NASA anunciou que o trabalho de cinquenta anos chegara a um resultado conclusivo: os giroscópios se comportaram de acordo com a medida prevista por Einstein.

O êxito das comprovações é estimulante, não porque ainda exista alguém que duvide da Relatividade Geral, mas porque a ratificação por observações práticas pode conduzir a aplicações novas e produtivas. As medições do eclipse de 1919, por exemplo, que certificaram que a gravidade enverga a trajetória dos raios de luz, levaram à criação de uma técnica bem-sucedida que hoje é usada para identificar planetas extrassolares. Quando esses planetas passam em frente de sua estrela-mãe, afetam ligeiramente a luz emitida pela estrela, gerando um padrão de aumento e diminuição de intensidade que os astrônomos podem detectar. Outro exemplo de aplicação, este mais familiar, é o sistema de posicionamento global, o GPS, que existe em consequência da descoberta de Einstein de que a gravidade afeta a passagem do tempo. O GPS determina localizações medindo o tempo de viagem dos sinais recebidos de vários satélites. Se não levasse em conta o impacto da gravidade sobre a passagem do tempo nos satélites, o sistema não poderia determinar corretamente onde está um objeto, seja ele o seu carro ou um míssil intercontinental.

Os físicos ainda creem que a detecção de ondas gravitacionais, provável consequência da teoria de Einstein (2013), terá o poder de gerar uma nova aplicação de grande importância: o surgimento de um campo de ação para a astronomia observacional. Desde o tempo de Galileu, olhamos o céu com telescópios para captar ondas de luz emitidas por corpos celestes. A próxima fase da astronomia pode centrar-se na captação de ondas gravitacionais produzidas por acidentes cósmicos distantes, o que nos permitirá examinar o Universo de maneira totalmente inédita. Isso é particularmente interessante porque as ondas de luz não podiam penetrar no

plasma que ocupava todo o espaço nas primeiras centenas de milhares de anos que se seguiram ao Big Bang, ao contrário do que sucedia com as ondas gravitacionais. Um dia, portanto, poderemos usar a gravidade, e não a luz, como guia para sondar os primeiros momentos do Universo. Como ondas gravitacionais se movem pelo espaço de maneira similar à das ondas sonoras pelo ar terrestre, os cientistas falam em “ouvir” os sinais gravitacionais.

Entre os inventos baseados na Teoria da Relatividade destacam-se os seguintes: 1) a explicação do efeito fotoelétrico descoberto pelo físico alemão Heinrich Rudolf Hertz (1857-1894) em 1887, que ocorre quando determinado tipo de radiação (luz visível, luz ultravioleta, raios X, entre outras) atinge a superfície de determinados materiais, provocando a ejeção de elétrons; 2) dispositivos como as células fotovoltaicas, usadas na fabricação dos painéis solares, utilizam o efeito elétrico em sua concepção; 3) a exploração da energia nuclear que demonstrou com a famosa equação $E=mc^2$ a equivalência entre a massa e a energia de um corpo; 4) o *laser* (sigla em inglês para “amplificação da luz por emissão estimulada de radiação”) fabricado em 1960, presente em toda parte hoje em dia – nos consultórios médicos e odontológicos, na indústria, nos leitores de CD e DVD e nos “apontadores” que os conferencistas utilizam; 5) cálculos derivados das teorias da relatividade geral e restrita de Einstein que permitem corrigir erros nos relógios atômicos dos satélites do sistema de posicionamento global (GPS); 6) o magnetismo que só é possível graças à Teoria da Relatividade; 7) o funcionamento da velha TV de tubo; 8) o ouro ser dourado porque sem os efeitos da relatividade seria mais azulado; 9) o mercúrio ser líquido na natureza (SANTOS, Carlos

Alberto. *As digitais de Einstein em nosso cotidiano*. Disponível no website

<<http://cienciahoje.uol.com.br/colunas/do-laboratorio-para-a-fabrica/as-digitais-de-einstein-em-nosso-cotidiano/>>, 2008), MUNHOZ,

Vinicius. *6 provas da Teoria da Relatividade em nosso cotidiano*. Disponível no website <<http://www.megacurioso.com.br/teoria-da-relatividade/56607-6-provas-da-teoria-da-relatividade-em-nosso-cotidiano.htm>>, 2014 e CHALLONER, Jack. *1001 invenções que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2014).

Os paradigmas estabelecidos na Mecânica Clássica por Isaac Newton e na Teoria da Relatividade por Albert Einstein foram quebrados com o advento em 1927 da Física Quântica e do Princípio da Incerteza de Werner Heisenberg que se transformou em um enunciado da Mecânica ou Física Quântica (BORN, Max, AUGER, Pierre, SCHRÖDINGER, Erwin e HEISENBERG, Werner. *Problemas da Física Moderna*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011). Física Quântica quebrou o paradigma determinístico que prevalecia anteriormente que na sua formulação indicava que sabendo a posição inicial e o momento (massa e velocidade) de todas as partículas pertencentes a um sistema, podemos calcular suas interações e prever como elas se comportarão. Porém, para a Mecânica Quântica, esse processo é mais complexo. Já antes da formulação desse princípio, Werner Heisenberg descobrira novas propriedades matemáticas relacionadas à Física Quântica. Nele, mostrou que no reino do *quantum* havia certos pares de propriedades das quais, quanto mais se sabe a respeito de uma partícula, menos é possível saber sobre a outra. Quanto mais formos capazes de medir a velocidade de uma partícula, menos seguros estaremos de sua posição; e o mesmo acontece com diversas outras quantidades interligadas. A Mecânica Quântica surgiu da necessidade de explicar melhor a estrutura atômica já que as teorias existentes não a explicavam. De acordo com esse princípio, não se pode determinar com precisão e simultaneamente a posição e o momento de uma partícula (BAGGOTT, Jim. *The Quantum Story*. Oxford e New York: Oxford University Press, 2011 e GRIFFITHS, David. *Mecânica Quântica*. Recife: Pearson Brasil, 2011).

Os conceitos de Física Quântica estão cada vez mais presentes em trabalhos de Filosofia, Psicologia e até Teologia. A Mecânica Quântica é a teoria física criada na década de 1920 para explicar os fenômenos físicos em escala atômica e subatômica. “Física Quântica” e “Mecânica Quântica” são utilizadas como sinônimos. A Física Quântica serve para explicar o mundo em que vivemos: as partículas elementares de matéria e de antimatéria, o átomo e sua estrutura, a constituição e propriedades da matéria ordinária em suas diversas formas, a origem e a evolução do Universo. Há também um número imenso de aplicações na técnica, como a energia nuclear, os lasers e seus diversos empregos em comunicações, medicina e indústria, além do computador, cujos componentes básicos são aplicações da Física Quântica. Na Medicina, além do laser, não podemos deixar de mencionar a imagem por ressonância magnética, uma aplicação direta de conceitos quânticos. O mundo moderno é impensável sem a Física Quântica. As aplicações tecnológicas mais comuns da Física Quântica são a ligação química, o laser, os semicondutores e a física nuclear (CHALLONER, Jack. *1001 invenções que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2014).

*Fernando Alcoforado, 76, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos livros *Globalização* (Editora Nobel, São Paulo, 1997), *De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial* (Editora Nobel, São Paulo, 1998), *Um Projeto para o Brasil* (Editora Nobel, São Paulo, 2000), *Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia* (Tese de doutorado.

Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), *Globalização e Desenvolvimento* (Editora Nobel, São Paulo, 2006), *Bahia- Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea* (EGBA, Salvador, 2008), *The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The*

Case of the State of Bahia (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), Aquecimento Global e Catástrofe Planetária (P&A Gráfica e Editora, Salvador, 2010), Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011), Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social (Editora CRV, Curitiba, 2012) e Energia no Mundo e no Brasil- Energia e Mudança Climática Catastrófica no Século XXI (Editora CRV, Curitiba, 2015). Possui blog na Internet (<http://fernando.alcoforado.zip.net>). E-mail: falcoforado@uol.com.br.

Rumo ao lixo da História

Fernando Alcoforado

É importante observar, de início, que, na tentativa de defender o governo Dilma Rousseff, o PT e partidos aliados procuraram difundir a tese de que havia uma conspiração das elites que, através de um golpe parlamentar, buscava apelar do poder um governo defensor dos pobres. Apesar da catastrófica devastação econômica, do colapso da Petrobras, da corrupção sistêmica e da gestão incompetente dos governos do PT no Brasil, algumas pessoas aderiram à tese da conspiração das elites contra os pobres. Para entender o comportamento dessas pessoas, pode-se afirmar que algumas delas, bem intencionadas, porém desinformadas, são movidas pela crença de que a saída do PT do poder significaria um retrocesso para os pobres e, outras pessoas, militantes do PT e de partidos aliados, agem, algumas equivocadamente e outras cegamente como “soldados” em obediência ao comando de suas organizações. Todas estas pessoas defendem, lamentavelmente, um governo que, graças à sua incompetência política e administrativa, levou o País à bancarrota e à desmoralização das forças progressistas como alternativa política para governar o Brasil no futuro.

Sobre o compromisso do PT com os pobres, é importante considerar a opinião do professor Plínio de Arruda Sampaio, fundador do PT e do PSOL, já falecido, que destacou no artigo *Fatos e mitos dos governos progressistas no Brasil*, que o governo Lula não beneficiou os trabalhadores porque: 1) o salário médio da população ocupada permanecia praticamente estagnado no mesmo nível de 1995; 2) a jornada média do trabalhador brasileiro foi de 44 horas, fato este que significou

a elevação de uma hora em relação à média dos oito anos anteriores; 3) não impediu que a rotatividade do trabalho continuasse em elevação, nem significou uma reversão da informalidade em que se encontra praticamente metade da força de trabalho ocupada no Brasil; 4) as tendências estruturais responsáveis pela perpetuação da pobreza e da desigualdade social também não foram alteradas porque aproximadamente 40% da força de trabalho brasileira ainda permanece desempregada ou subempregada, isto é, sem renda de trabalho ou com trabalho que remunera menos do que um salário mínimo; 5) a concentração funcional da renda permaneceu praticamente inalterada num dos piores patamares do mundo; 6) a pequena melhoria na distribuição pessoal da renda, apontada como prova cabal do processo de “inclusão” social do governo Lula, na realidade apenas registra uma ligeira diminuição no grau de concentração dos salários; e, 7) é uma falácia a “inclusão” social do governo Lula evidenciada na persistência de uma população de pobres da ordem de 30 milhões de brasileiros (Ver o artigo *Fatos e mitos dos governos progressistas no Brasil* de Plínio de Arruda Sampaio, disponível do website

http://www.correiocidadania.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7758:manchete241012&catid=72:imagens-rolantes). Os governos Lula e Dilma Rousseff deram continuidade, também, à política do governo FHC que aprofundou o processo de flexibilização e precarização das relações de trabalho no Brasil. Portanto, é uma falácia que os governos Lula e Dilma Rousseff foram defensores dos pobres.

Feita esta introdução sobre a falácia de que o PT é defensor dos pobres, é importante observar que o impeachment de Dilma Rousseff consumado no dia de hoje (12/05/2016) representa o fim da era PT que se caracterizou por ter produzido a maior devastação sobre a economia brasileira e a maior corrupção em toda a história do País. Durante a era PT, o Brasil foi arruinado

economicamente porque o sistema econômico brasileiro faliu ao dobrar a dívida pública que evoluiu de R\$ 1,6 trilhões em 2010 para R\$ 3,3 trilhões em 2016, além de apresentar crescimento econômico negativo rumo à depressão, taxa de inflação acima de 10%, desemprego em massa (10 milhões de desempregados), falência generalizada de empresas (51,4% micro e pequenas empresas, 22,2% companhias de médio porte e 26,4% de grandes empresas), desindustrialização (10% do PIB), precariedade extrema dos serviços públicos de educação e saúde e gargalo logístico.

A estagnação da economia brasileira em que ela se encontra está contribuindo, também, para a queda da arrecadação do governo em todos os níveis que está resultando em não haver recursos públicos para investimento na infraestrutura econômica e social em quantidade suficiente, bem como para atender suas necessidades mais elementares como já vêm ocorrendo em todos os quadrantes do País. Os governos do PT de Lula e Dilma Rousseff contribuíram, também, para o colapso da Petrobras cujo valor de mercado encolheu em US\$ 200 bilhões desde o início do governo Dilma Rousseff. Em 31 de dezembro de 2010, um dia antes da posse de Dilma Rousseff, a empresa valia US\$ 228,211 bilhões e, ao final do pregão de 22/01/2016, o valor de mercado da Petrobras era de US\$ 28,032 bilhões, isto é, uma queda de quase 90%. O ano de 2015 terminou com a empresa endividada em R\$ 522 bilhões. A Petrobras chega à pior situação de sua história ao se transformar na petroleira mais endividada do planeta. Este é o resultado de 12 anos de incompetência gerencial e corrupção da gestão petista que transformou a Petrobras de modelo de eficiência empresarial em um abrigo de larápios segundo a Operação Lava-Jato.

Os resultados desastrosos da Petrobras resultaram não apenas da má gestão e das decisões equivocadas de seus dirigentes nos investimentos realizados como, por exemplo, a aquisição das refinarias de Pasadena nos Estados Unidos e de Okinawa no

Japão e a construção da refinaria Abreu e Lima no Brasil, mas também da corrupção. A corrupção que caracterizou os governos do PT está demonstrada pela delação do senador Delcídio do Amaral, ex-líder do governo Dilma Rousseff no Senado, que revela o comprometimento de Dilma Rousseff e do ex-presidente Lula em vários crimes capitulados em lei (Ver o texto publicado pela revista Isto É sob o título *A delação de Delcídio* disponível no website

http://www.istoe.com.br/reportagens/447783_A+DELACAO+DE+DELCIDIO>).

Com extraordinária riqueza de detalhes, o senador Delcídio do Amaral descreveu a ação decisiva da presidente Dilma Rousseff para manter na Petrobras os diretores comprometidos com o esquema do Petrolão e demonstrou que, do Palácio do Planalto, a presidente usou seu poder para evitar a punição de corruptos e corruptores. O relato de Delcídio complica definitivamente Dilma Rousseff e Lula, pois se trata de uma narrativa de quem não só testemunhou e esteve presente nas reuniões em que decisões nada republicanas foram tomadas, como participou ativamente de ilegalidades ali combinadas a mando de Dilma e Lula. Em sua delação, Delcídio afirma que Dilma Rousseff tinha todas as informações sobre a compra da refinaria de Pasadena, no Texas, considerada um dos negócios mais desastrosos da Petrobras e que foi firmado em 2006 com um superfaturamento de US\$ 792 milhões, quando Dilma presidia o Conselho de Administração da estatal.

Além de ter fracassado na gestão do Brasil levando o País à bancarrota, os governos Lula e Dilma Rousseff traíram os compromissos do PT e das forças progressistas em geral com as grandes lutas do povo brasileiro levadas avante nos últimos 50 anos, numa incoerência histórica traidora. Esta incoerência se coloca em três planos: 1) ao aderir ao modelo econômico neoliberal de subordinação do Brasil ao capital financeiro nacional e internacional que foi introduzido pelo ex-presidente Collor; 2) pelo abandono do PT e de suas lideranças de um princípio que se constituía no passado em uma marca do

partido, que o diferenciava dos demais, qual seja a prática da ética e da moralidade no exercício da política como ficou evidenciado com as alianças que realizou com “escórias” da política brasileira como Collor, Sarney, Maluf e Renan Calheiros, entre outros, para conquistar e se manter no poder, além de adotar o método espúrio de compra de votos no parlamento demonstrado no caso do “mensalão”; e, 3) a adoção de uma política clientelista institucionalizando o programa Bolsa Família de transferência de renda que, sob o pretexto de ajudar os pobres, funcionou, na prática, como instrumento de compra de votos nas eleições.

Pelo exposto, a penalidade sofrida por Dilma Rousseff de impeachment pelo crime de responsabilidade foi muito pequena quando deveria ser responsabilizada, também, por ter arruinado economicamente o Brasil, quebrado a Petrobras e ter sido conivente com o estado de corrupção política sistêmica desenfreada que é conhecido como cleptocracia, o que literalmente significa “país governado por ladrões”. O PT e seus aliados se encaminham definitivamente para o lixo da história.

*Fernando Alcoforado, 76, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos livros Globalização (Editora Nobel, São Paulo, 1997), De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial (Editora Nobel, São Paulo, 1998), Um Projeto para o Brasil (Editora Nobel, São Paulo, 2000), Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia (Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), Globalização e Desenvolvimento (Editora Nobel, São Paulo, 2006), Bahia-Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea (EGBA, Salvador, 2008), The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The Case of the State of Bahia (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), Aquecimento Global e Catástrofe Planetária (P&A Gráfica e Editora, Salvador, 2010), Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011), Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social (Editora CRV, Curitiba, 2012) e Energia no Mundo e no Brasil- Energia e Mudança Climática Catastrófica no Século XXI (Editora CRV, Curitiba, 2015). Possui blog na Internet (<http://fernando.alcoforado.zip.net>). E-mail: falcoforado@uol.com.br

Mudanças estruturais e de gestão exigidas para a Bahia

Fernando Alcoforado

Na atualidade, o Estado da Bahia se caracteriza pela existência de gigantescos desequilíbrios de natureza social e de desenvolvimento regional que estão a exigir mudanças estruturais profundas que contribuam para: 1) a desconcentração econômica do Estado da Bahia; 2) a superação do atraso econômico secular do semiárido; e, 3) a drástica redução da pobreza de sua população.

A Região Metropolitana de Salvador, que concentra atualmente 70% da indústria de transformação da Bahia e é responsável por 35 a 40% do PIB estadual, possui enorme capacidade de atrair investimentos pelo fato de ser detentora de imensas vantagens comparativas em relação às demais regiões da Bahia. A desconcentração econômica do Estado da Bahia pode ser viabilizada com a descentralização administrativa do governo do Estado através da criação de estruturas regionais que articulem as ações dos governos federal, estadual e municipal em suas diversas regiões.

Em cada região seria adotado o modelo de desenvolvimento endógeno que enfatiza a necessidade de a sociedade regional liderar e conduzir o seu próprio desenvolvimento regional, condicionando-o à mobilização dos fatores produtivos disponíveis em sua área e ao seu potencial endógeno contando com o apoio do governo do Estado da Bahia e a efetiva participação do setor privado e da Sociedade Civil organizada. A contribuição do modelo de desenvolvimento endógeno consiste em identificar em cada região suas potencialidades

econômicas e quais fatores de produção são atualmente decisivos ao processo de desenvolvimento. O modelo de desenvolvimento endógeno fortalece a auto-organização social e estimula a prática de soluções colaborativas para problemas comuns.

O atraso econômico do semiárido da Bahia é secular. O diagnóstico econômico do Semiárido da Bahia indica que essa região se caracteriza por possuir uma agropecuária de baixa produtividade, uma indústria incipiente e atividades ligadas ao comércio e serviços pouco desenvolvidas em comparação com as regiões mais dinâmicas da Bahia, especialmente a RMS, o Oeste e o Extremo Sul. A superação do atraso econômico secular do semiárido deveria ser uma das prioridades do governo do Estado. Um dos principais problemas do Semiárido é o déficit hídrico que exige do governo do Estado da Bahia para sua solução a elaboração e implementação de plano de interligação de bacias, captação de água subterrânea, construção de açudes e sistemas de distribuição de água.

O Estado da Bahia é a unidade federativa do Brasil que apresenta o maior número de pobres do país. A ação do governo do Estado da Bahia no combate à pobreza deveria estar centrada no esforço que contribua para a expansão dos setores produtivos de cada região da Bahia, bem como na realização de investimentos públicos na infraestrutura de energia, transporte, comunicações, educação, saúde, habitação e saneamento básico do qual resulte a elevação do nível de emprego e renda em todas as regiões da Bahia. É um grande equívoco combater a pobreza distribuindo bolsa família a granel.

Todas essas ações só serão exitosas se for realizada uma profunda reforma da máquina administrativa do governo com a descentralização administrativa do Estado da Bahia através da criação de estruturas regionais que possibilite a integração das ações dos governos federal, estadual e municipal na promoção do desenvolvimento de cada região da Bahia.

*Fernando Alcoforado, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, é professor universitário e consultor.

O imperativo da revolução no pensamento humano

Fernando Alcoforado

A comunicação com os outros, tanto quanto a comunicação consigo mesmo, depende da codificação. Toda percepção, bem como sua avaliação, depende da codificação. É esta que torna o meio pensável e comunicável. Uma das mais comuns codificações é a binária, que pode ser chamada regra de duplicação polar. Considerando o fenômeno (A) seu oposto não é (B) ou (C), mas o não (A). O oposto do ser existente não é um outro ser mas o nada. Seguindo o código binário duplica-se a existência na não existência, o impulso na falta de um impulso (Ver o artigo *Caos e ordem na teoria sociológica* de Franz Josef Brüseke publicado no website

<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_22/rbcs22_07.htm>).

Segundo Brüseke, mestre e doutor em Sociologia pela Westfälische Wilhelms Universität Münster, Alemanha, este último princípio, utilizado com sucesso pelo computador, permite a impressionante velocidade com que trabalha, respondendo, conforme uma programação específica, sim ou não. Os computadores fazem parte de nossas vidas desde a segunda metade do século XX. Como poderemos fazer uma máquina entender as nossas ordens? Através de um compilador, o programa que traduz a sofisticada linguagem do programador (mais próxima do pensamento humano) para um código binário de “zero” e “um”, que é como pensam os cérebros eletrônicos.

O código binário traz como vantagem a redução das informações complexas a um grau mínimo de complexidade, possibilita a

criação de regras claras de reflexão e elimina, dentro da comunicação codificada, qualquer dúvida. Se alguém não agiu certo, agiu errado. O que não está atrás está na frente. O que é da esquerda não é da direita. O mundo complexo divide-se assim em Leste e Oeste ou em Norte e Sul, em livre e não livre, em pobre e rico. O que para uns é a burguesia e o proletariado, para outros é homem e mulher. Quem foge de tudo isso tem pelo menos uma certeza: uma teoria é racional ou irracional. A reflexão, em opostos desse tipo, trabalha com o código binário para ordenar os sinais caóticos que assaltam o sistema comunicativo.

Na opinião de Brüseke, o esquema binário dissolve em tempo mínimo, o máximo de fenômenos complexos em duplicações polares. Além disso, ele é, como regra de comunicação, fácil de entender, fortalecendo, por causa da sua estrutura simples, a capacidade de agir e de decidir. É nisto que se baseia o seu sucesso, se medirmos esse sucesso com o critério da eliminação. Ele também é responsável pela própria incapacidade de entender fenômenos e sistemas que não tenham uma estrutura binária. Ultrapassar o código binário parece tão difícil como não alcançar o seu grau de diferenciação. O pensamento racional do tipo ocidental parece sofrer paralisação, ou tornar-se impossível abaixo da polarização.

A história do pensamento ocidental é a história da luta pelo entendimento de estruturas complexas. Na ciência moderna da natureza triunfou o código binário. Todos os sistemas comunicativos do mundo estruturam sua comunicação com o apoio do código binário. Assim, trabalha o sistema jurídico com o código justiça e injustiça, a economia, referindo-se a propriedade, com o código possuir e não possuir etc. O código binário é uma forma específica de simplificar a reflexão e a comunicação humana. Entretanto, podemos constatar também desenvolvimentos teóricos que o ultrapassam, tornando-se, em consequência, mais difíceis de serem entendidos.

A dominância do código binário sobre outras formas do pensamento e da comunicação é um produto histórico. No entanto, o pensamento em duas dimensões renuncia à possibilidade de entendimento mais abrangente do mundo e das possibilidades nele ainda não realizadas, segundo Brüseke. Em contraposição ao código binário que impera em nossa sociedade urge a introdução do pensamento holístico. Cabe observar que o termo holismo vem do grego *holos*, quer significa todo, tudo. É a ideia de que as propriedades de um sistema não podem ser explicadas apenas pela soma de seus componentes. É também chamado não reducionismo, por ser o oposto do reducionismo. É uma teoria que estabelece o mundo como um todo integrado, como um organismo.

Vivemos uma era em que é preciso preparar um ser humano crítico e reflexivo para a realidade atual desse mundo tecnológico. Nesse contexto, o viável é uma abordagem progressista juntamente com o ensino e a pesquisa numa perspectiva holística. Entende-se por holística, do grego "*holos*", "*total*", doutrina que privilegia a consideração da totalidade na tentativa de explicar a realidade. Embora ao longo da história diversos pensadores tenham afirmado, de uma forma ou de outra, o princípio do holismo, o primeiro filósofo que o instituiu para a ciência foi o francês Augusto Comte, ao instituir a importância do espírito de conjunto (ou de síntese) sobre o espírito de detalhes (ou de análise) para uma compreensão adequada da ciência em si e de seu valor para o conjunto da ciência e da existência humana.

O holismo é o resgate da dimensão ética no sentido mais profundo. Consiste num compromisso com o todo, com o global, com a humanidade, com a preservação da natureza e com o estabelecimento de uma relação revolucionária entre homens, animais e plantas. Todos os elementos fazem parte de um grande corpo. O holismo traz uma proposta de vida

integral. Trata-se de um caminho que não é novo, haja vista que encontra respaldo no pensamento dos pré-socráticos. O holismo deve se impor porque, nos últimos séculos, o projeto cartesiano na ciência tem sido insuficiente ao pretender romper a matéria em pedaços cada vez menores, na busca de conhecimento.

Em 1973, Edgar Morin traça novas perspectivas para o avanço do pensamento humano. Trata-se de um prelúdio de sua importante obra: *O Método*, que será desenvolvido durante cerca de trinta anos. O objetivo de “*O Método*” é o de promover uma reforma do pensamento. Um rocedimento do espírito que procura rearticular aquilo que a pesquisa especializada separou. Isso não significa a promoção de um pensamento “holístico” que aboliria as diferenças, mas de retomar o desafio já proposto por Blaise Pascal: “Eu defendo a ideia de que é impossível compreender o todo sem compreender cada uma das partes, assim como compreender cada uma das partes sem conhecer o todo”.

O Método não pretende pesquisar uma “pedra filosofal” destinada a resolver todos os problemas. À diferença do Discurso do Método de Descartes, o procedimento de Morin recusa, de início, a ideia de uma verdade definitiva, que seria possível de ser atingida, e de um conhecimento absolutamente rigoroso a ser colocado em ação. A ideia do inacabado, da incerteza, da relatividade do conhecimento está no centro do seu pensamento. Trata-se inicialmente de aprender a ultrapassar as oposições binárias natureza/cultura, indivíduo/sociedade, determinismo/liberdade, sujeito/objeto.

*Fernando Alcoforado, 74, membro da Academia Baiana de Educação, engenheiro e doutor em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, professor universitário e consultor nas áreas de planejamento estratégico, planejamento empresarial, planejamento regional e planejamento de sistemas energéticos, é autor dos

livros Globalização (Editora Nobel, São Paulo, 1997), De Collor a FHC- O Brasil e a Nova (Des)ordem Mundial (Editora Nobel, São Paulo, 1998), Um Projeto para o Brasil (Editora Nobel, São Paulo, 2000), Os condicionantes do desenvolvimento do Estado da Bahia (Tese de doutorado. Universidade de Barcelona, <http://www.tesisenred.net/handle/10803/1944>, 2003), Globalização e Desenvolvimento (Editora Nobel, São Paulo, 2006), Bahia-Desenvolvimento do Século XVI ao Século XX e Objetivos Estratégicos na Era Contemporânea (EGBA, Salvador, 2008), The Necessary Conditions of the Economic and Social Development- The Case of the State of Bahia (VDM Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft & Co. KG, Saarbrücken, Germany, 2010), Aquecimento Global e Catástrofe Planetária (P&A Gráfica e Editora, Salvador, 2010), Amazônia Sustentável- Para o progresso do Brasil e combate ao aquecimento global (Viena- Editora e Gráfica, Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo, 2011) e Os Fatores Condicionantes do Desenvolvimento Econômico e Social (Editora CRV, Curitiba, 2012), entre outros.

Para Consuelo Pondé de Sena

Do amigo José Nilton Carvalho Pereira

No transcorrer de 2013, a mestra Consuelo Pondé de Sena me solicitou a apresentação daquele que seria seu último livro em vida publicado: *No insondável tempo*. Prontamente atendi. Enquanto a edição corria no prelo, notei que a saúde da ilustre guardiã do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) corria contra o tempo.

Em janeiro de 2014, Consuelo comemorou 80 anos, em seleta reunião no salão de festas de seu apartamento na Av. Princesa Leopoldina. Ali congregou parentes próximos, amigos de longa data e amizades recentes, além de sua tropa de choque: os fiéis servidores do IGHB. De novo, uma atmosfera de despedida transparecia nas palavras da aniversariante, como se transpusesse as camonianas tardes do Mondego (“Naquele engano de alma ledó e cego, / Que a fortuna não deixa durar muito.”)

Leitor assíduo que fui das semanais colunas de Consuelo na Tribuna da Bahia, sempre às quartas-feiras de sua permanente devoção a Santa Bárbara, percebi e creio que seus amigos perceberam que a cronista trabalhava, às vezes sofregamente, em lembranças e desconstrução contínua da vida, selecionando fatos, pessoas, circunstâncias, valores permanentes e tudo o que realmente conta ao longo de uma vitoriosa existência.

Mas só no último 14 de maio, a Bahia teve certeza de sua despedida. Na véspera, depois de muitos anos, não aconteceu a tradicional festa de aniversário da Casa da Bahia. Diria Machado de Assis: “Acresce que chovia”. Ninguém é insubstituível, mas as pessoas que fazem falta costumam ser sepultadas sob chuva. 15 de maio de 2015. Muita chuva. O maio mais chuvoso em Salvador nas últimas décadas. Forte temporal acolheu o corpo da historiadora Consuelo em cremação no Jardim da Saudade. Apenas o corpo, como dizia Manuel Bandeira, porque a alma é de Deus. No cemitério, a capela lotada. A Bahia representada e representando-se desde a esfera política ao mundo acadêmico e intelectual, e ainda ex-alunos e – permitam repetir – os fiéis escudeiros do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. 15 de maio, Dia da Família. E feliz a família que tem uma protetora como Consuelo. Abençoados, pois, sejam seus filhos: Maíra, Maria Luísa, Maurício e Eduardo.

Ainda em março passado, gigantescas passeatas acordaram o Brasil em convocação geral, especialmente pelas redes sociais. E Lá estava a castroalvina e pós-condoreira Consuelo, armada de computador e *e-mail*, incentivando a “polis” e associando-se ao clamor popular. (“A praça, a praça é do povo / como o céu é do condor.”) Era assim a guerreira.

Nos últimos meses de vida sonhava Consuelo com o sertão, talvez à moda Mário de Andrade,. (“E a gente numa rede maranhense, / Ao som dum *jazz* bem *blue*/ Balancearemos no calor da noite / Sonhando com o sertão.”) Parecia rejuvenescer com suas ancestrais lembranças do Sertão de Cima. Da região de Itapicuru, Tucano aos serenos e ensolarados fins de semana na estância hidromineral de Caldas do Jorro, no hotel da amiga família de Teresa e do ex-deputado José Penedo. Dizia o falecido

tucanense: “Pior que a morte é ser esquecido enquanto vivo.” Não é esse o caso de Consuelo.

Em vespertina visita que lhe fizemos – eu e Mary – Consuelo me fez dois pedidos.

a) republicar o livro “Tupis e Guaranis”, de seu inesquecível mestre, Frederico Edelweiss, referência essencial em sua vida. A última edição de que se tem notícia é de 1947. A publicação está sendo diligenciada;

b) sabendo que eu iria à minha cidade de Araci, solicitou-me uma ceia sertaneja: carne de carneiro, fígado, ambrosia do Jorro e banana-maçã do Quengrenheim (povoado de Tucano, com herança da língua quiriri). Não lhe poderia faltar.

Atendi o pedido. As divindades da saúde pareciam visitar Consuelo. Imediatamente ela ofereceu um almoço em sua casa, um cozido em homenagem a reconhecido compositor baiano. Era assim a mestra. Um pouco de Gertrude Stein, na França, nas primeiras décadas do século XX. Um tanto de Iemanjá, mesclada aos deuses da historiografia baiana, da cultura e história geral.

Na semana seguinte, casualmente encontro Consuelo acompanhada de sua fidelíssima e inseparável admiradora – a filha Luísa – tomando sorvete numa *delicatessen* na Graça, onde funcionava o antigo *Touring Club*. Lembranças. Lembranças e mais uma despedida.

Da última vez, falei-lhe ao telefone sobre uma descoberta recente em varredura eletrônica: o poema “O Grito do Ipiranga”. O professor de pós-graduação em literatura da Universidade Federal de São Carlos – Wilton Marques – encontrou o poema “**O Grito do Ipiranga**”, de Machado de Assis, publicado

no jornal “Correio Mercantil”, de 9/9/1856, quando o futuro bruxo do Cosme Velho era um adolescente de apenas 17 anos. Embora de estrofes irregulares, é um texto pré-condoreiro, em versos decassílabos de acentuação heroica ou sáfica, repleto de alusões, anástrofes, apóstrofes, hipérboles, metáforas, comparações e perífrases grandiosas, exaltando a data histórica, à moda de Castro Alves. A questão é que, em 1856, Castro Alves tinha apenas nove anos. Teria o mais famoso poeta baiano recebido influência do fundador da Academia Brasileira de Letras? Fiquei de lhe mostrar o texto, mas a vida dispôs em rodamoinho.

Em momento sublime de sua lavra satírica, Gregório de Matos pontuava: “Senhora Dona Bahia / Nobre e opulenta cidade / Madrastra dos naturais / E dos estrangeiros madre.” Muito bem. O tempo faz e não diz, mas permite realizações duradouras. Numa terra em que se semeia a ingratidão como a Bahia, Consuelo constitui exceção. Consagrada em vida na Universidade, no serviço público e nas academias, seu nome cresceu - ainda mais - depois do recente 14 de maio. Quem sombrear qualquer dúvida, que consulte a efeméride à inesquecível mestra Consuelo Pondé de Sena na festa do último 2 de Julho.

Em último (e não por último) um depoimento de Edgar Viana Filho, marido de Luísa: a mestra Consuelo, nos últimos dias - já em progressivo desfalecimento - pediu ao genro que lhe recitasse a poesia “Fatalidade”, de Castro Alves - como não poderia deixar de ser. Segue o poema, como se Consuelo o estivesse recitando, em coral, no Panteão do IGHB, rodeada dos seus inúmeros e sinceros amigos na festa dos 120 anos do Instituto (13/5/2014). Eivado do lirismo romântico, aqui vai o texto como desejava a mestra, em busca, não de um tempo

perdido, mas de um “extremo abrigo”, depois que “... a borboleta da fatal crisálida / Soltou as asas pelos céus azuis”. Consuelo tinha consciência absoluta de que “Na terra tudo vai... gravita / Lá para o ponto que lhe marca Deus.”

FATALIDADE

DAMA NEGRA

“Que fatalidade, meu pai!” (Álvares de Azevedo)

Adeus! Adeus! Ó meu extremo abrigo!
Adeus! Eu digo-te a chorar de dor!
É o derradeiro suspirar das crenças,
Que se despedem das visões do amor...

Pálido e triste atravessei a vida
Sempre orgulhoso, concentrado e só...
É que eu sentia um fadário estranho
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... E acreditei na vida...
Abri os braços... caminhei para luz...
E a borboleta da fatal crisálida
Soltou as asas pelos céus azuis.

O tronco morto refloriu de novo
Ergue-se vivo, perfumado , em flor,
Abençoando a primavera amiga...
Ai! Primavera de meu santo amor!

Porém que importa se há fadários negros...
Frontes – voltadas do sepulcro ao chão...
Pedras coladas de um abismo à beira...
Astros sem morte de um cruel clarão!

Quem mostra o trilho ao viajor das sombras?
Quem ergue o morto que esfriou o pó?
Quem diz à pedra que não desça ao pego?
Quem segue a estrela desgraçada e só?

Ninguém!... Na terra tudo vai... gravita
Lá para o ponto que lhe marca Deus.

Os raios tombam – as estrelas sobem!...
Lutar co’a sorte – é combater os céus!

“Vai! Pois, é rosa, que meu seio, outr’ora
Acalentava a suspirar e a rir...
Deixas minha alma como um chão deserto,
Vai! Flor virente! mais além florir...

“Vai! Flor virente! no rumor das festas,
Entre esplendores, como o sol, viver
Enquanto eu subo tropeçando incerto
Pelo patib’lo - que se diz sofrer!...

.....
Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
- Seguir a sina... se ocultar no chão...
...Mas, quando, estrela! pelo céu voares,
Banha-me a lousa de feral clarão!...”

Em 21 de julho de 2015.

Discurso de saudação ao prof. Hélio Rocha, recipiendário na Academia baiana de Educação

(1/6/2011)

José Nilton Carvalho Pereira

Conheci Hélio Rocha, nos promissores idos de março de março de 1972, bem diferentes dos trágicos idos de março romanos, que, um dia, assassinaram um imperador, quase um deus. Eu, jovem. E uma das virtudes da juventude é poder transformar quase tudo em madrugada. Conheci-o abraçado entre os governadores Almeida Couto e Araújo Pinho; entre sua residência na aprazível Praça de Nazaré e o elegante apartamento do glamuroso bairro do Canela. Eis os endereços residenciais de onde provinham a elevada inspiração e eloquência, onde recebia, aolado de sua inseparável esposa, Dona Lúcia, futuras celebridades como o ex-aluno Caetano Veloso, além de Maria Betânia e José Carlos Capinam ("Soy Loco por ti, América). Dona Lúcia - uma senhora completa com prenome ou como Antônia Lúcia Souza Rocha -, a um só tempo joia e penhor, filha do dono de uma casa que marcou época: a Joalheria Estrela ("A Estrela que brilha na Ladeira da Praça.), com direito a publicidade na Rádio Cruzeiro e em outras emissoras de plantão.) Dona Lúcia, que depois de mais de cinquenta anos de frutífero e harmonioso casamento, transita em plano superior, desde 2010.

Uma cisma do destino. A deusa Fortuna não entrega tudo aos mesmos mortais: nem sempre, nem uma única vez. Alexandre Magno, no oráculo de Delphos, preferiu a vida breve, porém

gloriosa. Vejam, Senhores, que cisma do destino: os filhos do mestre Hélio são professores, não de Humanas - o mais lógico - e sim de Exatas. É o que ocorre com Paulo Sérgio Rocha (Matemática e Engenharia Elétrica) e Luís Fernando Rocha (Estatística e Engenharia Elétrica; Patrícia (Administração); além dos netos e dos queridos filhos adotivos Jorge Marcos da Silva e André Luís da Silva Pereira.

Em 6 de março de 1971, uma segunda-feira, com vinte anos incompletos, iniciara eu minha vida como professor de curso pré-vestibular, na Rua da Faísca, Largo 2 de Julho, num prédio onde funcionava no térreo uma floricultura. Justamente, era tempo de sementeira e floração. Tinha saído da UFBA após uma providencial aula do Prof. Brito, para mim Benedito, quando comecei a ser apresentado às modernas técnicas de Administração. Terminei aquele ano no Curso Águia do glorioso amigo, Dr. e Prof. Jair Santos. Antes havia o Curso Andes, do mestre e Dr. Carlos Santana. Ora, qual o ser vivo que consegue voar por sobre os Andes? Somente a águia (condor). O mesmo paralelismo, mais recentemente, foi objeto da atenção do mestre Jair Santos. Enquanto o Prof. Antônio de Pádua Carneiro (ex-sócio no Curso e Colégio Nobel) criou a Faculdade Ruy Barbosa, o Prof. Jair brindou a Bahia com os elevados e reconhecidos serviços da Faculdade Castro Alves.

Minha amizade com Hélio Rocha tem origem, em 1972, no Curso Águia, no Relógio de São Pedro, Edf. Florensilva, 9.º andar. Entretanto, foi a partir de 1973, juntos no Curso Nobel, que pude com ele aprender e afinar nosso discurso social. 1973: eu, Benjamim; ele, consagrado e bem-amado mestre do Colégio Antônio Vieira. Logo no átrio, à entrada do vestibulo, ele me

brindou com uma lição de vida, coadjuvante de minhas ações, até hoje, em processo verbal progressivo. **"Zé Nilton, não existe verdade; e sim verdades."** Foi uma revelação. Ele estava me apresentando a Einstein, através da sentença nietzschiana: **"Não há fatos eternos, como não há verdades absolutas."** Para um caipira como eu, provindo de Araci - Sertão dos Tocós - isso foi e tem sido uma luz em minha vida.

O poder da eloquência era e tem sido outra marca de Hélio Rocha. Eloquência, que ele aprimorou de Plínio Salgado, com adesão ao Integralismo, mas à moda baiana. Na Fundação Cesgranrio, em 6 de dezembro de 1991, estávamos eu e outros Conselheiro Estaduais de Educação (entre eles o admirável e saudoso Rômulo Galvão de Carvalho), para a posse do Prof. Edivaldo Boaventura, na Academia Nacional de Educação. O mestre Newton Sucupira saudava o recipiendário. E nos brindou com este mandamento de Anísio Teixeira: "Baiano fala bem, mas não escreve: baiano é quase ágrafo. Posteriormente, o discípulo dele, Hildérico Pinheiro de Oliveira, confirmava-me o autor e a lapidar sentença.

Pois bem. O Prof. Hélio Rocha sempre levou o anisiano conselho a sério. Entretanto, sobram-lhe profundos e bem escritos artigos, que gostaríamos de vê-los publicados na Revista desta Academia.

Pari passu, ai de quem entregasse uma sala de aula ao Prof. Hélio para discorrer, por exemplo, sobre um triunfo na Roma antiga. Lá estava ele, na atual Av. Marquês de Cavour, descendo entre o Capitólio e o sítio dos foruns (originalmente eram fora da cidadela). Organizava o desfile com todos os pormenores de ocasião. Atrás, um general de plantão sorvia o sucesso de uma vida inteira. Mas a prudência e serenidade daquela civilização colocava, atrás do vitorioso comandante, um eunuco, geralmente

com leque de pena de ganso, suavemente advertindo: "*Domine, sic transit gloria mundi.*" ("Senhor, toda glória é passageira... Senhor, toda glória é passageira... Senhor, toda glória é...")

Hélio Rocha estreou, neste mundo, em 1923, no bairro do Garcia, de forma aquariana, em 30 de março. A infância, aproveitou-a em cristalinas águas do Tororó. Vida natural sobre a beleza e as lavadeiras do dique. E, no campo da Pólvora, talvez como premonição, o amplo e imponente colégio do Prof. Hugo Balthazar da Silveira, a deitar-se sobre o atual Jardim Baiano; Prof. Hugo, luminar da Educação na Bahia, na primeira metade do pretérito século. Colégio Hugo Balthazar da Silveira onde estudaram gigantes como o Prof. Jorge Calmon e Josaphat Marinho.

Além da atmosfera familiar, a religião foi encontrar o menino Hélio na escola primária da freira e diretora, Dona Ana Reis de Castro, no Internato Nossa Sr.^a da Glória, ainda em águas do Tororó. Uma viagem às Lavras Diamantinas - onde a família possuía garimpo (Garimpo São José - Lençóis) e outra ao Rio Pardo, cidade de Mascote, região do cacau, despertaram nele o futuro professor de Geografia; o professor de Sociologia cresceu no menino com as aulas do mestre Herbert Fortes, no Ginásio da Bahia (hoje, Colégio Central). Mais uma vez Machado de Assis: "O menino é o pai do homem."),

E o Prof. de História prosperou a partir de leituras do festejado autor, ensaísta, narrador, poeta e teatrólogo austríaco Stefan Zweig (Viena, Áustria, 28/11/1881 - Petrópolis, Rio, 23/2/1942), judeu, humanista, pacifista e crítico do nazifascismo, que se destacou como biógrafo de Maria Antonieta, Fouché, Rilke e Rolland Rolland; de Dostoievski, Dickens, Balzac, Nietzsche, Tolstoi e

Stendhal, além de ser autor de obras como O Mundo que Eu Vi e Momentos Decisivos da Humanidade.. Fugindo do Nazismo, veio para o Brasil em 22/8/1940, onde escreveu "Brasil, País do Futuro". Em 1942, deprimido com a intolerância e o autoritarismo suicidou-se em Petrópolis, com a mulher Lote, tomando dose letal de barbitúricos. À época, Stefan Zweig tornou-se celebridade nacional entre intelectuais e estudantes. O jovem Hélio festejava seus dezoito anos. Imaginem o tamanho da influência recebida.

Agora, transportemos a adolescência de nosso recipiendário às salas do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, à presença de mestres como Hélio Oiticica e... e... e um certo Manuel, também ex-aluno do Colégio Pedro II, e que também era Carneiro de Sousa Bandeira Filho - um mestre desde as primeiras horas do Modernismo e, ao lado de Gonçalves Dias, Vinicius e Cecília Meireles, o canto mais elevado do lirismo brasileiro.

- Cale a boca, Sr. Hélio. Em momento de pequena distração do aluno, implorava-lhe o rouco e tísico Prof. Manuel Bandeira, um artista que satirizou seu próprio destino no poema Pneumotórax: "Febre, hemoptise, dispneia, e suores noturnos. / A vida inteira que poderia ter sido e que não foi. / Tosse, tosse, tosse. // Mandou chamar o médico: / - Diga trinta e três. / - Trinta e três... trinta e três... trinta e três... / - Respire.

.....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

- Então, doutor, não é possível tenta o pneumotórax?

- Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino."

Bandeira, que viveu 82 anos, apesar de ter sido condenado à morte por pessimistas médicos, já aos dezoito anos. Bandeira, que

se internou num sanatório na Suíça, em 1913, em Clavadel, para tratamento, quando conheceu o poeta francês Paul Éluard (1895-1952) e tamanha foi a influência, que o pernambucano da Rua da União de lá saiu também poeta. Bandeira, que dava aula em tom baixo, arrastando e arranhado a voz, em função de sua precária saúde: "A literatura brasileira começou com o barroco e pelas mão barrocas dos padres jesuítas." Bandeira, que deixou o seguinte testamento: "Criou-me, desde eu menino / Para arquiteto meu pai. / Foi-se-me um dia a saúde... / Fiz-me arquiteto? Não pude! / Sou poeta menor, perdoai."

Um momento marcante do jovem Hélio no Rio de Janeiro foi o trabalho no MEC, setor do IPHAN -Serviço do Patrimônio Nacional, isso a chamado do monge beneditino alemão, Dom Clemente Silva Nigra, um dos fundadores do Museu de Arte Sacra da Bahia. Para surpresa do estudante baiano, teve oportunidade de conhecer Lúcio Costa, um dos construtores de Brasília, além do enciclopédico ministro, Gustavo Capanema e, mais uma vez, a literatura em seu caminho: conviveu com um dos luminares da poesia brasileira de todos os tempos, o genial tímido mineiro Carlos Drummond de Andrade ("O homem atrás dos óculos e do bigode / É simples, sério e forte. / Tem poucos, raros amigos / O homem atrás dos óculos e do bigode.") Fica no ar: "E agora, José?"

Uma outra trajetória histórica foi discursar para Peron, em 1946. Aconteceu no estuário do Rio da Prata, num navio, Sala de Mármore Negro. Peron tinha sido eleito pela primeira vez e um grupo de jornalistas brasileiros fora observar a eleição. Na ocasião escolheram o Prof. Hélio como orador. A fala teve direito a Aquarela do Brasil. Ante os aplausos, Peron interferiu. Evita já estava muito doente. "Silencio, la senhora non es bien."

Retornou a Salvador, em 1955, não para as lavras da família, mas para garimpar e lapidar alunos, pelas próximas décadas, em

colégios como Antônio Vieira, Sacramentinas, Sophia Costa Pinto, Teresa de Lisieux, Anchieta, entre outros. Com o retorno à casa paterna, cursou Geografia e História na UCSal. (1955-1959), onde encontrou e se enobreceu com o mestre Milton Santos, seu futuro padrinho de casamento. Mas o coração do Prof. Hélio ficou enterrado mesmo foi na curva do rio da Sociologia, com direito a graduação na UFBA (1959-1962).

1973. O Curso Nobel Pré-vestibular começou a fazer sucesso no Corredor da Vitória, n.º 317. Os adversários juravam que ia fracassar. Ficava fora do Centro de Salvador. Equipe-base: Física: Alceu e Marival; Química: Francisco e João Calleia; Matemática: Pádua; Biologia: Pedreira; Língua Portuguesa: Zé Nilton; Ciências Humanas: Hélio Rocha; Inglês: Gerson. Nossa canibalesca Bahia jamais homenageou o grande Prof. de Inglês, Gerson Alexandrino do Nascimento, que brilhou no Central e no Colégio Ipiranga, de Ângelo e Edgar Lírio de Almeida, filhos do imponente Prof. Isaías Alves.

Com a ditadura militar, a prova de Redação sumiu dos vestibulares, só retornando a partir de 1978. Primeira crise do petróleo, 1973. Grande sucesso do Prof. Hélio Rocha. Salas e salas cheias. Além do tradicional cursinho, alunos de renomados colégios como Antônio Vieira, Dois de Julho, Sacramentinas e Instituto Social da Bahia iam procurá-lo.

Ah, se é possível reiterar, o Prof. Hélio fez muito sucesso na aristocrática, religiosa e múltipla Vitória. Ali onde prosperou o naturalista e Prof. jesuíta Pe. Torrend; Vitória das antigas tertúlias, com a presença de entusiasmados jovens como Luís Viana Filho, na casa de Péricles Madureira de Pinho, que chegou a Ministro interino da Educação, após a saída do Dr. Ernesto Simões Filho; Vitória da pensão do mesmo Pe. Torrend; Vitória religiosa, palco

da eloquência sacra do Pe. Sadoc, um dos maiores oradores brasileiros de todos os tempos. O heteronímico Fernando Pessoa dizia que Vieira era o imperador da Língua Portuguesa. Nessa caravana real, o Pe. Sadoc é, no mínimo, um marquês, sempre fluente nos púlpitos religiosos da vida, em especial em sua querida igreja da Vitória.

1977. Em 20 de outubro surge a instituição Escolas Alfred Nobel Ltda, com os sócios remanescentes do primeiro Nobel: Alceu, Pádua, Pedreira e Zé Nilton Carvalho. Entre 1983 e 1986, o Nobel foi o maior colégio do Nordeste, com aproximadamente 10.000 alunos.

1977: o mestre Hélio e outros fundaram o Curso Status. Destaques: Física: Marival; Química: Francisco e João Calleia; Matemática: Feitosa; Biologia: Ruy Teixeira; Ciências Humanas: Hélio Rocha.

1984: início do Curso Integral pré-vestibular, na Pituba. A partir de 1991, o Prof. Hélio, ao lado da família e dos filhos mais velhos (Paulo, Luís e Patrícia), acende os holofotes do Colégio Integral. Agora, sim. A valorização do ethos grego, do ágape, da religião, do homem integral. Essa realização se entrelaça à Faculdade Hélio Rocha, a partir do ano 2000, com graduação em Administração Geral, Sistemas de Informação, Publicidade e Propaganda. As últimas realizações continuam bem sucedidas até o presente, sempre com a força suprema da Família e de Pedro, irmão de Dona Lúcia.

Entre o Status e o Integral foram anos de ingratidão e incompreensão contra o Prof. Hélio. Não os bíblicos sete anos imortalizados no soneto camoniano em que o pastor Jacó servia à amada Raquel e o pai Labão lhe dava Raquel; não os egípcios sete

anos de fartura ou escassez. Mas anos de ingratidão e incompreensão.

Prof. Hélio, deixo-lhe, neste momento, um antídoto contra a desprezível arte da ingratidão: o soneto Versos Íntimos, de Augusto dos Anjos: "Vês! Ninguém assistiu ao formidável / Enterro de tua última quimera. / Somente a Ingratidão - esta pantera - / Foi tua companheira inseparável. // Acostuma-te à lama que te espera! / O Homem, que, nesta terra miserável, / Mora, entre feras, sente irremediável / Necessidade de também ser fera. // Toma um fósforo. Acende teu cigarro! / O beijo, amigo, é a véspera do esgarro, / A mão que afaga é a mesma que apedreja. / Se a alguém causa inda pena a tua chaga, / Apedreja essa mão vil que te afaga, / Escarra nessa boca que te beija!

Para melhor definir a opção de vida do Prof. Hélio Rocha, trazemos à tela a preciosa sentença de Machado de Assis: "O mundo era estreito para Alexandre; um desvão no telhado é o infinito para as andorinhas." (Machado, que foi lembrado e ampliado, há pouco, no Festival de Cinema, por ninguém menos que o aplaudido diretor e ator cinematográfico, Woody Allen: "Memórias Póstumas de Brás Cubas, um livro sempre atual. Um dos romances mais importantes que li em minha vida." Muito bem. Hélio Rocha sempre preferiu viver em busca do infinito sociorreligioso, como andorinha, e não com as *benesses* materiais, que a vida, de forma provisória, oferece a alguns eleitos alexandres.

O Prof. Hélio Rocha ganhou a vida contando histórias sobre os alexandres de plantão: os do passado e os do presente; porém, aperfeiçoou sua espiritualidade como andorinha em busca do infinito, sempre lastreado em princípios religiosos que o levaram a liderar, em toda a década de 1970, nos "Cursilho da Cristandade",

com leais discípulos até hoje lado a lado, alguns presentes nesta seleta assembleia.

O conhecimento mecanicista jamais foi negado. Mas é certo que está completamente superado. O século XXI é Einstein e religião. Não vivemos mais entre o "sim" e o "não", a não ser nos computadores nossos de cada dia. Haverão de prevalecer nesta centúria as infinitas possibilidades entre o sim e não. Hoje, a ciência já não se restringe apenas ao universo. Já se desconfia que, depois de um universo, existem outros universos. São os multiversos. Nesse imenso campo aberto, em busca do desconhecido, as religiões cada vez mais terão um lugar especial. E fé é muito simples. Para quem tem não é preciso explicar; para quem não tem não adianta explicação.

Chamamos à colação uma singela passagem no Colégio Taylor Egídio, de Jaguaquara. Colégio que acolheu confrades desta Academia, como Alírio Barbosa de Souza e o recém-empossado Dr. Eliel. Colégio de onde já saiu até ministro do Supremo Tribunal Federal, o Dr. Ilmar Galvão.

Muito bem. Um curioso e investigativo aluno pergunta a Sua Senhoria, o Diretor Carlos Dubouis: "- Mestre, a Bíblia fala que, no último dia do final dos tempos, haverá um só Senhor e um só pastor. Com tantas religiões, como será possível?"

E o Carlos Dubois, com serenidade: " - Meu filho, o rebanho é um só. A cor e a malha das ovelhas é que são diferentes."

Cabe, ainda, a respeito de cursilhos e religiões, temas tão caros ao Prof. Hélio Rocha, lembrar uma passagem do dissoluto e enigmático monge, Grigori Rasputin, na Rússia czarista. O médico do palácio, mecanicista radical - muito comum à época - diz-lhe de forma irônica:

- Rasputin, ontem dissequei um cadáver e não achei a alma. Onde fica a alma?

E Rasputin: " - O senhor não achou a alma, nem o endereço, nem o conhecimento, nem as emoções. Mas estava tudo lá!

É certo que o conhecimento mecanicista jamais foi negado. Mas é certo que está completamente superado. O século XXI é Einstein e religião. Não vivemos mais entre o "sim" e o "não", a não ser nos computadores nossos de cada dia. Haverão de prevalecer nesta centúria as infinitas possibilidades entre o sim e não. Hoje, a ciência já não se restringe apenas ao universo. Já se desconfia que, depois de um universo, existem outros universos. São os multiversos. Nesse imenso campo aberto, em busca do desconhecido, as religiões cada vez mais terão um lugar especial. E fé é muito simples. Para quem tem fé não é preciso explicar; para quem não tem não adianta explicação.

Outra louvação: o saudável hábito de doar livros a pessoas que possam pelo livro ser transformadas. Perguntado desde quando distribui livros, o Prof. Hélio responde no piloto automático: desde sempre. E isso, ele o faz à moda castroalvina, naqueles versos que mais parecem salmos bíblicos: "Oh bendito o que semeia / Livros - livros à mancha / E manda o povo pensar! / O livro caindo n'alma / É germe que faz a palma / É chuva que faz o mar."

Diz, com muita sabedoria, o ilustre confrade e multiacadêmico, Prof. Edivaldo Machado Boaventura, que a Academia é o outono da vida. Agora, o Professor Hélio chega à Academia, aos 89 anos, quase aos noventa, com aquela idade em que a vida já não venta à maioria absoluta dos mortais comuns. Bem-vindo, mestre Hélio Rocha, à Academia Baiana de Educação, o Senhor que já integra outras importantes Academias.

Finalizemos esta saudação com outra obra-prima do mestre maior do Prof. Hélio. Mais uma vez o tísico Manuel Bandeira. **Irene no céu** // Irene preta / Irene boa / Irene sempre de bom humor. / Imagino Irene entrando no céu: - Licença, meu branco! / E São Pedro, bonachão: / Entre, Irene. / Você não precisa pedir licença.

Mestre Hélio Rocha. O Senhor jamais precisou pedir licença na terra nem precisará no céu. As andorinhas que o ajudaram a construir seu caminho e sua vida o levarão à eternidade. E, segundo o exponencial médico e iluminado poeta, Dr. Severino Cortizo, "A eternidade não faz aniversário".

Por uma Nova Assembleia Nacional Constituinte

Prof. José Nilton Carvalho Pereira ()*

A atual crise econômica brasileira só se resolve, de modo consistente, com uma nova Constituinte. Sonho possível ou apenas utopia? Acontece que o pesadelo está apenas no início. Mesmo com eleições municipais em 2016, o país, hoje, é ingovernável, independente de partidos ou grupos políticos no poder. Eis apenas dez motivos:

- 1) Enquanto sobram políticos que pensam nas próximas eleições, faltam estadistas que pensem nas próximas gerações;
- 2) Os políticos – não são todos – pensam muito no bolso, pouco no país e muito pouco na biografia;
- 3) Confunde-se política de governo com política de Estado: as empresas estatais pertencem cada vez mais a grupos políticos, e cada vez menos ao Estado;
- 4) A dívida interna brasileira já ultrapassa 65% do PIB e continua crescendo... Nosso país é como uma família que ganha R\$ 2.000,00 por mês e gasta muito mais, em dívidas consignadas ou vinculadas;
- 5) No Brasil, segundo a revista EXAME (out/2015), a cada minuto sete pessoas ficam sem emprego (país a caminho da fome);
- 6) Partidos em excesso: com mais de 35 partidos políticos, nenhum país poderá ser feliz;
- 7) O Itamarati foi praticamente desmontado na era petista: jamais nossa política externa foi tão frágil, contraditória,

inconsistente ou aparelhada politicamente. Agora, começa a se recuperar;

- 8) Alguns segmentos recebem dinheiro público, mas não são fiscalizados e não pagam impostos;
- 9) Crescimento contínuo do corporativismo de grupos insaciáveis, carimbando despesas vinculadas;
- 10) Ainda sobre receitas vinculadas: o PIB dá apenas para pagar salários e juros. Não há dinheiro para investimentos. A cruel CPMF é mais um falso silogismo. Serviria apenas para aliviar um doente terminal por poucos anos. E a crueldade está em retirar mais de 30 a 50 bilhões de reais, anualmente, do setor privado - que investe - para o setor público, hemiplégico ou paralisado. É inútil: serve apenas como fuga (ou boi de piranha), para disfarçar provisoriamente a essência da crise.

Acrescente-se que nosso país sempre foi e tem sido socialmente injusto e mentalmente atrasado:

- 1) Foi o último país das Américas a abolir a escravidão;
- 2) Enquanto a Universidade de Lima (Peru) é de 12/5/1551 – Universidade Nacional Maior de São Marcos, a primeira Universidade brasileira é do segundo decênio do século XX;
- 3) Não temos uma única Universidade entre as 200 melhores do mundo;
- 4) Já chegamos a ser a 5.^a economia global, mas não temos um só prêmio Nobel;
- 5) Telefone no Brasil era tão raro – até 1990 – que se considerava um bem a ser transmitido por herança;
- 6) Perdemos a revolução. tecnológica, mas depois avançamos. Ainda assim, nesse campo, somos considerados um país perdedor, no centro de uma profunda crise econômica.

A atual Constituição brasileira, um tanto contraditória:, em parte traz avanços, em parte já nasceu atrasada: É de matiz

parlamentarista, mas vigora em regime presidencialista. É corporativista, com viés socialista - isso em 1988 -, mas o muro de Berlim caiu um ano depois, alterando a ordem mundial. Ninguém espere solução permanente com a Constituição que aí está. O Brasil precisa de um novo pacto federativo. E isso só será possível com uma nova Constituinte, em que lideranças éticas possam traçar um destino de equilíbrio social e grandeza para o país.

Só existe paralelo ou semelhança à atual crise brasileira no tempo da Regência do padre Feijó (1835). Observem que, nos últimos meses, o Brasil foi dirigido - de fato - pelo regente Lula Feijó.

Estamos retornando às insurgências do Império? Em parte estamos em melhor situação: somos a 7.^a maior economia do mundo (embora em decadência), porém muitas instituições democráticas ainda funcionam..(Como Deus é brasileiro, mandou a Venezuela primeiro.) Mas não temos lideranças confiáveis. Faltam os pacificadores dos anos 30 do século XIX e um adolescente (como o futuro imperador Pedro II).

Faltam líderes como Leonel Brizola (“Lula é a UDN de macacão e tamanco”) ou como o brilhante retórico Carlos Lacerda, no último período Vargas (“Esse homem não pode ser candidato; se for candidato, não pode ser eleito; se for eleito, não pode governar; se governar, não pode terminar o governo”. Não deu outra.

Falta um Osvaldo Aranha, presidente da 2.^a Assembleia da ONU, o maior líder civil da Revolução de 1930 que, humildemente, cedeu o posto de chefia a Getúlio Vargas. *(O Brasil foi e tem sido ingrato com Osvaldo Aranha, que se lembra dele, muito mais, por um prosaico filé. Contudo, seu reconhecimento internacional é incontestável. 1) Inspirou o Brasil e a América do Sul a lutar contra Hitler; 2) Presidiu o nascimento da ONU;*

3) *Criou o Estado de Israel. Lá, ele é reverenciado com um semideus; aqui, é um aranha.*)

Faltam líderes como Ulisses Guimarães: “Há uma aritmética fascista na qual 5 é igual a 0...” Muitas lideranças, hoje, não falam; quando falam, quase ninguém entende; quando calam, o silêncio até preenche uma lacuna. Aula de oratória neles! Isso depois de aulas de Ética, ao melhor estilo dos grandes líderes mundiais (**“Fazer política para servir, e não para servir-se”**).

Repita-se: hoje, muitos líderes políticos brasileiros falam melhor quando calam. E são tantos que sabem disso que quase nunca abrem a boca. Devem estar realizados. Feliz é o ser humano que tem consciência do tamanho de mediocridade.

O Brasil do futuro poderá ter vergonha da geração do presente, que destruiu a economia e valores essenciais à convivência social. Nossos políticos, hoje, ou não estudam ou não aprendem. E, quase sempre, não aprendem porque não estudam. O pior é que muitos, mesmo sem estudar, aprendem demais em pouco tempo. (E haja prisões, processos, sentenças...)

Nunca é tarde relembrar: D. Pedro II governou o Brasil por quase meio século e morreu pobre, em Paris, no humilde Hotel Bedford, na Madelaine, mas com o zelo de repousar a cabeça para a eternidade sobre um travesseiro que trouxera com terra brasileira. Seu último desejo: “Paz e prosperidade para o Brasil.” Nosso “republicano” governo não mandou um só representante. Entretanto, o enterro – patrocinado pela França, com direito a um crucifixo enviado pelo Papa - foi acompanhado por cerca de 120.000 pessoas, equiparável ao de Victor Hugo.

O iluminado humorista gaúcho dos primeiros setenta anos do século XX – Aparício Torelly, o autodesignado Barão de Itararé, afirmava e repetia, em transcrição livre: “Um problema do Brasil é que muitos políticos confundem a vida pública com a privada” (mau cheiro!).

E ainda existe a trágica (e quase surrealista) crise social. No Brasil atual, segundo se noticia, a cada 30 minutos uma pessoa é assassinada nas capitais. Mais de 60.000 são assassinados por ano. (Isso é guerra civil, ou não?) Atualmente, na Síria e em outros países em conflitos devastadores, mata-se menos que em nosso país. Hoje, no Brasil, o culpado parece ser quem morre brutalmente assassinado, e não os que matam. Isso é, ou não é surreal? Nós, brasileiros, estamos em pesadelo permanente. Mas continuamos dormindo, “dormindo profundamente”, como no poema de Manuel Bandeira, o genial lírico do Modernismo.

Aos otimistas de plantão (e me incluo entre eles), seguem apenas alguns contraexemplos positivos, que abrem a janela da esperança nacional:

- 1) A arquitetura vanguardista de Oscar Niemeyer e o movimento Concretista, a partir de 1956, no comando de Décio Pignatari e dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos;
- 2) A Bossa Nova (início dos anos 60), que semeou no mundo inteiro a música brasileira; ;
- 3) A campanha educativa pelo controle do fumo e do cigarro, com surpreendentes resultados aos olhos do mundo;
- 4) Esqueça o futebol do presente, mas hosanas ao futebol do passado (pentacampeão do mundo, com alguns dos melhores jogadores de todos os tempos);
- 5) Temos a Amazônia – pulmão do planeta – e variados recursos naturais;
- 6) Somos um dos países que mais produzem alimentos na atualidade.

Ainda em sentido otimista, é bom lembrar que o Brasil é um gigante continental, e países assim não quebram. Convém observar o que os ingleses fizeram com a China durante e após a

Guerra do Ópio (séc. XIX). E ainda levaram Hong-Kong - de sobremesa -, durante 150 anos, mas nem assim a China quebrou. Hoje, sobe ao pódio como a segunda economia mundial.

Em tempo de esperança, é preciso relembrar o genial Millor Fernandes: “O Brasil só não caiu ainda no buraco, porque o país é maior do que o buraco.” E quem será o próximo Presidente em 1918? No Brasil - em tempos de crise -, em geral o futuro mandatário da nação não está entre os agentes do atual tabuleiro político.

(*) . José Nilton carvalho Pereira é o 2.º vice-presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, foi Conselheiro Estadual de Educação (1991-2006). Integra a Diretoria e é membro benemérito da Academia Baiana de Educação. Em Vilas, é Diretor do Colégio Apoio.

ESTATUTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

(Redação final, aprovada pela Assembleia Geral)

Capítulo I Denominação, sede e fins

Art. 1.º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 9 de setembro de 1982 e com personalidade jurídica própria, com sede e foro em Salvador, Capital do Estado da Bahia prazo de duração indeterminado, passa a ser regida pelas disposições deste Estatuto, normas regimentais e demais disposições legais.

Art. 2.º - A Academia tem por finalidade estudos e pesquisas sobre educação e ensino, em sua acepção geral, competindo-lhe, como organização para cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações, nessa área de conhecimento:

- I – manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras, demais instituições e órgãos culturais oficiais e particulares relacionadas com a educação e o ensino;
- II – cultivar os fatos da educação e da memória, vida e obra dos patronos de suas cadeiras acadêmicas e de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;
- III – promover, em convênio, cursos de pós-graduação sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;
- IV – promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;
- V – instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;
- VI – adotar iniciativas e realizações que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social, inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

Capítulo II

Constituição do quadro de patronos

E espécies de sócios

Art. 3.º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares, tendo cada uma delas um patrono que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia, nomes, portanto, de grandes vultos, já desaparecidos, da educação na Bahia, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber.

§1.º - As cadeiras serão numeradas, cronologicamente, de 1 a 40, conforme a relação em anexo.

§2.º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam, há mais de 10 (dez) anos, à Academia, e que tenham colaborado, ativamente, para o desenvolvimento e renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.

§3.º - A academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.

§4.º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no §2.º, são considerados membros eméritos, “in memoriam”, os sócios fundadores Hermano Jose de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.

Art. 4.º - São membros fundadores os que, em número de 9 (nove), criaram a Academia Baiana de Educação, conforme a relação seguinte: Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias, Antônio Pithon Pinto, Edivaldo Machado Boaventura, Hermano José de Almeida Gouveia Neto, José da Matta, Raymundo Nonato de Almeida Gouveia e Remy Pompílio de Souza.

Capítulo III

Admissão de membros ou sócios

Art. 5.º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma abaixo disposta:

§1.º - A admissão de membro titular estará sujeita às seguintes condições:

- a) ser brasileiro, nato ou naturalizado;
- b) ser educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa;
- c) ter domicílio no Estado da Bahia;
- d) possuir idoneidade moral e científico-cultural;
- e) haver declaração de vacância da cadeira;
- f) ocorrer decurso de trinta dias, após a declaração de vacância;
- g) efetuar-se processo específico para a escolha, conforme estabelecido pelas normas regimentais.

§2.º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante indicação de, pelo menos, 10 (dez) membros titulares e eméritos, atendidas as condições previstas no §2.º do art. 3.º deste Estatuto.

§3.º - Somente poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora do Estado da Bahia, nacionais ou estrangeiros, por proposta de, pelos menos, 10 (dez) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

§4.º - Somente poderão ser membros honorários educadores de notável saber em educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de, pelo menos, 20 (vinte) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

§5.º - A particulares e instituições que fizeram donativos à Academia, ou tenham prestado serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Art. 6.º - Os membros titulares e eméritos são vitalícios, devendo seus nomes perpetuar-se vinculados ao respectivo patrono, no quadro anexo, após seus falecimentos.

Capítulo IV

Direitos e deveres dos sócios

Art. 7.º - São direitos dos titulares e eméritos:

- a) votar e ser votado, nos termos estabelecidos pelas normas regimentais;
- b) frequentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates plenários e encaminhar, para publicação, à Revista da Academia, trabalhos de interesse educacional, obedecidos normas e critérios adotados pela publicação.

Art. 8.º - São deveres dos titulares e eméritos:

- a) cumprir e fazer cumprir o Estatuto e Regimento da Academia, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da entidade;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designados pela Presidência;
- c) frequentar, com assiduidade, as sessões da Academia;
- d) contribuir, financeiramente, para o custeio das atividades da Academia.

Parágrafo único – Poderá, entretanto, o membro emérito, se assim desejar, solicitar dispensa do pagamento da anuidade e da frequência às sessões.

Art. 9.º - É de direito do membro correspondente e do honorário frequentar a Academia e corresponder-se com ela.

Art. 10 – É dever do membro correspondente e do honorário contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 11 – Os membros correspondentes e honorários não terão direito a voto, nem podem ser votados.

Capítulo V

Administração da Academia

Art. 12 – São órgãos da Academia:

- a) a Diretoria;
- b) a Assembléia Geral.

Art. 13 – A Diretoria é constituída dos seguintes membros:

- 1. Presidente
- 2. Vice-Presidente
- 3. Primeiro Secretário
- 4. Segundo Secretário
- 5. Tesoureiro
- 6. Diretor de Publicações
- 7. Diretor de Biblioteca e Memória

Art. 14 – A Diretoria será eleita por um período de 2 (dois) anos e exercerá seu mandato gratuitamente.

§ 1.º - As vagas ocorridas com cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição, e as ocorridas no segundo mandato serão preenchidas pela Diretoria.

§ 2.º - A eleição da Diretoria ocorrerá no penúltimo mês de seu mandato.

§ 3.º - Os membros da Diretoria poderão ser reeleitos, mas a recondução deve ser limitada a uma vez subsequente, salvo caso excepcional de diretor específico cujos serviços não devam ser interrompidos e mediante recomendação da maioria absoluta dos membros titulares e eméritos.

Art. 15 – Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e resoluções da Diretoria;

- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;
- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia, em juízo ou fora dele, em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro Acadêmico que, para esse fim, designar;
- e) apresentar relatório anual das atividades da Academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e resolver os casos urgentes, não previstos no Estatuto, “ad referendum” da Assembléia Geral;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de Acadêmicos;
- i) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e expediente dirigido às autoridades e instituições.
- j) movimentar, conjuntamente com o Tesoureiro, os fundos e contas bancárias da Academia.

Art. 16 – Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente em suas faltas e impedimentos, exercendo as prerrogativas e atribuições deste.

Art. 17 – Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativa, supervisionando o pessoal;

- c) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, inscrevendo-os juntamente com, o Presidente;
- d) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- e) substituir o Vice-Presidente, em suas faltas e impedimentos;
- f) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando, para publicação na *Revista da Academia*, a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- g) fornecer ao Presidente os elementos para relatório anual.

Art. 18 – Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler, em sessão, o expediente;
- b) ter sob responsabilidade os livros de atas e presenças;
- c) substituir o Primeiro Secretário, em suas faltas e impedimentos, e auxiliá-lo em suas funções;
- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 19 – Ao Tesoureiro compete:

- a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;
- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo, sob sua guarda, valores em moedas ou título, e realizar despesas para as quais for autorizado pelo Presidente;
- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 20 – Ao Diretor de Publicações compete:

- a) coletar e organizar o material a ser editado nas publicações bibliográficas e digitais da Academia, especialmente a *Revista da Academia* e seu Boletim;

- b) promover a distribuições dessas publicações, responsabilizando-se pelo respectivo cumprimento dos critérios e normas pertinentes;
- c) supervisionar a veiculação do *site* da Academia na Internet, observando sua ampliação e atualização.

Art. 21 – Ao Diretor da Biblioteca e Memória compete:

- a) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação na Bahia;
- b) supervisionar as atividades de processamento, armazenamento, acesso e uso dos acervos biblioteconômicos e arquivísticos que compõem a memória da Academia e da educação na Bahia;
- c) viabilizar a consulta do acervo aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- d) contactar com livrarias, editoras e outras instituições, com a finalidade de angariar publicações e doações para o acervo da Biblioteca;
- e) organizar o acervo museológico da Academia, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;
- f) organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

Art. 22 – A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, cabendo-lhe, privativamente:

- a) eleger a Diretoria;
- b) destituir a Diretoria;
- c) alterar o Estatuto e o Regimento;
- d) decidir quanto à dissolução da Academia.

CAPÍTULO VI

Patrimônio e fontes de recursos da Academia

Art. 23 – A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição de seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Art. 24 – Os bens imóveis e móveis adquiridos, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos, bem com outras receitas, constituirão o patrimônio da Academia.

Art. 25 – **Em caso de dissolução, os bens e valores da Academia serão** destinados ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.

Capítulo VII

Alteração do Estatuto e Dissolução da Academia

Art. 26 – As alterações do Estatuto, independentemente de sua extensão ou conteúdo, terão de ser aprovadas pela Assembléia Geral.

Art. 27 – A dissolução da Academia somente poderá ser levada a efeito por proposta da maioria dos membros titulares e eméritos ou da Diretoria e com aprovação final da Assembléia Geral.

Capítulo VIII

Disposições gerais e transitórias

Art. 28 – Considerando a excepcionalidade da atuação da Professora Leda Jesuíno dos Santos, em toda a sua carreira de educadora na Bahia, a Academia Baiana de Educação lhe confere o título de Presidente de Honra, em caráter vitalício, como membro da Diretoria da Academia, sem que exista esse cargo ou função com a sua vacância.

Art. 29 – A Academia terá um quadro de funcionários, cujo número e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 30 – A Academia Baiana de Educação adota como lema “LUCEAT LUZ VESTRA” (“LUZA A VOSSA LUZ”), inserido em suas insígnias.

Art. 31 – A Academia deverá incentivar a organização de Academias Municipais congêneres no interior do Estado e desenvolver efetiva cooperação com as mesmas.

Art. 32 – O presente Estatuto, devidamente aprovado pela Assembléia Geral, entrará em vigor após trinta dias de sua publicação.

REGIMENTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

TÍTULO PRIMEIRO Da administração da Academia

Capítulo I Da admissão de acadêmicos

Art. 1.º- A admissão de membro titular da Academia está sujeita às seguintes condições:

a) ser brasileiro, nato ou naturalizado, educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa, ter domicílio no estado da Bahia e possuir idoneidade moral e científico-cultural;

b) ser escolhido na forma de processo específico, composto das seguintes etapas:

1. Decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adremente convocada, com a presença mínima de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência para preenchimento da vaga;

2. Os membros titulares que se encontrarem impossibilitados de comparecer à sessão referida no item anterior poderão encaminhar as suas indicações ao Presidente da Academia, em envelopes fechados;

3. Apuradas imediatamente as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido pelo menos 3 (três) preferências, para fins de votação;

4. Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão com a presença mínima de titulares e eméritos exigida pelo estatuto, proceder-se-á, através de voto secreto, à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido aquele que obtiver a maioria absoluta dos votos dos acadêmicos presentes;

5. Somente será feita a proclamação do nome eleito após sua aceitação, por escrito, ao receber comunicação feita pelo Presidente;

6. Continuará vaga a cadeira, caso nenhum nome tenha alcançado, após 3 (três) escrutínios, a maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa pelo escrito.

Art. 2.º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante indicação de, pelo menos, dez (10) membros titulares e eméritos, atendido o disposto no parágrafo primeiro do art. 3.º do Estatuto.

Parágrafo único – O membro emérito manterá os mesmos direitos e prerrogativas do titular, estando dispensado, a seu critério, das anuidades e frequência às sessões.

Art. 3.º- Só poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora de Salvador, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos dez (10) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 4.º- Só poderão ser membros honorários educadores de notável saber em pedagogia e educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelos menos (20) vinte titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 5.º - A particulares e instituições que fizerem donativos à Academia ou tenham serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Capítulo II

Das Atribuições da Diretoria

Art. 6.º - Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções da Diretoria;
- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;

- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia em juízo e em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro acadêmico que para esse fim designar;
- e) apresentar relatório anual das atividades da academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e, *ad referendum* da Assembléia Geral, resolver os casos urgentes não previstos no Estatuto;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de acadêmicos;
- i) designar a secção a que irá pertencer o novo acadêmico, observada a sua formação, especialidade, vivência e experiência pedagógica;
- j) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e o expediente dirigido às autoridades e instituições;
- k) movimentar conjuntamente com o tesoureiro os fundos e as contas bancárias.

Parágrafo único – Nas votações o presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as de eleições dos cargos da Diretoria e dos novos titulares.

Art. 7.º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Parágrafo único – No exercício da Presidência, exercerá, o Vice-Presidente as prerrogativas e atribuições do Presidente.

Art. 8.º - Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) promover a distribuição das publicações da Academia;

- c) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativas, supervisionando o pessoal;
- d) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, subscrevendo-os, juntamente com o Presidente;
- e) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- f) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;
- g) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando para publicação na revista a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- h) fornecer ao Presidente os elementos para relatório anual.

Art. 9.º - Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler em sessão o expediente;
- b) ter sob sua responsabilidade os livros de atas e presenças;
- c) substituir o Primeiro Secretário em suas faltas e impedimentos e auxiliá-lo em suas funções;
- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 10. Ao tesoureiro compete:

- a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;
- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo sob sua guarda valores em moeda ou títulos e realizar despesas para o que for autorizado pelo Presidente;
- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita e à despesa da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 11. Ao Diretor da Revista e da Biblioteca compete:

- a) coletar e organizar o material para a publicação da Revista e do Boletim da Academia, responsabilizando-se pela respectiva obediência aos critérios e normas pertinentes;

- b) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação baiana;
- c) controlar as atividades da Biblioteca, inclusive o fichário;
- d) viabilizar a consulta do acervo da biblioteca aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- e) contactar livrarias, editoras e outras instituições, visando a angariar publicações e doações para constituir o acervo da biblioteca.

Art. 12. Ao Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo compete:

- a) organizar o acervo museológico da Academia, coletando material pedagógico, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;
- b) organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

Capítulo III **Dos Direitos e Deveres**

Art. 13. São direitos dos membros titulares e eméritos:

- a) votar e ser votado, de acordo com o Estatuto e o regimento;
- b) freqüentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates em plenário e encaminhar para publicação a Revista trabalhos de interesse pedagógico, obedecidas suas normas e critérios;

Art. 14. São deveres dos membros titulares e méritos:

- a) respeitar e fazer respeitar o Estatuto e o Regimento, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da Academia;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designados pela Presidência;
- c) freqüentar com assiduidade as sessões da Academia, obedecendo o disposto no parágrafo único do art. 2.º deste Regimento;
- d) contribuir financeiramente para custeio das atividades da Academia.

Art. 15. É direito do membro correspondente e honorário freqüentar e corresponder-se com a Academia.

Art. 16. É dever dos membros, correspondentes e honorários contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 17. Os membros, correspondentes e honorários, não terão direito a voto, nem podem ser votados.

TÍTULO SEGUNDO

Das Sessões da Academia

Art. 18. A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

§ 1.º - As sessões ordinárias serão realizadas 1 (uma) vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados, observado o estabelecido nos Arts. 8.º e 9.º do Estatuto:

- a) não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido;
- b) havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que contará de leitura, votação e aprovação da ata da sessão anterior, de expediente e ordem do dia;
- c) as partes serão concedidos desde que o orador permita;
- d) os que falarem no expediente poderão usar palavra uma vez e durante 5 (cinco) minutos, no máximo;
- e) as moções serão apresentadas ao plenário assinadas pelo menos por 10 (dez) acadêmicos.

§ 2.º - As sessões extraordinárias, que se realizarão por motivo de ordem superior ou para a eleições da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente, observando o disposto nos Artigos 8.º e 9.º do estatuto.

§ 3.º - As sessões públicas serão realizadas:

- a) no dia 9 de setembro de cada ano, para celebrar a data da criação da Academia;
- b) na posse de novos acadêmicos;
- c) no elogio dos acadêmicos falecidos;
- d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

§ 4.º - Nas sessões solenes, deverá ser usado traje adequado à natureza do evento.

§ 5.º - Quando a natureza do assunto o exigir, a Academia reunir-se-á em sessões reservadas tomando parte apenas os membros titulares.

TÍTULO TERCEIRO

DA CONSTITUIÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da votação, Eleição e Posse

Art. 19. As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 20. Para a eleição de novo membro titular, observado o disposto no Art. 1.º deste regimento, a votação será por escrutínio secreto, cumprindo-se as seguintes determinações:

- a) o direito de voto será privado dos membros titulares e eméritos;
- b) será permitido o voto por procuração;
- c) a posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, a juízo da Diretoria, cabendo-lhe escolher entre seus pares aquele que fará o discurso de recepção;
- d) ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e dos seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: “Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar quanto em mim couber por seu engrandecimento e bom nome”;

- e) esgotado o prazo concedido na alínea “c” deste artigo, sem que o eleito tome posse, será declarada vaga a cadeira, com realização de nova eleição, na forma regimental, aplicando-se tal determinação a todos os casos em que o eleito não tenha tomado posse até a presente data, salvo motivo justificado, a critério da Diretoria.

Art. 21. A eleição dos membros da Diretoria far-se-á por escrutínio secreto:

- a) só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos;
- b) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês do seu mandato;
- c) a posse da Diretoria será na sessão solene de 9 de setembro, no ano em que a mesma for eleita;
- d) as vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (um) ano para o término do mesmo biênio, devendo neste caso o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até as próximas eleições;
- e) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas 30 (trinta) dias antes do dia previsto para sua posse, em sessão extraordinária;
- f) nenhum membro titular poderá exercer cumulativamente dois cargos na Diretoria;
- g) a votação deverá estender-se por 1 (uma) hora, e em seguida será processada a apuração, para que o Presidente designará, entre os acadêmicos, escrutinadores para a contagem dos votos, que deverão coincidir com o número de votantes, consignados em lista para este fim;
- h) o estatuto na linha acima só será aplicado à eleição dos membros titulares e méritos e da Diretoria.

Capítulo II

Dos Patronos

Art. 22. São considerados patronos da Academia, de acordo com o Art. 3.º do Estatuto, 40 (quarenta) nomes de grandes vultos já desaparecidos da educação baiana, ou a ela intimamente relacionados, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber pedagógico.

Parágrafo único – As cadeiras serão numeradas cronologicamente de 1 a 40, conforme relação em anexo.

Capítulo III

Do Patrimônio

Art. 23. O patrimônio da Academia será constituído de bens imóveis, devidamente avaliados, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos e de mais atividades, bem assim de outras receitas.

Capítulo IV

Dos Prêmios

Art. 24. A Academia, de acordo com o Art. 2.º, inciso V, do Estatuto, concederá prêmios aos autores de trabalhos de real mérito sobre Pedagogia, Psicologia da Aprendizagem, Filosofia da Educação e outras correlatas.

§ 1.º - Os prêmios a que se refere o artigo acima constarão do louvor acadêmico e de auxílio para publicação dos trabalhos premiados, ou de valores, especificamente, para esse fim destinados por doações.

§ 2.º - Poderão concorrer aos prêmios da Academia educadores, professores e especialistas estudiosos de educação.

§ 3.º - O julgamento dos trabalhos a prêmio competirão uma Comissão, designada pelo Presidente da Academia, nos termos do Art. 2.º, inciso V do estatuto.

§ 4.º - A Diretoria regulamentará a inscrição e a concessão desses prêmios.

TÍTULO QUARTO

Disposições Gerais

Art. 25. A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente.

Parágrafo único – A Academia terá um quadro de funcionários, cujo números e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 26. A Academia poderá convidar pessoas estranhas ao seu quadro a fim de realizar conferências, sempre que tal convite envolver verdadeiro interesse científico e cultural, devendo tal proposta ser aprovada pela Diretoria.

Art. 27. A Academia entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.

Art. 28. A Academia adota como lema LUCEAT LUX VESTRA (Luza vossa luz), inserido nas suas insígnias.

Art. 29. O Estatuto e este Regimento somente poderão ser reformados mediante proposta assinada pela maioria absoluta dos titulares e eméritos ou da Diretoria.

Parágrafo único – Proposta a reforma, o Presidente designará uma comissão compostas de 4 (quatro) membros, escolhidos entre os titulares e eméritos, para, sob sua presidência, emitir “parecer”, que deverá ser submetido à apreciação da Assembléia Geral.

Art. 30. A Academia manterá intercâmbio com instituições co-irmãs, no campo das letras, das artes e das ciências, internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, para o que serão organizados os devidos assentamentos.

Art. 31. A partir da publicação e registro do Estatuto serão adotadas providências para:

- I – reconhecimento de utilidade pública nas esferas dos poderes federal, estadual e municipal.
- II – criação de subsidiárias em até 3 (três) municípios de grande porte no interior do Estado e,
- III – Aquisição de sede própria.

Art. 32. Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Diretoria, *ad referendum* da Assembléia Geral.

Art. 33. Este Regimento entrará em vigor na data da sua aprovação.

PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO E ACADÊMICOS TITULARES

1. ABÍLIO CÉSAR BORGES
(1824-1891)

- Ruy Simões
- José Simões e Silva Júnior
- Maria Conceição Costa e Silva

2. ALFREDO THOMÉ DE BRITO
(1863-1909)

- Jair de Oliveira Santos
- Adelaide Rogério de Resende

3. ALFREDO FERREIRA MAGALHÃES (1873-1943)

- Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira
- José Carlos Almeida da Silva

4. ALÍPIO CORREIA FRANCA
(1871-1957)

- José Francisco de Sá Teles
- Luiz Erlon Araújo Rodrigues

5. ÁLVARO AUGUSTO DA SILVA
(1890-1977)

- Edivaldo Machado Boaventura
- Alfredo Eurico Rodrigues Matta

6. AMÉLIA DO SACRAMENTO RODRIGUES
(1861-1926)

- Germano Dias Machado

7. ANFRÍSIA SANTIAGO
(1894-1970)

- Remy Pompílio Fernandes de Souza

8. ANÍSIO SPÍNOLA TEIXEIRA
(1900-1971)

- Hermano José de Almeida Gouveia Neto
- Maria Anália Costa Moura

9. ANTÔNIO BORGES DOS REIS
(1859-1952)

- Guiomar de Andrade Florence
- Alírio Fernando Barbosa de Souza

10. ANTÔNIO DE CASTRO ALVES
(1847-1871)

- Consuelo Pondé de Sena

11. ANTÔNIO PACÍFICO PEREIRA
(1846-1902)

- Ângelo Lyrio Alves de Almeida
- Maria Betty Coelho Silva

12. ARLINDO SILVA COSTA
(-)

- Adroaldo Ribeiro Costa
- Bárbara Vasconcelos de Carvalho
- Rosa Pereira Levita

13. ARTHUR DE SALES
(1879-1952)

- Raul de Souza da Costa e Sá
- Elsior Moreira Alves

14. AUGUSTO ALEXANDRE MACHADO
(1896-1974)

- Enock Sena Souza

15. COSME DE FARIAS
(1875-1972)

- João Eurico Matta

16. DIÓGENES GOMES DA COSTA VINHAES
(1914-1994)

- Roisler Alaor Metzker Coutinho
- Germano Tabacof

17. EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO

(1870-1924)

• Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon

18. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO

(1824-1891)

• José Newton Alves de Souza
• Maria Luigia Magnavigta Galeffi
• Nadja Maria Valverde Viana

19. FRANCISCO DA CONCEIÇÃO MENEZES

(1896-1959)

• Cid José Cavalcanti Teixeira

20. GELÁSIO DE ABREU FARIAS

(1882-)

• Hermano Augusto Palmeira Machado

21. HELVÉCIO CARNEIRO RIBEIRO

(1880-1969)

• Pedro Júlio Barbuda
• Milton Almeida Rabelo
• Eliel Judson Duarte de Pinheiro

22. HENRIQUETA MARTINS CATHARINO

(1886-1968)

• Zilma Gomes Parente de Barros

23. HUGO BALTHAZAR DA SILVEIRA

(1888-)

• Rômulo Galvão de Carvalho
• Eraldo Tinoco de Melo
• Eduardo Saback Dias de Moraes

24. ISAÍAS ALVES DE ALMEIDA

(1888-1968)

• Antônio Python Pinto
• Joselice Macedo Barreiro
• Hélio Rocha

25. JOÃO ALVES PORTELA

(-)

• Cícero Pessoa da Silva
• Maria José Pacheco de Andrade Costa

- 26. JOÃO FLORÊNCIO GOMES**
(1846-1925) • Astor de Castro Pessoa
-
- 27. JOSÉ OLÍMPIO DE AZEVEDO**
(1843-1920) • Thales Olímpio Góes de Azevedo
• Antônio Jesuino dos Santos Neto
• Anaci Bispo Paim
-
- 28. JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO**
(1876-1947) • Oldegar Franco Vieira
• Roberto Figueira Santos
• Fernando Antonio Gonçalves Alcoforado
-
- 29. LUÍS DA FRANÇA PINTO DE CARVALHO**
(-) • Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa
• Hermes Teixeira de Mello
-
- 30. LUÍS GONZAGA CABRAL**
(1853-) • Luiz Augusto F. Navarro de Brito
• Luís Henrique Dias Tavares
• Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza
-
- 31. MANOEL CARLOS DEVOTO**
(1853-1931) • Adelmo Soares Pessoa
• Manoel J. Fernandes de Barros Sobrinho
-
- 32. MARIA LUIZA DE SOUZA ALVES**
(1868-) • Angelina Rocha de Assis
• Leda Jesuino dos Santos
-
- 33. MARIA ROMANA CALMON DE BITTENCOURT**
(-) • Jorge Calmon Moniz de Bittencourt
• José Corgosinho Carvalho Filho
-
- 34. PAULO FÁBIO DANTAS**
(1900-) • Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
• Fernando Floriano da Rocha
• José Rogerio da Costa Vargens
-

35. PEDRO JÚLIO BARBUDA
(1837-)

- Cassilandro Everaldo Barbuda
- João Fernandes da Cunha
- Vanda Angélica da Cunha

36. PEDRO TENÓRIO DE ALBUQUERQUE
(1906-1982)

- Yeda Barradas Carneiro

37. POSSIDÔNIO DIAS COELHO
(1824-1891)

- Francisco Pinheiro Lima Júnior
Josué da Silva Mello

38. ROBERTO CORREIA
(1824-1891)

- Olga Pereira Mettig
- Marcelo Augusto Carvalho Rocha

39. RUY BARBOSA DE OLIVEIRA
(1824-1891)

- Raymundo José da Mata
- Lafayette de Azevedo Pondé
- Geraldo Leite

40. SÁTIRO DE OLIVEIRA DIAS
(1824-1891)

- Antonino de Oliveira Dias
- Hildérico Pinheiro de Oliveira
- José Nilton Carvalho Pereira

MEMBROS EMÉRITOS
DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

1. Antonio Jesuino dos Santos Netto
 2. Barbara Carvalho
 3. Consuelo Pondé de Sena
 4. Edivaldo Machado Boaventura
 5. Francisco Pinheiro Lima Junior
 6. Jair de Oliveira Santos
 7. João Fernandes da Cunha
 8. Jorge Calmon Moniz de Bittencourt
 9. José Newton Alves de Souza
 10. Luís Henrique Dias Tavares
 11. Oldegar Franco Vieira
 12. Olga Pereira Mettig
 13. Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
 14. Roberto Figueira Santos
 15. Rômulo Galvão de Carvalho
-

MEMBROS BENEMÉRITOS
DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

- 1 - José Corgozinho Carvalho Filho
 - 2 - José Nilton Carvalho Pereira
-

INSTITUIÇÕES BENEMÉRITAS
DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

1. Colégio Apoio de Villas do Atlântico
 2. Faculdades Olga Mettig
 3. Fundação João Fernandes da Cunha
 4. Fundação José Carvalho
-

EDUCADOR DO ANO

• José Carlos Almeida da Silva	1995
• Zilma Parente de Barros	1996
• Divaldo Pereira Franco	1997
• Edivaldo Machado Boaventura	1998
• Olga Pereira Metting	1999
• José Corgozinho de Carvalho Filho	2000
• Dirlene Mendonça	2001
• Jair de Oliveira Santos	2002
• Leda Jesuino dos Santos	2003
• Antônio de Pádua Carneiro	2004
• João Fernandes da Cunha	2005
• Astor de Castro Pessoa	2006
• Maria Augusta Cruz Abdon	2007
• Josué da Silva Melo	2008
• Francisco Soares Senna	2009
• Liliana Mercury	2010

FUNDADORES DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO, INSTITUÍDA EM 9 DE SETEMBRO DE 1982

- 1 - Hermano José de Almeida Gouveia Neto (líder da iniciativa)**
 - 2 - Raimundo Nonato de Almeida Gouveia**
 - 3 - José Newton Alves de Souza**
 - 4 - Adroaldo Ribeiro Costa**
 - 5 - Antonino Oliveira Dias**
 - 6 - Antônio Pithon Pinto**
 - 7 - Edivaldo Machado Boaventura**
 - 8 - Raymundo José da Mata**
 - 9 - Remy Pompílio Fernandes de Souza**
-

Presidentes da academia baiana de educação

- | | |
|--|--|
| 1 - Raimundo Nonato de Almeida Gouveia | (1982-1986) |
| 2 - Hermano José de Almeida Gouveia Neto | (1986-1990) |
| 3 - Edivaldo Machado Boaventura | (1990-1996) |
| (Instituiu o prêmio Educador do Ano.) | |
| 4 - Jair de Oliveira Santos | (1996-1998) |
| (Reformou o Estatuto e o Regimento da Academia.) | |
| 5 - Hildérico Pinheiro de Oliveira | (1998-2000) |
| 6 - Alírio Fernando Barbosa de Sousa | (2000-2004) |
| 7 - Roberto Figueira Santos | (2004-2008) |
| (Realizador de 3 ciclos de seminários educacionais. Deixou o quarto planejado.) | |
| 8 - José Rogério da Costa Vargens | (2008-2012) |
| 9 - Astor de Castro Pessoa | (2012-reeleito para mandato até 2016) |

Endereço dos acadêmicos titulares

Adelaide Rogério de Rezende

Rua João da Silva Campos, 121 – Itaigara – Salvador – Bahia
CEP: 41.815-200 – Telefones: 3359-7079-3353-5566 ou 98140-8778 ou 3035-4300
E-mail-adelaide.rezende01@gmail.com ou adelaiderезende@strixeducacao.com.br
Aniversário: 19/1.

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Avenida Sete de Setembro, 1914/401 – Vitória – Salvador-Bahia
CEP: 40.008-004 – Edifício Delmar – Telefones: 4102-6738 ou 99968-2550 ou 99979-8465 (esposa). E-mail-alfredo@matta.pro.br – Aniversário: 25/6.

Alírio Fernando Barbosa de Souza

Rua Edith Mendes da Gama E Abreu, 545/202 – Itaigara – Salvador-Bahia
CEP: 41.815-010 – Telefones: 3358-5758 ou 98717-1944
E-mail-aliriosouza@uol.com.br – Aniversário - 4/11.

Anaci Bispo Paim

Rua Manoel Andrade, 429 – Edifício Luiz Tourinho – Pituba Ville – Salvador – Bahia CEP: 41.810-820 – Telefones: 3342-4822 ou 98756-9074 ou 75-99127-9584 ou 75-98223-5128. E-mail- anacibpaim@gmail.com ou fconhecimento@gmail.com – Aniversário: 13/3.

Antônio Amorim

Condomínio Vivenda do Bosque , casa 19, km 10 da Estrada do Coco – Abrantes – Camaçari-Bahia. CEP: 42.840-000. Telefones: 9 9984-8574 ou 3117-2333
E-mail-amorimrh025@yahoo.com.br ou fconhecimento@gmail.com - Aniversário: 25/6.

Astor de Castro Pessoa

Rua Amazonas, 53/102 – Edifício Villa Real-Pituba - Salvador-Bahia
CEP: 41.830-380 – Telefones: 3347-7577 ou 99973-7736 ou 99965-0737 (esposa)
E-mail-astorconca@oi.com.br – Aniversário: 2/8.

Célia Maria Ferreira Cordeiro

Avenida Euclides da Cunha, 433/1103, Edf.. Mansão Wimbledon – Graça - Salvador – Bahia. CEP: 40.150-120 – Telefones: 3037-8787 ou 99987-7479 ou 99102-5095.
Aniversário: 2/12.

Cid Teixeira

Rua das Violetas, 85 – Parque Nossa Senhora da Luz – Pituba – Salvador – Bahia
CEP: 41.830-080 – Telefone: 3358-1089.

Edivaldo Machado Boaventura

Rua Dr. José Carlos, 99/801 – Edifício Parque das Mangueiras – Acupe de Brotas – Salvador – Bahia. CEP: 40.290-040 – Telefones: 3340-8505 ou 3276-1242 ou 98818-6199. E-mail-edivaldoboaventura@terra.com.br – Aniversário: 10/12.

Eduardo Lessa Guimarães

Rua Monsenhor Gaspar Sadock, 385, Edf. Vanessa. Apt. 202 – Costa Azul – Salvador – Bahia. CEP: 41.760-200 – Telefones: 3272-3674 ou 3272-3692 ou 99982-1426. E-mail: edlessa2015@gmail.com Aniversário: 10/6.

Eliel Judson Duarte de Pinheiro

Rua Priscila Dutra, 701 – Condomínio Palm Ville, casa 37, Lauro de Freitas – Bahia
CEP: 42.700-000 – Telefones: 3379-9484 ou 9 9276-1301
E-mail-ejdpinheiro@hotmail.com – Aniversário-23/7.

Enoch Senna Souza

Alameda Praia de Iguape, 55 – Villas do Atlântico – Lauro de Freitas – Bahia
Cep-42.700-000 – Telefones: 3289-0369 ou 99988-4846
E-mail-sennaenoch@hotmail.com - Aniversário-15/5.

Fernando Antônio Gonçalves Alcoforado

Rua do Benjoin, 209/1101 – Caminho das Árvores – Salvador – Bahia
CEP: 41.820-340 – Telefone: 9 9979-4322
E-mail-falcoforado@uol.com.br

Geraldo Leite

Rua Território do Rio Branco, 316 – Pituba – Salvador – Bahia
CEP: 41.830-530 – Telefones: 3240-5169 ou 99982-1318
E-mail- leite.geraldo@uol.com.br – Aniversário – 23/4.

Germano Dias Machado

Rua Manoel Barreto, 688/102 – Edifício Cidade de Laranjeiras – Graça – Salvador – Bahia. CEP: 40.150-360 – Telefones: 3242-0502 ou 3237-6909 ou 9 8884-0205
E-mail - Germanomachado83@gmail.com – Aniversário-28/5.

Germano Tabacof

Rua Mato Grosso, 465/501 – Pituba – Salvador – Bahia
CEP: 41.830-151 – Telefones: 3248-2228 ou 8884-0225 ou 99256-8531
E-mail-gwtabacof@hotmail.com – Aniversário – 29/12.

Hélio Rocha

Rua Clarival do Prado Valadares, 264/203, Edifício Mansão Caminho das Árvores – Caminho das Árvores – Salvador – Bahia. CEP: 41.820-700 – Telefones: 3450-7550 ou 99207-9753. E-mail: paulorocha@integralweb.com.br - Aniversário: 30/3.

Hermano Augusto Palmeira Machado

Avenida Santa Luzia, 149 – Edifício Condomínio Bosque Itália – Horto Florestal – Brotas – Salvador – Bahia. CEP: 40.295-050 – Telefones: 3276-2325 ou 98289-5947 ou 98861-0500 (Helena). E-mail: hd.augusta@hotmail.com (Filha) – Aniversário-19/12.

Hermes Teixeira de Melo

Rua Plínio Moscoso, 955/301 – Apipema – Salvador – Bahia
CEP: 40.155-020 – Telefones – 3247-4338 ou 98702-4338
E-mail-hermestm@atarde.com.br – Aniversário – 19/3.

Jair de Oliveira Santos

Rua Rio de Janeiro, 679 – Pituba – Salvador – Bahia
CEP: 41.830-000 – Telefones: 3322-3158 ou 3345-4382 ou 3205-2201
Ou 3205-1130 ou 3248-1455 ou 3245-4382 ou 3205-2211
E-mail-jairsantos@castroalves.br – Aniversário – 17/5.

João Eurico Matta

Rua Afonso Celso, 301/302 – Edifício Concórdia – Barra – Salvador – Bahia
CEP: 40.140-080 – Telefones:– 3247-0869 ou 99143-6908
E-mail-jematta@terra.com.br – Aniversário – 16/7.

José Carlos Almeida da Silva

Rua Desembargador Balduino de Andrade, 79/1101 – Edifício Mansão Green Park – Chame-Chame – Salvador – Bahia. CEP: 40.000-000 – Telefones: 3324-7629/7619 (Ucsal) ou 99137-8472. E-mail-reitoria@ucsal.br – Aniversário:– 9/7.

José Newton Alves de Souza

Avenida Euclides da Cunha, 216/016 – Graça – Salvador –Bahia
CEP: 40.150-122 – Telefone: 3263-1065 – Aniversário – 5/6.

José Nilton Carvalho Pereira

Rua Fernão Magalhães, 3.560/1802 – Edifício Bois de Boulogne – Farol da Barra – Salvador – Bahia. CEP: 40.140-410 – Telefones: 3379-0191 ou 9617-8901 ou 9617-8885. E-mail-jncpereira@gmail.com – Aniversário: 12/5.

José Rogério da Costa Vargens

Rua Manoel Gomes de Mendonça, 305/602 – Pituba Ville -Pituba – Salvador – Bahia. CEP: 41.810-820 – Telefone: 3248-7409 ou 9 139-9913
E-mail-rogeriovargens@gmail.com – Aniversário: 15/7.

Josué da Silva Mello

Rua Clarindo Pereira Borges, 100 – Condomínio Residencial Green Ville, Casa 15 – Feira de Santana – Bahia . CEP: 44.085-222 – Telefones: (75) 99191-5507 ou 99901-4088. E-mail-josuefsa@uol.com.br – Aniversário: 23/6.

Leda Jesuíno dos Santos

Rua Piauí, 751/1401 – Edifício Vila de Malta - Pituba – Salvador – Bahia
CEP: 41.830-270 – Telefones: 3248-0115 ou 99986-5438 ou 99951-1774 (Oseas) – Aniversário: 18/9.

Luís Henrique Dias Tavares

Rua do Ébano, 159/802 – Edifício Henri Matisse – Caminho das Árvores – Salvador – Bahia. CEP: 41.820-370 – Telefone: 3245-3524 – Aniversário: 25/1.

Luiz Erlon Araújo Rodrigues

Rua Cristiano Otoni, 227/1001 – Chame-Chame – Salvador – Bahia
CEP: 40.155-210 – Telefones: 3235-6851 ou 99974-1572 F
E-mail- erlon@svn.com.br ouerlon@ufba.br – Aniversário: 28/8.

Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho

Rua Dr. José Peroba, 251/1001 – STIEP – Salvador – Bahia
CEP: 41.770-235 – Telefones: 3245-5233 ou 3271-8160 ou 3271-8168 ou 98890-000. E-mail-mjfbs@terra.com.br ou chancelaria@unifacs.br - Aniversário: 15/6.

Marcelo Augusto Carvalho Rocha

Rua da Mangueira, 33 – Nazaré – Salvador – Bahia
CEP: 40.040-400 – Telefones: 2108-1560 ou 3245-8699 ou 99168-1107
E-mail-marcelorocha.dr@hotmail.com – Aniversário: 22/4.

Maria Anália Costa Moura

Rua Nita Costa, 9/802 – Jardim Apipema – Salvador – Bahia
CEP: 40.155-000 – Telefones: 3235-8767 ou 99989-8383
E-mail-moura500@uol.com.br – Aniversário – 10/3.

Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon

Avenida Sete de Setembro, 1738/504 – Edifício Vitória Régia – Vitória – Salvador Bahia. CEP: 40.080-001 – Telefones: 3337-0032 ou 98819-7686
E-mail-therezadp@gmail.com – Aniversário – 15/9.

Maria Betty Coelho Silva

Rua Monselhor Gaspar Sadock, 385/13 – Costa Azul – Salvador – Bahia
CEP: 41.760-200 – Telefone: 3342-1711 – Aniversário – 24/4.

Maria Conceição Costa e Silva

Avenida Princesa Izabel, 252/502 – Barra – Salvador – Bahia
CEP: 40.050-080 – Telefones: 3264-7772 ou 98761-2327
E-mail-ccsilva1@gmail.com – Aniversário: 22/5.

Maria José Pacheco de Andrade Costa

Rua Dr. Américo Silva, 96/602 – Edifício Mansão Morro do Gato – Morro do Gato – Salvador – Bahia. CEP: 40.140-490 – Telefones: 3235-0001 ou 99971-0815.
E-mail-mariajosepacheco@terra.com.br – Aniversário – 15/8.

Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza

Rua Professor Aristides Novis, 634/1501 – Federação – Salvador – Bahia
CEP: 40.210-630 – Telefones: 3263-3404 ou 3332-3344 ou 98792-0977
Email-therezamarcilio@yahoo.com.br – Aniversário: 30/5.

Nadja Maria Valverde Viana

Rua Nina Mota, Quadra 29 – lote 2 – Piatã – Salvador – Bahia
CEP: 41.650-320 – Telefones: 2106-3984 ou 8778-3040 ou 8124-2559
E-mail-nviana@devrybrasil.com.br – Aniversário: 7/1.

Raymundo Medrado Primo

Rua das Dálias, 249 – Pituba – Salvador – Bahia
CEP: 41.810-040 – Telefones: 335-4083 ou 99971-5646.
E-mail: rpmedrado@ig.com.br – Aniversário: – 29/8.

Roberto Figueira Santos

Rua Basílio Catalá de Castro, 346 – Lote A – Quinta do Candeal – Candeal – Salvador – Bahia. CEP: 40.296-730 – Telefone – 3276-5759 ou 99115-9532
E-mail-rf.santos@terra.com.br – Aniversário: 15/9.

Rosa Pereira Levita

Rua Clarival Prado Valadares, 241/1304 – Edifício Rosa Branca – Pituba – Salvador – BA.. CEP: 41.820-700 – Telefones: 3353-5880 ou 99963-6115 – Aniversário – 6/4.

Vanda Angélica da Cunha

Rua Conde Filho, 310/1503 – Graça – Salvador – Bahia
CEP: 40.150-150 – Telefones: 3247-5627 ou 99978-3654
E-mail-avangeli200@yahoo.com.br ou avangeli@ufba.br – Aniversário – 13/5.

Yeda Barradas Carneiro

Alameda dos Sombreiros, 90 – Caminho das Árvores – Salvador – Bahia
CEP: 41.820-420 – Telefones: 3351-0040 ou 3248-9905 (irmã, Miriam)
Aniversário – 26/4.

Zilma Parente de Barros

Rua da Flórida, 211/203 – Edifício El Prado – Graça – Salvador – Bahia
CEP: 40.055.000 – Telefones: 3336-7583 ou 99988-1570
E-mail-zilmaparente@uol.com.br – Aniversário: 10/8.

Academia Baiana de Educação

Praça 2 de Julho, 8 – Campo Grande. Salvador - Bahia